



4

ISAÍAS A DANIEL

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim



4

ISAÍAS A DANIEL

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim

1. [JEREMIAS](#)
2. [PREFÁCIO](#)
3. [CONVOCAÇÃO DE JEREMIAS](#)
4. [ACUSAÇÃO CONTRA A CASA DE JACÓ](#)
 1. [3. Não Há Escape \(8.14-17\)](#)
5. [CONFISSÕES E PREDIÇÕES](#)
6. [UMA PREVISÃO DO FIM](#)
7. [O LIVRO DA CONSOLAÇÃO](#)
8. [CONSELHOS AOS REIS](#)
9. [A QUEDA DE JERUSALÉM](#)
10. [NO RASTRO DA RUÍNA](#)
11. [A MENSAGEM DE DEUS A BARUQUE](#)
12. [ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS](#)
13. [APÊNDICE HISTÓRICO](#)
 1. [SEÇÃO VII](#)

B

Comentário Bíblico

EACON

Isalas á Daniel

4



CM)

O Livro de

JEREMIAS

C. Paul Gray

Introdução

Nenhum profeta no Antigo Testamento tem sido tão mal entendido quanto Jeremias. Por séculos ele tem sido conhecido como o homem do rosto triste e dos olhos chorosos. Muitos acham que ele era um indivíduo temperamental e neurótico, uma pessoa desajustada de sua época, um pregador grosseiro que deveria ter desenvolvido uma abordagem psicológica melhor para os problemas do seu tempo. Mas esse tipo de conclusão acerca do profeta somente pode vir de uma leitura superficial do livro,¹ e de uma compreensão inadequada da vida e época de Jeremias. Na verdade, quando esse chamado “profeta chorão” é entendido da perspectiva correta, ele desponta como o grande profeta da esperança.

Na realidade, Jeremias tinha uma imensa força interior para continuar nutrindo esperança apesar das adversidades, muito além de qualquer profeta do Antigo Testamento. Embora tivesse a tarefa desagradável de reunir, em um novo compêndio, as advertências de todos os seus predecessores e anunciar a destruição certa e final da sua amada nação, ele conseguia ver, com os olhos da fé, um dia novo e melhor após o julgamento amedrontador. Quando tudo ao seu redor estava escuro como a meia-noite, ele convenceu-se de que havia luz mais adiante. Mesmo diante das profundezas da tristeza tormentosa, seus olhos conseguiam enxergar um horizonte distante onde haveria uma nova aliança e uma nova era.

E verdade que com sua mensagem sombria e pessimista e seus próprios conflitos interiores, ele não era exatamente uma figura atraente. Pessoas que são altamente confiantes em si mesmas e que adoram “o deus do sucesso imediato” só conseguem desprezar pessoas como Jeremias. Essas pessoas, no entanto, apenas mostram sua superficialidade e imaturidade, porque os séculos têm estado ao lado de Jeremias. Ele hoje é conhecido como a maior personalidade da sua época. Pode ter levado tempo para receber o devido valor, “mas seu reconhecimento final é amplo e total”.²

A. A Personalidade do Profeta

Humanamente falando, ao analisar o temperamento e disposição de Jeremias, nenhum homem era *menos* preparado para essa tarefa do que ele. Somente um Deus que “olha o coração” poderia ter escolhido esse estranho, sensível, tímido e introspectivo jovem para cumprir a gigantesca tarefa de ser “um profeta para as nações”. Isso se tomou verdade principalmente nas últimas décadas do sétimo e nos primeiros anos do sexto século antes de Cristo. Esse foi um período de desarticulação, convulsão política e mudanças para as nações do Oriente Médio. Gentil e compassivo, Jeremias, que amava as coisas simples da vida, foi lançado no redemoinho desses acontecimentos nacionais e internacionais, contra suas convicções e desejos pessoais. Por natureza ele era muito mais um seguidor do que um líder. Devido a sua natureza meiga e afetuosa tinha muita dificuldade em denunciar o pecado da maneira enérgica e implacável que sua comissão requeria.

E precisamente nessas questões que uma tensão quase insuportável desenvolveu-se no seu interior. Ele foi tão completamente humano e amoroso por natureza, e as exigências do seu chamado eram tão inflexíveis, que “suas emoções estavam em constante conflito com sua vocação e seu coração lutava com sua cabeça”.³ Isso produziu um conflito interior que se estendeu por anos. A intensidade dos seus sofrimentos é refletida em uma série de passagens conhecidas como as “Confissões de Jeremias” (11.18-23; 12.1-6; 15.10-21; 17.14-18; 18.18-23; 20.7-18).

Um dos maiores valores do livro é que Jeremias nos permite ver as suas lutas interiores, a extensão das suas emoções, à medida que busca levar a cabo uma tarefa que corta seu coração. Para seus inimigos e o público em geral ele parece inflexível e exageradamente teimoso. Mas Jeremias compartilha conosco seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Sabemos mais a respeito dele do que de qualquer outro profeta do Antigo Testamento. Nós o vemos nos momentos mais tristes e desesperadores da sua vida, mas também nos seus momentos de exultação e esperança. As oscilações da sua vida emocional podem se tomar doloridas para o leitor, bem como

alegres, visto que ele não hesita em expressar cada pensamento que desponta na superfície. Mas é a expressão desinibida dos seus sentimentos que nos intriga. Jeremias mostra exatamente quem ele é. Temos, portanto, o privilégio de ver um jovem imaturo desenvolver-se em um gigante espiritual.

Seu desprazer em anunciar notícias negativas pode ser visto por toda parte, mas seu senso de vocação o impele a continuar profetizando mesmo contra sua vontade (20.9). Embora tenha sido “separado” para um ofício sagrado de uma maneira singular, e tenha recebido a promessa de Deus de que seria como uma coluna de ferro e muros de bronze contra seus inimigos (1.18), seu tenro coração continuava tão despreparado diante daquilo que saiu do “pacote desconhecido” que ele em diversas oportunidades chegou a ponto de esmorecer. Embora fosse usado de maneira poderosa e abençoado por Deus, ele era humano e precisava trabalhar essas questões em seu interior e orar até que encontrasse descanso para sua alma. Seu espírito sensível erguia sua voz no meio da sua tristeza, e ele não hesitava em queixar-se a Deus da situação desesperadora na qual Ele o havia colocado. Não há pretexto nem fingimento nesse homem. Ele não esconde nada: dor é dor, tristeza é tristeza, a perplexidade e a pressão são horripilantemente reais, e ele não hesita em anunciar a verdade, doa a quem doer. Pode-se dizer dele o que foi dito acerca de Outro, embora de uma maneira diferente: “Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu” (Hb 5.8).

No entanto, são essas lutas interiores que fazem com que muitas pessoas se afastem de Jeremias. Elas querem um herói que nunca duvida de si mesmo, que não tem conflitos interiores, que está sempre confiante, e é constantemente bem-sucedido. Mas nem mesmo nosso Senhor conseguiu satisfazer essas exigências, porque precisou passar noites inteiras em oração, ficou profundamente angustiado no Getsêmani e foi considerado um completo fracasso de acordo com parâmetros humanos de sucesso. Mas, se “coragem é medo expressado em oração”, então Jeremias foi um dos homens mais corajosos de todos os tempos. Ele merece nossa mais alta admiração. Certamente, Jeremias também foi um “homem de dores, experimentado nos

trabalhos”. Ele apresenta diversos aspectos do Servo Sofredor (Is 53), cujo ministério e missão são tão perfeitamente retratados na vida do nosso Senhor. Não é de admirar que quando os homens conheceram a Jesus, pensaram que ele era Jeremias (Mt 16.14).

Sabemos muito pouco acerca da procedência de Jeremias. O prefácio do livro (1.1-3) diz que ele nasceu em Anatote e que o nome de seu pai era Hilquias. Anatote é uma vila que fica a cerca de 4 quilômetros a nordeste de Jerusalém (a atual Anata), dentro do território de Benjamim. Parece ter sido uma cidade levita dos tempos de Josué (Js 21.18) e também a casa de Abiatar, o sumo sacerdote nos tempos de Davi (veja comentários acerca de 1.1-3; também 1 Rs 2.26). Visto que o prefácio deixa bem claro que Jeremias era um “dos sacerdotes que estavam em Anatote”, podemos aceitar com segurança que era da família de Abiatar. Não podemos precisar a data do nascimento de Jeremias, mas ele deve ter nascido entre 650 e 645 a.C., nos últimos anos do reinado de Manassés (697-642 a.C.). Ele recebeu seu chamado no décimo terceiro ano do reinado de Josias (c. 626), e visto que o rei foi entronizado quando ele tinha oito anos, Josias e Jeremias podem ter tido a mesma idade.

Grandes acontecimentos estavam ocorrendo no cenário internacional durante a vida de Jeremias. O império da Assíria alcançou seu apogeu e declínio nos primeiros anos de Jeremias. Assurbanipal, o último grande rei da Assíria, morreu em 626 a.C. (o ano em que Jeremias recebeu seu chamado) e depois disso o império deteriorou-se rapidamente. Enfraquecida pelas guerras e problemas internos, a Assíria foi incapaz de resistir aos ataques furiosos dos cimérios e citas que atacaram as fronteiras do norte e oeste, tampouco resistiu aos avanços brutais dos caldeus e medos ao sul e leste. Quando um exército unificado dos medos e caldeus, liderado por Nabucodonosor, rei da Babilônia, cercou a capital Nínive, em 612 a.C., essa cidade orgulhosa caiu e houve uma matança terrível.⁴

Quando Nínive caiu, alguns dos líderes assírios fugiram para o oeste, para Harã, e procuraram reorganizar o remanescente do exército assírio. Ao mesmo tempo esses líderes procuraram uma aliança com o

faraó Neco do Egito. Neco atendeu ao pedido deles e marchou com seu exército pela costa palestina (derrotando Josias, rei de Judá, em Megido, no meio do caminho) para se unir aos assírios.

Entrementes, o reino caldeu, sob o comando do rei Nabopolassar, continuava crescendo em força no leste. Ele começou a mover-se lentamente para o oeste, conquistando tudo que tinha estado debaixo do controle assírio. Era inevitável que a aliança assírio-egípcia encontraria os exércitos caldeus para decidir quem dominaria a Ásia. A essa altura, Nabucodonosor, o jovem príncipe da Babilônia, tinha substituído seu pai enfermo, e estava no comando das forças dos caldeus. Depois de meses de manobras na parte superior do Eufrates, uma das batalhas mais decisivas do mundo antigo foi realizada em Carquemis (606-605 a.C.). A aliança assírio-egípcia foi despedaçada, sem esperança de se recuperar. O faraó Neco voltou cabisbaixo para o Egito diante da vergonhosa derrota, e a Assíria caiu para não mais se levantar. A Babilônia era agora a força dominante do Oriente Médio. As repercussões de Carquemis foram sentidas em todo o Crescente Fértil, e especialmente no pequeno reino de Judá, onde Jeremias estava profetizando.

Em Judá, Josias subiu ao trono em 639 a.C. Seu reino substituiu o longo e perverso domínio (55 anos) do rei Manassés, seu avô, e os dois anos do seu pai Amom. Durante os quase 60 anos que haviam precedido Josias, a idolatria e a adoração pagã tinham prosperado em Judá. Manassés havia importado muitas das práticas religiosas da Assíria e das nações vizinhas. Rituais de fertilidade com suas práticas de prostituição cultuai

eram tolerados nos arredores do Templo (2 Rs 23.4-7; Sf 1.4-6); sacrifícios a deidades astrais eram oferecidos nas ruas de Jerusalém (7.17-18). Mesmo sacrifícios humanos eram praticados na capital de Judá (7.31-32). A decadência religiosa era perceptível por toda parte em Judá, e o paganismo tornou-se tão misturado com a adoração ao Senhor que as pessoas comuns não podiam perceber a diferença. As linhas da verdadeira religião haviam se tomado embaçadas, o Templo fora dilapidado, e as massas de Judá tinham se tomado politeístas — adorando Yahweh junto com os deuses dos seus senhores, os reis da

Assíria. Essa é a situação que Josias encontrou quando subiu ao trono de Judá. Foi nesse tipo de ambiente que Jeremias foi chamado a profetizar, no décimo terceiro ano do reinado de Josias (c. 626 a.C.).

Embora nominalmente sob o domínio da Assíria, Josias parece ter tido uma liberdade mais ampla em relação ao controle assírio do que os reis que o precederam. Isso possivelmente ocorreu devido ao fato de esse império estar se esfacelando sob o peso de guerras debilitantes, linhas de suprimento estendidas além dos limites usuais, e uma série de problemas internos. Em todo o caso, Josias sentiu-se livre para remover alguns dos santuários que Manassés havia construído aos deuses assírios,⁶ e enfatizar a adoração ao Senhor (2 Cr 34.3-7). E visto que o Templo se encontrava num estado caótico, ele ordenou que fosse restaurado. Foi, pois, em conexão com a restauração do Templo que ocorreu o maior acontecimento do reinado de Josias. No décimo oitavo ano do seu reinado, enquanto os trabalhadores estavam reparando a casa do Senhor, foi encontrada uma cópia do livro da lei (2 Rs 22.3-8). O livro foi lido para o rei. Quando Josias ouviu falar das maldições que foram pronunciadas sobre a nação que não guardava essa lei, ele rasgou suas roupas em grande aflição, porque viu quão miseravelmente Judá havia falhado até aquele ponto. O rei procurou reparar a situação imediatamente, e então ocorreu o que conhecemos como “a reforma de Josias” (veja CBB, vol. 2, acerca de 2 Rs 22).

Jeremias havia profetizado por cinco anos quando a reforma foi instituída. Não somos informados se Jeremias teve alguma participação nessa reforma. Isso parece estranho, porque Jeremias certamente concordava em corrigir as injustiças sociais, os procedimentos comerciais corruptos e as práticas idólatras que a reforma expôs. No entanto, não há nenhuma indicação de que ele tenha tido uma participação proeminente na reforma. Paterson sugere que isso pode ter sido devido ao fato de Jeremias ainda ser muito jovem, ou ele ainda não ter sido reconhecido como profeta.⁶ A opinião entre os estudiosos está dividida a esse respeito. Qualquer que seja a resposta, podemos estar certos de que Jeremias não foi indiferente em relação à reforma. Se ele, de fato, se envolveu, e 11.1-8 e 12.6 parecem indicar essa possibilidade, ele logo viu as suas

imperfeições. Sua percepção espiritual penetrou no coração do problema de Judá. Ele viu que a conformidade religiosa exterior não era equivalente à regeneração de espírito. O arrependimento superficial não curaria a ferida da nação. Portanto, era necessária uma cirurgia de coração profunda e drástica⁷ para a saúde espiritual da nação (veja comentário acerca de 4.3-4). Essa foi a ênfase de Jeremias.

Claro que a nação exteriormente obedeceu às ordens de Josias, e, por um tempo, a adoração pagã foi interrompida em Judá. No entanto, todas as evidências apontam para o fato de que o povo, os sacerdotes e os profetas profissionais amavam os caminhos corruptos com os quais eles haviam se acostumado nos tempos de Manassés e Amom, e estavam apenas esperando por uma mudança na administração para voltar aos seus antigos caminhos. Essa oportunidade ocorreu quando o bom rei Josias foi morto na batalha de Megido pelo faraó Neco, do Egito.

O povo de Judá rapidamente escolheu Jeoacaz, um dos filhos de Josias, para suceder seu pai. Ele governou apenas três meses em Jerusalém quando o faraó Neco exigiu que ele aparecesse diante dele na Síria. Jeoacaz não ousou recusar essa ordem. Na entrevista, Neco evidentemente ficou muito descontente com o jovem rei, visto que o depôs e o enviou acorrentado para o Egito (2 Rs 23.33). Em seu lugar empossou Jeoaquim (Eliaquim), outro filho de Josias, e o fez jurar lealdade ao Egito. Jeoaquim reinou onze anos em Jerusalém. Parece que ele tinha em mente se tomar um outro Salomão e fez grandiosos planos para ampliar seu reino, erguer grandes construções e aumentar seu próprio prestígio. Ele era simpatizante dos rituais pagãos, e desprezou Jeremias e tudo que ele defendia.

Foi no quarto ano de Jeoaquim que ocorreu a batalha de Carquemis. Essa batalha acabou se tornando um ponto decisivo nos acontecimentos do Oriente Médio. Nabucodonosor conquistou para a Babilônia todas as terras previamente governadas pela Assíria e Egito (2 Rs 24.7). Embora não esteja absolutamente claro, há indicações de que, depois da batalha de Carquemis, Nabucodonosor

tenha perseguido Neco até as “portas do Egito”. Enquanto estava na vizinhança parece ter exigido tributos e reféns a Jeoaquim como prova da submissão do rei à Babilônia.⁸

Logo após a batalha de Carquemis, Nabucodonosor foi obrigado a voltar para o seu próprio país por causa da morte do seu pai, Nabopolassar, que ele sucedeu no trono da Babilônia. Por alguns anos ele foi incapaz de voltar ao ocidente. Durante esse período Jeoaquim quebrou seu juramento e buscou livrar-se do jugo babilônico. Depois de estabelecer seu governo na Babilônia, Nabucodonosor, em 599-598, dirigiu sua atenção às suas terras no ocidente. Ele tentou punir Jeoaquim por causa do seu espírito rebelde, e marchou contra Jerusalém. Novamente, os fatos são obscuros. Não sabemos se Jeoaquim morreu dentro da cidade durante o cerco ou no acampamento babilônico. Lemos em 2 Crônicas 36.6 que ele foi amarrado com cadeias de ferro ao ser transportado para a Babilônia, mas não há indícios de que tenha conseguido chegar até lá. De acordo com 2 Reis 24.6 parece que ele morreu em Jerusalém. E da opinião desse escritor que ele morreu no acampamento dos babilônios devido aos maus tratos e ao abandono. Eles desonraram seu corpo e o jogaram em um monturo fora de Jerusalém (veja nota de rodapé em Jr 22.18-19 na KJV).

Durante o cerco, Joaquim, filho de Jeoaquim, sucedeu seu pai no trono de Judá, mas governou apenas três meses. Ele entregou a cidade de Jerusalém a Nabucodonosor e foi levado cativo para a Babilônia com sua mãe, Neústa, suas esposas, muitos dos seus nobres e dez mil pessoas do povo (2 Rs 24.6-16; 2 Cr 36.9-10; Jr 22.24-30; 37.1). Ele sofreu lá por muitos anos (Jr 52.31-34; 2 Rs 25.27-30).

Nabucodonosor colocou Matanias, outro filho de Josias, no trono de Judá e mudou seu nome para Zedequias (2 Rs 24.17-20; 2 Cr 36.10-13; Jr 37.1). Zedequias reinou onze anos. Ele tinha uma posição diferente da posição de Joaquim, e tratou Jeremias com mais consideração. Manteve sua promessa de lealdade à Babilônia por quase dez anos. Ele finalmente cedeu à facção pró-Egito entre seus nobres e recusou-se a enviar tributos à Babilônia. Isso trouxe de volta o

exército da Babilônia para Judá. Dessa vez, as cidades de Judá foram sistematicamente subjugadas e Jerusalém ficou muito tempo sob o cerco babilônico. As famosas Cartas de Laquis esclarecem uma série de acontecimentos desse período. Essas Cartas (21 ao todo), recuperadas durante as escavações onde ficava a antiga Laquis, durante os anos de 1932 a 1938, refletem as condições durante os dias finais do reinado de Judá.⁹

Depois de um cerco que durou 18 meses, a cidade de Jerusalém foi tomada em 587/586 a.C. Zedequias e muitas pessoas do seu povo foram levados para a Babilônia. O palácio do rei e o Templo foram totalmente demolidos. Judá tornou-se uma província do império babilônico, e Gedalias, membro de uma família judaica altamente respeitada, foi apontado governador dessa terra devastada. Gedalias foi cruelmente assassinado pouco tempo depois de assumir o seu posto, e o remanescente do povo fugiu para o Egito com medo de represálias da Babilônia. Pouco se sabe a respeito da história de Judá logo após a morte de Gedalias.

Jeremias estava vivendo em Jerusalém durante o desenrolar de todos os acontecimentos anteriores. Ele procurou ajudar os vários reis que assumiram o trono de Judá durante esses anos turbulentos. Eles constantemente rejeitaram seu conselho e opinião. Ele esteve presente na queda de Jerusalém e escolheu permanecer em Judá com o governador Gedalias, após a queda da cidade. Quando Gedalias foi morto, o remanescente de Judá forçou Jeremias e Baruque, seu secretário e discípulo, a ir com eles para o Egito. A tradição diz que ele foi apedrejado e morto no Egito por esses mesmos judeus porque pregou contra suas práticas idólatras. Ele foi fiel ao seu chamado até o final.

C. A Composição do Livro

Não precisamos ler muito do livro de Jeremias para descobrir que uma boa parte do material não está em ordem cronológica. Parece que os capítulos 1—6 estão em sequência, mas do capítulo 7 em diante o livro não segue mais um padrão sistemático que possa ser discernido. Encontramos materiais que são de períodos muito diferentes na vida

de Jeremias lado a lado (caps. 36 e 37). Outros materiais não apresentam data alguma, e o leitor tem dificuldade em saber onde encaixá-los cronologicamente. Assim, para formar um quadro cronológico da vida de Jeremias, é necessário pular de uma passagem para outra. No mínimo, a situação é confusa. Visto que o livro é às vezes cronológico (37—44) e às vezes tópico (46—51), mas sem qualquer tema básico discernível, ficamos nos perguntando qual princípio, se é que houve um, governava sua presente organização. Já foram feitas muitas conjecturas, mas até o dia de hoje os estudiosos não têm uma opinião uniforme em como o livro chegou à forma presente.

Kuist sugere que parte da explicação tem a ver com os tempos convulsivos em que o livro foi escrito.¹⁰ Certamente, quando olhamos para o tumulto que predominou durante todo o ministério público de Jeremias, terminando com “o cerco e queda de Jerusalém, a deportação do povo para Babilônia, e a fuga do remanescente para o Egito, é um milagre que quaisquer registros escritos dentro desse período tenham sobrevivido”.¹¹ Os tempos eram tão caóticos e os perigos sofridos por Jeremias e Baruque após a queda de Jerusalém eram tão grandes (41—44) que não havia tempo para organizar e aperfeiçoar os documentos escritos. Embora editores posteriores tenham tentado reagrupar certas seções e apagar algumas repetições, o livro como se encontra na Bíblia Hebraica é essencialmente a obra de Jeremias e seu secretário, Baruque. O livro de Jeremias é um milagre da providência divina.

O capítulo 36 revela de que maneira o livro foi escrito. Desde o seu início o livro parece ter tido uma história turbulenta. A primeira edição foi destruída por Jeoaquim (36.23), mas uma edição ampliada apareceu pouco tempo depois (36.32). Isso ocorreu no quarto e quinto anos do reinado de Jeoaquim (605-604) e marcou o ponto central do ministério de Jeremias (veja 25.3). Ele profetizou por mais de quarenta anos. Não é difícil perceber que deve ter havido uma terceira edição, porque uma grande parte do livro deve ter sido acrescentada à segunda edição após os acontecimentos que ocorreram no capítulo 36. Os acontecimentos registrados nos capítulos 21, 23—24, 27—29, 30—

34, 37—44 mostram que eles aconteceram após o quinto ano de Jeoaquim.

Que o livro passou por dias bastante turbulentos pode ser notado quando a edição da Septuaginta (texto grego) é colocada ao lado do texto Massorético (hebraico). O texto grego é um oitavo mais curto do que o hebraico, e a organização do livro é diferente, especialmente no que diz respeito aos oráculos contra as nações estrangeiras.

“Esses oráculos são encontrados no texto hebraico (e na nossa Bíblia) nos capítulos 46—51. No texto grego eles são introduzidos após 25.13”.¹² A razão dessas diferenças entre os textos hebraico e grego nunca foi explicada de forma convincente. Seria possível ter havido duas edições principais de Jeremias no hebraico, e a tradução para o grego ter sido feita da edição mais curta? Qualquer que seja a resposta, os líderes da comunidade judaica que formularam o cânon hebraico evidentemente entenderam que a edição mais longa era a que melhor representava o profeta Jeremias.

Esboço

I. Prefácio, 1.1-3

A. Identificação, 1.1

B. Iniciação, 1.2

C. Certificação, 1.3

II. A Convocação de Jeremias, 1.4-19

A. O Chamado de Jeremias, 1.4-6

B. A Consagração de Jeremias, 1.5, 9

C. A Comissão de Jeremias, 1.4-10

D. A Confirmação de Jeremias, 1.11-19

III. Acusação contra a Casa de Jacó, 2.1—10.25

- A. A Infidelidade de Israel, 2.1—3.5
- B. O Melancólico Chamado ao Arrependimento, 3.6—4.4
- C. Inimigo do Norte e de Dentro, 4.5—6.30
- D. O Sermão do Templo, 7.1—8.3
- E. Oráculos Diversos, 8.4—10.25
- IV. Confissões e Predições, 11.1—20.18**
- A. Jeremias e a Aliança, 11.1—12.17
- B. Parábolas e Pronunciamentos, 13.1-27
- C. A Seca e suas Implicações Morais, 14.1—15.9
- D. Confissões de Jeremias, 15.10-21
- E. Tópicos Diversos, 16.1—17.18
- F. Ações Simbólicas: Significado e Resultados, 17.19—20.18
- V. Uma Previsão do Fim, 21.1—29.32**
- A. Início do Cerco Final, 21.1-10
- B. O destino da Casa de Davi, 21.11—23.8
- C. Oráculos contra os Falsos Profetas, 23.9-40
- D. A Parábola dos Figos, 24.1-10
- E. Uma Pré-visualização do Fim, 25.1-38
- F. Oposição às Predições de Destruição, 26.1—29.32
- VI. O Livro da Consolação, 30.1—33.26**
- A. O Prefácio, 30.1-3

- B. Da Tragédia ao Triunfo, 30.4—31.1
- C. A Restauração Assegurada, 31.2-40
- D. A Restauração Dramatizada, 32.1-44
- E. Mais Garantias de Restauração, 33.1-26

VII. Conselhos aos Reis, 34.1—36.32

- A. Conselhos referentes à Babilônia, 34.1-7
- B. Conselhos acerca dos Escravos, 34.8-22
- C. O Exemplo dos Recabitas, 35.1-19
- D. Conselhos Preservados em um Livro, 36.1-19
- E. O Livro Destruído, 36.20-26
- F. O Livro Reescrito, 36.27-32

VIII. A Queda de Jerusalém, 37.1—40.6

- A. A Falha Fatal nas Defesas da Cidade, 37.1-2
- B. Esperanças sem Fundamento, 37.3-10
- C. Jeremias Preso e Encarcerado, 37.11-15
- D. Uma Conferência Secreta, 37.16-21
- E. O Episódio da Cisterna, 38.1-13
- F. Uma Entrevista Final, 38.14-28
- G. A Queda da Cidade, 39.1-10
- H. Jeremias é Libertado, 39.11-14

I. As Recompensas da Fé, 39.15-18

J. Jeremias Faz sua Escolha, 40.1-6

IX. No Rastro da Ruína, 40.7—44.30

A. O Governo de Gedalias, 40.7—41.3

B. As Atrocidades de Ismael, 41.4-18

C. A Fuga para o Egito, 42.1—43.7

D. Jeremias no Egito, 43.8—44.30

X. A Mensagem de Deus a Baruque, 45.1-5

XI. Oráculos Contra as Nações Estrangeiras, 46.1—51.64

A. Prefácio, 46.1

B. Oráculo Contra o Egito, 46.2-28

C. Oráculo Contra os Filisteus, 47.1-7

D. Oráculo Contra Moabe, 48.1-47

E. Oráculo Contra Amom, 49.1-6

F. Oráculo Contra Edom, 49.7-22

G. Oráculo Contra Damasco, 49.23-27

H. Oráculo Contra Quedar e Hazor, 49.28-33

I. Oráculo Contra Elão, 49.34-39

J. Oráculo contra a Babilônia, 50.1—51.64

XII. Apêndice Histórico, 52.1-34

- A. A Ascensão e Revolta de Zedequias, 52.1-3
- B. O Cerco a Jerusalém, 52.4-5
- C. A Fome Durante o Cerco, 52.6
- D. A Queda de Jerusalém, 52.7
- E. A Captura e o Destino de Zedequias, 52.8-11
- F. A Demolição de Jerusalém, 52.12-16
- G. Os Vasos do Templo São Levados, 52.17-23
- H. O Destino dos Regentes, 52.24-27
- I. Três Deportações de Cativos, 52.28-30
- J. Favor Mostrado a Joaquim, 52.31-34

- [PREFÁCIO](#)
- [CONVOCAÇÃO DE JEREMIAS](#)
- [ACUSAÇÃO CONTRA A CASA DE JACÓ](#)
 - [3. Não Há Escape \(8.14-17\)](#)
- [CONFISSÕES E PREDIÇÕES](#)
- [UMA PREVISÃO DO FIM](#)
- [O LIVRO DA CONSOLAÇÃO](#)
- [CONSELHOS AOS REIS](#)
- [A QUEDA DE JERUSALÉM](#)
- [NO RASTRO DA RUÍNA](#)
- [A MENSAGEM DE DEUS A BARUQUE](#)
- [ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS](#)
- [APÊNDICE HISTÓRICO](#)
 - [SEÇÃO VII](#)

PREFÁCIO

Jeremias 1.1-3

Os três primeiros versículos do capítulo 1 formam o título ou prefácio de um manuscrito hebraico contendo o que é conhecido hoje como o Livro de Jeremias. Não era incomum os livros proféticos do Antigo Testamento terem esse tipo de título. As palavras aqui são delineadas para identificar o conteúdo do livro e para introduzir o leitor ao que vem a seguir. Ao estudar esses versículos é possível dividi-los em três partes.

A. Identificação, 1.1

O conteúdo desse livro é identificado e diferenciado de todos os outros escritos das Escrituras como as **palavras de Jeremias (1)**. Com isso, a autoria do livro é determinada. O versículo 1 identifica o profeta no que tange ao seu nome, família e local de nascimento. Diversas idéias têm sido desenvolvidas por estudiosos quanto ao significado de **Jeremias** (hb., *Yirmeyahu* ou *Yirmeyah*).¹ O significado mais provável é “o Senhor lança, ou arremessa”. Pode ser que o nome do profeta se refira aos raios e trovões da verdade que Jeremias deveria anunciar à nação ímpia e pecadora. O termo também poderia estar descrevendo a carreira do profeta, porque ele foi arremessado no redemoinho de um dos períodos mais catastróficos da história do mundo antigo. Mas, talvez cada período seja um período catastrófico, e cada verdadeiro mensageiro de Deus seja lançado no meio de tensões políticas, morais e espirituais, como foi o caso de Jeremias. Sem dúvida, esse nome quer nos ensinar que Deus está ativo nos afazeres dos homens.

Filho de Hilquias, dos sacerdotes que estavam em Anatote (veja mapa **2**), nos dá o local de nascimento do profeta e algo referente à sua família. Seu pai, **Hilquias**, tem às vezes sido identificado como “Hilquias, o sacerdote” que foi figura proeminente na des-

coberta do livro da lei no Templo durante o reinado de Josias (2 Rs

22). Embora haja uma remota possibilidade de que isso seja verdade, o peso da evidência está contra ela. Parece claro, no entanto, que a família de Jeremias era de **sacerdotes**. **Anatote**, seu local de nascimento, foi uma cidade sacerdotal, desde os tempos de Josué (Js 21.18). Ela é a cidade da qual Abiatar, o sumo sacerdote no reinado de Davi, foi afastado pelo rei Salomão porque apoiava Adonias para se tomar o rei de Israel (1 Rs 2.26-27). É provável que Jeremias tenha sido membro da família de Abiatar, e se isso é verdade, ele era descendente de Eli, que foi sumo sacerdote nos tempos de Samuel (1 Sm 2.27-36). Com esse tipo de herança, o profeta deve ter se aprofundado em todas as tradições da religião hebraica.

Embora seja provável que Jeremias tenha vindo de uma família de sacerdotes, ele parece não seguir a tradição. Sua visão, conduta e comportamento o encaixam claramente no modelo profético. Não há indicação de que Jeremias tenha chegado a ocupar o ofício sacerdotal. Na verdade, essa é a única instância em que suas conexões sacerdotais são mencionadas no livro. Ele está impregnado com o espírito profético e segue a tradição profética integralmente.

B. Iniciação, 1.2

A carreira de Jeremias começa com a iniciativa de Deus — **A ele veio a palavra do** Senhor (2). Um dos aspectos singulares das Sagradas Escrituras é que Deus sempre toma a iniciativa na redenção do homem. A graça preventiva gera cada movimento para o bem no mundo. A “graça que vai à frente” inicia a carreira de todo homem de Deus, seja ele profeta do Antigo Testamento, apóstolo do Novo Testamento ou um mensageiro de Deus dos dias atuais. Isso significava para Jeremias, como significa para nós hoje, que ele foi convocado para falar por Deus, e que sua mensagem não era dele mesmo. Significava que ele tinha sido escolhido para estar na assembléia íntima da divindade, e para servir como o porta-voz do Eterno.² Deus, então, foi o Proponente Principal por trás da vida e obra de Jeremias.

C. Certificação, 1.3

O conteúdo do livro de Jeremias está solidamente baseado na história. A mensagem do profeta não é uma teoria nebulosa, a imaginação de uma mente perturbada, mas, sim, a verdade do Deus Eterno, interpretada e apresentada nos acontecimentos da vida. Jeremias era uma pessoa de carne e osso cuja vida e ministério podem ser devidamente datados. Seu ministério profético iniciou-se “nos dias de Josias [...] rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado” (2) — provavelmente em 626 a.C. A palavra do Senhor continuou vindo a ele **nos dias de Jeoaquim, [...] até ao fim do ano undécimo de Zedequias** (3). Isso foi em 586 C., o ano em que Jerusalém caiu diante dos caldeus. Mesmo depois disso encontramos Jeremias pregando. Outras porções das Escrituras, bem como a história secular, confirmam o que ele escreveu. O conteúdo do livro é atestado pelos acontecimentos da história e indica que Deus tem um papel fundamental nos acontecimentos da terra.

CONVOCAÇÃO DE JEREMIAS

Jeremias 1.4-19

No versículo 4, ocorre uma mudança da terceira pessoa para a primeira pessoa, indicando que os versículos seguintes são autobiográficos. Aqui encontramos Jeremias relatando os fatos simples do seu encontro inicial com Deus. Nesse ponto, sua experiência é semelhante a outros profetas do Antigo Testamento. Na religião hebraica esperava-se que qualquer homem de Deus tivesse um “momento especial” em que era convocado para o ofício divino.¹ Esse momento era mais dramático para alguns do que para outros.

A. O Chamado de Jeremias, 1.4-7

O chamado de Jeremias não tinha todos os aspectos transcendentais e detalhes apocalípticos que podemos ver nos chamados de Isaías ou Ezequiel para o ofício profético. No entanto, há precisão e clareza em seu chamado, duas características que são fundamentais na religião hebraica. **Assim veio a mim a palavra do** Senhor, **dizendo** (4).

Encontramos aqui uma *confrontação* divino-humana. Jeremias não disse que viu Deus, mas Deus se aproximou muito dele, a ponto de, a certa altura, a mão do Senhor ser colocada sobre a boca do profeta. A proximidade manifesta de Deus é realçada aqui em contraste com a transcendência de Deus no episódio do chamado de Isaías (Is 6.1-8). Aqui encontramos Deus conversando pessoalmente com um homem. Um diálogo resultante entre a divindade e a humanidade.

Conseguimos enxergar a intimidade que pode existir entre Deus e os homens. Mas não há uma absorção da personalidade de Deus no homem como alguns místicos ensinam. Nesse encontro, Deus é Deus e o homem é homem. Jeremias mantém aqui, como em outras partes do livro, sua identidade em relação a Deus.

A vivacidade dessa confrontação é revelada pelos verbos transitivos em que Deus convoca esse homem para o serviço. **Antes que eu te formasse [...] eu te conheci [...] te santifiquei e às nações te dei**

por profeta (5). É quase possível ver as palavras penetrando na consciência do jovem profeta. Jeremias está face a face com as exigências divinas para a sua vida. Também é possível observar nesse momento dramático a determinação de Deus por um lado e a *hesitação* de Jeremias por outro. Ele está atordoado com a responsabilidade que lhe é colocada. Surpreso e consternado, ele clama: **Eis que não sei falar; porque sou uma criança** (6).² A hesitação desse momento acaba se tornando uma característica de Jeremias ao longo de sua carreira. Por natureza ele é tímido e retraído. Sua natureza sensível não é compatível com a tarefa sobre-humana que está à sua frente. A presença tremenda de Deus era esmagadora; o terror da “completa entrega” de si mesmo e do futuro para Deus teria abalado o mais corajoso de coração.³ Sua reação natural foi protestar, e isso ele fez de forma veemente. No entanto, seus protestos somente revelam a humildade da sua mente, seus sentimentos de indignidade e o conhecimento das suas próprias limitações. Enquanto Jeremias se retraiu de uma tarefa extremamente desagradável, notamos claramente que ele não rejeita essa tarefa. Não vemos rebelião na sua hesitação.

Deus removeu as objeções desse jovem, dizendo: **As nações te dei por profeta [...] aonde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás** (5, 7). A frase “dar por profeta” traz a idéia de “escolhido” ou “enviado”. Jeremias é, portanto, apontado profeta às nações. Ele já não é “dono” da sua vida; o chamado de Deus é inescapável. A *ordenação* de Jeremias já havia ocorrido na mente de Deus antes mesmo do nascimento do profeta, mas, a essa altura os propósitos de Deus a longo prazo haviam se tornado carne e sangue. Com a ordenação de Jeremias, o plano de Deus para o seu reino vindouro está um passo mais próximo da realização.

B. A Consagração de Jeremias, 1.5,9

Esse aspecto da convocação de Jeremias para o ofício profético pode ser descrito sob dois cabeçalhos. ¹ que esse relacionamento seja refletido em um viver santo. Essa é a essência da idéia bíblica de santidade. Assim, santificação vocacional e santificação ética são dois

lados da mesma moeda. Você não pode ter um sem o outro.

2. *Implementação* (1.9)

Deus sempre implementa seus próprios planos. Jeremias não foi deixado sozinho para realizar a ordem de Deus apenas com sua capacidade meramente humana. **E estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca. O** propósito de Deus de separar Jeremias para um serviço especial é agora implementado pelo toque divino. Foi nesse momento que ele foi oficialmente empossado no ofício profético. A partir desse momento a unção divina o impeliria a anunciar a palavra de Deus: **Eis que ponho as minhas palavras na tua boca.** Jeremias está agora qualificado a cumprir sua tarefa profética. Deus, desse modo, implementa seu propósito pelo poder do Espírito Santo.

C. A Comissão de Jeremias, 1.4-10

No Antigo Testamento, quando um profeta recebia um chamado ele também recebia uma comissão. Deus sempre chama pessoas de alguma coisa para alguma coisa.

1. *Para Servir como Porta-voz* (1.5,7,9)

Jeremias foi nomeado profeta não somente para Judá mas também para as **nações** (5). A palavra hebraica *nabi* é traduzida por “profeta” cerca de 300 vezes no Antigo Testamento. Pode ser que a palavra originariamente significava “anunciar” ou “falar”.^{2 3 4 5} De forma gradual, essa palavra começou a receber um significado ligeiramente diferente no seu uso do Antigo Testamento; ou seja, *nabi* era aquele que é “qualificado, chamado e comissionado para falar a verdade de Deus para os homens”.⁶ O *nabi* do Antigo Testamento era primeiramente um pregador, um proclamador da verdade sagrada. Sob a compulsão divina ele falava palavras aos homens, mas essas palavras eram plenas de autoridade divina. E nessa tradição que Jeremias se vê comissionado por Deus. Sua tarefa consistia em se apresentar na íntima assembléia divina e então ir e proclamar o que havia visto e ouvido. Ele foi comissionado com estas palavras: **tudo**

quanto te mandar dirás (7). Eis que ponho as minhas palavras na tua boca (9). A fidelidade de Jeremias em relação a essa tarefa resultou em oposição feroz por parte da sua própria família, dos seus vizinhos, do seu rei e de seus amigos. Embora vacilasse às vezes, ele nunca falhou na sua comissão divina.

os homens são culpados e responsáveis diante de Deus (5,10). Judá é responsável porque abandonou o Senhor para servir a falsos deuses (10,15-16). **As nações** estão debaixo do juízo divino porque sua conduta está abaixo da justiça humana comum. Os culpados sofrerão destruição e dificuldade (10,15-16), porque Deus certamente virá para julgar. Quando Ele vier, os reinos e povos serão arrancados e derribados (10). Deus não está dormindo como supõem os homens, mas está alerta para cumprir sua **palavra** (11-12). Finalmente, essa advertência oportuna é seguida por uma palavra de esperança: O castigo e o julgamento de Deus são redutores; isto é, Ele aflige para curar (10). Além do julgamento há esperança de uma restauração — um povo redimido e um dia novo.

3. Para Executar um Plano Mestre (1.10)

Ao comunicar sua mensagem a Jeremias, Deus revelou seu plano de operação. No processo, o profeta recebeu uma percepção tanto do passado como do futuro. Deus, que havia feito planos para a redenção do seu mundo pródigo, viu seus planos sendo destroçados nos recifes da liberdade humana.⁷ Os filhos de Israel, instrumentos escolhidos, deveriam ter sido “luz dos gentios” (Is 49.6). Em vez disso, rebelaram-se contra seu Libertador, e tomaram-se como as nações gentias que os circundavam. O Reino do Norte manteve seu castigo e estava desaparecido das páginas da história já havia 100 anos.

Agora Judá, que havia conhecido a paciência e longanimidade de Deus, tinha passado “do ponto sem retorno” na sua teimosia e pecado. A hora do julgamento tinha chegado. Jeremias é agora comissionado como supervisor (**ponho-te** significa “para ser feito”) para colocar o plano de Deus em operação. Judá e outras nações deverão ser derrubadas até suas fundações e destruídas. Talvez, por meio do fogo refinador do sofrimento e da tristeza, elas encontrarão o caminho da

obediência e paz. Deus disse a Jeremias: **Olha, ponho-te neste dia sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares, e para derribares, e para destruíres, e para arruinares; e também para edificares e para plantares.** Pode parecer estranho que o plano de Deus envolva medidas tão negativas. Mas parece haver uma lei no universo segundo a qual algumas coisas precisam morrer para que outras possam viver e crescer. A maldade precisa ir para que o bem possa florescer. Nossas mãos precisam soltar aquilo que é mau, para que possam estar livres para receber o que é bom. O “antigo, mau e ímpio povo de Judá” deve ser destruído para que um “remanescente purificado possa retornar para edificar a nova Jerusalém”.⁸ Mas Deus termina com uma nota positiva: **para edificares e para plantares.** Há esperança de um dia melhor. Quando o elemento negativo é eliminado, o positivo pode florescer com vigor.

D. A Confirmação de Jeremias, 1.11-19

Depois de comissionar o profeta, Deus confirmou sua palavra para Jeremias por meio de duas visões, uma de ordem e uma de promessa. O que Jeremias viu tem sido chamado de “visões inaugurais”⁹ por alguns estudiosos; no entanto, não podemos estar certos de que elas tenham seguido imediatamente após o seu chamado. Se as visões não vieram logo após o seu chamado, foram dadas muito cedo no ministério profético de Jeremias, porque Deus parece usá-las para assegurá-lo do seu chamado profético.

A primeira visão é de uma **vara de amendoeira (11)**. Deus explicou o significado da visão: “Estou vigiando [atento] para que a minha palavra se cumpra” **(12, NVI)**. Parece haver um jogo de palavras no hebraico porque “amendoeira” (*shaqed*) e o verbo (*shoqed*) “vigiar” ou “estar acordado” (uma mudança de uma vogal) são muito similares. A amendoeira estava bem à frente de todas as outras árvores ao “acordar” na primavera. Deus estava dizendo a Jeremias por meio dessa visão: “Estou bem desperto, vigiando a minha palavra para ver se ela será prontamente executada”. Claramente, Judá estava agindo como se Deus estivesse dormindo e não soubesse acerca do seu pecado.

Na experiência de Jeremias vemos alguns dos caminhos de Deus em lidar com os homens. 1) A preocupação de Deus com o pecado do homem, versículos 11-12. 2) A condenação de Deus pelo mau procedimento, versículos 14-16. 3) A ordem de Deus ao seu profeta, versículo 17a. 4) A divina consolação, versículos 17b-19.

A visão descreve a *preocupação* de Deus. O propósito da visão é assegurar Jeremias de que Deus está bem alerta quanto à situação e que está vigiando persistentemente, certificando-se de que sua palavra seja cumprida. A visão também fala de que Deus toma todo cuidado para que seus planos sejam executados. Ele está “atentamente determinado” para que seus juízos sejam efetuados na terra. Os homens sempre trabalham com a certeza de que Deus está vigiando atentamente para ver se seus planos estão sendo executados, quer sejam obras de juízo ou de misericórdia.

A segunda visão fala da *condenação de Deus* a Judá e às outras nações daquela época. Ele pergunta: **Que é que vês? E eu disse: Vejo uma panela a ferver, cuja face está para a banda do Norte** (ou: “do norte para cá”, NVI, 13).¹⁰ Judá pode esperar dificuldades e juízo: **Do Norte se descobrirá o mal sobre todos os habitantes da terra** (14).

Em 626 a.C., morreu Assurbanipal, o último rei forte da Assíria (veja mapa 1). Com a sua morte, as forças de declínio se instalaram, e não muito tempo depois, todo o Crescente Fértil estava fervilhando com planos de revolta. O Império Assírio estava cambaleando. “Os tempos realmente eram agourentos”.¹¹ O novo Império Babilônico estava crescendo como uma nuvem ameaçadora no horizonte. Deus deu a Jeremias uma percepção da situação internacional dos seus dias e por meio da sua intuição profética ele viu a aproximação das hordas babilônicas contra seu amado país. **Porque eis que eu convoco todas as famílias (clãs) dos reinos do Norte, diz o Senhor** (15). Os exércitos do rei babilônico eram formados por soldados mercenários de todos os países do norte que a Babilônia havia conquistado. **Jerusalém** seria sitiada bem como **todas as cidades de Judá**. **Cada um porá o seu trono** significa que os reis se acampariam ali.

Era a mão de Deus que estava por trás disso, e sua causa era clara. **E eu pronunciarei contra eles os meus juízos [...] pois me deixaram a mim, e queimaram incenso a deuses estranhos (16).** A idolatria e o pecado de Judá selaram a sua ruína.

Jeremias estava dolorosamente consciente de como seu próprio povo reagiria quando ele transmitisse essa mensagem. Ele sabia que seria pessoalmente atacado e odiado. Sua alma sensível recuou em horror, mas Deus o fortaleceu para aquilo que ele deveria enfrentar. “Tu, pois, cingirás os teus lombos e levantarás e dir-lhe-ás” (17, lit.). Embora os verbos no hebraico estejam no imperfeito, têm aqui a força do imperativo. **Não desanimes (apavorado) diante deles.** A *ordem* de Deus veio como um estimulante poderoso para o tímido e apreensivo profeta. Jeremias enfrentou a sua nova tarefa com coragem e fé. Há momentos quando cada homem de Deus precisa ouvir o “retumbar do ferro” da voz do Eterno. Isso nos capacita, como ocorreu com Jeremias, a recuperar a perspectiva divina.

Quando tratamos dos seus filhos quebrantados e tímidos, a severidade sempre é seguida pela *consolação de Deus*. Seus mandamentos são seguidos pelas suas promessas. Ele faz uma promessa poderosa para o jovem e inexperiente profeta: **Porque eis que te ponho hoje por cidade forte, e por coluna de ferro [...] contra toda a terra [...] E pelejarão contra ti, mas não prevalecerão [...] porque eu sou contigo [...] para te livrar (18-19).** Coragem e inspiração fluíram para a alma de Jeremias; a palavra de Deus era confiável. A inspiração divina tomou conta dele. Sua introdução no ofício profético foi completa. Ele era o transmissor da palavra do Senhor — um porta-voz de Deus —, um profeta maduro. Ele voltou-se para a sua tarefa sob o poder do Espírito.

1

Santificação (1.5)

Deus declarou: **Antes que saíesses da madre, te santifiquei (5).** Nessa expressão vemos o significado fundamental da santificação no Antigo Testamento. Na presciência de Deus, Jeremias foi separado

para o serviço do santo Deus. Somente Ele é de fato santo. Ser santo no Antigo Testamento significava, em primeiro lugar, pertencer a um Deus santo por meio do seu ato redentor. Para uma pessoa ou nação ser santa deveria ser exclusivamente devota⁴ a Deus para o propósito e serviço dele.

A experiência de Jeremias pode ser descrita como a santificação de um chamado santo — “santificação vocacional”. Pode-se fazer a seguinte pergunta: Essa santificação tem quaisquer qualidades éticas? A resposta é que o conteúdo ético depende da natureza do deus com quem um indivíduo (ou nação) tem uma relação pessoal dinâmica. No caso de Jeremias o chamado santo vem em primeiro lugar, mas a santificação ética é uma consequência natural. E impossível para uma pessoa pertencer a um Deus santo sem

[2](#)

Para Transmitir uma Mensagem (1.4-5,8,10)

[3](#)

A idéia de servir como porta-voz pressupõe uma mensagem. Jeremias menciona di

[4](#)

versas vezes nesse capítulo: **Veio a mim a palavra do Senhor** (4). O esboço de uma mensagem para Judá e para as **nações** (5) está gradualmente tomando forma. Os autores da Bíblia acreditavam que a **palavra** de Deus era plena de poder divino. Eles estavam

[5](#)

confiantes de que sua palavra não voltaria vazia, mas cumpriria seu propósito (Is 55.11).

[6](#)

Qual então é a mensagem recebida por Jeremias para o seu povo?

Mesmo no capítulo 1 podemos ver alguns desses elementos básicos.
Há uma forte inferência de que todos

ACUSAÇÃO CONTRA A CASA DE JACÓ

Jeremias 2.1—10.25

Esta seção é constituída de diversos discursos, talvez proferidos em diferentes épocas nos primeiros anos do ministério de Jeremias. Os capítulos 2—6 quase certamente vêm do reino de Josias; o capítulo 7, com seu famoso sermão do Templo, quase certamente vem do primeiro ano de Jeoaquim; enquanto que os capítulos 8—10 provavelmente vêm do reino de Josias ou então dos primeiros anos de Jeoaquim. Eles são agrupados aqui evidentemente porque apresentam um tema comum — uma acusação a toda a casa de Israel. Essas profecias revelam a preocupação dominante do profeta nos seus primeiros anos de ministério. Algumas delas parecem dirigidas ao povo do Reino do Norte, outras para Judá, mas todas à Casa de Jacó. Muitos dos pensamentos expressos nessa seção nos lembram de Oséias, cuja vida e ministério parecem ter tido uma influência decisiva na vida de Jeremias. Repetidas vezes o profeta lembra o povo que ele está falando em nome de Deus.

Podemos estar bastante seguros de que as profecias como as encontramos aqui não são idênticas com as profecias inicialmente escritas. Essa seção, sem dúvida, foi incluída no manuscrito que foi destruído por Jeoaquim (cf. o cap. 36). Temos aqui a segunda edição, porque as profecias foram novamente ditadas a Baruque por Jeremias, “e ainda se acrescentaram a elas muitas palavras semelhantes” (36.32). Esse material adicional e a organização tópica dos escritos podem explicar por que algumas das passagens não parecem se ajustar apropriadamente.

A. A Infidelidade de Israel, 2.1—3.5

1. *Memórias Tristes* (2.1-3)

Deus fala aqui de um dia melhor quando Israel era uma jovem noiva: **Lembro-me [...] do amor dos teus desposórios** (2). Toda seção é escrita em forma poética (“Eu me

lembro [...] como noiva, você me amava”, NVI; cf. RSV, Mofíatt, *et al.*). Durante aqueles primeiros anos de privação no deserto, quando o povo de Israel vivia uma vida nômade, era completamente dependente de Deus, e não tinha rivais em relação ao afeto. Naquele tempo (simbólico de uma vida de completa dependência de Deus), Israel não tinha nenhuma outra fonte onde buscar sustento e era integralmente devoto ao Senhor. Isso ocorreu **numa terra que se não semeava**, significando que até então eles ainda não eram um povo agrícola. Porém, mais tarde, na segurança da civilização estabelecida, i.e., depois de conquistar Canaã, começaram a depositar sua confiança em coisas materiais e esqueceram da simplicidade dos tempos antigos. Ao depender de “seguranças secundárias”,¹ Israel perdeu seu primeiro amor.

Naqueles dias remotos sob a mão de Moisés, **Israel era santidade para o** Senhor (3). Isso significava que era santo porque pertencia sem reservas a Ele. Essa santidade significa que Israel era “separado” para Deus para um propósito sagrado; portanto, esperava-se dele uma conduta santa precisamente por causa desse relacionamento. O Senhor sempre se entristecia quando essa conduta não se realizava.

Sempre que Deus fala daqueles dias do primeiro amor, a repulsiva palavra que espreita no pano de fundo chama-se *infidelidade*. A nação havia se tornado infiel aos votos de casamento (aliança) realizados com o Senhor no Sinai. Com uma força crescente e de várias formas diferentes essa verdade será martelada por Jeremias.

2. *Ingratidão pelo Grande Livramento (2.4-8)*

Em seguida, Jeremias relembra o povo de que eles haviam se esquecido da “cova de onde foram cavados”. Deus os havia libertado de maneira maravilhosa da escravidão no Egito; Ele os havia guiado **através do deserto, por uma terra de ermos e de covas, por uma terra de sequidão e sombra de morte** (6); Ele lhes tinha dado Canaã, uma **terra fértil** (7). Mas, em vez de apreciar a bondade de Deus, esqueceram-se das suas misericórdias, corromperam a terra e fizeram da sua **herança uma abominação**.

Os líderes da nação tinham sido os principais transgressores até essa altura. **Os sacerdotes e os que tratavam da lei não me conheceram** (8).² A história nos ensina que uma nação sempre começa a morrer pela parte superior da hierarquia. Isso ocorreu com Israel. **Os pastores** (lit. pastores de ovelhas, mas significando governantes), **os profetas**¹ e os sacerdotes eram culpados. Em vez de voltar-se para o Senhor, que havia sido seu grande Benfeitor em tantas ocasiões, esses líderes religiosos se apegaram a esses deuses falsos e profetizavam em nome deles. Essa estranha conduta fez com que Deus perguntasse: **Que injustiça acharam vossos pais em mim, para se afastarem de mim, indo após a vaidade?** (5). (**Vaidade** aqui significa inutilidade, e é aplicado aos ídolos como inexistentes). A resposta para a pergunta acima é que nenhuma iniquidade podia ser encontrada em Deus, mas um nefasto espírito de ingratidão caracterizava Israel. Foi essa atitude ingrata que abriu as comportas da iniquidade sobre a nação.

ações de Deus em seu favor, parece *antinatural* que eles abandonassem o Senhor para servir a ídolos. Deus os admoesta: **Passai às ilhas de Quitim e vede; e enviai a Quedar,**⁴ **e atentai bem [...] Houve alguma nação que trocasse os seus deuses? [...] Todavia, o meu povo trocou (10-11).** Israel tratou o Senhor de maneira pior que as nações pagãs tratavam seus deuses, **posto não serem deuses (11).** Como uma nação podia fazer uma coisa como essa? A única resposta é que o pecado incute no homem paixões estranhas e desnaturais. **Espantai-vos [...] ó céus (12),** pelas coisas que fazem as pessoas que em certa época chegaram a conhecer as riquezas da misericórdia e do amor de Deus! Mas os pecados da *infidelidade* e *ingratidão* são maldades gêmeas que abrem a alma para todo tipo de loucura e insensatez.

Deus continua: **Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas (13).** A metáfora é tanto mais significativa quando percebemos que a Palestina é uma terra árida. Trocar o **manancial** com suas águas frescas e espumantes pelas águas estagnadas e pútridas de **cisternas**

é irracional. E voltar-se para **cisternas** que estão **rotas** e **não** podem reter **as águas** é inimaginável. Mas foi isso que Israel fez ao se voltar para os deuses inúteis e ineficientes na sua aptidão de ajudar.

4. *Incapaz de Aprender da História* (2.14-19)

Nesses versículos, Deus parece questionar os homens dos dias de Jeremias: **Por que, pois, veio** (Israel, o Reino do Norte) **a ser presa? Os filhos de leão** (guerreiros fortes) **bramaram sobre ele [...] suas cidades se queimaram, e ninguém habita nelas** (14-15). Será que era pelo fato de o Reino do Norte ter tantas desvantagens? Será que ele era apenas um pobre **escravo** nascido na casa de Deus? A resposta esperada é: Não. Israel teve todas as vantagens. O Senhor tinha feito muitas coisas maravilhosas por ele. Portanto, a razão para a sua destruição deve ser encontrada em outra parte.

Em seguida, Deus introduz em seu argumento algo muito mais familiar aos homens de Judá. **Os filhos de Nofa** (Mênfis) **e de Tafnes² te quebraram o alto da cabeça. Porventura, não procuras isso para ti mesmo?** (16-17). Quase conseguimos ver os homens de Jerusalém tremerem. A referência aqui é à derrota vergonhosa do exército de Judá para Neco, rei do Egito, na batalha de Megido quando Josias foi morto (2 Rs 23.29-30). Por que isso aconteceu a Judá? E por qual motivo foi Israel para o cativeiro? A resposta de Deus é a mesma para as duas nações: **Deixando o Senhor, teu Deus** (17).

Apesar dessas humilhações havia um partido pró-Egito em Judá, bem como um partido pró-Assíria. Ambos eram ativos na política da época de Jeremias. O versículo 18 é uma reprimenda divina: **Agora, pois, que te importa a ti o caminho do Egito, para beberes as águas de Sior** (o Nilo)? **E [...] o caminho da Assíria? [...] A tua malícia te castigará** (19a). O **rio** (18) deve ser o Eufrates (veja mapa 1). Confiar em poderes estrangeiros em vez de confiar no Senhor sempre foi uma armadilha para as nações que criam em Deus. Tanto Oséias quanto Isaías se opuseram a alianças com nações estrangeiras. Areal acusação por trás dessas palavras é que Judá foi *incapaz de aprender* da situação de Israel, ou dos seus próprios infortúnios. E trágico

quando homens e nações não conseguem enxergar o poder devastador do pecado. Mesmo hoje cada geração parece compelida a sofrer uma indescritível agonia por não aprender da ação de Deus na história.

5. *O Pecado Desenfreado nos Deixa Profundamente Manchados* (2.20-25)

Jeremias agora fala da profundidade e extensão do pecado da casa de Jacó. Várias

figuras são usadas para descrever a condição da casa de Jacó: uma vinha, uma prostituta, um objeto profundamente manchado, uma jovem dromedária, e uma jumenta montês do deserto no cio. Mas, primeiro, Deus lembra Israel dos seus muitos livramentos de tempos passados, e como o povo havia prometido: **Nunca mais transgredirei** (20). Mas continuou agindo como uma prostituta — **em todo outeiro alto e debaixo de toda árvore verde**, i.e., adorando falsos deuses nos diversos santuários nas regiões rurais. A nação teve um início excelente no Sinai, sob a liderança de Moisés; ela havia sido plantada **como vide excelente, uma semente inteiramente fiel** (lit., verdadeira; v. 21). No entanto, ela degenerou-se no pior tipo de vinha silvestre. Essa condição degenerada tinha se tornado tão profundamente enraizada que os agentes de limpeza mais poderosos conhecidos no mundo antigo (**salitre**, ou soda, e **sabão**, 22) eram inúteis para tirar a mancha.

Para piorar as coisas, Israel está evidentemente cego para sua real condição, porque diz: **Não estou contaminado** (23). Na verdade a questão é a seguinte: no seu amor por deuses estrangeiros ele se tornou atrevido e arisco como uma jovem camela do deserto, ou como uma **jumenta montês do deserto** (24) quando está no cio. Israel é tão impetuoso que nenhuma restrição será eficaz. A nação continua resoluta na sua teimosia. Na primeira parte do versículo 25 há uma exortação de Deus para a salvação: “Não deixe que seus pés fiquem sem sapatos, ou a sua garganta fique seca devido à falta de água” (*Basic Bible*). Apesar de toda súplica por mudança, ela responde aos que andam em pecado: **Não há esperança; [...] porque amo os estranhos e após eles andarei** (25). Dessa forma, o *pecado*

desenfreado nos arrasta para o desespero eterno. Não que Deus estivesse indisposto a perdoar, mas porque o homem deliberadamente escolheu, em plena consciência das implicações envolvidas, a satisfação do “eu” carnal. ² novamente apela para a razão: **Por que, pois, diz o meu povo: Desligamo-nos de ti**

(melhor: “estamos livres”, RSV); **nunca mais a ti viremos?** (31). Essas pessoas tinham um espírito indisciplinado; elas não tinham consideração pelas leis de Deus ou dos homens. Imaturas e inconstantes como crianças, insistiam em vir a Deus somente quando lhes agradava. **Porventura, esquece-se uma virgem dos seus enfeites? [...] Todavia, o meu povo se esqueceu de mim** (32). A prática da religião por Judá era uma mera questão de conveniência. O Senhor era alguém que podia ser usado se necessário, ou esquecido **por inumeráveis dias**, de acordo com a conveniência de Judá.

Moffatt interpreta a primeira parte do versículo 33 da seguinte maneira: “Vocês direcionaram seu curso para planos secretos de amor”. A nação de Judá tinha se tornado tão astuta na questão do pecado que podia ensinar mesmo aos especialistas na área da imoralidade. A última parte do versículo 34 é obscura. Ela evidentemente significa que Judá tem aumentado a sua culpa ao manchar suas vestes com o sangue dos pobres que Deus havia considerado inocentes de qualquer má ação. Ao mesmo tempo, Judá diz: **Eu estou inocente** (35). A situação é muito grave quando os homens acreditam nas suas próprias mentiras. Isso não é nada menos do que insanidade moral.

Deus novamente anuncia a vinda do juízo sobre a nação. **Eis que entrarei em juízo** (“passarei a sentença”, NVI) **contigo, porquanto dizes: Não pequei** (35). Judá era uma nação responsável; ela seria julgada adequadamente. O Senhor parece dizer: “Visto que você não leva a sério a sua maldade, mudando de rumo aqui e acolá, você será envergonhado pelo Egito, como foi envergonhado pela Assíria” (36), uma referência à futilidade em confiar no Egito (cf. 46.1-28). No dia do juízo, Judá chorará de vergonha **com as mãos sobre a sua**

cabeça (37) — em completa aflição e desespero. Deus **rejeitou** todas as coisas em que Judá havia colocado a sua confiança. Ele não prosperará em nenhum dos seus caminhos. Conseqüentemente, a palavra é de julgamento e juízo. Judá acordará para sua condição vergonhosa somente quando for tarde demais. Brincar com o pecado, mudar de uma aliança estrangeira para outra, recusar-se a prestar atenção às admoestações de Deus, indicam uma instabilidade que se iguala à sua completa falta de vergonha. O que, então, aguarda Judá? 1) O juízo é certo; 2) Consternação e desolação estão batendo à sua porta; 3) Aqueles em quem confiava e dependia vão deixá-lo na mão na hora crucial; 4) Ele terá de confessar que tudo isso não precisava ter sido seu destino.

A falta de vergonha de Judá é então ilustrada mais uma vez pela figura do casamento descrito no versículo de abertura do capítulo 2. A linguagem lembra Oséias (Os 2.1-5; 9.1). Jeremias refuta a idéia de um arrependimento barato. Religiosamente, Judá tinha se maculado **com muitos amantes** (3.1), no entanto, parece que achava que poderia voltar para Deus a qualquer momento. Vivia despreocupadamente, sem se importar com o seu pecado. Claramente, o povo havia alcançado o ponto em que era incapaz de perceber a sua situação. Isso pode ser visto na frase seguinte: **Manchaste a terra com as tuas devassidões [...] tu tens a testa de uma prostituta** (“atrevido como uma prostituta”, Moffatt), **e não queres ter vergonha** (2-3). Judá tinha agora se solidificado no seu pecado.

Que o povo tinha alcançado esse ponto na sua falta de vergonha é confirmado pelo fato de conseguir usar uma linguagem tão afável a Deus como: **Pai meu, tu és o guia da minha mocidade** (4), e ao mesmo tempo estar ardentemente devotado a outros deuses. Judá era uma nação bastante confusa, nada diferente de indivíduos e nações hoje. Com seus lábios eles faziam uma grande demonstração de devoção ao Senhor, mas ao mesmo tempo faziam todas as **coisas más** que se possam imaginar (5). As palavras do versículo 4 podem referir-se à reforma de Josias que ocorreu nos primeiros anos do ministério de Jeremias.⁶ Evidentemente, o povo sujeitava-se exteriormente à ordem do rei de Judá, mas em seus corações

permaneciam imutáveis. Eles meramente misturavam a adoração ao Senhor e a adoração a outros deuses a quem serviam. Dessa forma, corrompiam o serviço a Deus.

B. O Melancólico Chamado ao Arrependimento, 3.6—4.4

Os discursos anteriores são pintados em cores escuras. Talvez foram planejados dessa forma para despertar a consciência da nação. Eles revelam a Judá a sua real condição em contrapartida com o que ele alegremente acha que é. Eles mostram que a única esperança de salvação está na completa inversão da forma de pensar que o povo tinha adotado até então.⁷ Mas as palavras finais nessa seção assustam, porque parecem dizer que qualquer reversão desses planos de ação é agora impossível. O destino da nação está selado. Conseqüentemente, a seção anterior fecha com uma nota de condenação.

Esta seção, no entanto, é diferente. Embora o profeta continue pintando a pecaminosidade da nação em cores sombrias, ocorre uma mudança de tom. Um raio de esperança trespasa a escuridão. A casa de Jacó é convidada a se arrepender. Há uma tristeza no chamado que apresenta um vislumbre da dor do coração de Deus acerca da condição do seu povo. Embora as mensagens sejam dirigidas aos filhos de Israel como um todo, o profeta muitas vezes faz uma distinção entre o Reino do Norte e Judá por meio do termo Israel; em outras ocasiões, Israel é usado para denotar as duas nações. Jeremias compara e contrasta as duas nações em suas atitudes concernentes a Deus, e na sua prática da religião da aliança.

1. A Retribuição para o Arrependimento Superficial (3.6-11)

Nesses versículos, o profeta contrasta Judá com Israel, mostrando que Judá é mais culpado do que Israel, porque Judá falhou em levar a sério e aprender qualquer coisa do destino de Israel.

Disse mais o Senhor nos dias do rei Josias: Viste o que fez a rebelde Israel?

(6). O Senhor então descreve a promiscuidade espiritual do Reino do Norte antes da queda, e como tinha ficado aflito, com o seu coração de amante, aguardando a sua volta. Veja comentário em 2.20 acerca de **monte alto e árvore verde**. Apesar da sua longanimidade e paciência, Ele foi compelido a dar à nação de Israel **o seu libelo** (“certidão”, NVI) **de divórcio** e despedi-la (8). “O Reino do Norte havia pecado e negligenciado o seu dia da graça e estava agora no cativeiro”.⁸ **E viu isso a sua aleivosa irmã Judá (7) [...] foi-se e também ela mesma se prostituiu (8)**. O povo do tempo de Jeremias estava bem consciente do fato de que profetas anteriores haviam predito a queda de Israel porque este reino havia abandonado o Senhor e ido atrás de outros deuses. **Adulterou com a pedra e com o pedaço de madeira (9)** refere-se à adoração idólatra de imagens de pedra e madeira. Esses mesmos profetas também haviam advertido o Reino do Sul do mesmo destino, **contudo, nem por tudo isso voltou para mim a sua aleivosa irmã Judá com sincero coração, mas falsamente (10)**. Judá não aprendeu sua lição muito bem, embora tivesse tido todas as oportunidades.

Há uma forte implicação no versículo 10 de que Judá deve ter feito algum esforço para retornar ao Senhor em alguma época, mas claramente seu esforço provou ser apenas superficial. Muitos estudiosos acreditam que a referência é à reforma que ocorreu no décimo oitavo ano do reinado de Josias (2 Rs 22-23). Depois de encontrar o livro da lei no Templo, o rei tinha feito um esforço genuíno para levar a nação de volta à adoração a Deus. Apesar do esforço sincero de Josias, o povo não estava disposto a deixar os seus velhos caminhos. Embora obedecessem exteriormente à ordem do rei, parece que seus corações continuavam presos à adoração idólatra. Com a morte inoportuna de Josias, eles voltaram para suas antigas práticas, para nunca mais serem levantados da sua letargia pecaminosa. O arrependimento de Judá, então, tinha sido apenas superficial. Ela tinha voltado somente “com fingimento” (10, NYI), que, na verdade, não era uma mudança de verdade. Ao compará-la com o Reino do Norte, Jeremias diz: **A rebelde Israel justificou mais** (é “menos culpada”, RSV) **a sua alma do que a aleivosa Judá (11)**.

Vemos no exemplo de Judá quão devastador é o arrependimento superficial para um povo esclarecido. Esse tipo de arrependimento é exterior, não interior; ele é apenas aparente, não em obra e verdade. Ele agrava a culpa em vez de reduzi-la. A pessoa é mais traiçoeira, mais culpada, mais propensa a fazer o mal, e mais difícil de voltar, do que se nunca tivesse simulado que estava se arrependendo.

2. *A Prontidão de Deus em Perdoar o Arrependido* (3.12-13)

Aflito com o povo de Judá, Deus agora volta toda sua atenção aos exilados do Reino do Norte. Ele ordena ao profeta: **Vai, pois, e apregoa estas palavras para a banda do Norte, e dize: Volta, ó rebelde Israel, [...] porque benigno sou [...] e não conservarei para sempre a minha ira** (12). Embora o pecado de Israel tenha sido muito grave, Ele continua pronto — até mesmo ansioso — a perdoar, se a nação se arrepender. Esses dois versículos nos apresentam um vislumbre do coração de Deus, e o que vemos é perdão e grande misericórdia.

Embora o perdão de Deus sempre esteja disponível a todos que vêm a Ele, as pessoas e nações devem responder ao seu chamado. **Somente reconhece a tua iniquidade, que [...] transgrediste [...] e [...] não deste ouvidos à minha voz** (13). Vemos aqui que a confissão radical é um elemento vital para o verdadeiro arrependimento. Não pode haver ressalvas, mas um reconhecimento completo e sincero do pecado. A essa prontidão e integralidade na confissão do homem correspondem a prontidão e integralidade do perdão de Deus.

Também havia uma mensagem nessas palavras para os homens de Judá bem como para os exilados de Israel. Com alguém tão perdoador como o Senhor, a catástrofe e a ruína podiam ser evitadas por Judá — embora o tempo fosse curto. Essa parece a sincera esperança e imperecível fé do profeta. Pelo mesmo motivo, também há esperança para os pecadores dos nossos dias — mas a condição é a mesma que foi para Israel e Judá — **somente reconhece a tua iniquidade** (13). “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28.13).

3. *Os Planos de Deus para Aqueles que se Arrependem* (3.14-20)

Aqui o profeta parece dirigir-se tanto a Judá quanto a Israel enquanto apresenta os futuros planos de Deus ao seu povo. O texto pressupõe que as duas nações aprenderam bem as suas lições, e estão agora preparadas para segui-lo com singeleza de coração. É bom saber que Deus tem planos para seu povo, e que são pensamentos de paz e não de mal (29.11).

Deus faz seu conhecido chamado de arrependimento ao declarar sua relação com o povo: **Eu vos desposarei** (“Eu sou o marido de vocês”, NVI, nota de rodapé; v. 14). Ele então promete que haverá um retorno do exílio. **E vos levarei a Sião [...] Naqueles dias, andará a casa de Judá com a casa de Israel; e virão, juntas, da terra do Norte** (14,18). É o remanescente justo que retornará — **e vos tomarei, a um de uma cidade e a dois de uma geração** (família; v. 14) — e farei um novo começo.

Virá um dia melhor para aqueles que retornam para o Senhor. Naquele dia, **vos darei pastores** (governantes) **segundo o meu coração, que vos apascentem com ciência e com inteligência** (15). No passado, tanto Israel quanto Judá tinham tido líderes muito fracos. Isso vai mudar. Além disso, naquele dia haverá uma nova ordem de vida espiritual e um novo relacionamento com Deus. **A arca do concerto** (16) e o Templo, que haviam sido a possessão orgulhosa do Reino do Sul, e que eram vistos por Judá como um sinal da sua superioridade sobre Israel, não será mais o pomo da discórdia entre as duas nações. Deus habitará no meio do seu povo de uma maneira nova, e sua presença abolirá a necessidade de símbolos desse tipo. “Não pensarão mais nisso nem se lembrarão dela (a arca); não sentirão sua falta nem se fará outra arca” (NVI).⁹

Naquele dia futuro, **Jerusalém** será o local do **trono do** Senhor, **e todas as nações se ajuntarão a ela** (17), e os povos da terra não seguirão mais **o propósito do seu coração maligno**, mas seguirão aquilo que é bom. **Judá e Israel** (18) se reconciliarão e as coisas que os haviam dividido nos dias passados, desaparecerão.

Encontramos nesses versículos um dos fatos recorrentes da literatura profética: uma combinação do que está perto e do que está longe. As predições do retorno do exílio são misturadas com as predições do período do evangelho e da era futura, e elas estão completamente entrelaçadas. Há uma sugestão aqui da idéia de Jeremias referente à nova aliança (31.31ss). Sob essa aliança, cada um poderá ter um conhecimento direto do Senhor. Haverá no meio do povo um conceito novo e mais espiritual de Deus.

Apesar de todos os bons propósitos que Deus tem para o seu povo, Ele continua tendo um problema. **Como te porei entre os filhos e te darei a terra desejável?** (19). O hebraico aqui é obscuro, mas evidentemente Deus está dizendo: “Como posso fazer essas coisas boas por você, quando você está tão longe de mim?”. A resposta é sugerida mais adiante nesse versículo. Ele lhes dará **a terra desejável, a excelente herança**, quando o chamarão de **Pai** e não se desviarão mais dele.

4. O Caminho para o Arrependimento Genuíno (3.20—4.4)

Deus declara: **Como a mulher se aparta aleivosamente do seu companheiro, assim aleivosamente te houveste comigo, ó casa de Israel** (20). No entanto, o coração sofrido, sensível e amoroso de Deus busca uma maneira de tratar do pecado do seu povo. Ele então mostra como os seus planos para a prosperidade deles podem ser colocados em prática. O restante dessa seção mostra o caminho que leva ao genuíno arrependimento.

a) *Confissão* (3.21-25). Um certo tipo de diálogo agora parece ocorrer entre Deus e um povo penitente. **Nos lugares altos se ouviu uma voz, pranto e súplicas dos filhos de Israel; porquanto perverteram o seu caminho e se esqueceram do** Senhor (21). Então ouve-se Deus dizer: **Voltaí [...] eu curarei as vossas rebeliões**

(22). O povo responde: **Eis-nos aqui, vimos a ti**. “Em vão vem o som das colinas e o tumulto das montanhas” (23a, tradução de Driver); i.e., o povo estava confessando que “a religião selvagem e extática

praticada na adoração à natureza não poderia trazer nenhuma paz e satisfação real”.¹⁰ **Deveras, no Senhor, nosso Deus, está a salvação de Israel.** A confissão do povo continua: **Porque a confusão devorou [...] Jazemos na nossa vergonha [...] porque pecamos contra o Senhor, [...] nós e nossos pais, [...] até o dia de hoje** (24-25). A confissão significa que uma pessoa começou a encarar sua situação de maneira honesta. É um reconhecimento de que o homem não é sábio o suficiente para dirigir sua própria vida. Deus não pode suprir as nossas necessidades até que alcancemos esse ponto. Mas quando a confissão é sincera e completa, Ele imediatamente começa sua obra de cura da alma.

b) *Conversão* (4.1). “A idéia de arrependimento no Antigo Testamento é, na maioria das vezes, expressa pela palavra hebraica *shub*, que literalmente significa ‘mudar de direção’ ou ‘retornar’”.¹¹ Essa é uma palavra forte, e envolve o homem inteiro: mente, coração e ações. Ela significa a conversão da pessoa inteira — uma volta completa daquilo que é perverso para encarar Deus em completa obediência e reverência. A construção do hebraico aqui enfatiza a cláusula **para mim**, e significa que deve haver uma completa ruptura com as formas corruptas de adoração idólatra e um retorno sincero ao Senhor. “Se você voltar, ó Israel”, diz o Senhor, “para mim voltareis!” (4.1, lit.).

Nessa “volta” está incluída necessariamente a idéia de abandonar aquilo que é mau — **se tirares as tuas abominações de diante de mim**. O arrependimento inclui não somente uma mudança de atitude, mas também uma mudança de ações. Devemos nos desfazer de todos os objetos que ocasionaram as nossas transgressões (nesse caso, os ídolos), bem como de práticas e hábitos pecaminosos. Devemos apresentar frutos de arrependimento (Mt 3.8). O arrependimento do Antigo Testamento e o arrependimento do Novo Testamento têm o mesmo significado aqui.

Deus agora diz em relação a Israel: Se essas coisas forem feitas, então **não andarás mais vagueando** (1; a NVI traz “não se desviar”). Geralmente entende-se dessa frase que Judá não iria para o exílio.

Mas a palavra **vagueando** no original pode ter a conotação de andar perambulando (como um fugitivo ou exilado) ou “oscilando” (RSV). Se essa palavra significa vaguear então pode-se imaginar o Reino do Norte retornando do exílio e não mais perambulando entre as nações. Se “oscilar” é escolhido, significa que eles permanecerão firmes na sua fé. A KJV, que traz a idéia de não ser “removido”, se encaixa bem com o contexto.

c) *Concessão* (4.2). O passo seguinte que Israel deveria dar era admitir que não há ajuda além de Deus. Isso é indicado no versículo 2, em que o profeta diz: **e jurarás: Vive o Senhor**. “Entre os hebreus um voto era uma coisa muito poderosa; jurar por uma divindade significava reconhecer sua existência e invocar o seu poder”.¹² Se um hebreu podia realmente dizer: **na verdade, no juízo e na justiça, e vive o Senhor**, isso era um reconhecimento de que o Senhor era o Deus *vivo*, e que somente Ele existia, e que nenhum outro deus era real. O profeta sabia que se a nação podia dizer essas palavras com sinceridade, o problema da idolatria seria descartado rapidamente. Se a nação de Israel fizesse essa admissão ela se tornaria “uma luz para as nações”, e **as nações** se glorhariam nele, i.e., “se orgulhariam” (lit.) do Deus vivo.

d) *Renovação completa* (4.3). A. S. Peake diz que os versículos 3 e 4 “estão entre a literatura profética mais grandiosa, e apresenta um resumo da teologia de Jeremias”.¹³ Stanley R. Hopper diz que esses dois versículos são “um chamado ao arrependimento mais profundo para os povos do mundo, quanto mais para Judá”.¹⁴ Eles atacam a raiz do pecado em nossas vidas. Nenhuma medida incompleta bastará aqui. É possível que na mente de Jeremias esteja a reforma empreendida por Josias. Esse esforço por um aviva-mento, que acabou somente como uma reforma superficial, deve ter sido profundamente desapontador para esse verdadeiro profeta. Não é difícil acreditar que essa experiência amarga levou Jeremias a uma percepção mais profunda da natureza da religião hebraica. Ele viu que nada além de uma completa renovação dos corações do seu povo possibilitaria a nação de encontrar seu caminho de volta para Deus e chamar a atenção para a calamidade que estava se aproximando

rapidamente.

Uma religião superficial não seria suficiente; a religião deve ser íntima e individual se a situação nacional precisa melhorar. Portanto, o profeta clama: **Lavrai para vós o campo de lavoura e não semeais entre espinhos** (3). A vida nacional havia se tornado tão dura pelos anos de práticas idólatras e injustiças grosseiras que a verdade de Deus não podia se desenvolver nesse tipo de solo. Como o solo que não é cultivado de maneira apropriada logo está cheio de ervas daninhas e espinhos, assim era o solo da vida nacional de Judá e Israel. E os espinhos que estavam crescendo lá “eram o produto espontâneo da natureza humana degenerada”.¹⁵ Entre outras coisas, esse solo incluía espinhos de um viver negligente, de injustiça social, de mágoas passadas, de hipocrisia e de falta de perdão. E impossível que a verdadeira justiça e santidade floresçam onde crescem esses tipos de espinhos.

Pode ser que a reforma de Josias tenha cortado esses espinhos, mas havia falhado em arrancá-los pela raiz. Não demorou muito e eles cresceram outra vez descontroladamente e mais fortes do que nunca. A religião do Deus vivente exigia uma renovação radical de vida tanto do indivíduo quanto da nação. Esse é o início da ênfase de Jeremias na religião interior que é tão comum no seu ministério. Esse conceito da completa renovação do coração é um dos princípios básicos do Novo Testamento: “Agora, está posto o machado à raiz das árvores” (Mt 3.10, etc.).

e) *Circuncisão do coração* (4.4). Em seguida, Jeremias transmite uma verdade ainda mais profunda no seu pronunciamento sobre a terra não cultivada. Mudando a figura de linguagem, ele clama: **Circuncidai-vos para o Senhor e tirai os prepúcios do vosso coração, ó homens de Judá e habitantes de Jerusalém** (4). O que Jeremias queria dizer com essa figura de linguagem? A idéia da circuncisão certamente não era nova para seus ouvintes. Desde o tempo de Abraão esse foi o rito de iniciação por meio do qual o homem passava a fazer parte da religião hebraica. Esse rito era obrigatório para cada filho homem em todas as famílias em Israel.

Desde o princípio (Gn 17.10-12) a circuncisão deve ter significado algo a mais além de cortar um pequeno pedaço de pele. Ela deve ter tido uma implicação altamente espiritual.¹⁶ Certamente deve haver um forte significado espiritual nas palavras de Jeremias aqui (Cf. Dt 30.6; Jr 9.26; 33.7-9; Rm 2.25-29; Gl 5.6; Cl 2.11).

Dentro do seu contexto: **Circuncidai-vos para o** Senhor ensina que deve ocorrer nos corações dos homens uma transformação radical para serem aceitos por Deus. Era necessária uma mudança revolucionária na vida do povo de Judá daquela época. Certamente uma limpeza, i.e., o remover da impureza, é retratada aqui pela figura de linguagem do profeta. Essa passagem e outras semelhantes a ela levaram George Adam Smith a dizer acerca de Jeremias: “Ele tinha um profundo sentimento da inveterada qualidade do mal, da profunda saturação do pecado, da enormidade da culpa daqueles que pecavam contra a luz e o amor de Deus”.¹⁷ Nessa passagem, destaca-se principalmente a pureza do coração (cf. Sl 24.4; Mt 5.8).

Podemos resumir o significado do versículo 4 da seguinte forma: 1) A circuncisão do coração refere-se a um trabalho interior de Deus na alma que se manifesta numa conduta exterior; 2) Essa circuncisão tem que ver com a remoção da impureza das faculdades espirituais do homem; 3) Ela é uma mudança radical que penetra nas profundezas da natureza moral do homem; 4) A operação realizada é central para as necessidades espirituais básicas do homem; 5) A circuncisão é uma exigência da parte de Deus para a santidade ética no homem. De acordo com Jeremias, se os homens não obedecem às exigências de Deus para essa purificação interior eles podem esperar juízo e destruição (4).¹⁸

C. Inimigo do Norte e de Dentro,¹⁹ 4.5—6.30

Nesses capítulos, Jeremias tem uma visão profética da calamidade que está vindo sobre seu povo. Mas ele também percebe que a situação tem um aspecto duplo. Há, na verdade, dois inimigos. “Primeiro é um inimigo não identificado do norte”; o outro é o “coração teimoso e rebelde”²⁰ de Judá. Cada um deles contribui para a derrocada de

Judá. Com grande preocupação Jeremias descreve a destruição futura e os motivos da sua vinda. Ele intercala esses pronunciamentos com exortações ao arrependimento na esperança de que a calamidade que se aproxima possa ser evitada. Devemos lembrar aqui que muitas profecias no Antigo Testamento foram anunciadas com a finalidade de não serem cumpridas.²¹ Claramente, Jeremias estava esperançoso de que esse fosse o caso aqui.

A menção de **um mal do Norte** indica que essa profecia tem alguma conexão com a visão da panela fervente no capítulo 1. Quanto à identidade do inimigo do Norte (Babilônia), veja Introdução. O propósito básico do profeta, no entanto, não é identificar o inimigo mas mexer com a alma dos seus compatriotas quanto à necessidade de arrependimento. Ele não está preocupado com todas as minúcias que incomodam os literalistas, porque ele tem uma visão ampla da tempestade que está se aproximando, e o que isso significará para o seu país.

1. O Dia do Ajuste de Contas (4.5-31)

Na visão do profeta, esse inimigo do norte é claramente visível no horizonte do tempo. O que ele vê por meio da contemplação profética o enche de consternação. Ele ergue a sua voz e lança um grito de advertência!

a) *Atrombeta do alerta* (4.5-13). **Tocai a trombeta na terra** (5). Essa era a forma costumeira de advertir o povo do perigo que se aproximava. A magnitude do perigo é

indicada pela implicação de que toda a **terra** deveria ser despertada, e pela escolha das palavras que ele usa para propagar o alerta. **Gritai [...] Ajuntai-vos, e entremos nas cidades fortes** de Judá e preparemo-nos para a batalha, **porque eu trago um mal do Norte** (5-6). A expressão: **Arvorai a bandeira para Sião** significa “demarquem uma rota para aqueles que buscam abrigo em Jerusalém” (Berkeley, nota de rodapé). O **leão [...] já partiu e saiu do seu lugar** (7). Essa descrição de um **leão** pode muito bem referir-se a Nabucodonosor, o **destruidor das nações**, que mais tarde veio

com fúria contra Judá. **A fim de que as tuas cidades sejam destruídas, e ninguém habite nelas.** O inimigo está vindo! O perigo é iminente!

O profeta agora descreve as vítimas amedrontadas dessa avalanche do juízo divino: **o coração do rei e o coração dos príncipes** se desfarão (9), i.e., ficarão desfalecidos de medo e pavor. **E os sacerdotes [...] e os profetas** estarão amedrontados e confusos. **Lamentai e uivai** (8), diz Jeremias, **porque o ardor da ira do Senhor não se desviou de nós.** Nas emergências da vida, os injustos desmoronam, porque não têm esteio interior para dar-lhes força.

A primeira vista parece que no versículo 10 o profeta está repreendendo a Deus por enganar o povo com falsas promessas. O Targum parafraseia esse versículo indicando que falsos profetas enganavam o povo ao anunciar **paz** quando não havia paz.²² Mas o versículo pode representar um soluço de consternação da parte do profeta, que não pode reconciliar as maravilhosas promessas feitas a Israel em dias passados com o terrível juízo que ele agora vê se aproximando: **a espada penetra-lhe até à alma** (vida; 10).

Depois dessa interrupção momentânea, Jeremias continua a soar o alarme. A calamidade que se aproxima está ligada a um dos ventos que costumeiramente se movia rapidamente do deserto para Judá. Quando esse vento era brando, era útil para joeirar os cereais, mas quando vinha com **grande veemência** era chamado de temeroso siroco. Esse **vento** (12) era tão mortal que secava e destruía tudo que tocava. Da mesma forma o inimigo do norte seria destrutivo para o povo de Judá.

Uma metáfora semelhante é usada no versículo 13 para reforçar a mensagem. Ele descreve o **mal do Norte** (6), que se movia em direção a Jerusalém, como um terrível tornado de destruição. **Eis que virá subindo como nuvens, e os seus carros, como a tormenta; os seus cavalos serão mais ligeiros do que as águias. Ai de nós, que somos assolados** (13).

b) *O apelo ao arrependimento* (4.14-18). Jeremias é tão tocado pelo que vê que solta um grito de lamento: **Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva** (14). **Até quando** você fomentará pensamentos vis e perversos? Ele parece estar dizendo: “Esteja advertido! As novas já foram anunciadas em **Dã** [v. 15, o extremo norte de Israel], e também foi proclamado no **monte de Efraim** [provavelmente não mais de quinze quilômetros de Dã], que o inimigo do norte está vindo”. Na verdade, as **nações** (16) ficarão sabendo que Jerusalém está marcada para destruição, porque **vigias** (evidentemente “sitiadores”) **vêm de uma terra remota**. Eles estão próximos para sitiar **as cidades de Judá**.

O profeta roga para o seu povo se arrepender, ressaltando os motivos do juízo vindouro. **O teu caminho e as tuas obras te trouxeram estas coisas** (18). Vocês não têm ninguém para acusar a não ser vocês mesmos, porque têm sido rebeldes **contra mim, diz o Senhor** (17). Sua sentença é **amargosa** (18), mas sua **iniquidade** tem se impregnado tanto no seu caráter que vocês estão apodrecidos no âmago do seu ser.

c) *O coração que ruge* (4.19-22). A essa altura, o profeta discerne com clareza inequívoca a calamidade e destruição que aguarda seu amado povo. Sua tristeza pelos pecados de Judá é tão grande que ele não consegue se conter e lamenta com amargo clamor. **Entranhas minhas, entranhas minhas! Estou ferido no meu coração** (19; melhor na NVI: “Ah, minha angústia, minha angústia! Eu me contorço de dor”). Com palavras doloridas, o profeta descreve o seu desgosto pela visão que recebe. Suas emoções parecem profundas demais para serem expressas em palavras, mas ele precisa falar: **Não me posso calar** (19). **Toda a terra está destruída** (20). **Tendas e cortinas** é uma expressão poética para “moradias”. **Até quando verei a bandeira** (“sinais de guerra”, Berkeley), **e ouvirei a voz da trombeta?** (21). Parece que isso vai além do que sentimentos e emoções humanas podem suportar.

Mas a verdadeira razão para a amargura e dor é encontrada no versículo **22:0 meu povo está louco [...] são filhos néscios** (insensatos) [...] **sábios são para mal fazer, mas para bem fazer**

nada sabem. Podemos sentir o desgastante desapontamento e perceber que o sofrimento do profeta surge da sua identificação com seu povo. O castigo deles é o seu castigo; o destino deles é o seu destino. Não se pode encontrar melhor figura de um verdadeiro profeta (pastor) em toda gama de escritos religiosos.

d) *A catástrofe cósmica* (4.23-26). Aqui está uma das passagens escatológicas mais

comoventes das Sagradas Escrituras. E quase como se o profeta estivesse olhando para um quadro, em que uma cena é formada de imediato, mas que um olhar mais atento revela profundezas que um olhar superficial não revela. Profundezas impressionantes! Jeremias parece enxergar através, e além, do momento da destruição de Judá e ver uma cena mais distante. Enquanto contempla o fim de Judá, parece que por um momento o profeta vê além, até a consumação de todas as coisas. Sua “conscientização do ‘final’ é radical e absoluta”.²³

Observei a terra, e, eis que estava assolada e vazia (23) — as coisas voltaram a ser semelhantes ao caos dos tempos primitivos em Gênesis 1.2 — **os céus [...] não tinham a sua luz. [...] Os montes [...] estavam tremendo** (24). **Vi que homem nenhum havia e que todas as aves do céu tinham fugido** (25). Moffatt traduz assim a última parte do versículo 24: “Todas as colinas estão oscilando”. Jeremias se encontra sozinho no universo. O fim havia se tornado como o início. Onde havia frutas e flores, há agora somente desolação e vazio — um verdadeiro **deserto** (26), e **todas as [...] cidades** desapareceram onde em certa época existiam cidades prósperas.

O **furor da ira** do Senhor (26) é que fez isso acontecer. O pecado do homem é tão grande que a terra foi devastada. O juízo divino fez o seu trabalho purificador. O ciclo da terra foi completado. Um final cataclísmico veio ao cosmos. A idéia não é nova entre os profetas, mas Jeremias viu em um lampejo de inspiração algo de que outros haviam falado. Ele nos transmite a sua visão.

Para Jeremias o momento logo passa e ele está de volta com o peso da situação de Judá em seu coração.

e) *“Acabou a brincadeira!”* (4.27-31). **Porque assim diz o Senhor: Toda esta ter- -ra será assolada** (27); o impacto da condição de Judá o aflige novamente, e ele percebe que a “brincadeira acabou” para o povo! O que ele reconhece em relação ao seu destino está claro o suficiente, mas ele percebe que o juízo de Deus está temperado com misericórdia: **de todo, porém, a não consumirei**. A palavra de misericórdia é uma característica constante dos profetas do Antigo Testamento! Eles são incorrigivelmente esperançosos! Eles vêem juízo, mas também vêem que os propósitos de um Deus inteligente se cumprirão! Além do juízo está a redenção.

Mas esse lampejo de bondade de Deus não toma o presente menos real. **Por isso, lamentará a terra, [...] assim o propus e não me arrependi nem me desviarei disso** (28). A execução do plano de Deus de julgamento será concluída. O pecado será castigado! **Fugiram todas as cidades; [...] todas as cidades** (i.e., de Judá) **ficaram desamparadas** (29). O inimigo terá feito a sua obra de destruição. Toda terra será assolada.

Mas, e quanto à capital, Jerusalém? A atenção agora se volta para ela. **Agora, pois, que farás, ó assolada?** (30). Jerusalém é retratada como uma mulher imoral que tentou evitar seu destino ao ornamentar-se com **carmesim** e **enfeites de ouro**, ao pintar seus olhos com um pó preto chamado **antimônio**. Ela havia se tomado uma prostituta mas tudo foi em vão. **Os amantes te desprezam e procuram tirar-te a vida**. Bajulação e encanto não serão suficientes. “A brincadeira acabou!”.

O profeta viu o fim da cidade. Ele sabe que o pecado, sendo consumado, gera a morte (Tg 1.15). Assim acontece com a cidade que se fez de prostituta. **Porquanto ouço uma voz como de mulher que está de parto** (31), e o grito é de alguém cuja agonia é insuportável. “É o grito da cidade de Sião, que está ofegante” (NVI). Ela **estende as mãos, dizendo: Oh! Ai de mim!** (31). Jerusalém está morrendo em meio a dores de parto.

2. A Acusação Empolada (5.1-31)

A ênfase do capítulo 4 recaiu sobre o inimigo do Norte; no capítulo 5, lemos acerca do inimigo interno. Encontramos aqui uma acusação terrível contra o povo de Jerusalém. Pode ser que o profeta esteja defendendo ou justificando Deus aos olhos do povo pelo castigo horrível que foi descrito no capítulo 4.

a) *A busca desesperada* (5.1-6). Deus envia Jeremias para fazer uma busca pela cidade a fim de encontrar um homem justo, **um homem que pratique a justiça ou busque a verdade; e eu lhe perdoarei** (1; i.e., a cidade). Esse incidente lembra a oração de Abraão por Sodoma (Gn 18.20ss). Embora os homens de Jerusalém pronunciassem palavras piedosas como **vive o Senhor** (2), que superficialmente poderia aparentar um reconhecimento da soberania de Deus, na realidade esses homens juravam falsamente, porque suas ações não condiziam com suas palavras. A busca de Jeremias é vã.

Depois da sua investigação o profeta responde ao Senhor: **Feriste-os, e não lhes doeu; [...] não quiseram receber a correção** (3). Eles não se desviaram dos seus maus caminhos, mas continuaram no seu pecado e **endureceram as suas faces mais do que uma rocha**. Então Jeremias parece ter se lembrado de que as pessoas que havia visto na sua busca eram os **pobres** (4). Esses eram ignorantes e **loucos**; talvez eles pudessem ser desculpados. Depois ele vai ao encontro dos **grandes** (5), a classe superior, porque esses certamente conhecerão **o caminho do Senhor**. Ele descobre que, embora conheçam o caminho, por causa da maldade do seu coração eles também **quebraram o jugo e romperam as ataduras**. Nenhum homem justo podia ser encontrado. Consequentemente, a cidade não podia ser poupada do juízo.

Jeremias afirma que, visto estarem as condições morais em um estado tão deplorável, não há nada que possa parar o ataque violento do inimigo. As pessoas estão tão desamparadas quanto animais domésticos de carga, que tendo quebrado seu **jugo** se encontram numa floresta de animais selvagens, como o **leão**, o **lobo** e o **leopardo**. **Suas transgressões se multiplicaram e**

multiplicaram-se as suas apostasias (6). A verdade é que quando as pessoas não têm contato com Deus, elas ficam sem defesas interiores, e acabam sendo vítimas de todo tipo de influência maligna do inimigo.

b) *A pergunta provocadora* (5.7-9). Deus agora faz uma pergunta a essas pessoas: **Como, vendo isso, te perdoaria?** (7). Foi Deus que as havia feito prosperar e suprido as suas necessidades; mas, em vez de serem gratas, essas pessoas abandonaram a Deus e juraram lealdade a ídolos que certamente não eram **deuses**. Na sua perversidade e rebelião elas **adulteraram e em casa de meretrizes se ajuntaram em bandos**. Isso, certamente, se refere à sua infidelidade a Deus e representa adultério espiritual. Também podia referir-se aos ritos impuros das religiões cananéias que praticavam a prostituição como parte do seu ritual.

Pela acusação de Jeremias, parece que os homens eram grosseiramente imorais. Ele os compara a “garanhões excitados” (RSV) rinchando para a mulher do seu próximo (8). A impiedade deles não conhecia limites. Com esse tipo de situação, o povo não tinha dado nenhum motivo para Deus perdoá-los. Por isso Ele clama: **Não se vingaria a minha alma de uma nação como esta?** (9). Não lhe resta outra alternativa senão castigá-los.

c) *O castigo severo* (5.10-14). Deus agora ordena que o pecado do seu povo caia sobre suas cabeças: “Vão por entre as vinhas e destruam-nas. [...] Cortem os seus ramos” (10, NVI). O hebraico aqui é de difícil interpretação, mas a tradução acima parece encaixar-se no contexto. O inimigo é ordenado a “assolar a vinha, i.e., Judá”,²⁴ só que o Senhor deixa claro: **não façais, porém, uma destruição final** (10). Evidentemente, a nação deverá ser cortada até o solo, onde permanecerá apenas o toco. Mais tarde, nova vida poderá recomeçar da raiz. Mas no momento atual, um castigo completo precisa ser cobrado. **Porque aleivosissimamente se houveram contra mim a casa de Israel e a casa de Judá** (11).

Na verdade, eles recusaram-se deliberadamente a acreditar nas admoestações do verdadeiro profeta de Deus, mas negaram

(mentiram; v. 12) acerca do Senhor, dizendo: “Ele não vai fazer nada” (NVI). **Nenhum mal nos sobrevirá; não veremos espada nem fome.** O povo acreditou nas palavras dos falsos profetas que haviam dito que não havia motivo para ficarem alarmados. Mas Jeremias disse: **Os profeta se farão como vento, porque a palavra de Deus não está com eles** (13). Suas predições falsas cairão sobre suas próprias cabeças.

Deus fala outra vez a Jeremias: **Eis que converterei as minhas palavras na tua boca em fogo, e a este povo, em lenha, e eles serão consumidos** (14). A “palavra de Deus” é cheia de energia divina e realiza grandes coisas; nesse caso, é um **fogo** que consome os ímpios. O castigo é severo, mas ele é justo.

d) *A nação devoradora (5.15-18).* Jeremias novamente fala da **nação** que deverá ser a vara na mão de Deus para castigar Judá. Sem dúvida, refere-se ao inimigo do norte. Sua descrição suscitaria medo no coração mais corajoso: **Eis que trarei sobre vós uma nação de longe [...] uma nação robusta [...] antiqüíssima [...] cuja língua ignorarás** (15). **A sua aljava é como uma sepultura aberta** (16), i.e., suas setas são mortais e seus soldados são guerreiros **valentes**. Quando essas pessoas vierem **comerão** (devorarão e destruirão) **a sega, o pão, os filhos e filhas, as ovelhas e vacas, a vide e a figueira** (17). As **cidade fortes**, que o povo acreditava serem invencíveis, ruirão diante dos seus olhares atônitos, e a **espada** fará a sua obra amedrontadora. A fúria do ataque poderia se comparar com a dos citas bárbaros, mas refere-se provavelmente aos caldeus, que também eram muito cruéis.

Seguem-se palavras de esperança: **Contudo, [...] não farei de vós uma destruição final** (18). Essas palavras agora quase se tornaram um refrão. Mas isso não está em conformidade com o Deus da Bíblia, que traz um raio de esperança na noite mais escura? Deus precisa castigar, mas Ele chora enquanto castiga.

e) *Os motivos para o castigo divino (5.19-31).* **Por que nos fez o Senhor [...] todas estas coisas?** (19), pergunta o povo. Deus não demora em apresentar os seus motivos. 1) Um coração apóstata é o

primeiro motivo: **vós me deixastes**. Essa alienação de Deus terminará na miséria do exílio, **em terra que não é vossa**. Cada coração apóstata conhece a miséria de uma terra estranha. O próximo motivo é 2) a estupidez espiritual: **ó povo louco e sem coração, que tendes olhos e não vedes, que tendes ouvidos e não ouvis** (21). 3) A falta de reverência a Deus é a ênfase dos versículos 22-25. **Não me temereis a mim? [...] não temereis diante de mim?** (22). O poder criativo de Deus no mundo deveria deixar os homens estonteados, mas eles estão cegos para esse aspecto. No versículo 22, somos lembrados de que o universo físico obedece a Deus, mas, com frequência, isso não ocorre entre os homens. “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” era um axioma muito conhecido em Judá. No entanto, esse povo não dava nenhuma reverência a Deus, mas tinha um **coração rebelde e pertinaz** (23). Além disso, 4) eles eram culpados de injustiça social; os **ímpios** ficam à espreita e **armam laços perniciosos** (26). Não havia limites para a sua impiedade; eles engordavam (ficavam ricos) ao pisotear os direitos **dos órfãos** e **dos necessitados** (28). 5) A perversidade religiosa é uma **coisa espantosa e horrenda** (30) que prevalece na terra. **Os profetas profetizam falsamente** (31). Essa perversidade tinha tomado conta dos **profetas**, dos **sacerdotes** e do **povo**. Cada camada da sociedade estava infestada com a podridão moral, e Deus disse tristemente: **o meu povo assim o deseja**. A expressão: **os sacerdotes dominam pelas mãos deles** (31) é traduzida por Moffatt da seguinte maneira: “Os sacerdotes governam de acordo com a autoridade deles [dos falsos profetas]”.

A acusação rude dessa seção termina com uma pergunta abrasadora: **que fareis no fim disso?** (31). A pergunta ressoa pelos montes e vales de Judá e ecoa pelas ruas de Jerusalém, mas de forma inútil. A estupidez espiritual e a perversidade moral já haviam realizado sua obra mortal; a nação havia “perdido todo o sentimento” (Ef 4.19).

3. O Inimigo que Avança (6.1-30)

Nessa seção, o profeta continua alternando entre uma descrição do juízo vindouro, a culpa de Judá e Jerusalém, e a dor do seu coração.

Devemos reconhecer que Jeremias via as coisas de uma perspectiva diferente da que o povo via. Por participar da assembléia de Deus, ele enxergava coisas que o povo não enxergava. Ao longo da sua carreira ele estava constantemente penetrando nos mistérios divinos, percebendo coisas da perspectiva de Deus. No entanto, visto que era finito, ele enxergava apenas parcialmente. O que Jeremias via era autêntico, mas ele nunca tinha uma visão completa da verdade ou da realidade diante dele. Esse é o caso de todos os profetas; eles somente podiam referir-se àquela parte da verdade que eram capazes de compreender (Cf. a posição de Paulo, 1 Co 13.12).

a) *Preparação para o cerco* (6.1-8). Com o avanço do inimigo do norte, Jeremias percebe que Jerusalém não será tomada imediatamente, mas que a cidade será sitiada. Em sua profunda preocupação pela vida humana, ele convoca o povo a sair da cidade: **Fugi [...] filhos de Benjamim** (1). A referência a **Benjamim** não é tão estranha assim quando lembramos que Jerusalém, ou pelo menos parte dela, pertencia à tribo de Benjamim.²⁵ **O facho sobre Bete-Haquerém** (lit. casa da vinha) aparentemente refere-se a um ponto elevado a alguns quilômetros de Jerusalém, usado para sinalização. **Tecoa** refere-se a uma pequena cidade²⁶ que ficava a cerca de vinte quilômetros ao sul de Jerusalém (veja mapa 2) onde o terreno montanhoso e as muitas cavernas ofereciam proteção para os que fugissem. Há um forte sentido de urgência nas palavras do profeta.

Jeremias descreve as preparações que serão feitas para sitiar a cidade. Os **pastores** (chefes ou generais) **levantarão contra ela tendas em redor** (3). Planos para tomar a cidade de surpresa são discutidos: primeiro, ao **meio-dia** (4), durante a “siesta”, mas, por alguma razão, esse plano não deu certo; então eles planejam ir **de noite** e destruir **os seus palácios** (5). Isso também parece falhar; então eles cortam **árvores** e levantam **tranqueiras contra Jerusalém** (6). A descrição das preparações do cerco é um aspecto característico dos assírios e caldeus durante esse período da história.

O que Jeremias viu através de uma visão profética ele agora usa para advertir **Jerusalém** acerca do seu destino, e para exortá-la em relação ao estado desesperador da sua vida moral e espiritual. **Esta é a cidade que há de ser visitada** (cercada, 6), porque “como um poço **[fonte]** mantém sua água fresca, assim ela mantém sua maldade fresca” (7, RSV). É característico da natureza pecaminosa de Judá vomitar constantemente mais iniquidade. Mais tarde, Jeremias vai dar continuidade a esse pensamento e dizer que, tanto para as nações quanto para os indivíduos, é necessário a limpeza e a transformação espiritual para que se mude o destino das suas vidas. **Só opressão há no meio dela.** A cidade está moralmente corrupta; por isso ouve-se que nela há **violência e estrago**; ela está cheia de **enfermidade e feridas** (7); não tem como ela produzir outra coisa.

No versículo 8, Jeremias deixa de retratar a calamidade que está chegando, para exortar Judá a fazer algo construtivo acerca da sua vida moral e espiritual: **Corrige-te, ó Jerusalém [...] para que não te tome em assolação** (8).

b) *O castigo será completo (6.9-15).* O versículo 9 tem sido interpretado de diversas maneiras.²⁷ Uma coisa acerca da passagem é certa: Judá é semelhante a uma vinha. **Diligentemente, respigarão (9)** parece referir-se ao inimigo como o **vindimador** (aquele que colhe as uvas). O respigar de Judá parece referir-se ao castigo completo que está vindo sobre o povo. O pecado de Judá é tão desesperador que Jeremias, com frequência pedindo a Deus em favor do seu povo, se encontra gritando: **Estou cheio do furor do Senhor; estou cansado de o conter** (11). A depravação é tão grande, e a podridão moral é tão vil, que os pecados de Judá literalmente clamam por punição. Ninguém será poupado! Todas as idades e ambos os sexos, e cada camada da sociedade, do **menor deles** (mais pobre) **até ao maior** (mais rico; 13) são culpados e maduros para o castigo.

Quais então são os pecados de Judá que o tornam tão flagrantemente culpado? O profeta não mede as palavras. A nação de Judá está espiritualmente surda: **seus ouvidos estão incircuncisos (10).** **Apalavra do Senhor** é objeto de vergonha e escárnio. A mensagem do

profeta é um incômodo frustrante que interfere com os desejos deles, por isso eles fecham seus ouvidos e recusam-se a ouvir. **Estenderei a mão** (12) significa: “Exercerei o meu poder”. **O povo se dá à avareza** (13), ganancioso por ganhos materiais, e não se importa como obtém a gratificação dos seus desejos.

O profeta e o sacerdote não são melhores do que o povo: **cada um usa de falsidade**. Na realidade, esses “pecadores religiosos” são os piores de todos. Eles apregoaram aquilo que não é verdade, dizendo: **Paz, paz; quando não há paz** (14). Em vez de curar **a ferida** da nação, eles embalaram o povo para dormir com um falso sentimento de segurança. Porventura esses profetas e sacerdotes **envergonham-se de cometer abo-minação? Pelo contrário, de maneira nenhuma se envergonham** (15). Eles se tornaram tão sem-vergonhas em seu pecado que “nem mesmo sabem corar” (NVI; cf. Ef 4.19). Para eles, bem como para os outros, o castigo será completo; **cairão** e não haverá ninguém para ajudá-los.

c) *Prescrição para o livramento* (6.16-21). No estilo verdadeiramente profético, o coração desejoso de Jeremias sente-se compelido a prescrever um remédio para as enfermidades de Judá. Ele aponta uma saída para a escuridão! **Perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para a vossa alma** (16). O profeta está se referindo ao caminho antigo no qual Israel tinha seguido o Senhor sob a liderança de Moisés (2.1ss). Foi um relacionamento de aliança — Deus e Israel vivendo juntos em comunhão santa e amor mútuo. As pessoas nos tempos de Jeremias entendiam o que ele estava falando. Eles conheciam as **veredas antigas e o bom caminho**. Era um bom caminho, não porque era velho, mas porque era o caminho certo — o caminho de Deus. Caminhar nas **veredas antigas** sempre trouxe descanso de alma à nação. Mas os obstinados e teimosos de Judá rejeitaram a saída da sua situação difícil ao dizer: **Não andaremos**.

Novamente, Jeremias tenta mexer com o povo ao lembrá-lo das muitas vezes em que Deus tinha enviado **atalaias** (profetas) que haviam soado a **buzina** (trombeta, 17) da advertência e instrução. Ele inferiu que se o povo o ouvisse ainda haveria ajuda e esperança para a

nação. Mas eles continuaram rebeldemente dizendo: **Não escutaremos.**

O profeta agora altera o curso e faz um apelo triplo. Ele pede que as **nações**, a **congregação**²⁸ de Israel (18) e a **terra** (19) percebam que Judá tinha rejeitado a **lei** de Deus e desdenhosamente recusado a prestar atenção às suas **palavras**. **O fruto dos seus pensamentos** significa seus estratagemas.

Apesar desses pecados graves a nação era formalmente religiosa. Eles multiplicavam suas ofertas e rituais com liberalidade. Não contentes com as **veredas antigas**, eles tinham maquinado algumas idéias religiosas novas por conta própria. Mas Deus pergunta acerca dessas práticas ilícitas: **Para que, pois, me virá o incenso de Sabá e a melhor cana aromática de terras remotas?** (20).²⁹ Deus diz: Seus novos caminhos de adoração **não me agradam, nem me são suaves os vossos sacrifícios**. Sacrifícios e cerimônias religiosas são repugnantes a Deus, a não ser que venham acompanhados de um viver justo. **Este povo**, diz o Senhor, tropeçará e perecerá (21).

Em contraste com o pano de fundo do pecado e da desobediência de Israel, lemos no versículo 16 acerca do “Bom Conselho de Deus” para os homens que estão longe do caminho da vida. 1) Procure **pelas veredas antigas** — as verdades eternas de Deus. 2) Pergunte pelo **bom caminho** — o caminho da justiça. 3) **Andai por ele** — aja de acordo com o melhor que você sabe. 4) **E achareis descanso para a vossa alma** (A. F. Harper).

d) *Lamentações dolorosas* (6.22-26). Jeremias se volta novamente para o inimigo que **vem da terra do Norte** (22) e descreve esse **povo** como **uma grande nação** que se **levantará das bandas** (“desde os confins”, NVI) **da terra**. Eles são incitados por Deus para castigar Judá por causa do seu pecado. Eles têm um exército amedrontador. Eles são especialistas com o **arco** e a **lança; eles são cruéis e não usarão de misericórdia** (23). O som da sua vinda é semelhante ao rugir do **mar**. Eles estão marchando em direção a Judá prontos para a batalha.

Jeremias vê o resultado da vinda deles. A **fama** desse povo amedrontador é tal que os homens de Judá ficarão paralisados de medo; as suas **mãos [...] afrouxaram-se** (amoleceram); a **angústia** tomou conta deles, como as **dores** de uma **parturiente** (24).

Há lamentação na cidade. Além disso, o perigo é tão grande que ninguém se atreve a sair da cidade para o **campo**, ou andar **pelo caminho**, com medo da **espada** (25). Consternação e terror estão “por todos os lados” (NVI). Jeremias clama para o povo colocar suas vestes de lamento, porque o dia que está vindo é de grande pranto. **Revolve-te na cinza e pranteia o pranto de amarguras; porque presto virá o destruidor sobre nós** (26). Podemos sentir a pulsação da dor no coração do homem de Deus enquanto transmite ao seu povo o que vê no futuro próximo.

e) *Submetido à prova* (6.27-30). O texto hebraico desses versículos é de difícil interpretação, e as metáforas estão mescladas, mas o significado geral é razoavelmente claro. Deus diz a Jeremias: **Por torre de guarda** (“examinador de metais”, Berkeley) **te pus entre o meu povo, por fortaleza** (“provador”, NVI), **para que soubesses e examinasses o seu caminho** (27). Judá é submetido à prova por um processo de refinamento severo. Mas, os seres humanos não são como o minério da terra; eles têm vontade própria. Embora **o fole se queimou** (29, sopra furiosamente) e embora **o chumbo**, o agente oxidante, que tira a impureza, se fundiu de maneira apropriada, o trabalho é **vão. Todos eles são os mais rebeldes** (28); eles rejeitam o processo refinador, e **os maus** (29) permanecem no controle da nação. Deus submeteu o povo à prova, e o processo de refinamento falhou. Os homens de Judá são a escória destinada ao monturo de refugo. **Prata rejeitada lhes chamarão** (30). Por não reagirem positivamente ao processo transformador, **o** Senhor os **rejeitou**.

Três verdades de juízo se destacam claramente: 1) O povo rejeita a Deus, versículos 27-29.2) Deus, conseqüentemente, rejeita o povo, versículo 30b. 3) O que Deus rejeita, os homens consideram depravado, versículo 30a (G. C. Morgan).

D. O Sermão do Templo, 7.1—8.3

Há uma quebra entre o capítulo 7 e os capítulos precedentes. O tema continua o mesmo, mas novas informações nos são apresentadas a respeito do profeta. Como pano de fundo do sermão está a atitude do povo em relação ao sistema de ofertas e o Templo. Jeremias revelou que havia algo tragicamente errado com a religião hebraica dos seus dias. Fica claro que o que falta é o que está no âmago da dificuldade de Judá. Assim, o sermão do Templo marca um importante ponto na carreira de Jeremias, porque ele coloca seu dedo no nervo religioso mais sensível da nação.

Os estudiosos têm debatido a relação entre os capítulos 7 e 26. Alguns acreditam que o capítulo 26 apresenta os resultados do sermão no capítulo 7 e prova, sem dúvida alguma, que o sermão aqui foi anunciado no primeiro ano de Jeoaquim (608 a.C.). Outros estão igualmente seguros de que o sermão foi pronunciado nos últimos anos de Josias, e que Jeremias repetiu os sentimentos em uma data posterior, no capítulo 26. Há bons argumentos a favor das duas posições, mas a primeira parece mais convincente.

1. *As Desilusões de uma Consciência Endurecida* (7.1-15)

Deus comissionou Jeremias a proferir uma mensagem para o povo de Judá à porta do Templo. **Ouvi a palavra do** Senhor, **todos de Judá** (2) sugere que a ocasião era uma festa religiosa nacional, uma em que todo o reino participava.

O profeta primeiro roga ao povo para melhorar os seus **caminhos** (3), i.e., para ser genuíno e sincero no seu arrependimento. Ele então esboça o que isso significava na prática: **Não vos fieis em palavras falsas** (4), sejam justos uns com os outros, **não oprimam o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramem sangue inocente, nem andem após outros deuses** (6). Seu tom é conciliatório e encorajador. O resultado: eles permaneceriam **na terra** e habitariam em paz (7). Jeremias assegura ao povo que os pensamentos de Deus em relação a eles são bons.

No entanto, à medida que o profeta apregoa o seu sermão muda seu tom quando lembra a nação dos seus pecados. **Eis que vós confiais**

em palavras falsas (8). [...] Furtareis vós, e matareis, e cometereis adultério [...] e andareis após outros deuses (9). Depois de ter quebrado a lei de Deus eles tiveram a audácia de vir ao Templo — **esta casa, que se chama pelo meu nome (11)** — e dizer: “Estamos seguros!”, seguros para continuar com todas essas práticas repugnantes” (19, NVI). Eles estavam na verdade fazendo da casa de Deus **uma caverna de salteadores (11; veja Mt 21.13; et al.)**. Eles também estavam trabalhando com a desilusão de que, visto que o Templo era o lugar de moradia de Deus, Ele nunca permitiria que o Templo fosse violado; portanto a nação estava segura. Eles achavam que podiam dizer: **Templo do Senhor, templo do Senhor (4)**, e com essa fórmula mágica proteger-se de qualquer tipo de desastre. **Eis que vós confiais em palavras falsas (8)** — sugere que os falsos profetas tinham colocado essas idéias na mente do povo. Essas noções, no entanto, são as ilusões de uma consciência endurecida, e o tipo mais vil de superstição religiosa.

Retrocedendo na história de Israel, Jeremias os lembra de **Siló, onde, no princípio, fiz habitar o meu nome (12)**. Siló tinha sido um lugar de adoração durante o período dos juizes, mas quando o povo fez da arca um fetiche (1 Sm 4.34ss), a vila foi

destruída. Deus disse: **Vede o que lhe fiz (a Siló), por causa da maldade do meu povo. [...] Farei também a esta casa (o Templo) [...] como fiz a Siló (12,14)**.

Com essa predição, Jeremias tocou no nervo mais sensível da vida religiosa do povo. Eles reagiram (veja o cap. 26) com ressentimento e ira, porque Jeremias expôs sua auto-ilusão e sua pobreza moral. Para satisfazer seus próprios desejos depravados, o povo foi tentado a fazer uma imagem de Deus, e reduziram os preceitos morais dele a ilusões supersticiosas. Aqui está uma tendência inerente da natureza caída do homem (Rm 1.22ss).

Deus declarou: Vocês não estão seguros como acham que estão. Eu **vos arrojarei da minha presença, como arrojé a todos os vossos irmãos [...] de Efraim (15)**. Essa referência aqui é ao exílio do Reino do Norte, que já havia acontecido (721 a.C.), e também é

uma predição clara do exílio de Judá. A auto-ilusão sempre termina em tragédia e desolação (cf. Mt 23).

2. *Proibido de Interceder* (7.16-20)

Era necessária uma coragem incomum para uma pessoa sensível como Jeremias proclamar uma mensagem tão devastadora. Ele involuntariamente começa a clamar em oração em favor da sua amada nação, mas Deus o proíbe de interceder: **Tu, pois, não ores por este povo, nem levantes por ele clamor ou oração (16).**

Deus ainda não tinha acabado com a sua acusação contra o seu povo, e a revelação também não tinha terminado. **Não vês tu o que andam fazendo nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém? (17). Os filhos [...] os pais [...] as mulheres amassam a farinha, para fazerem bolos à deusa chamada Rainha dos Céus (18).** O povo tinha se tomado completamente descarado em seu pecado, a ponto de estar oferecendo sacrifícios a **outros deuses** abertamente nas ruas. **A Rainha dos Céus** evidentemente refere-se a Ishtar, a deusa de um ritual de fertilidade babilônico que havia sido importada por Judá. Ela é mencionada aqui para indicar a profundidade do pecado em que o povo havia caído. O ponto a que o povo havia chegado marca o início do fim dessa nação. Deus declarou: **Eis que a minha ira e o meu furor se derramarão sobre este lugar (20);** uma perversidade como essa não pode passar impune.

3. *Obedecer é Melhor do que Sacrificar*³⁰ (7.21-28)

Em seguida, Jeremias ataca o uso errado do ritual religioso. Ele deixa claro que a cerimônia religiosa sem o conteúdo ético é vazia. Se os sacrifícios não reforçavam ou fortaleciam a moralidade da nação, não tinham valor algum. Isso vale para todo ritualismo na religião. A menos que a cerimônia religiosa formal (ou a cerimônia religiosa informal) reforce a moralidade e o viver santo, ela é um esforço despendido em vão.

Há um sarcasmo nas palavras de Jeremias: **Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios, e comei carne (21).** Ele está

dizendo: Vocês podem juntar seus **holocaustos** (que eram completamente devotados a Deus, e que ninguém deveria comer) com suas ofertas pacíficas (que era comidas pelos adoradores) e comê-los. Diante de tais circunstâncias seus sacrifícios não tinham valor religioso; eram apenas mera formalidade.

O versículo 22 tem sido interpretado de várias maneiras.³¹ De modo superficial, há uma dificuldade em conciliar nesse versículo a história hebraica com a prática religiosa. No entanto, quando o lemos no seu contexto, percebemos que ele simplesmente significa

que a ordem principal de Deus não tratava de **holocaustos** ou **sacrifícios** quando tirou o povo **da terra do Egito** (21-22). A ênfase principal naquela época foi: “Obedeçam à minha voz; então serei o seu Deus e vocês serão o meu povo” (lit.). As exigências morais de Deus sempre são importantes. O sistema sacrificial foi instituído com o propósito de promover a obediência moral e tornar Deus um fator real na vida do povo.

Em vez de obedecer às exigências morais de Deus, o povo começou a caminhar **nos seus próprios conselhos** (teimosia), **no propósito do seu coração malvado** (24) e tornou-se ainda mais perverso e pecador. Quando falharam em aprender do sistema sacrificial, Deus instituiu o ofício da profecia. Os profetas eram comissionados para auxiliar o povo no cumprimento dos requerimentos da lei que tinham sido dados no monte Sinai. O povo agora tinha uma ajuda dupla: as lições práticas no viver santo apresentadas pelo sistema sacrificial e a pregação dos profetas. Moffatt interpreta **todos os dias madrugando e enviando-os** (25) como indicando a profunda preocupação de Deus: “Tenho enviado a vocês todos os meus servos, os profetas, zelosa e sinceramente”. Ao invés de ouvir a uma dessas “mediações de ajuda”, eles **não me deram ouvidos, nem inclinaram os ouvidos, mas [...] fizeram pior do que seus pais** (26). Eles **endureceram a sua cerviz**, i.e., se tomaram mais teimosos. Agora Deus cuida para que não dêem **ouvidos** nem respondam (27) quando Jeremias lhes falar. Por conseguinte, o profeta deve transmitir o seguinte veredicto: **Uma gente é esta que**

não dá ouvidos à voz do SENHOR, [...] e não aceita a correção (28). Agora a única coisa que os aguarda é juízo e destruição.

4. A Ironia da Retribuição do Pecado (7.29—8.3)

Corta o cabelo da tua cabeça (29) parece ser dirigido à filha de Sião, i.e., Jerusalém, visto que o verbo está no feminino. O restante do versículo indica que o corte de cabelo é um ato de pranto e luto. Esse ato pode se referir ao cabelo dos nazireus, que era um símbolo da sua consagração a Deus. **Jerusalém**, como cidade, era considerada “um nazireu para Deus, que precisa agora cortar seu cabelo e ser profanada, degradada e separada de Deus”.³² **O Senhor rejeitou e desamparou a geração do seu furor** — “a raça que o suscitou à ira” (Smith-Goodspeed); havia, portanto, amplo motivo para prantear.

Jeremias apresenta diversos motivos que justificam o pranto de Jerusalém, a) Judá tinha se tornado tão pecaminoso e irreverente que **puseram as suas abominações** (i.e., ídolos) **na casa** (30) do Senhor, e profanaram esse lugar santo, b) Eles também tinham levantado um santuário ao deus Moloque (2 Rs 21.5) **no vale do filho de Hinom** (31), e ali haviam realizado sacrifícios humanos — uma coisa tão detestável aos olhos de Deus que Ele declarou: Isso “jamais me veio à mente” (NVI). Embora o lugar fosse chamado de **Tofete**, agora seria chamado de **o vale da Matança** (32), visto que muitos morreriam lá na futura destruição de Jerusalém. O lugar onde tinham praticado uma perversidade tão vulgar se tornaria o túmulo deles. Essa é a ironia do pecado, c) Um outro motivo para pranto era a predição de que no dia do juízo a matança seria tamanha que muitos corpos deixariam de ser enterrados e serviriam de comida para os pássaros e **animais [...] e ninguém os espantará** (afugentará; 33). Não havia indignidade maior para um hebreu do que deixar seu corpo morto (cadáver) exposto ao relento. d) Além disso, chegaria o tempo em que **a voz do folgado [...] da alegria, e a voz de esposo e [...] esposa** (34; “do noivo e da noiva”, NVT) não seriam mais ouvidos. A terra seria

completamente despovoada; não haveria nada além do silêncio da morte, e) A profanação dos túmulos dos nobres mortos era o ápice do

sofrimento de Judá. **Os ossos dos reis [...] príncipes [...] sacerdotes** e falsos **profetas** serão espalhados perante os corpos celestiais **diante de quem se tinham prostrado e serão como esterco sobre a face da terra** (8.1-2). f) Quanto aos que escaparem da destruição na captura da cidade e que forem para o exílio, o destino deles será tão terrível que com prazer teriam escolhido **a morte do que a vida** (3).

E. Oráculos Diversos, 8.4—10.25

Os oráculos não datados a seguir são de extensão variada e parecem não estar em uma seqüência lógica em relação àqueles que os precedem ou sucedem. No entanto, esses oráculos apresentam o mesmo tema geral — a denúncia da casa de Jacó para o juízo. Sua posição aqui apóia a hipótese de que a profecia de Jeremias foi compilada topicamente em vez de cronologicamente. Quase toda a seção está em forma poética (cf. Moffatt e NVI).

1. *O desnatural Pecado de Judá*³³ (8.4-7)

O Senhor lamenta a inexplicável conduta de Judá. “Quando os homens caem, não se levantam mais? Quando alguém se desvia do caminho, não retorna a ele?” (4, NVI). Contudo, **este povo** se desvia **com uma apostasia contínua** (5), e ninguém se arrepende **da sua maldade** (6). Eles são tão obstinados e teimosos que avançam impetuosa-mente em direção ao pecado como um cavalo se lança na batalha. Nada os faz mudar de curso. Eles estão presos na sua maneira habitual de pecar. **A cegonha no céu [...] e a rola** (7) infalivelmente obedecem a seus instintos naturais, cumprindo seu destino. Por outro lado, o povo de Deus “não obedece à lei da sua natureza”,³⁴ mas está constantemente contrariando o propósito divino. Essas pessoas fizeram a coisa errada por tanto tempo que ela parece certa. Elas parecem não reconhecer mais as ordenanças divinas, embora a lei de Deus esteja escrita em cada nervo do seu ser.

2. *O Destino da Auto-ilusão* (8.8-13)

Deus agora acusa o povo de se auto-iludir, achando que são **sábios**

(8). Ele culpa os seus líderes religiosos. A **falsa pena dos escribas** transformou **a lei** em uma mentira. **O profeta** e o **sacerdote** usam de **falsidade (10)**, dizendo: **Paz, paz, quando não há paz (11)**. Embora o povo alegue ser sábio, esse não é o caso, porque tanto o povo quanto seus líderes **rejeitaram a palavra do Senhor (9)**. Portanto, **que sabedoria** eles **teriam?** Esses chamados **sábios**, diz Deus, ficarão **espantados** e serão **presos**, e **suas mulheres** (e **herdades**) serão dadas **a outros (10)**. Eles tinham se tornado tão endurecidos em sua auto-ilusão que quando suas abominações foram trazidas à tona, **de maneira nenhuma se envergonharam (12; veja o comentário acerca de 6.13-15)**. Além disso, Deus continua dizendo: Judá é semelhante a uma **vide** ou uma **figueira** imprestável (13) que não dá frutos; mesmo suas folhas murcharão e cairão. A outrora fruta fina e folhagem frondosa, i.e., o Reino do Sul, **certamente** será consumida. Eles rejeitaram **a lei do Senhor (8)**, quando deveriam ter meditado nela de dia e de noite (SI 1), e agora o povo e seus líderes religiosos **cairão (12)** e não haverá ninguém para ajudá-los.

1

A Desnatural Ingratidão de Israel (2.9-13)

Apesar da ingratidão de Israel, Deus não desistiu da nação delinqüente. **Portanto, ainda pleitearei** (lit., lutarei ou discutirei) **convosco (9)**, i.e., para fazê-los voltar. A apostasia de Israel é, na verdade, uma coisa desconcertante. A luz de todas as anteriores

2

A Impudência de Judá (2.26—3.5)

A transgressão irrestrita acaba levando a um estado de impudência (falta de vergonha) onde o indivíduo é *incapaz de se importar*. Isso agora pode ser visto em relação ao destino de Judá. Embora apanhado no seu pecado como um **ladrão** e envergonhado por causa da sua conduta, seus **reis [...] príncipes [...] e os seus profetas (26)** continuam praticando a prostituição espiritual. Eles dizem **ao pedaço de madeira** (uma árvore ou ídolo de madeira): **Tu és meu**

pai; e à pedra (ídolo): Tu me geraste (27). Eles desde-nhosamente **viraram as costas** para o Senhor a fim de fazerem o que bem lhes apraz; no entanto, quando aparece a dificuldade, sem o menor constrangimento voltam-se novamente para o Senhor e clamam por sua ajuda. Isso revela a completa irracionalidade do pecado, e Deus os repreende: **Onde, pois, estão os teus deuses, que fizeste para ti? Que se levantem, se te podem livrar (28).** Não havia falta desses deuses, porque cada cidade tinha pelo menos um deus. Quando o castigo continuava, eles se voltam na sua miséria e reclamam contra Deus como se não tivessem cometido nenhum pecado, e tivessem todo direito de esperar sua ajuda.

Apesar do fato de Deus permitir o sofrimento para afastá-los do seu pecado, eles não aprenderam da sua experiência. **Eles não aceitaram a correção (30),** mas mataram os verdadeiros profetas com a **espada,** na sua loucura em servir outros deuses. Deus

3. *Não Há Escape* (8.14-17)

Nesse parágrafo, o povo da região campestre está com a palavra. Eles reconhecem o perigo de forma mais intensa do que as pessoas da cidade. Mesmo assim, parecem perceber que embora fujam para as **idades fortes** (14) serão **calados** ali. A palavra para **calados**, na verdade, significa o silêncio da morte. **Agua de fel** pode se referir à água amarga e envenenada. Embora esperem pela **paz**, nada de bom acontece; embora aguardem cura, haverá somente o **terror** (15). O inimigo já está próximo. O **resfolegar dos seus cavalos** é ouvido **desde Dã**, a fronteira ao norte de Judá. Eles **vêm e devoram a terra** (16). A calamidade vindoura é tão certa que o profeta fala como se já tivesse acontecido. O inimigo é comparado a **serpentes e basiliscos** (víboras; 17) **contra os quais não há encantamento** e que **morderão** e devorarão a terra.

4. *O Gemido de Desespero* (8.18—9.1)

O que o profeta vê é tão atormentador e tão inevitável que, quando procura consolar-se em relação ao destino da sua terra amada, seu coração desfalece. Ele parece ouvir o povo como se já estivesse no exílio, clamando em consternação: **Não está o Senhor em Sião? Não está nela o seu Rei?** (19). Deus responde suas perguntas imediatamente: **Por que me provocaram à ira?**

Conhecendo o verdadeiro estado das coisas, o profeta clama com grande lamento: **Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos** (20). Encontramos três coisas nesse texto: 1) O reconhecimento da oportunidade. 2) A confissão da negligência. 3) O pressentimento da destruição (Lange, p. 108).

Mas Jeremias ainda não terminou o seu lamento: **Estou quebrantado pela ferida [...] do meu povo; [...] o espanto** (“confusão”, Berkeley) **se apoderou de mim** (21). **Ando de luto**. Podemos sentir a profunda dor no coração do profeta quando ele volta a se expressar: **Porventura, não há ungüento** (bálsamo) **em Gileade?** (22). A resposta esperada é: Sim. Gileade era conhecida, de

longa data, pelo bálsamo feito da resina da almecegueira. **Não há lá médico?** Novamente, a resposta esperada é: Sim. Visto que há um **médico** por perto, e um remédio à mão, **por que, pois,** não há cura? Só existe uma resposta. O povo não buscou a ajuda do Médico. Eles não procuraram o remédio. Eles negligenciaram a única fonte segura de ajuda. Negligentes, cegos e teimosos, eles se precipitam impetuosamente em direção ao precipício da ruína. O coração de pastor do profeta se quebra sob o peso do sofrimento, e o grito compassivo irrompe dos seus lábios: **Prouvera a Deus a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos, em uma fonte de lágrimas** (9.1). E esse tipo de lamentação que rendeu a Jeremias o título de “o profeta chorão”.

5. *A Dor de um Coração Amoroso* (9.2-22)

Há uma conexão estreita entre o final do capítulo 8 e o início do capítulo 9. O coração quebrantado do profeta afogou-se em uma tristeza profunda e irreconciliável em relação ao destino do seu povo. Ele também está angustiado com o seu isolamento crescente. Ninguém o entende; ele é evitado por alguns e insultado por outros (11.21ss). Ele está tão dominado pela dor que deseja voar para longe, para **uma estalagem de caminhantes no deserto** (2). (Ele expressou o sentimento de muitos profetas cansados de dias posteriores!) Visto ser impossível ir embora, ele expressa seu pesar em uma série de lamentos. Esses lamentos, às vezes, parecem vingativos, mas isso é apenas aparente, porque no fundo eles expressam a tristeza de um coração amoroso.

a) *O povo infiel* (9.2-8). Jeremias recebe agora discernimento sobre a vida íntima do povo. O que vê o enche de grande tristeza. Toda nação tem caminhado na mesma direção — **todos eles são adúlteros, são um bando de aleivosos** (2). Seu engano toma diversas formas. Eles são **adúlteros** espirituais, sim, mas eles também são culpados de adultério físico (cf. 5.7-8). Eles também são culpados de falsidade; eles **estendem a língua, como se fosse o seu arco para a mentira** (3). Ninguém pode confiar no seu próximo, **porque todo irmão não faz mais do que enganar** (4). A palavra hebraica para **enganar** é a mesma usada para “Jacó”, e a referência é ao ato enganoso de Jacó

para com o seu irmão, Esaú (Gn 27.5ss). “Os descendentes são como seus antepassados, cada um engana (Jacó) seu irmão”.³⁵

Ensinam a sua língua a falar a mentira; andam-se cansando em obrar perversamente (“eles se cansam de tanto pecar”, NVI; v. 5). Eles habitam **no meio do engano** e recusam-se em conhecer ao Senhor (6). Sua maldade é obstinada e deliberada. Eles são especialmente traiçoeiros com suas línguas (cf. Tg 3.5ss), expressando uma benevolência aparente ao próximo, enquanto no seu interior, planejam sua ruína.

b) *A assolação vindoura* (9.9-11). Um outro motivo para a aflição de Jeremias se origina na assolação que ele sabe que está vindo sobre o país, especialmente sobre Jerusalém. Tudo será devastado.

Levantarei choro e pranto, clama o profeta, porque as **pastagens [...] já estão queimadas, [...] ninguém passa por elas; [...] as aves e os animais já se foram** (10). Ele então descreve Jerusalém como uma cidade que está deitada em **montões**, i.e., em ruínas, **morada de dragões** (chacais); e as **idades de Judá** estão assoladas e **desabitadas** (11). Essa profecia foi cumprida em 586 a.C., quando a cidade foi transformada em um monturo.

c) *A falta de entendimento* (9.12-16). O profeta lamenta a loucura espiritual do povo. Um **homem sábio** teria feito algumas perguntas: **Por que razão pereceu a terra e se queimou**, de sorte que **ninguém passa por ela?** (12). Uma pessoa com discernimento teria prontamente percebido o motivo: **Porque deixaram a minha lei e andaram após o propósito (teimosia) do seu coração** (13-14). Uma pessoa sábia teria prestado atenção e percebido que esse tipo de conduta resultaria em tristeza e tragédia: **Eis que darei de comer alosna** (“absinto”, ABA; “comida amarga”, NVI) **a este povo e lhe darei a beber água de fel. E os espalharei entre nações** (15-16). Desde o tempo de Jeremias a expressão “alosna e fel” tem sido usada para caracterizar extrema aflição e tristeza. A referência a espalhá-los entre as nações é uma predição do exílio. Judá deveria ter aprendido com a queda de Israel, mas claramente não aprendeu nada. Jeremias chora porque ninguém discerne o destino da nação. Ele

insiste em que, se tivessem conhecido o caráter de Deus, teriam percebido “os sinais dos tempos”.

d) *A impiedosa colheita da morte* (9.17-22). Deus fala novamente com o profeta, e suas palavras são motivo para uma nova erupção de aflição. A mensagem é tão importante que Jeremias sente-se impelido a chamar as pranteadoras profissionais. As **mulheres sábias** (hábeis) são as **carpideiras**. Esse é um exemplo da estrutura paralela da poesia hebraica. As mulheres são chamadas para que **levantem o seu lamento** a fim de encorajar o povo de Jerusalém a chorar pela cidade: que **as nossas pálpebras destilem águas (17-18)**. O clamor se intensifica: **Como estamos arruinados! (19)** As possessões têm sido devastadas e o exílio chegou; “eles [os inimigos] derrubaram nossas moradas” (lit.).

Mas existe um motivo ainda maior para estar aflito do que a perda de posses. E, para isso, a lamentação profissional contratada não é suficiente. As mulheres de Judá não deveriam apenas lamentar, mas ensinar (2) uma canção triste às suas **filhas, e cada uma, à sua companheira. A morte subiu pelas nossas janelas e em nossos palácios**, e nossas **crianças e jovens** (21) se foram. A morte apareceu de uma maneira súbita e inesperada, e não há nenhuma segurança contra ela. Aqui está um motivo para realmente chorar. Os corpos **dos homens jazerão** (22) no **campo** como **gavela** (feixes) **atrás do segador** (ceifeiro); **não há quem a recolha**, i.e., eles não terão um enterro próprio, mas seus **cadáveres** serão tratados como **esterco**. A morte é personificada aqui como alguém que corta os moradores da terra da forma como um ceifeiro corta o trigo. A idéia da morte como um “Ceifeiro inflexível” evidentemente se origina desse texto.³⁶

6. *Sabedoria — a Falsa e a Verdadeira* (9.23-24)

A primeira vista, esses versículos parecem ter pouca relação com o que vem antes e, mesmo assim, são apropriados. Eles poderiam muito bem descrever a única maneira de escapar da destruição futura. Esses versículos certamente traçam um contraste entre a segurança falsa e a genuína. Eles também contrastam a sabedoria dos homens com

a sabedoria de Deus. Os homens dos dias de Jeremias, como os homens de qualquer época, se vangloriavam “da sabedoria humana (cultura), do poder militar (habilidade técnica) e da prosperidade material (abundância econômica)”.³⁷ Na verdade, esse é o grau mais elevado de loucura, porque essas coisas são passageiras e não oferecem nenhuma base sólida de segurança. Portanto, **não se glorie o sábio na sua sabedoria** (23).

Por outro lado, a única base real de sabedoria e felicidade consiste em conhecer a Deus. Entende-se melhor o caráter de Deus ao observar o que Ele ama, e como lida com os homens. Ele tem prazer em fazer **beneficência** (favor gracioso, amor imutável), **juízo** (equidade, integridade, imparcialidade) e **justiça** (retidão; 24) **na terra**. Essas coisas formam a base da verdadeira sabedoria. **Justiça** (*tzedek*), **juízo** (*mishpat*), e **beneficência** (*hesed*) são o grande triunvirato do Antigo Testamento. Sobre essa base o indivíduo ou nação pode construir com segurança. Sem esses aspectos o maior e mais forte é desesperadamente fraco.

7. O Castigo dos Incircuncisos (9.25-26)

O hebraico desse pequeno oráculo é de difícil interpretação, e os estudiosos o têm traduzido de diversas formas,³⁸ mas o significado é razoavelmente claro. Jeremias está ressaltando a primazia da religião interior em contraste com a conformidade exterior às práticas religiosas. Jeremias precede o apóstolo Paulo aqui ao citar Deus dizendo: **Eis que vêm dias, [...] em que visitarei a todo circuncidado com o incircunciso** (25); i.e., “a circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é, mas, sim, a observância dos mandamentos de Deus” (1 Co 7.19). Quer **Egito** ou **Edom**,³⁹ ou mesmo **Judá**, pratique a circun-

cisão ou não, isso não faria diferença, porque o destino do incircunciso **de coração** será o mesmo do incircunciso na carne. Portanto, a circuncisão (na carne) do judeu será tratada como incircuncisão, a não ser que uma “circuncisão interior” seja conseqüência de um ato exterior (cf. 4.3-4). A conformidade exterior com a religião sem a graça

interior é totalmente insuficiente. Visto que a nação de **Judá** não tinha entendido o significado mais profundo dos atos exteriores da sua religião, ela será castigada com os gentios, porque não é melhor do que eles. Nessa ênfase na religião interior, Jeremias está definitivamente apontando para a época do evangelho.

8. *A Nulidade dos ídolos* (10.1-16)

Há uma quebra no pensamento do profeta no início do capítulo 10 que é um tanto desconcertante;⁴⁰ no entanto, o conteúdo dessa passagem é bastante adequado ao tema geral. A passagem é dirigida à **casa de Israel** (1). Acaso isso se refere ao Reino do Norte, que já está no exílio, ou ele está se dirigindo a Judá sob o nome genérico de Israel? Independentemente dos interlocutores a quem ele está se dirigindo, Jeremias fala como se estivessem no exílio. Este autor acredita que é possível que Jeremias esteja se dirigindo aos exilados do Reino do Norte na distante Assíria. Ao fazê-lo, ele podia ter um propósito duplo: 1) de sinceramente encorajar os exilados a serem fiéis à religião hebraica em uma terra estranha; e 2) que essas palavras aos exilados de Israel servissem indiretamente de lição para o povo pecador de Judá.

Kuist ressalta dois perigos que envolviam cada exilado hebreu em seu ambiente pagão. Um perigo tinha que ver com as interpretações pagãs dos acontecimentos entre os corpos celestiais que, assim se imaginava, produziam grande terror; o outro tinha que ver com a fabricação de ídolos que buscava dar forma tangível às realidades espirituais intangíveis.⁴¹ Em relação a esses dois perigos, o profeta emite severas advertências aos exilados. **Não aprendeis o caminho das nações** (2), i.e., suas práticas religiosas. Ele reforça suas advertências com motivos: **os costumes** (práticas) **dos povos são vaidade** (vazios e estúpidos; 3). Ele traça um contraste entre o Deus vivo e os ídolos. Ele descreve como um ídolo é feito: **cortam do bosque** uma árvore. [...] **Com prata [...] o enfeitam**, etc. (3-4). Ele expressa escárnio sobre esses objetos manufaturados ao compará-los com “um espantalho numa plantação de pepinos” (5, NVI). **Não podem falar; [...] não podem andar; [...] não podem fazer mal**

(dano), **nem tampouco têm poder de fazer bem** (5). Eles são insensatos (embrutecidos) e **loucos** (8). “A instrução dos ídolos não passa de madeira!” (RSV), i.e., sua sabedoria é como a madeira. Você pode enfeitá-los com **prata [...] de Társis e ouro de Ufaz**⁴² (9), mas eles continuam vazios e inúteis, uma **obra de enganos** (15) que logo perecerá (11).

Em contraste com os ídolos que acabou de descrever, o profeta fala da majestade, sabedoria e atividade criativa de Deus (6-7, 12-16). Jeremias pergunta: **Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações?** (7). “Esse temor te é devido” (NVI). A sabedoria e poder de Deus excedem em muito a fraqueza dos homens, porque todo homem é insensato e sem conhecimento, e **todo fundidor da sua imagem de escultura** (14) é, finalmente, envergonhado pelas suas próprias invenções tolas. Mas **a porção de Jacó** (16) é Aquele que **fez a terra pelo seu poder e estabeleceu o mundo por sua sabedoria** (12), **porque ele é o Criador (Formador) de todas as coisas, e Israel é a vara (tribo) da sua herança; Senhor dos Exércitos é o seu nome** (16).

O versículo 11 é o único que está em aramaico. Não se sabe por que ele aparece aqui. Alguns estudiosos pensam que esse versículo era originariamente uma nota na margem que mais tarde foi incorporada ao texto. Qualquer que seja a resposta, o conteúdo está de acordo com o ensino de Jeremias e seu significado não é difícil de discernir.

9. *O Exílio Está Próximo* (10.17-22)

Esses versículos parecem estar dispostos na forma de um diálogo imaginário entre o profeta e a cidade-mãe — Jerusalém. O profeta ordena aos habitantes **da fortaleza** (17; a cidade): “Ajunte sua trouxa do chão” (lit.), evidentemente, para iniciar a longa jornada para o exílio. **Assim diz o Senhor: Eis que desta vez arrojarei, como se fora com uma funda, os moradores da terra** (18). Essa é uma linguagem violenta, mas indica a forma como a cidade será tomada. Ouve-se agora a cidade-mãe dizer: “Ai de mim! Estou ferido! [...] Esta é a minha enfermidade e tenho que suportá-la” (19, NVI). Ela continua a lamentar: **Minha tenda [...] meus filhos [...] minhas**

cortinas (20). Afigura é da moradia oriental no deserto, com suas tendas, cordas e cortinas laterais. Na visão profética, Jerusalém caiu. A cidade-mãe reflete acerca da sua condição desesperadora, e lamenta ao lembrar que **os pastores** (21; líderes) **se embruteceram** (se tornaram insensatos) “para reunir o rebanho disperso”.⁴³ **Eis que vem uma voz de fama** (22). A palavra **fama** é uma palavra francesa que significa “barulho”.⁴⁴ A tradução literal é: “o som de uma notícia” (rumor ou mensagem), **grande tumulto da terra do Norte** (22). Tudo isso apenas pode significar que “a assolação das cidades de Judá está prestes a se iniciar”⁴⁵ — o exílio está próximo.

10. *Um Apelo para Correção e Castigo* (10.23-25)

O terror que o profeta vê o leva a orar. Essa é a primeira das orações de Jeremias que vamos considerar. Outras seguirão. Ele parece perceber a fragilidade e impotência da raça humana. Ele confessa por ele mesmo, e por todos os homens, que o homem é uma criatura finita e dependente; **não é do homem [...] dirigir os seus passos** (23).

Jeremias chega à conclusão que ele mesmo está desesperadamente necessitando da ajuda de Deus. Visto que o homem, se deixado por conta própria, vai se desviar do caminho plano, Jeremias ora:

Castiga-me, ó Senhor, i.e., “disciplina e guia-me”. Mas, ao ver sua própria fragilidade humana à luz da majestade e santidade de Deus, ele se apressa a clamar: O Senhor, mescle misericórdia **com medida** (com justiça) [...] **para que me não reduzas a nada** (24). Somente a justiça o destruiria; a misericórdia é sua única esperança. E assim com todas as pessoas.

Jeremias então ora para Deus derramar a sua **indignação** sobre as nações que **devoraram a Jacó** (25). Isso parece uma oração imprópria para um profeta de Deus. Mas não devemos impor a moralidade e ética de hoje aos dias de Jeremias. Também devemos lembrar que ele entende que os inimigos de Israel são os inimigos de Deus, e, por isso, se sente justificado a orar pela destruição deles.

CONFISSÕES E PREDIÇÕES

Jeremias 11.1—20.18

Esta seção contém uma coleção variada de narrativas e predições, junto com diversos diálogos entre o profeta e Deus. As narrativas e predições trazem luz sobre a carreira de Jeremias, mas os diálogos têm um valor especial no sentido de revelar para nós a vida interior do profeta. Não há uma organização cronológica do material, mas a maior parte parece vir do tempo de Josias (640-609 a.C.) e dos primeiros anos de Jeoaquim (608-597 a.C.). Os diálogos do profeta com Deus vêm à tona por meio de suas orações em tempos de grande crise. Essas orações têm sido chamadas de “confissões de Jeremias”.

A. Jeremias e a Aliança, 11.1—12.17

1. *Judá Viola a Aliança* (11.1-17)

Jeremias é ordenado a falar **aos homens de Judá** (2), às **idades de Judá** (6) e **aos habitantes de Jerusalém** (2), no que se refere à aliança. O uso do “Amém” (5) e a referência às maldições pronunciadas sobre aqueles que violam a aliança indicam que Jeremias está falando acerca da aliança do Sinai (Dt 27—30) com ênfase na lei moral. Também é possível que o pano de fundo tenha sido a renovação recente dessa aliança promovida por Josias (2 Rs 23.3).

Deus lembra o povo que, da sua parte, a aliança permaneceu selada por meio dos seus atos redentores em favor deles: **os tirei da terra do Egito** (4). Isso é uma evidência da sua graça (favor imerecido) e preocupação por eles. A **fornalha de ferro** é uma fornalha na qual o ferro é fundido e, assim, uma figura de extremo sofrimento.

Madrugando (7) indica a atenção especial de Deus para Israel. Por outro lado, Ele requeria o cumprimento da aliança (concerto) por parte do seu povo: **Ouvi**

as palavras deste concerto e cumpri-as (6). Mas, Deus declara:

Israel não cumpriu sua promessa feita no Sinai. **Vossos pais (7) [...] não ouviram, nem inclinaram os ouvidos; antes, andaram cada um conforme o propósito (teimosia) do seu coração malvado (8).**

Deus disse a Jeremias: Há uma **conjuração [...] entre os homens de Judá (9). Tornaram às maldades de seus primeiros pais (10).** As palavras: **Tornaram às maldades** podem referir-se à nova violação da aliança tão recentemente renovada durante o reinado de Josias. Por causa dessa flagrante infidelidade, o juízo é pronunciado sobre Judá: **Eis que trarei mal sobre eles (11).** E previsto que quando esse **mal** vier, o povo clamará a todos os **deuses** falsos que eles adoram, mas esses deuses, **porém, de nenhuma sorte, os livrarão no tempo do seu mal (12).** Em relação ao versículo **23** veja comentários acerca de **2.28; 7.17-18.** Por causa dessas coisas, Jeremias está novamente proibido de interceder por Judá: **não ores por este povo (14).**

A condenação de Deus é mais uma vez inculcada nos versículos **15-16** pelas linhas que parecem um poema mutilado. O hebraico é de difícil tradução. A RSV usou a versão da Septuaginta, que, pelo menos, se encaixa no contexto e que talvez seja a melhor solução. “Que direitos a minha amada tem na minha casa, visto que realizou obras desprezíveis? Será que os votos e a carne consagrada evitarão seu castigo?” **(15)** O profeta parece estar dizendo: “Nenhuma oferta [sacrificial], não importa o seu custo, poderá substituir uma dedicação sincera”.¹

O poema continua como se Judá estivesse ligado a uma **oliveira**, que no início era bonita e produtiva, mas tornou-se enferma e infrutífera. Seus ramos serão consumidos pelo fogo — com a **voz de um grande tumulto (16).** Visto que Deus a tinha plantado, Ele também podia destruí-la. No entanto, é a violação da aliança que trouxe Judá a esse lugar de destruição **(17).**

2. Confissões de Jeremias (11.18—12.17)

Enquanto continua com suas obrigações proféticas, Jeremias subitamente descobre que seus parentes e vizinhos em Anatote

estavam conspirando contra ele para matá-lo. Essa descoberta o deixou profundamente atormentado. O restante da passagem descreve um diálogo entre Deus e o profeta acerca do valor e significado da sua tarefa.

a) *A conspiração em Anatote (11.18-23)*. Parece que Jeremias ficou sabendo da conspiração contra sua vida por meio de uma revelação da parte de Deus: **me fizeste ver as suas ações (18)**. Ele está pasmo com a sua ingenuidade e falta de suspeita: **E eu era como um manso cordeiro, que levam à matança (19)**. Nessa passagem o profeta mostra sua familiaridade com Isaías 53.² **Destruamos a árvore [...] (19)** parece ser algum tipo de provérbio. Em profunda aflição, Jeremias leva sua causa à justiça de Deus. Ele pede justificação por si mesmo e **vingança (20)** para seus inimigos. Onde lemos **pensamentos** o original traz rins.

Deus imediatamente vem ao encontro do seu servo com uma palavra de afirmação: **Eis que eu os punirei (22)**. [...] **E não haverá deles um resto (23)**. **O ano da sua visita** significa “o ano do seu castigo” (Moffatt). As palavras de Deus trazem uma medida de alívio para o coração do profeta. Mas Jeremias, pela primeira vez, olhou a morte de frente, e isso deixou sua mente grandemente perturbada.

b) *Jeremias questiona Deus (12.1-4)*. Profundamente chocado pela traição dos seus parentes e vizinhos, Jeremias reclama a Deus. Ele confessa sua fé na integridade de Deus: **Justo serias, ó Senhor (1)**, mas admite que está muito angustiado e confuso com o que está acontecendo. **Por que prospera o caminho dos ímpios?** Parece que Deus está a favor dos ímpios: **Plantaste-os, e eles arraigaram-se (2)**. Eles são bem-sucedidos nas suas conspirações, e sua hipocrisia é repugnante. O nome de Deus está nos seus lábios, **mas longe do seu coração** (rins). Como Deus permite que essas coisas continuem? Esse era o problema de Jó (Jó 12.6) e o problema de muitos homens bons que sofrem.

Jeremias lembra ao Deus que sabe todas as coisas a pureza das suas intenções (3). Ele pede para que Deus mostre sua preocupação com os valores morais ao defendê-lo das injustiças que ele tem

experimentado. No seu desânimo ele clama: **Até quando lamentará a terra** por causa da **maldade dos que habitam nela?** (4). A Septuaginta traduz a última parte do versículo 4 da seguinte maneira: “Deus não verá nossos caminhos”, que parece captar o significado do hebraico, ainda que não traduza literalmente as palavras.

c) *Deus questiona Jeremias* (12.5-6). Deus não dá a Jeremias uma resposta direta para as perguntas acima, mas responde com algumas perguntas da sua parte. Cabe a Jeremias interpretar os sinais e obter sua resposta das perguntas que Deus faz. Deus pergunta: **Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos?** (5). **Se numa terra de paz** (sua cidade natal) você tropeça, o que você fará **na enchente do Jordão?** (i.e., quando a verdadeira dificuldade vier?) As duas perguntas são apresentadas em forma de provérbios. A importância da palavra de Deus choca o profeta; o pior ainda está por vir!

Depois de permitir que essa verdade penetre na consciência de Jeremias, Deus procura prepará-lo para os eventos futuros. Ele o adverte para não confiar na sua própria família ou vizinhos em Anatote. Embora possam dizer **coisas boas** (6), eles não são confiáveis. **Eles mesmos clamam após ti em altas vozes** é traduzido pela ARA da seguinte forma: “Eles mesmos te perseguem com fortes gritos”. O profeta percebe quão solitário ele está. Jeremias contra toda a terra!

d) *O lamento divino* (12.7-13). Da mesma forma que Jeremias é obrigado a abandonar sua família e amigos por causa da infidelidade deles, Deus é forçado a abandonar seu povo pelo mesmo motivo. Por isso, o lamento de Deus sobre Israel é comparado com a tristeza de Jeremias acerca de seu lar e família. Diversas figuras diferentes são usadas para descrever Israel: ela é a **herança** de Deus, mas abandonada por Ele (7), um **leão** que se volta contra seu Criador (8), uma **ave de várias cores**, prestes a ser atacada por outras aves (9), uma **vinha** pisoteada e destruída (10). Da maneira como **pastores** cruéis arrancam e pisam uma **vinha**, assim Israel será esmagada e desmantelada por governantes estrangeiros. A terra se tomará

completamente **assolada** de uma ponta até a outra **porquanto não há ninguém que tome isso a peito** (11; “não há quem se importe com isso”, NVI). Embora Israel tenha semeado **trigo**, ela colheu **espinhos** (13). Eles serão **envergonhados das suas colheitas**. Israel fatigou-se no seu empenho, mas sem proveito.

e) *O plano divino* (12.14-17). Esse oráculo parece dizer que Deus está interessado em todos os homens — mesmo nos inimigos de Judá. Por isso, Jeremias tem uma mensagem para as nações gentias dos seus dias. Esse ministério estava em conformidade com a comissão de Jeremias (1.10). Essas nações certamente serão castigadas pelo que estão fazendo com **Judá** (14), mas se elas se arrependerem e **aprenderem os caminhos do meu povo** (16; i.e., os caminhos do Senhor), então **edificar-se-ão no meio do meu povo**. Mas a **nação** (17) que não se arrepender será destruída. Essa passagem ensina a soberania universal de Deus. Todas as nações estão sob o poder do seu controle. Ele abençoa aqueles que são justos, e castiga aqueles que são ímpios.

B. Parábolas e Pronunciamentos, 13.1-27

1. *A Parábola do Cinto de Linho* (13.1-11)

Os estudiosos têm apresentado diversos pontos de vista quanto à historicidade desse incidente. Parece improvável (embora não impossível) que Jeremias tivesse feito uma viagem de 650 quilômetros (veja mapa 1) até o rio **Eufrates** para enterrar um cinto de linho sujo e desenterrá-lo mais tarde. Com a mudança de uma letra hebraica o texto podia referir-se a um lugar a cerca de oito ou nove quilômetros a nordeste de Jerusalém (Wadi el-Farah), que se encaixaria muito bem na descrição da história. Talvez seja melhor entender esse incidente como uma parábola e não procurar forçar o aspecto histórico longe demais.

A parábola ensina que qualquer objeto é de valor somente quando usado para o seu propósito planejado. Um cinto de linho confeccionado para ser usado ao redor da cintura de um homem não terá utilidade alguma se for enterrado numa terra úmida (4) e não for lavado (1).

Esse cinto certamente ficaria sujo, **apodrecido** e imprestável (7). Da mesma forma, **Judá (9)** é inútil como nação, a não ser que esteja disposta a cumprir o propósito de Deus para ela. **O propósito do seu coração (10)** significa o caminho da sua própria escolha orgulhosa. A parábola infere que **Judá** é tão moralmente corrupta quanto o cinto de linho de Jeremias ficou fisicamente — apodrecido e deteriorado. O pecado deteriora as sensibilidades morais do homem e o reduz a um objeto inútil, servindo apenas de refugio para o universo.

Deus tinha amarrado Israel em torno de si mesmo por meio de um relacionamento de aliança tão próximo e íntimo quanto um homem amarraria um cinto de linho ao redor da sua cintura. E um pensamento comovente lembrar que Deus se veste com aqueles que professam segui-lo. Apesar dos privilégios especiais que a aliança trazia, Judá falhou em cumpri-la. Conseqüentemente, como um homem joga fora um cinto de linho inútil, assim Deus vai desfigurar o orgulho de **Judá (9)** ao lançá-la para fora do seu país.

2. A Parábola do Oudre de Vinho (13.12-14)

Deus ordena que Jeremias pronuncie um provérbio comum acerca de um odre de vinho (12) para os homens de Judá, com o propósito expresso de conseguir uma resposta impertinente deles.

Evidentemente, tratava-se de uma festa em que se usavam odres de vinho, e tanto o profeta quanto o povo sabiam da sua função. Deus conta a Jeremias qual será a resposta do povo e como ele deveria reagir a essa resposta. Assim, um pouco de humor negro faz parte da verdade divina: **Eis que eu encherei de embriaguez todos os habitantes desta terra (13), [...] fá-los-ei em pedaços uns contra os outros [...] não [...] terei deles compaixão (14).**

A embriaguês é muitas vezes vista na Bíblia como um símbolo do “vinho da ira de Deus”, i.e., seus juízos (Jr 25.15; 51.7; SI 75.8; Is 19.14; Ap 16.19). Essa idéia, sem dúvida, está presente aqui. Mas há algo mais. Os conteúdos do odre de vinho parecem representar o povo de Judá. Como as partículas em um odre de vinho se chocam umas contra as outras no processo de fermentação, assim os habitantes de Judá se colocarão uns contra os outros em uma luta civil e confusão

moral. Como a desordem e a confusão do processo de fermentação são transferidas para o homem que bebe vinho, assim Judá ficará confuso e desorientado como um embriagado no dia do juízo. Desde o rei no trono até o lavrador do campo, todos ficarão em um estado de espanto e confusão. Esse estado de espanto em Judá simboliza a confusão que há na vida de um indivíduo que não encontrou (ou perdeu) o poder organizador do Espírito de Deus.

3. *Pecadores, Não Sejam Orgulhosos* (13.15-19)

Nesse oráculo, Jeremias argumenta com seus compatriotas para deixarem seu orgulho e darem **glória ao** Senhor (reconhecer sua soberania; 16), a fim de que não venha sobre eles **a escuridão** e eles **tropecem** como na noite (Jo 12.35). O orgulho cega as pessoas para os valores corretos e traz escuridão. As alternativas são claras para Judá. **Escutai** (prestem atenção, 15) a voz de Deus, antes que a **luz** se torne **em sombra de morte** (16). **E, se [...] não ouvirdes, a minha alma chorará em lugares ocultos, [...] porquanto o rebanho do** Senhor **será levado cativo** (17). Se não houver mudança, o exílio será inevitável.

Os versículos **18** e **19** são dirigidos ao **rei** (provavelmente Joaquim, cf. **2 Rs 24.8-12**) e à **rainha** (mãe). **Humilhai-vos (18) [...] porque já caiu todo o omato** (coroas; “adorno da cabeça”, KJV, nota de rodapé) **de vossas cabeças**, i.e., vocês não mais governarão. Não haverá ajuda **do Sul (19; i.e., do Egito)**. O exílio ameaça Judá e sua família governante. Essa predição provavelmente se concretizou em **597 a.C.** quando Joaquim, sua mãe, e milhares de pessoas foram levados para a Babilônia (**2 Rs 24.14-16**).

4. *A Entranhada Natureza do Pecado* (13.20-27)

Jerusalém (ou Judá) é descrita como uma pastora que perdeu seu **rebanho** (20; provavelmente a melhor parte dos seus habitantes). “O que você dirá quando ele [o conquistador babilônico] colocar sobre você aqueles a quem ensinaste a serem amigos?” (veja v. 21; **2 Rs 20.12-13**). Será grande a vergonha e a humilhação de Jerusalém quando seus antigos aliados se tornarem governantes tiranos sobre ela. E se

a cidade quiser saber os motivos de tudo isso, ela ouvirá que é por causa da **multidão das suas maldades** (22). Moffatt traduz: “É devido à multidão de pecados que você é exposta e despojada”.

O profeta descreve a entranhada natureza do pecado de Judá. **Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas?** (23). Assim como é impossível ao etíope mudar a cor da sua pele e o leopardo as manchas do seu pêlo, os homens de Judá também não alterarão seus maus hábitos por conta própria. Pecar havia se tornado algo natural¹ para eles. Não há uma negação da liberdade do homem aqui, mas um reconhecimento de que a perversidade moral do homem é tão inveterada que ele não consegue mudar a si mesmo sem ajuda de alguém. O homem, portanto, precisa que Deus lhe faça algo que ele mesmo não pode fazer. Essa é a análise racional por trás de todos os atos redentores de Deus. Precisa haver uma transformação interior da natureza moral do homem. Somente Deus pode fazer isso (4.3-4).

O versículo 24 descreve qual será a sorte daqueles que recusarem a ajuda de Deus: **os espalharei como a palha levada pelo vento. A** figura é dos resíduos que são assoprados do solo da joeira. **A** sua vergonha será tão evidente que todos saberão e verão a humilhação de Judá. **O** pecado da nação é descrito em termos crassos: **adultérios, rinchos** (“gritos sensuais”, Moffatt), **prostituição** (27). Essa condição deplorável, diz Deus, ocorreu porque **te esqueceste de mim e confiaste em mentiras** (falsidade, 25). Em tom desamparado o profeta clama: “Ó Jerusalém! Quanto tempo levará antes que você seja purificada?” (27, RSV).

C. A Seca e suas Implicações Morais, 14.1—15.9

1. A Devastação da Seca (14.1-6)

Uma seca amedrontadora deu ao profeta a oportunidade de ensinar algumas lições morais ao povo. A data da seca não pode ser fixada, mas os horrores dela são descritos em termos gráficos. Toda terra chorava e **o clamor de Jerusalém vai subindo** (2). **Andam de luto até ao chão** também pode ser entendido como: “Seus habitantes se lamentam, prostrados no chão!” (NVI). O rico e o pobre, homens e

animais, sofrem porque não encontram água; os **pequenos** (servos) retornam com **seus cântaros vazios** (3). **A terra se fendeu** (“rachou”, ASV), **pois que não há chuva** (4). **As cervas** (corças) abandonaram suas crias recém-nascidas, **porquanto não há erva** (5). Os olhos vitrificados e o respirar ofegante dos animais selvagens revelam a terrível situação da terra. Jeremias evidentemente acredita que essa calamidade natural veio sobre o povo como resultado direto do seu pecado.

2. *Orações Frenéticas São Maléficas* (14.7-9)

Vemos agora um exemplo do que significa orar quando se está em um estado frenético. O povo em grande angústia clama ao Senhor, mas não com arrependimento genuíno. Eles apresentam sua confissão de maneira apressada, em que sobressai a autocomiseração e não um profundo reconhecimento do pecado. **Oh! Esperança de Israel**, por que **serias como um estrangeiro na terra?** (8). **Por que serias como homem cansado** (perplexo, confuso), **que não pode livrar?** [...] **Nós somos chamados pelo teu nome; não nos desampares** (9). Por trás dessas palavras há uma tendência de culpar a Deus pelo seu sofrimento. Eles praticamente exigem que Ele os tire do seu dilema. Ao fazê-lo, reduzem Deus a um ser que é tão instável e superficial quanto eles. É evidente que o problema está na sua concepção errada em relação a Deus. ¹

Deus diz a Jeremias: “Não ore pelo bem-estar deste povo” (11, NVI). Ele viu que a oração deles era superficial, e que somente estavam tristes por causa do seu sofrimento. Ele seria menos que Deus se concordasse com a oração frenética deles quando, na verdade, ela estava desprovida de fé genuína. **Quando jejuarem [...] não me agradarei deles [...] eu os consumirei pela espada** (12).

4. *A Raiz da Dificuldade* (14.13-16)

Jeremias procurou desculpar o povo ao ressaltar que os falsos **profetas** tinham de-sencaminhado-o ao profetizarem mentiras e dizerem: **Não vereis a espada** (13). O Senhor parece concordar em que **os profetas** estão errados; **Nunca os envie** para profetizarem

mentiras (14). Uma **visão falsa** e a **adivinhação** poderiam ser “uma visão mentirosa, uma superstição vazia” (Moffatt). Mas a conclusão é que **o povo** (16) estava inclinado a ser enganado, porque as mentiras estimulavam suas paixões pecaminosas. Eles tinham ouvido os verdadeiros profetas pregarem arrependimento, mas tinham fechado os ouvidos para essa verdade. A raiz do problema era que **o povo** preferiu a mentira em vez da verdade. Portanto, o **povo** e os **profetas** devem experimentar o mesmo castigo; eles serão lançados **nas ruas de Jerusalém, [...] não haverá quem os enterre** (16).

5. *Lamentação e Confissão (14.17-22)*

Jeremias aqui deu vazão à sua tristeza a respeito do estado da nação. Mas, de alguma maneira, a angústia do profeta também é uma expressão da profunda tristeza de Deus. **Os meus olhos derramem lágrimas de noite e de dia [...] a virgem, filha do meu povo, está ferida [...] de chaga mui dolorosa** (17). Ele então descreve os resultados da seca: guerra civil, saques e morte. Se alguém se arrisca ir ao **campo** acaba vendo os mortos pela **espada**; no interior da cidade as pessoas estão debilitadas **pela fome** e doença. A todo instante os falsos profetas e sacerdotes trafegam em “pseudo-santidade” pela terra (veja v. 18, NVI).⁴ Há maldade, frustração e morte por toda parte.

Talvez encorajado pela própria tristeza de Deus a intervir em favor da nação, o profeta irrompe em novas lamentações. Ele pergunta se a misericórdia e a **cura** ainda podem ser obtidas: **De todo rejeitaste tu a Judá?** (19). Com um clamor amargo ele confessa **a maldade dos pais** (20), e então lembra a Deus do risco do seu próprio nome e lhe roga a lembrar-se do seu **concerto** com a nação. Jeremias alegremente reconhece que o Senhor é o único Deus: **Haverá, porventura, entre as vaidades dos gentios, alguma que faça chover?** (22). O profeta está convencido de que há esperança somente no Deus vivo. Ele declara sua intenção de esperar no Senhor até que sua petição seja atendida.

6. *O Verdicto Reiterado (15.1-4)*

Apesar da forte confissão de fé que Jeremias faz, Deus rejeita sua intercessão “com uma determinação que não permite qualquer repetição”.⁵ O povo é rejeitado de uma vez por todas: **Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, não seria a minha alma com este povo; lança-os de diante da minha face** (1). O povo não havia se arrependido como ocorreu com Israel nos dias de Moisés e Samuel; conseqüentemente, não havia esperança. Quando disserem: **Para onde iremos?** (2), o profeta é instruído a responder: **Os que são para a morte, para a morte**, etc. Eles sofrerão quatro tipos de castigos. Também serão usados quatro instrumentos na sua destruição: a **espada, para matar [...] cães, para os arrastarem [...] aves [...] e os animais [...] para os devorarem e destruírem** (3). Além disso, Judá será entregue ao **desterro**

(“lançada para cá e para lá”, ASV). Ela se tomará “terror para todas as nações da terra” (NVI, v. 4). O motivo de tudo isso é que a nação nunca se recuperou do reinado perverso de **Manassés** (2 Rs 21.1-26; 24.3-4). A idolatria que ele introduziu continuava sendo praticada pelo povo nos dias de Jeremias (cf. 44.1-30).

7.A Lamentação sobre Jerusalém (15.5-9)

Estes cinco versículos formam um canto fúnebre poético (cf. Smith-Goodspeed). Vendo que o povo pecador seria maltratado por todos os reinos da terra, Jeremias inicia um outro lamento. Ele lamenta o fato de que não haverá ninguém para olhar com compaixão (5) para a cidade. Ninguém perguntará a respeito do seu bem-estar. Para piorar as coisas, ele ouve Deus dizendo: **Tu me deixaste [...] voltaste para trás [...] estou cansado de me arrepender** (tornar-me menos severo e dar-lhes uma outra oportunidade, v. 6). “Eu os espalhei ao vento como palha” (RSV), mas “eles não se voltaram dos seus [maus] caminhos” (7, lit.).

A descrição da situação da cidade continua. Ele diz que as **suas viúvas se multiplicaram como as areias dos mares** (8). A cidade-mãe (e suas mães viúvas) **de repente** é aterrorizada **ao meio-dia** porque a morte dos seus filhos a deixa indefesa. Ela, que ainda está

em pleno vigor (tendo dado **à luz sete** filhos), **expirou a sua alma** (lit.: “expirou sua vida”; “está ofegante”, NVI); **pôs-se o seu sol sendo ainda de dia** (9). Assim é descrita a morte prematura e desnecessária da cidade e nação. O epitáfio sobre suas ruínas poderia ter sido o seguinte: “Se o amor pudesse salvá-la, você não precisaria ter morrido”. Esse também é o caso de cada homem que rejeita a Deus.

D. Confissões de Jeremias, 15.10-21

1. *O Conflito de uma Alma* (15.10-19)

O diálogo de Jeremias com Deus nesse texto é uma das passagens mais comoventes das Sagradas Escrituras. Ele descortina por um momento a vida íntima do profeta — a luta da sua alma com Deus.

Esta é a primeira de uma série que os estudiosos têm chamado de “confissões de Jeremias”. (Outras confissões são encontradas em 17.12-18 e 20.7-18. Alguns estudiosos também incluem 1.4-19; 4.19; 6.11; 8.21—9.1; 11.18-23; 12.1-3 na mesma categoria). Elas receberam esse título porque nesses textos o profeta abre os segredos mais íntimos do seu coração e descreve a dor espiritual e a angústia mental por que está passando. Ele revela que incertezas e perplexidades o assombram. Ele reconhece que, de vez em quando, a desesperança da sua situação desagradável e os métodos de operação inescrutáveis de Deus o levam ao desespero. Essas passagens destacam a natureza da oração, meditação e conversa íntima de Jeremias com Deus.

a) *A vida desmorona* (15.10). Jeremias está assombrado com os acontecimentos que estão ocorrendo. Havia a oposição do seu rei e do povo, e a conspiração contra sua vida pela sua própria família e antigos amigos. A seca terrível que assolou a terra, o que ele viu como profecia em relação ao destino da sua nação, e o terrível isolamento que experimentou, eram quase mais do que ele podia suportar. Com o passar dos anos, sem esperança aparente de uma mudança para melhor, o espírito humano se rebela. O profeta mergulha num período de grande desalento. Ele luta com a terrível tentação de duvidar de Deus. Nisso ele não está sozinho, porque homens santos de todas as

épocas sofreram momentos de tentação semelhantes: Abraão, Jó, Elias e Paulo. Em grande desespero de alma ele clama: **Ai de mim [...] homem de contenda para toda a terra** (10). Ele se sente atacado por todo mundo. Ele se sente tão desprezado quanto um prestador de dinheiro que é amaldiçoado por todos que encontra. A vida desabou sobre o profeta, e ele leva sua queixa diante do Senhor.

b) *Deus fala à sua necessidade* (15.11-14). O hebraico é obscuro aqui, e muitas coisas têm sido conjecturadas acerca dessa passagem. Deus responde no versículo 11 à queixa do profeta e transmite palavras de encorajamento. “Decerto o teu remanescente estará bem” (KJY), i.e.: “Deixarei alguns que prosperarão novamente” (Berkeley). O versículo 12 tem sido interpretado de diversas formas, mas parece a resposta de Jeremias à declaração de Deus no versículo 11. Na nota de rodapé da ASV encontramos a tradução literal: “Pode o ferro quebrar o ferro do Norte?”, i.e.: Pode minha força quebrar a força da Babilônia? Das profundezas da autocomiseração ele apresenta uma resposta um tanto jocosa: “O Senhor, de fato, espera que eu lute contra a maré babilônica?” (paráfrase). Jeremias está tão desesperado que a resposta de Deus parece zombar dele.

Os versículos 13 e 14 se parecem com 17.3-4. Os dois textos parecem referir-se a Judá, e são interpretados como uma predição do exílio. No entanto, precisamos observar que em alguns aspectos o versículo 14 encaixa-se no caso de Jeremias. Ele foi levado pelos seus inimigos para uma terra que era estranha para ele (cf. 43.4-7).

c) O “*vale escuro*” (15.15-18). Até aqui o diálogo de Jeremias com Deus não havia levantado o seu espírito. Na verdade, parece que a melancolia da sua alma aumentou. Seu clamor suplicante de dor é renovado com maior veemência: **Tu, ó Senhor, o sabes; [...] vinga-me [...] não me arrebatas, por tua longanimidade com os meus inimigos; por amor de ti, tenho sofrido afronta** (15). Um vislumbre passageiro das alegrias anteriores passa pela sua memória: **Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração** (16).⁶ No entanto, a lembrança do passado somente aprofunda a sua melancolia: **por**

causa da tua mão, me assentei solitário, “tomando parte de tua indignação” (17, Moffatt). Ele se afunda no desespero. No versículo 18, Jeremias alcança o caos emocional. Na amargura da sua alma ele clama: **Por que dura a minha dor continuamente, e a minha ferida [...] não admite cura?** Toda frustração de trinta anos de oposição e zombaria estava acumulada nessa erupção de dor. Acaso ele sofreu todas essas coisas por nada? Em desespero ele clama: “Acaso te tornarás para mim como um riacho seco, cujos mananciais falham?” (18, NVI). Ele clama em sua agonia de alma, buscando algum fragmento de significado para sua situação difícil. Ele nos faz lembrar de Jó (Jó 3; 6—7).

d) *A voz de ferro* (15.19). Deus não parece mostrar grande compaixão com a explosão de Jeremias. “Em vez de elogio pelo passado ou conforto afável para o presente, temos uma admoestação implícita”.⁷ Há uma dureza na voz de Deus: **Se tu voltares**, i.e., se te arrependeres da tua falta de fé, **então, te trarei** (restaurarei, 19). **Se apartares** (separares) **o precioso** (palavras de muito valor) **do vil** (desprezível ou insignificante), então **serás como a minha boca**. Deus está dizendo: Se, em vez dessa lamúria sombria que é imprópria para um homem de Deus, você anunciar verdade e fé, então você será meu porta-voz. Deus requer de nós um compromisso completo, se quisermos cumprir seu chamado. O aspecto de dureza na voz de Deus parece ter acordado o profeta e ele se torna disposto a continuar sua caminhada.

2. *O Conforto de Deus* (15.20-21)

Agora que a tempestade emocional passou e o profeta punido se tornou um homem mais triste e mais sábio, ele sente o envolvente conforto de Deus. Para os seus quebrantados, a severidade de Deus sempre é seguida de sua consolação. As promessas que Deus tinha dado a Jeremias quando este foi introduzido no ofício profético são agora renovadas: **Eu te porei [...] como forte muro de bronze** (20). **E arrebatá-lo-ei da mão dos malignos e livrá-lo-ei das mãos dos fortes** (21). Jeremias havia batalhado contra “principados e potestades” e tinha obtido uma vitória notável. No entanto, seus

dias de privação e sofrimento ainda não tinham se acabado.

E. Tópicos Diversos, 16.1—17.18

Esse agrupamento de textos é um bom exemplo da forma composta e complexa do livro de Jeremias. Nesses dois capítulos há uma mistura de vinhetas pessoais, acusações proféticas e predições, esperança para o futuro e duas orações. Alguns desses trechos têm apenas uma relação casual com os outros, mas todos se amoldam apropriadamente sob o tema “Confissões e Predições”.²

Tanto grandes como pequenos morrerão nesta terra;

não serão sepultados nem se pranteará por eles;

não se farão incisões nem se rapará a cabeça por causa deles.

Ninguém oferecerá comida para fortalecer os que pranteiam pelos mortos; ninguém dará de beber do cálice da consolação nem mesmo pelo pai ou pela mãe (NVI).⁸

Para um judeu esse era o quadro mais sombrio que se poderia pintar.

A proibição final se referia à **casa do banquete** (8). Isso era um sinal de que todas as coisas agradáveis logo seriam removidas. Não haveria mais os sons alegres das festas de casamento. A **voz do esposo, e a voz da esposa** (9) cessariam. Somente o silêncio da morte prevaleceria sobre a antiga cidade alegre.

2. O Significado do Destino de Judá (16.10-21)

O profeta é avisado que o povo desejará saber os motivos do severo castigo de Deus. O significado do destino de Judá é encontrado na resposta que ele é instruído a dar.

a) *A teimosia de um coração perverso* (16.10-13,16-18). Em sua resposta às indagações do povo, Jeremias deixa claro que a destruição da nação se deve à disposição mental do próprio povo: **Eis que cada um de vós anda após o propósito (teimosia) do seu malvado**

coração (12). A expressão “propósito do seu malvado coração” é mencionada oito vezes⁹ no livro de Jeremias. Essas palavras evidentemente referem-se ao estado mental que era característico do povo. Essa disposição manifesta-se por meio de um ressentimento em relação à autoridade — uma determinação que visava satisfazer os próprios desejos independentemente do custo. Esse temperamento era característico dos **país**, mas tinha se tomado ainda mais firmemente inculcado nos corações dos homens dos dias de Jeremias. Embora Judá e Jerusalém soubessem que seus **país** tinham sofrido sérios castigos por causa do pecado, as pessoas continuavam tendo a audácia de desafiar a Deus. Na verdade, eles agora tinham se tornado impudentes em seu pecar e intencionais em sua teimosia.

Esse espírito “sem lei” se opunha a todas as ofertas graciosas de Deus. Costumes sociais, padrões culturais e desejos naturais tinham se cristalizado na direção do mal e do vil. Nada, a não ser uma completa catástrofe, poderia mudar esse padrão ou quebrar o modelo. Por isso, o exílio era inevitável: **Portanto, lançar-vos-ei fora desta terra [...] não usarei de misericórdia convosco** (13).

A intenção de Deus de abalar a estrutura de uma civilização ímpia é confirmada nos versículos 16-18. Aqui Ele mostra que o processo de abalo será realizado com uma eficácia ponderada: **Eis que mandarei muitos pescadores [...] e depois enviarei muitos caçadores, os quais os caçarão sobre todo monte** (16). Nenhuma pedra ficará sem ser virada para desentocá-los e enviá-los para o castigo. Além disso, **os seus caminhos [...] não se escondem perante a minha face** (17) [...] **e retribuirei em dobro a sua maldade** (18).

b) *A predição de um novo êxodo* (16.14-15). Esses versículos não têm uma conexão clara com os versículos precedentes ou subseqüentes. Eles expressam esperança, enquanto o material anterior e posterior é muito sombrio. Alguns estudiosos acreditam que esses versículos estão fora de ordem, porque aparecem novamente em 23.7-8, em que se enquadram melhor no contexto. Eles penetram aqui como um feixe de luz no meio da mais profunda escuridão. Pode ser que esses versículos estejam sendo colocados aqui para aliviar a calamidade que

os versículos 10.13,16-18 passam à nação. No entanto, da maneira como são registrados aqui, eles contêm a predição de um “novo êxodo”. Não se falará mais: **o Senhor [...] fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. Mas [...] o Senhor [...] fez subir os filhos de Israel da terra do Norte** (14-15). Dessa vez será um êxodo do país do Norte, i.e., do exílio. Esses versículos ressaltam o fato de que além do juízo haverá um retorno — um novo começo. Um novo vaso será formado do barro quebrado (cf. 18.1-10).

c) *A justificação da ira de Deus* (16.19-21). Essa passagem é uma declaração esplendorosa de fé no Deus vivo. O profeta acredita firmemente que a severidade divina no trato com Judá será vindicada no futuro.¹⁰ Ele vislumbra um dia em que os gentios se converterão e dirão ao povo de Deus: **Nossos pais herdaram só mentiras** (idolatria, 19). Eles reconhecerão a inutilidade dos ídolos e adorarão o Deus verdadeiro. Que momento de vergonha isso será para Judá, que se apegou tão estupidamente a esses mesmos falsos ídolos! Deus afirma, em seguida, quanto aos gentios: **e saberão que o meu nome** é Senhor (21), i.e., que eu sou quem eu sou, O Eterno, o Deus vivo! Naquele dia Judá verá que Deus lidou de maneira justa com ela em cada situação.

3. *A Natureza do Pecado de Judá* (17.1-4)

Um ponteiro de ferro e uma **ponta de diamante** (1) são usados aqui para ressaltar a qualidade enraizada do pecado de Judá. O buril de ferro e o diamante eram usados para gravar nas substâncias mais duras conhecidas no mundo antigo. O profeta declara que o **pecado de Judá** tinha se tomado tão profundamente gravado no seu **coração** (seu interior) que os meios comuns são insuficientes para removê-lo. Pecar havia se tornado seu modo de vida — sua inclinação enraizada. Sua afeição, seu hábito mental, sua vontade tinham se cristalizado em uma direção, a tal ponto que o mal tinha se tomado o tom predominante da vida — uma forma de ser. O perdão nunca poderia mudar essa situação. Deus não vai tratar da disposição pecadora a não ser quebrá-la em pedaços, como um oleiro quebra o vaso de barro. A partir desses fragmentos Ele forma uma nova

criação.

A última parte do versículo 1 e todo o versículo 2 são difíceis de traduzir. O hebraico evidentemente significa que o pecado de Judá está inscrito de forma tão indelével nos seus ritos religiosos (**nos ângulos dos seus altares**) quanto no seu **coração**. Idéias e práticas pagãs tinham corrompido a adoração do Templo de tal maneira que os **filhos se lembram** (2) somente das formas pagãs de fazer as coisas. A religião revelada estava passando por dias tão difíceis, e a adoração do Templo tinha sido tão distorcida e desfigurada, que não havia nenhuma possibilidade de reforma. Deus tinha decretado que tanto a nação quanto o Templo seriam quebrados em pedaços para que pudesse haver um completo recomeço.

A perspectiva para o tempo presente é somente castigo e perda. **A tua riqueza e todos os teus tesouros darei por presa (3) [...] e farte-ei servir os teus inimigos, na terra que não conheces (4)**. A indignação de Deus pelo pecado de Judá é revelada na seguinte declaração: **porque o fogo que acendeste na minha ira arderá para sempre**. Ele tem jurado vingança eterna em relação à inclinação do homem que está em oposição à natureza de Deus. “Um engodo nos seus dias [de Jeremias] era que o povo pensava que Deus perdoaria fácil e prontamente o pecado, que o ritual padrão expiaria na mesma hora esse pecado e a pregação de conforto conferiria a garantia da sua remoção”.¹¹ Mas os fatos mostram o contrário. Deus não abre concessões em relação ao pecado nos dias de hoje, como alguns gostariam de acreditar. Ele tem apenas um plano, e esse plano consiste em destruir o pecado (Rm 6.6; 1 Jo 3.8). Os **bosques**, as **árvores verdes**, os **altos outeiros** e a **montanha** são referências a lugares típicos da adoração de ídolos (2, 3).

4. *Um Salmo de Contrastes* (17.5-8)

De uma forma que lembra o Salmo 1, Jeremias contrasta o destino daquele que confia no homem com o destino daquele que confia em Deus. “Dependência na carne, a antítese do espírito, expõe a futilidade e a perecibilidade do homem e de todas as coisas terrenas”.¹² O homem¹³ que confia na **carne** (5; todas as coisas

temporais) **será como a tamargueira** (zimbri; “arbusto”, NVI) **no deserto** (6). O quadro de **lugares secos, terra salgada** e lugares inabitáveis é pintado para desencorajar os pecadores.

Por outro lado, o homem que coloca sua confiança no Senhor floresce mesmo em época de seca. **Não se receia** (8) significa “não está ansioso” (Berkeley). Visto que encontrou as fontes de água secretas de Deus, ele pode suportar com segurança todos os infortúnios da vida. O ímpio está angustiado mesmo em tempos de abundância, porque pode ser removido a qualquer momento.

Nos versículos 7 e 8 vemos “As Características de um Homem Abençoado”. 1) Ele floresce em circunstâncias adversas. 2) Recursos secretos são o segredo da sua força. 3) Ele vive sem ansiedade. 4) Ele produz frutos.

5. *O Pecado é uma Doença do Coração* (17.9-11)

Esses versículos poderiam vir na seqüência dos versículos 1-4, com sua discussão acerca do pecado de Judá. Embora arranjado em uma forma literária diferente (dois provérbios), eles parecem dar continuidade a essa discussão.

Para entender os versículos 9 e 10, precisamos recordar do costume hebraico de usar órgãos físicos para simbolizar as atividades da vida interior do homem. O termo **coração**, como usado aqui, significa o “homem interior” ou “o ser essencial”, do qual brota toda ação, vontade e raciocínio. Semelhantemente, acreditava-se que as emoções eram provenientes das entranhas, ou dos rins.

Jeremias está dizendo: **O coração** (o homem na sua essência) é *‘aqob*^u — **enganoso** e traíçoeiro (**9**). Além disso, ele é “desesperadamente doentio” (ou enfermo — *’anush* é melhor traduzido por “doente” ou “incurável”, em vez de **perverso**). O olho penetrante de Jeremias percebeu que a dificuldade de Judá pode ser traçada até o coração ou à disposição interior do seu povo. “Enganoso é o coração [dos homens de Judá], acima de todas as coisas, e incuravelmente doentio — quem é capaz de compreender sua verdadeira natureza?” (paráfrase). Visto

que as nações pagãs eram consideradas ainda mais perversas do que Judá, esse coração enganoso deve ser característico de todos os homens.

A passagem claramente ensina que “algo, na verdade, está desesperadamente errado acerca do homem, e Jeremias, com toda a habilidade de um médico, aponta precisamente para a fonte da doença do homem, bem como para Aquele que pode trazer cura”.¹⁵ **Eu, o Senhor, esquadrinho** (estou constantemente esquadrinhando) **o coração, eu provo** (estou constantemente testando, examinando) **os pensamentos** (“as entranhas” — os anseios mais profundos). Jeremias vê que o homem em sua “crise existencial” é um aglomerado de contradições. Ele nem mesmo consegue entender-se a si mesmo. Somente Deus é capaz de lidar com ele.

O segundo provérbio (11) “ressalta a insegurança do lucro adquirido desonestamente”.¹⁶ Os hebreus acreditavam que **a perdiz** (uma espécie indefinida) chocava os ovos de outras aves. Por um pouco de tempo ela anda em grande pompa com seus filhotes ilegítimos, mas as avezinhas logo abandonam a sua mãe adotiva quando ela mais precisa delas para levantar seu ego. Ela é vista como uma insensata. Assim ocorre com o ganho desonesto; ele pode voar embora quando a pessoa mais precisa dele.

6. *Fé e Petição* (17.12-18)

a) *Uma oração de esperança e louvor* (17.12-13). O texto hebraico é de difícil interpretação. Mas esses dois versículos parecem uma confissão de fé da parte de Jeremias. “Um trono glorioso, exaltado desde o início, é o lugar do nosso refúgio. A Esperança de Israel é o Senhor. Todos os que te abandonarem serão envergonhados. Aqueles que se desviam de mim¹⁷ [i.e., rejeitam a minha mensagem] serão escritos no pó, **porque abandonam o Senhor, a fonte das águas vivas**” (lit.). Essas são palavras de esperança e louvor. **Santuário** aqui significa um refúgio para a nação. Aqueles que não confiam no Senhor desaparecerão como a escrita **sobre a terra** (pó).

b) *Uma oração de petição* (17.14-18). Embora claramente consciente

da força e poder de Deus, Jeremias de repente lembra da sua própria situação miserável e o escárnio dos seus inimigos. Ele clama: **Sara-me [...] salva-me [...]. Eis que eles me dizem: Onde está a palavra do Senhor?** (14-15). Moffatt traduz a última parte do versículo 15 assim: “Onde está a palavra do Eterno? Que ela se cumpra!” O profeta defende-se diante de Deus, insistindo em que ele não tinha desejo de cumprir a tarefa de anunciar a mensagem de destruição, nem trazer o dia da calamidade. Ele procura lembrar a Deus que os perseguidores não são somente seus inimigos, mas inimigos de Deus. Ele roga por proteção e vindicação: “Destrói-os com destruição dobrada” (NVI).

F. Ações Simbólicas: Significado e Resultados (17.19—20.18)

Jeremias agora realiza certos atos simbólicos que suscitam todo tipo de reação por parte do povo. Cada um desses incidentes tem uma mensagem para os **moradores de Jerusalém** (20). Tanto os **reis** quanto o **povo** (19) ouvem uma parte da denúncia do profeta. Como resultado, Jeremias sofre nas mãos deles. Uma tempestade de protestos é lançada contra o infeliz profeta. Sua mensagem de destruição não é aceita pelo povo amante do prazer, e eles reagem com uma malignidade característica. ³ guarda do **dia de sábado** (22). Evidentemente, o povo de Jerusalém havia profanado o sábado ao continuar exercendo suas atividades seculares. Eles traziam sua produção do campo para a cidade e comercializavam suas mercadorias em completa desconsideração pela lei. Jeremias tomou providências para corrigir a situação, não porque era legalista, mas por causa das implicações mais profundas das ações deles. A secularização do **sábado** era como uma palha no vento; ela simbolizava a decadência moral da nação. Ela mostrava a ganância por ganhos materiais, a perversidade nos lugares altos e o esquecimento de Deus.

Moisés certamente concordaria em que o **sábado** não foi instituído meramente para amarrar os homens à lei, ou tornar o sábado algo negativo e desagradável como a observância dos fariseus do Novo Testamento. Por outro lado, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o sábado era para ser um dia alegre em honra a

Deus, e de descanso físico para o povo. A nação que desonra o sábado logo se esquece do Deus que fez o sábado. A promessa para o povo era que, se eles guardassem o sábado, a **cidade** seria **para sempre habitada** (25). Se não cumprissem esse mandamento, Deus colocaria **fogo nas portas, o qual consumiria os palácios de Jerusalém** (27).

2. O Oleiro e o Barro (18.1-17)

Jeremias foi informado que a mensagem de Deus o esperava na **casa do oleiro** (2),¹⁹ para onde ele agora se dirigia. Enquanto observava o trabalho, ficou claro para ele qual era a função do **oleiro** (4), das **rodas** (3), e do **barro** (4). Enquanto observava a hábil mão do oleiro amassando o barro, percebeu que uma mensagem de Deus estava começando a se formar na sua mente. Diante dos olhos do profeta um vaso requintado começava a tomar forma. Então, subitamente, para a surpresa de Jeremias, o vaso **se quebrou na mão do oleiro**. Será que uma onda de profunda tristeza tomou conta do oleiro? Se sim, isso não o refreou de usar suas hábeis mãos. Ele quebrou o vaso desfigurado em uma massa disforme e começou novamente a amassar o barro. Depois de trabalhar e refinar o vaso, ele voltou (nota de rodapé da KJV: “retomou e fez”) a fazer **outro vaso**.

a) *O simbolismo do incidente* (18.1-6). Deus falou a Jeremias, e a mensagem veio de maneira clara e contundente à sua mente. Deus é o **oleiro**, Israel é o **barro**, e, evidentemente, as **rodas** representam as circunstâncias da vida. O tempo todo Deus tinha um propósito para Israel. Nas **rodas** da vida, Deus tem realizado seu propósito para a nação. Mas, algo aconteceu para estragar o plano de Deus. Algo em Israel — “uma pedra de tropeço” ou “uma rocha de ofensa” — desfigurou a obra do Artesão. Deus está triste com a impureza da vida da nação. As coisas não podem continuar como estão. Nessa situação, somente o perdão não será suficiente. O juízo é inevitável. Não há outro jeito senão quebrar e refinar a forma de vida nacional existente, e então tornar a fazer um **outro vaso** (4).

O processo de vida pode ser visto nas **rodas**. Cada homem e cada nação está presente e envolvido, porque Deus tem um propósito para homens e nações. A lição objetiva ensina acerca da soberania de Deus:

Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro? (6). Mas ela também ensina sobre a liberdade do homem²⁰ — a reação do barro tinha frustrado o propósito do oleiro. Os homens estão livres para reagir aos procedimentos de Deus. Se eles reagirem positivamente ao toque do Oleiro, seu propósito é

alcançado na formação de um vaso tal como foi planejado. Se os homens reagem negativamente, a obra de Deus é quebrada. Se na roda da vida homens e nações resistem à vontade de Deus, ocorre o processo de quebra. Esse nunca é um momento agradável tanto para o oleiro quanto para o barro. Embora haja um elemento de esperança no fato de que um outro vaso será formado, isso não alivia os rigores de um juízo imediato! Depois do refinamento ocorre o momento de formação do vaso novo, **conforme o que pareceu bem aos seus olhos** (do oleiro) **fazer** (4). O tempo que levou esse processo de quebra e remodelagem está escondido no propósito de Deus, mas fica claro com base nos versículos subsequentes de Jeremias, e dos evangelhos, que os homens chegam até um limite, onde não há mais esperança.²¹

G. Campbell Morgan percebe nessa passagem: 1) *Os princípios* — a soberania de Deus, e o homem livre para render-se a Ele. 2) *O propósito* — Deus tem um plano para os homens, o universo está “banhado” de propósito. 3) *A pessoa* — no coração do universo há uma Pessoa, e nós a vemos em Jesus.²²

b) *O método de Deus com os homens* (18.7-12). Esses versículos ensinam que Deus lida com os homens de acordo com uma base moral²³ em vez de uma base rigorosamente legal: **se a tal nação [...] se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe** (8). Visto que Deus opera de acordo com uma base moral, Ele pode tratar com os homens de acordo com o modo como reagem a Ele. Isso pressupõe que o homem não é um pedaço de barro inanimado, mas uma pessoa livre como o próprio Deus. Isso faz com que seja possível Deus se arrepender (mudar sua opinião) em relação ao juízo proposto, e em vez de destruir homens e nações, perdôá-los. O inverso também é verdade. **No momento** (7 e 9) significa “Se em algum momento” (NVI).

Se a lei tivesse sido o único método de operação de Deus, a raça teria sido destruída havia muito tempo. Não haveria revelação divina, nem sacrifício pelo pecado, nem profetas pregando arrependimento, nem Templo e nem orações. Se os homens fossem julgados rigorosamente pela lei, ninguém sobreviveria.

Visto que isso é verdade, “as ameaças de Deus, semelhantemente às suas promessas, são condicionais (e contingentes)”.²⁴ “O povo ouve que é somente por causa da sua obstinada persistência em fazer o mal que o juízo ameaçador certamente ocorrerá, ao passo que, se retornarem ao seu Deus poderão prevenir a destruição do reino”.²⁵ Quando não há mais esperança, começa o processo de quebra.

Apesar da oferta de Deus em poupar a nação com base na obediência (arrependimento) moral, o povo desdenhosamente responde à ameaça do juízo divino: **Não há esperança, porque após as nossas imaginações** (desejos, planos) **andaremos (12)**. A única alternativa que Deus tem é o castigo.

c) *A tolice moral de Judá* (18.13-17). Deus agora repreende o povo por causa da abominação das suas práticas perversas: **Perguntai, agora, entre os gentios quem ouviu tal coisa?** (13). A referência a **Israel** como uma **virgem** somente aumenta o tamanho do seu pecado. O versículo 14 é de difícil tradução, mas parece que **a neve do Líbano** (talvez monte Hermom, veja mapa 2) é constante e fidedigna ano após ano, “mas a conduta de Judá é inconstante e abominável”²⁶ (cf. 2.13; 8.7). Por causa da sua infidelidade em relação ao Deus vivo, e por causa da sua devoção **à vaidade** (falsos deuses que não existem), Judá tem se afastado das **veredas antigas**, e se encontra em “um beco sem saída”, em **veredas afastadas, não aplainadas (15)**. Por causa da sua tolice moral, a outrora terra orgulhosa de Judá será objeto de escárnio e **irrisão (16)**. Judá não será capaz de enfrentar seus inimigos na batalha, e será espalhado em completa confusão. Deus virará suas **costas** para o povo **no dia da sua perdição (17)** porque abandonaram “a fonte da água da vida”.

3. *Uma Conspiração e uma Oração Indigna* (18.18-23)

Jeremias descobre que os líderes religiosos da nação tinham conspirado contra ele. Os sacerdotes, profetas e até os sábios mestres sentiram que sua denúncia de adoração corrupta e sua predição de destruição do Templo eram dirigidas contra eles. Se permitissem que isso continuasse, sabiam que a mensagem de Jeremias minaria a posição deles diante do povo — **a lei do sacerdote** (18) pereceria. Suas palavras severas de destruição claramente suscitaram uma conspiração maligna. Eles rejeitaram furiosamente a profecia de Jeremias de que eles e suas ocupações logo pereceriam. **Vinde, e firamo-lo com a língua** significa que, por meio de calúnia premeditada, eles minariam qualquer influência que ele pudesse ter sobre o povo.

As antigas feridas sofridas na conspiração em Anatote (11.21-23) foram reabertas, e sua dor era agora dez vezes maior. Com os líderes religiosos da nação contra ele, o futuro de Jeremias — e o futuro da nação — era realmente sombrio. Eram as mesmas pessoas que ele tinha procurado ajudar. A alma de Jeremias se revoltou com a traição deles e o que essa atitude prenunciava para a nação. Esses líderes religiosos eram a última esperança do profeta para uma reforma nacional. Sem essa esperança, ele se volta em oração a Deus com grande amargura de espírito. Ele reclama de seu estado miserável: **Porventura, pagar-se-á mal por bem? Pois cavaram uma cova para a minha alma** (20). Ele lembra a Deus de como tinha intercedido por essas mesmas pessoas e tinha rogado para **desviar deles a sua indignação**. Agora, com essa percepção mais profunda em relação à magnitude da perversidade deles Jeremias exige que tanto eles como seus familiares recebam sua justa recompensa: **não perdoes a sua maldade**, etc. (23).

Alguns estudiosos acreditam que essa oração vingativa não poderia vir da boca de Jeremias, e acreditam ser uma observação editorial. Segundo essa opinião, as palavras do profeta estão repletas de ira, pelo menos em parte, porque ele entende que seus inimigos eram inimigos ainda maiores de Deus, o que, de fato, eram. Até aqui a sua indignação não é uma coisa profana, mas é compartilhada com a

própria ira de Deus. Mesmo que essas emoções e palavras sejam razoáveis precisamos admitir que elas não estão de acordo com o ensinamento e a experiência do Novo Testamento (cf. Mt 5.38-48; Lc 23.34; At 7.58-60).

4. *A Botija de Barro* (19.1-13)

Em uma outra ação simbólica, Jeremias é instruído a tomar uma botija de barro (um *baqbuq* — os objetos cerâmicos antigos mais delicados e caros) e ir para a Porta do Sol (“porta dos Cacos”, NVI; “porta do Oleiro”, ARA), que dava para o **vale do filho de Hinom** (2).²⁷ Em sua excursão, Jeremias foi instruído a levar alguns dos **anciãos do povo** (1) e alguns dos membros mais antigos do sacerdócio. Pessoas mais velhas geralmente são sérias e estariam mais inclinadas a acolher sua mensagem. A história pode ser melhor compreendida se lermos o versículo 10 após o versículo 2. Na Porta do Sol, **à vista** (10) de todos os anciãos, Jeremias despedaçou a **botija** e interpretou suas ações.

Ele declara que de um modo semelhante, por causa da sua grave e persistente maldade, Judá e Jerusalém serão despedaçados pelos seus inimigos. E como um vaso quebrado **não pode mais refazer-se** (11), assim o antigo Judá não pode ser consertado. O passado se foi para sempre. Se é para a nação ter um futuro, então esse futuro será muito diferente do que poderia ser. Aqui vemos o aspecto “de uma vez por todas” da oportunidade de Deus.

O profeta continuou descrevendo o que iria ocorrer com a cidade e por quê. Na destruição vindoura, a cidade de **Jerusalém** se tornaria como **Tofete** (cf. 7.32), ou seja, um monturo. Esse será o seu destino por causa das práticas idólatras exercidas nas casas de Jerusalém, **sobre cujos terraços queimaram incenso a todo o exército dos céus e ofereceram libações a deuses estranhos** (13). **Os reis de Judá** eram tão culpados quanto o povo. Naquele dia, a matança será tão grande que todo lugar disponível na cidade será usado para enterrar os mortos. Toda Jerusalém se tornará impura como o **vale do filho de Hinom** (6).

Os versículos 3-9 parecem a mensagem dada por Jeremias no pátio do Templo (14-15) para os **reis de Judá e moradores de Jerusalém** (3). A mensagem é essencialmente a mesma dos versículos 11-13, mas em maiores detalhes. Aqui encontramos expressões tais como: **retinir-lhe-ão as orelhas** (3), indicando a magnitude da destruição vindoura. **Dissiparei** (*baqqothi*, esvaziarei) **o conselho de Judá** (7). Os planos perversos de Judá e Jerusalém serão esvaziados como água de uma botija ou frasco (*baqbuq*). Antes que o **cerco** tenha terminado e a cidade tenha sido tomada, a fome será tão grande que as pessoas comerão **a carne de seus filhos** e de **suas filhas** (9). A última parte do versículo 9 tem sido traduzida da seguinte maneira: “por causa da tensão do cerco que seus inimigos — aqueles mesmos que buscam suas vidas — imporão sobre eles” (Smith-Goodspeed). No fim, a cidade será tão completamente destruída que **todo aquele** que passar por lá mais tarde **assobiará** (8) espantado.

5. *Jeremias no Tronco* (19.14—20.6)

Da Porta do Sol, Jeremias retornou para o pátio do Templo (14-15), onde evidentemente repetiu sua mensagem (compare com 19.3-9) para todo o povo. Essas palavras mordazes devem ter criado um tumulto entre o povo, porque **Pasur, presidente** (chefe da “polícia” do Templo) **na Casa do Senhor** (20.1), ouvindo essas coisas, prendeu Jeremias. Depois de mandar espancar ou açoitar o profeta, **Pasur**, (cujo nome parece ser de origem egípcia) **o meteu no cepo** (tronco) **que está na porta superior de Benjamim**,²⁸ onde ele foi exposto ao escárnio e zombaria dos seus inimigos.

Jeremias permaneceu nessa posição de tortura a noite toda. Essa foi a primeira vez que o profeta sofreu violência física. Ocorreram ameaças anteriores, mas agora o ódio entre os líderes religiosos tornou esse tipo de perseguição inevitável.

No dia seguinte, quando **Pasur tirou a Jeremias do cepo** (3), o profeta aproveitou a oportunidade para completar a mensagem que estava anunciando no dia anterior. Ele disse a **Pasur** (sem dúvida a multidão também estava ouvindo) que Deus tinha mudado o seu nome: O Senhor **não chama o teu nome Pasur, mas Magor-**

Missabibe, que significa “terror de todos os lados”. O incidente centraliza-se no fato de **Pasur** ter profetizado **falsamente (6)** para o povo. O texto infere que ele tinha refutado a pregação de Jeremias ao contar ao povo que o Egito viria ajudar Judá se a Babilônia atacasse. Ele os tinha enganado, dizendo: “Paz, paz; quando não há paz” (8.11). Jeremias agora diz a Pasur que, doravante, de acordo com a mudança do seu nome, Deus fará dele **um terror** (“um motivo de medo”, *Basic Bible*) para ele mesmo e **para todos os seus amigos**. O profeta então lembra o povo que o **rei da Babilônia** (4) certamente virá e saqueará todas as **coisas preciosas** (5) da cidade, e **os tesouros dos reis de Judá. Fazenda e trabalho** são traduzidos por “riquezas” e “lucros” pela ASV, e podem, portanto, ser comparados com **coisas preciosas e tesouros**. Pasur verá todas essas coisas, e será levado cativo para a **Babilônia (6)**. Lá, ele morrerá em desgraça entre muitas outras pessoas que ele enganou.

6 .A Angústia de Jeremias (20.7-18)

Essa é uma das passagens mais poderosas e impressionantes do livro. Certamente é a queixa mais triste e amarga de Jeremias. Por um momento as cortinas são abertas e o leitor tem um vislumbre dos sentimentos interiores do profeta. “E significativo que as lutas interiores e as perseguições de Jeremias nunca o levaram a duvidar da realidade do seu chamado divino, e seu sentimento de ser subjugado por Deus nunca o fez perder sua própria personalidade”.²⁹

a)*Aqueixa de Jeremias* (20.7-10). Esse tempo de reflexão sombria pode ter provindo diretamente da angústia e dor que ele sentiu enquanto estava preso no tronco dia e noite. Ou, é possível que esses momentos tenham vindo periodicamente sobre esse profeta de temperamento emotivo e poético. De qualquer forma, a vida tinha chegado a um ponto de desespero — ele sentiu-se ameaçado por todos os lados. Tudo que era humano e finito dentro dele gritava contra as desigualdades que o assolavam. Os dias, meses e anos da sua carreira profética parecem ter lampejado diante dele. Ele lembra mais uma vez os detalhes do seu chamado, e como buscou ser liberado dele. Ele lembra da insistência da voz divina (1.7-10). O que Deus tinha

feito a ele? Suas emoções estão próximas do colapso! O homem quebrado, sofredor e finito clama na amargura da sua dor: **Iludiste-me** (enganaste-me, seduziste-me; cf. a mesma palavra hebraica em Ex 22.16), **ó Senhor, e iludido fiquei; mais forte foste do que eu e prevaleceste** (7). Ele continua ao lembrar a Deus que diariamente é alvo de riso; todos que o encontram zombam dele. Quando começa a profetizar, nada além de predições de **violência e destruição** (8) saem da sua boca. É esse tipo de pregação que o tornou um **opróbrio** e um **ludibrio**. Um transmissor de notícias ruins nunca é popular, e o lado humano do profeta se rebela contra o tormento da sua situação.

No entanto, quando Jeremias resolve não mais falar **no seu nome**, ele descobre que a vontade de Deus continua sendo a grande força motriz da sua vida — a sua palavra **foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; [...] e não posso**

[mais] (9). Mesmo frustrado, ele percebe que não há saída; não tem lugar para se esconder, está sem alternativa. Ele constantemente ouvia seus inimigos sussurrando pelas costas, chamando-o de “velho senhor espalha-terror-por-toda-parte”. O nome que tinha dado a Pasur estava sendo lançado no seu rosto, provavelmente pelo próprio Pasur. Mas era penosamente verdade que terror, **violência e destruição** (8) eram o tema de cada mensagem que proferia. Para piorar as coisas, aqueles que eram seus amigos tinham se voltado contra ele com ódio amargo, e estavam esperando por um deslize nas suas palavras ou ações. **Bem pode ser que se deixe persuadir** (enganar, seduzir); **então [...] nos vingaremos dele** (10).

b) *O irromper do louvor* (20.11-13). Quando Jeremias estava chegando ao limite das suas forças, a maré mudou (cf. 1 Co 10.13). Os pensamentos de Jeremias se voltam para a grandeza de Deus. Imediatamente ele percebe uma diferença em seu interior. Enquanto reflete sobre o caráter de Deus, seu espírito começa a se elevar e ele clama: **O Senhor está comigo como um valente terrível** (guerreiro poderoso); **por isso, tropeçarão os meus perseguidores** (11). Sua fé se apegou em Deus. **Tropearão os meus perseguidores e não prevalecerão; ficarão mui confundidos**. Quando lembra que é

Deus que prova **o justo** e vê **o coração**, ele suplica pela vindicação da sua **causa** (12). Ao se lembrar dessas coisas, sua fé começa a se elevar. Ele irrompe em um cântico de confiança. No estilo hebraico característico, ele proclama aquilo que na sua crença Deus irá fazer, como se já tivesse feito!

Cantem ao Senhor!

Louvem o Senhor!

Porque ele salva o pobre das mãos dos ímpios (13, NVI).

c) *Jeremias amaldiçoa o dia do seu nascimento* (20.14-18). Das alturas do êxtase religioso Jeremias mergulha em um desespero ainda maior. O fato de esses versículos virem imediatamente após um cântico de confiança é desorientador. Muitos estudiosos acreditam que eles não seguem, de maneira lógica, os versículos precedentes, mas procedem de uma outra ocasião na vida de Jeremias. Binns cita Bittenweiser: “Seria psicologicamente impossível [...] que semelhante fé, entrega e exultação [...] fossem imediatamente seguidas de tamanho abatimento e amargura de espírito”.³⁰

Por outro lado, esses versículos podem ter sido dados para revelar os pensamentos íntimos de Jeremias: “o fluxo e o refluxo, a elevação e a queda dos pensamentos interiores” de um indivíduo extremamente humano.³¹ Embora fosse um verdadeiro profeta de Deus, estava sujeito a todo tipo de limitações humanas. A direção na qual ele olhava, a coisa que chamava sua atenção, fazia toda a diferença. Certamente, quando visto somente do ponto de vista humano, o desespero do profeta é compreensível. Jeremias era humano como nós e suas emoções seguiam a direção do seu olhar.

Evidentemente, no versículo 14, a atenção de Jeremias se volta de novo para a desesperança da situação humana. Um manto de intensa escuridão cai sobre o seu espírito. Em grande desespero ele clama: **Maldito o dia em que nasci**. Todas as condições exteriores estavam contra ele. Ele sente o ódio impiedoso que o circundava. Seus instintos mais profundos lhe asseguram que as coisas não vão melhorar, e seu

completo desamparo o impulsiona a continuar seu lamento: **Maldito o homem que deu as novas a meu pai (15)**. Era costume recompensar o homem que trazia a notícia do nascimento de um filho; mas Jeremias clamou: **E seja esse homem como (16) Sodoma e Gomorra. Por que não me matou desde a madre? (17)**.

O texto deve ser entendido de maneira retórica em vez de literal. Não se tem em mente nenhum homem em particular. É importante observar que a maldição de desespero não recai sobre Deus, nem sobre “aqueles que o geraram, nem mesmo sobre o fato de ele ter nascido, mas, em vez disso, esse texto aponta mais uma vez para a maldição gerada pela traição de Israel à sua herança”.³² Clamando em profunda frustração humana, Jeremias está dizendo que, com o tipo de vida que ele está sendo forçado a viver, melhor teria sido que tivesse sido morto no dia do seu nascimento, ou que sua mãe tivesse sido morta quando ainda estava na sua **madre (17)**. Se tivesse ocorrido o que foi mencionado por último, então nem mãe nem filho teriam vivido para ver esse dia desprezível.

A pergunta básica é: Por quê? **Por que saí da madre para ver trabalho e tristeza e para que se consumam os meus dias na confusão? (18)**. Jeremias certamente teria sido menos do que humano se não tivesse sentido a tortura dessa pergunta. Sua conduta não é pior do que a de Jó, que é chamado de homem perfeito (sem culpa) pelo autor inspirado (Jó 1.1; 2.3), ou do Homem na cruz, que em sua agonia clamou: “Deus meu, Deus meu, por que...?” (Mc 15.34). As Escrituras registram para o encorajamento de todas as gerações subseqüentes as oscilações das emoções de Jeremias e a extensão dos seus pensamentos e sentimentos sob pressão extrema. Embora não possa ser admirado por ter esses pensamentos, ele precisa ser respeitado e imitado em não sucumbir diante da tentação de duvidar de Deus. O restante do livro apresenta amplas evidências de que ele manteve sua integridade diante de espantosas dificuldades.

Deus parece enxergar através da camada superficial da religiosidade fingida de Israel. Não há nenhuma profunda tristeza pelo pecado. Suas orações não passam de meras palavras. **Pois que tanto amaram o afastar-se e não detiveram os pés** (10) em ir atrás de deuses falsos. Portanto, diz o Senhor: eu me lembrarei **da maldade deles** e visitarei (castigarei) **os seus pecados**.

2

A Perda Pessoal do Profeta (16.1-9)

Jeremias, cuja natureza sensível e afável anelava por companheirismo e relacionamento social, está agora proibido de desfrutar dessas coisas. Ele está isolado dos seus companheiros, uma figura solitária contra um céu sombrio. Deus lhe nega o conforto do lar e da família: **Não tomarás para ti mulher, nem terás filhos nem filhas neste lugar** (2). Jeremias é o único dos profetas que foi proibido de casar. Mas há tragédias maiores do que a solidão. O profeta foi instruído a transmitir a seguinte mensagem **acerca dos filhos e das filhas que nasceram** naquele **lugar [...] acerca de suas mães [...] e de seus pais**: Todos eles **morrerão de enfermidades dolorosas** (3-4).

Jeremias foi então proibido de ir à **casa do luto** (5). Isso ia estritamente contra o costume da época, e podia servir como uma lição objetiva para o povo. Tratava-se de um sinal de que a destruição futura seria tão grande que os ritos e cerimônias para os mortos não seriam oficiados. Os cadáveres não seriam **sepultados**; não haveria lamentação, **nem por eles se raparão os cabelos** (6); nenhum **copo de consolação** (7) seria oferecido. Uma tradução alternativa para os versículos 6-7 pode ajudar na compreensão desse texto:

3

A Santidade do Sábado (17.19-27)

Jeremias recebe uma mensagem para ser anunciada à Porta do

Povo¹⁸ na cidade de Jerusalém. Ele é instruído a dirigir-se tanto aos **reis** quanto ao **povo (19)** com respeito à

UMA PREVISÃO DO FIM

Jeremias 21.1—29.32

Não é difícil perceber que uma nova seção do livro começa aqui. A transição do pensamento é abrupta e sem explicação. O material não está em ordem cronológica e cobre diversos assuntos. Nesses capítulos estão inclusos incidentes históricos, pronunciamentos, questões tratando de assuntos religiosos e políticos de Judá, e eventos do cenário internacional, tudo interligado.

A nota predominante é o fim de Judá e da dinastia de Davi. Os reis de Judá são os primeiros a merecer a atenção de Jeremias. Depois, os líderes religiosos são duramente advertidos pelo profeta. Então as nações gentias são trazidas diante da corte de justiça; “o Senhor tem contenda com as nações” (25.31). Jeremias vê todas as nações sendo trazidas para debaixo da servidão do rei da Babilônia, de acordo com o decreto divino. Os cativos que já estão na Babilônia são instruídos a preparar-se para a queda de Judá e para um exílio prolongado. Toda seção serve como uma profecia do fim da vida nacional hebraica.

A. Início do Cerco Final, 21.1-10

Sem ser avisado, o leitor é repentinamente levado ao início do cerco final de Jerusalém (provavelmente em 588 a.C., cf. 37.3—38.28). Os babilônios estão do lado de fora dos muros da cidade. A situação está se tornando grave. Angustiado, Zedequias (veja quadro A) envia seus servos¹ de confiança a Jeremias para obter alguma palavra de Deus: **Pergunta [...] por nós, ao Senhor** (2). A alusão de Zedequias a **todas as [...] maravilhas** de Deus indica que o temente rei estava esperando uma intervenção milagrosa semelhante a que Ezequias havia experimentado por meio da intercessão de Isaías uma centena de anos antes (2 Rs 19.1-7; Is 37.1-7). Mas o resultado será bem diferente! Arespos-

ta de Jeremias é imediata e inequívoca: **Assim diz o Senhor [...]: Eis que virarei contra vós as armas [...] que estão nas vossas mãos,**

com que vós pelejais [...] e eu pelejarei contra vós (4-5). Esse é o princípio do fim. Não haverá perdão para a nação dessa vez.

Entregarei Zedequias, [...] seus servos, e o povo [...] na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia (7).

Faça retirar-se de nós (2), i.e., acabar com o cerco da cidade. A **grande pestilência (6)** pode referir-se ao cerco da cidade com todos os seus horrores e mais especificamente à pestilência que se seguiria: a escassez de comida e água. **Sua vida por despojo (9)** significa “como recompensa de guerra” (RSV).

Jeremias sabia que o fim da nação já estava selado e não havia nada que pudesse ser feito. Ele, no entanto, tem uma palavra para o povo. Ele propõe “dois cursos de ação: o caminho da vida e o caminho da morte. Entregar-se ao inimigo significava vida; resistir ao inimigo significava morte, porque a destruição da cidade era certa”.² Isso não quer dizer que o profeta era um traidor do seu país, mas significa que ele viu a maneira como Deus estava se movendo, e foi junto com Ele.

A passagem mostra que a condição de Jeremias havia mudado de forma considerável desde o capítulo 20. Ele era agora um estadista ancião altamente respeitado cujo conselho era sinceramente procurado em uma época de crise.² Essa passagem também ensina que os “dois caminhos” de Jeremias são simbólicos da escolha que os homens são constantemente desafiados a fazer. Sempre há dois cursos de ação abertos para cada indivíduo. Um caminho é a expressão de fé em um Deus eterno e a dependência dele, e esse leva à vida. O outro é a expressão de confiança da pessoa na sabedoria e habilidade humanas para dirigir sua própria vida, e esse leva à morte. O caminho da vida requer fé para crer que a palavra de Deus é verdadeira, mesmo quando ela vai contra a razão e desejo humano — você “aposta sua vida” em Deus. O caminho da morte aposta tudo naquilo que humanamente é razoável e apropriado — você “aposta sua vida” no homem.

B. O Destino da Casa de Davi, 21.11—23.8

Esta seção não segue, de maneira lógica, os versículos 1-10, e deve,

portanto, vir de um outro período na vida de Jeremias. As mensagens são dirigidas à casa de Davi em geral, e especialmente a diversos reis que reinaram durante o ministério de Jeremias. ¹

Ó habitante do vale, nas rochas do planalto.

Independentemente de estar se referindo a Jerusalém ou aos reis de Judá, alguém é culpado em dizer de forma arrogante: **Quem descera contra nós? (13)**. E a linguagem da auto-suficiência e orgulho. Deus se opõe a isso imediatamente ao dizer que esse tipo de arrogância será punido. Quando o autor fala que Deus acenderá **o fogo no seu bosque (14)** pode estar querendo dizer que Ele queimará os palácios dos reis, que eram construídos de “cedros escolhidos” (22.7).

Jeremias outra vez recebe a ordem de descer **à casa do rei de Judá (22.1)** e falar para a corte real. Ele reitera o que foi dito em **21.12**, mas anuncia o seu sermão com mais detalhes. Ele fala demoradamente a respeito das recompensas que vêm sobre a família real que governa com justiça! **Se, deveras, cumprirdes esta palavra, entrarão pelas portas desta casa os reis (4)**. O profeta então muda seu tom e clama: **Mas, se não derdes ouvidos a estas palavras, por mim mesmo tenho jurado, [...] que esta casa (palácio) se tornará em assolação (5)**. Embora a família real e a cidade de Jerusalém sejam tão sólidas quanto os altos de **Gileade** (famosa pelo seu bálsamo), ou o topo dos cedros do **Líbano**, o Senhor declara: **Farei de ti um deserto e cidades desabitadas (6)**. Mais tarde, quando os estrangeiros passarem pela cidade (8) e perguntarem porque o Senhor permitiu tamanha destruição sobre a sua própria cidade, a resposta será: **Porque deixaram o concerto do Senhor, seu Deus, e se inclinaram diante de deuses alheios (9)**.

2. O Destino de Salum (22.10-12)

Este é o primeiro de uma série de oráculos contra reis específicos. Ele é dirigido contra **Salum** ou Joacaz (veja Quadro A), **filho de Josias (11)**. Quando Josias foi morto na batalha de Megido pelo faraó Neco, o povo de Jerusalém escolheu Salum, seu terceiro filho, como rei. Cerca de três meses mais tarde, o faraó Neco afastou Salum do trono

e colocou seu irmão Eliaquim (Jeoaquim; veja Quadro A) em seu lugar (2 Rs 23.30-34). Evidentemente, o povo de Judá chorou por muito tempo a morte de Josias, mas Jeremias os admoestou. Ele clamou: **Não choreis o morto (10, i.e., Josias) [...] chorai abundantemente aquele que sai (Salum), porque nunca mais tornará.** Jeremias estava dizendo que Salum estava indo para o cativeiro, e sua morte lá prefigurava o fim de Judá. Dessa forma, o destino de **Salum** foi um presságio do fim da casa real. ²

Jeremias pergunta a ele: “Você acha que acumular cedro faz de você um rei?” (15, NVI). O profeta então o compara com seu pai, Josias. Ele certamente não era ascético, mas **comeu e bebeu** (15). Ao mesmo tempo ele deu zelosa atenção às suas obrigações como rei: **Julgou a causa do aflito e do necessitado** (16). Jeoaquim, por outro lado, negligenciou suas obrigações reais e se preocupou apenas com seus próprios prazeres. Ele não hesitou em ser condescendente com a **opressão** e em derramar **sangue inocente** (17) para alcançar seus objetivos egoístas.

O Senhor agora determina a sentença. A vida de Jeoaquim terminará em vergonha e desgraça. **Não lamentarão por ele, dizendo: Ai, irmão meu! (18). Em sepultura de jumento, o sepultarão, arrastando-o e lançando-o para bem longe, fora das portas de Jerusalém (19).** Embora o Antigo Testamento não nos ofereça os detalhes da morte de Jeoaquim, não há motivo para duvidar que sua vida terminou em desonra e vergonha. ^{3 4}

Nos versículos 20-23, parece que Judá e/ou Jerusalém foi impelido a prantear por causa da perversidade e falta de integridade dos **pastores** (22; governantes) tais como Jeoaquim. **Sobe ao Líbano, e clama [...] em Basã, [...] porque estão quebrantados os teus namorados** (20). ⁵ **Abarim** significa literalmente “as partes do outro lado”, referindo-se à extensão de montanhas a leste do mar Morto. O significado é o seguinte: “Vá para o norte, leste e sul, para os aliados de quem você dependeu”. Os representantes humanos em quem o rei e a nação tinham confiado não existiam mais. Jeremias lembrou Judá e seu rei de que Deus falou com ele na sua

prosperidade (em um dia de paz em que não havia ameaça de destruição); **mas tu disseste: Não ouvirei** (21). Agora o jogo acabou! Vergonha, consternação e cativeiro serão a porção de Judá e dos povos que se associaram com ela.

No Antigo Testamento, o Líbano é usado às vezes para referir-se a Jerusalém. **O tu que habitas no Líbano** (23) parece referir-se a essa cidade e a Jeoaquim, seu rei. **Teu ninho nos cedros** refere-se aos palácios do rei, visto que foram construídos de cedro do Líbano. Essas construções foram o orgulho e a alegria do povo de Jerusalém. Mas Jeremias despedaça seu sentimento de tranquilidade e complacência com uma predição horrenda: “Como gemerás” (lit.) **quando te vierem as dores [...] de parto!** Novamente, uma predição do fim.

ra que não conhecem? (28). Parece que muitos “habitantes de Judá continuavam considerando-o seu legítimo rei, mesmo no exílio, em vez de Zedequias, seu tio (28.1-4; Ez 17.22)”.⁷ Isso também parece verdade em relação aos exilados judeus (29.1-14). Cansado e aborrecido com o povo porque não parece captar o significado do destino de Joaquim para a nação, Jeremias clama amargurado: “O terra, terra, terra, ouça a palavra do Senhor!” (29, NVI). Ele então elimina a possibilidade de o rei cativo ser um fator nos propósitos contínuos de Deus para a nação: **Escrevei que este homem está privado de seus filhos** (30), i.e., sem descendentes ao trono de Judá. Joaquim tinha falhado em ser um instrumento útil para o propósito divino. Seu fim da vida nacional prenunciava o fim da própria nação.

5. O *Rei Messiânico* (23.1-8)

Esta seção (21.11—23.8) sobre o destino da casa de Davi começou com uma declaração geral; ela agora termina com outra declaração. Nessa passagem, Jeremias resume tudo que disse dos reis de Judá em uma declaração conclusiva que os expõe como **pastores** maus (“pastores de ovelhas”) que dispersaram **as ovelhas (1)**. Ele evidentemente inclui Zedequias entre os outros, embora esse rei não seja mencionado especificamente pelo nome. O termo “pastor” no Antigo Testamento muitas vezes se refere ao rei, mas às vezes ele é expandido, incluindo a corte do rei, ou os “oficiais governantes em geral”.⁸ Esse pode ser o

caso aqui.

A denúncia de Jeremias dos maus pastores também é uma predição do fim da nação, porque os governantes são aqueles que conduziram Judá a esse lugar de destruição. Mas, nas suas declarações em relação ao fim da nação, o profeta também nos apresenta um vislumbre do que vem “após o juízo”. Ele parece dar por certo que o propósito redentor de Deus no juízo será cumprido e que um dia melhor está por vir.

O cumprimento do propósito de Deus incluirá pelo menos três coisas, sendo que nenhuma delas é nova para a profecia do Antigo Testamento. A primeira lida com o retorno do remanescente (3). Isaías dá um destaque especial a essa idéia, e outros profetas também mencionam algo a esse respeito. **E eu mesmo recolherei o resto das minhas ovelhas, de todas as terras, [...] e as farei voltar aos seus apriscos.** Com a ênfase de Jeremias aqui, e de outros textos do Antigo Testamento, a idéia do retomo do remanescente (ou resto) tornou-se uma expectativa intensa por parte do povo da aliança. A terceira coisa está tão intimamente associada com a primeira que deveriam ser tratadas como sendo uma coisa só. Essa é a idéia de que quando ocorrer o retorno, será como se fosse um “Novo Êxodo”. Esse livramento será tão glorioso que as pessoas não mais dirão: **Vive o Senhor**, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito, mas: **Vive o Senhor que fez subir e que trouxe a geração [...] de Israel da terra do Norte** (7-8; cf. 16.14-15).

Um outro ponto importante (o segundo da série acima) é a vinda de um Rei ideal: **Levantarei a Davi um Renovo justo** (*tsemach tsaddiq*) (5); [...] **este será o nome com que o nomearão: O Senhor, Justiça Nossa** (*Yahweh tsidhqenu*); “nossa salvação, ou livramento” (6). Os reis de Judá tinham feito o seu estrago. Agora virá um Rei que **reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra**, e sob o seu governo **Judá será salvo, e Israel habitará seguro**. O termo **Renovo** (*tsemach*) também pode ser traduzido por “rebento” ou “broto”. “A figura sugerida é de um toco de uma árvore [...] que subitamente mostra vida nova”.⁹ A árvore de Davi, cortada até o chão

pela queda da monarquia, brotará novamente, e aparecerá um novo “Rebento”. Esse novo Rei da linhagem de Davi representa todos os anelos insatisfeitos dos homens por um governante ideal. A Igreja sempre viu nesse texto a figura de Cristo, o Rei Messiânico (também cf. 30.9; Is 11.1; 53.2; Ez 34.23-24; 37.24; Zc 3.8; 6.12).

C. Oráculos contra os Falsos Profetas, 23.9-40

Tendo lidado com os líderes políticos na seção anterior, Jeremias agora volta sua atenção para os líderes religiosos da sua nação. Nenhum grupo tinha dado tantos problemas para Jeremias como os profetas profissionais e alguns sacerdotes. A época é a mesma da seção anterior, provavelmente no reino de Zedequias.

1. *A Dor de Jeremias (23.9-10)*

Jeremias sentiu-se esmagado com o que estava acontecendo entre os líderes religiosos dos seus dias: **O meu coração está quebrantado dentro de mim; todos os meus ossos estremecem; sou como um homem embriagado** (9). Apesar da maldição¹⁰ da seca com suas conseqüentes catástrofes, o povo era flagrantemente imoral. **Aterra está cheia de adúlteros** (10), **sua carreira** de vida é incorrigivelmente **má**, “e seu poder é ilegítimo” (NVI). Quando o profeta viu essas condições à luz do caráter de Deus e sua palavra santa, ele foi dominado por tristeza e dor.

2. *O Caráter Profano dos Profetas (23.11-15)*

Jeremias não perde tempo para chegar à verdadeira causa dessa situação: **tanto o profeta como o sacerdote estão contaminados** (11). Esses homens que deveriam estar reverenciando a Deus e todas as coisas santas eram culpados de sacrilégio; **na minha casa achei sua maldade**. Eles lidavam com as coisas sagradas de maneira irreverente. O dia **da sua visita**ção (12) seria seu tempo de juízo. O Reino do Norte tinha sido abertamente apóstata. Em Samaria, os profetas **profetizaram da parte de Baal** ruidosamente (13), e essa foi a causa principal de Israel ir para o exílio. Mas Judá tinha sobrepujado em muito a Israel em sua maldade. Os profetas em

Jerusalém eram culpados dos tipos de pecados mais depravados — **cometeram adultérios, e andam com falsidade** (14) — não obstante proclamam a palavra do Senhor com grande bravata. **Uma coisa horrenda** (“imundice” rodapé da KJV) pode se referir ao pecado de sodomia, visto que Jerusalém é comparada a **Sodoma e Gomorra**. A capital de Judá era um “sumidouro” de perversidade moral. E, pior de tudo, esses líderes religiosos pareciam permanentemente enraizados em seus caminhos perversos, “para que nenhum deles se converta de sua impiedade” (NVI).

A profanação, no entanto, tornou-se a semente de ruína e morte: “o caminho deles será como lugares escorregadios nas trevas” (12, NVI). Além do mais, **diz o Senhor [...]: Eis que lhes darei a comer alosna, e lhes farei beber [...] fel** (15). Essa é a forma bíblica de dizer que seu fim será repleto de desgraça e pesar.

3. *A Proclamação do Engano* (23.16-22)

Jeremias agora censura esses profetas falsos por profetizarem o engano. Suas razões para a acusação não são difíceis de achar: *a)* Eles recebem suas idéias da fonte errada, ou seja, **do seu coração** (16). *b)* Eles proclamam o que o povo quer ouvir: **Paz tereis [...] Não virá mal sobre vós** (17). *c)* Eles não estiveram **no conselho** (*sodh*) do Senhor (18), senão saberiam qual era a palavra de Deus para esse momento: **Uma tempestade penosa cairá cruelmente [...] não se desviará a ira do Senhor até que execute e cumpra os pensamentos do seu coração** (19-20). *d)* Eles saíram e proclamaram sem uma comissão ou sem uma mensagem: **Não mandei os profetas [...] não lhes falei a eles; todavia, eles profetizaram** (21). *e)* Se eles tivessem tido disposição de ouvir o **conselho** (22) do Senhor, eles saberiam a verdadeira palavra, e teriam se salvado e a nação.

4. *O Desafio de Deus* (23.23-32)

Deus é desafiado pela estupidez desses falsos profetas. O significado do versículo 23 é: Será que eles acham que eu sou um Deus limitado? **Sou eu apenas Deus de perto? [...] Esconder-se-ia alguém em**

esconderijos? [...] Porventura, não encho eu os céus e a terra? (23-24). Eles agem como se seus pecados pudessem ser escondidos de Deus, mas Ele está consciente o tempo todo das “pretensões falsas desses homens”.¹¹ Eles também usam sonhos para propagar suas **mentiras** (25). **Sonhos** foram uma maneira legítima de revelação por séculos, mas esses falsos profetas usaram os **sonhos** para os seus próprios interesses, e, dessa forma, distorceram o caráter de Deus (27).

Jeremias insiste em que “o sonho e a palavra de Deus devem estar nitidamente diferenciados, porque a palha nada tem que ver com o trigo, o restolho inútil com o Pão da vida; eles não devem ser misturados”.¹² Uma palavra genuína de Deus é conhecida pela energia divina que acompanha sua proclamação. **Não é a minha palavra como fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a penha? (29)**. Ninguém precisa duvidar da palavra de Deus; Deus os acusa de roubar a palavra dele — **cada um ao seu companheiro** (30), e então saem com sua **língua** lisonjeira, dizendo: **Ele disse** (31). Deus repete que é contra pessoas que “transmitem mensagens de segunda mão e relatam sonhos mentirosos como se fossem a verdade de Deus”.¹³

5. *A Deturpação da Palavra Divina (23.33-40)*

Os falsos profetas são severamente repreendidos por deturparem a expressão **o peso do Senhor** (33), que até então havia tido um significado sagrado. **Peso** (*massa*) é derivado de uma raiz verbal (*nasa*) que significa “levantar” ou “erguer”. Uma mensagem de Deus era algo que o profeta recebia e passava (proclamava) ao povo. Acreditava-se também que *massa* era algo que “pesava” no coração de Deus e na consciência das pessoas. Assim, *massa* veio a significar **o peso do Senhor**, ou uma “expressão vocal” ou “oráculo”. As mensagens de Jeremias da parte de Deus eram particularmente carregadas de julgamento sobre a nação. Com o passar do tempo elas se tornaram difíceis para o povo carregar. Suas mensagens eram especialmente penosas para os falsos profetas, porque na sua maneira dissoluta de viver o povo os via como alguém fora do tempo. O

ressentimento do povo contra Jeremias era tão profundo que deturparam um termo profético genuíno ao perguntar de forma jocosa: **Qual é o peso do Senhor?** (33). Eles evidentemente zombavam dele de forma tão constante com essa pergunta que a palavra já não podia mais ser usada. Qualquer mensagem anunciada com esse título parecia ridícula. Em vez de ajudar a causa de Deus, esse termo a obstruía. Deus, portanto, ordenou que o termo fosse eliminado. **Nunca mais vos lembrareis do peso do Senhor** (36); no seu lugar vocês deverão dizer: **Que falou o Senhor?** (35).

Na superfície a questão parece insignificante. No entanto, o problema revela de uma maneira muito clara a perversidade moral dos falsos profetas. Na verdade, toda a nação havia se acostumado a desfazer da mensagem divina. A Septuaginta e a Vulgata encontram uma resposta para a questão: **Qual é o peso do Senhor?** ao dizer: “Vocês são o peso, e eu os rejeitarei, diz o Senhor”. Deus lança contra eles mesmos o seu escárnio.

D. A Parábola dos Figos, 24.1-10

Algum tempo depois que Joaquim e as 10.000 pessoas das famílias escolhidas de Judá foram deportadas para a Babilônia na derrocada de 597 a.C. (cf 2 Rs 24.8-16), o Senhor falou ao profeta. Jeremias estava consciente da situação enfrentada pelos exilados na Babilônia, bem como da situação em Jerusalém. Ele viu que havia uma mensagem de profundo significado espiritual nesse incidente para os dois grupos. (A carta de Jeremias aos exilados no capítulo 29 deve ser lida junto com esse capítulo para obter-se um quadro completo da situação).

O Senhor chamou a atenção de Jeremias para **dois cestos de figos postos diante do templo** (1). **Um cesto continha figos muito bons [...] mas o outro cesto**

continha figos da pior qualidade, totalmente impróprios para o consumo (2). Depois de conseguir a atenção de Jeremias, o Senhor fez desse incidente corriqueiro um momento de profunda percepção espiritual para o profeta, e um prenuncio do fim de Judá.

O Senhor explicou que os **figos bons** (3) representavam os exilados na Babilônia; os figos **maus** (muito ruins) representavam o povo que morava em Jerusalém. Deus então explicou que a diferença entre os dois grupos tinha que ver com a resposta que estavam dando a Ele e às suas ações na história. A resposta do grupo na Babilônia é resumida nas palavras: **porque se converterão a mim de todo o seu coração** (7). O grupo em Jerusalém respondeu: “após as nossas imaginações andaremos” (18.12).

Os exilados na **Babilônia**, embora privados do Templo e do amparo da vida religiosa, estavam descobrindo por meio da disciplina do sofrimento e das dificuldades que Deus não está preso a instituições e formas. Ele pode ser encontrado quando os homens o buscam de todo coração (29.10,13). Por outro lado, o povo de Jerusalém, apesar da presença do livro da Lei, do Templo e dos profetas fiéis, não tinha tempo para coisa alguma além dos seus próprios desejos carnavais. Veja explanação sobre **Zedequias e os que habitaram na terra do Egito** (8) em 2 Reis 25.1-26 e Quadro A.

Há diversas verdades que podemos aprender da parábola dos figos. 1) Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. “Era natural que os judeus que ficaram na

Palestina atribuíssem a salvação do cativo ao mérito próprio. Essa avaliação complacente é contestada nesse capítulo”.¹⁴ O que com frequência parece algo bom pode, na verdade, ser algo muito ruim. O exílio em si não foi necessariamente uma coisa ruim. Deus estava cumprindo seu propósito. Essas pessoas foram curadas para sempre da idolatria. Ao mesmo tempo, o povo de Jerusalém estava vivendo sob um sistema condenado e as pessoas estavam com os olhos vendados para enxergá-lo. 2) O poder devastador de uma mente fechada: Os moradores de Jerusalém estavam indispostos a aprender. Eles recusaram-se a dar ouvidos a qualquer coisa que ia contra seus próprios desejos. Eles eram incapazes de ouvir a palavra “nunca” de Deus. Para eles nada que fosse novo podia ser verdade. 3) A visão de Deus do que é bom: Para Deus o bem maior não estava no bem-estar civil ou político, como os habitantes de Jerusalém acreditavam

(embora isso não deva ser desprezado), mas em uma renovação espiritual constante que é obtida ao se dar ouvidos à voz de Deus. 4) A visão de Deus do que é mau: Deus considera os homens maus a) quando são cegos para as verdades eternas; 6) quando vêem somente o presente como importante e estão muito preocupados com o conforto humano; e c) quando confiam na sabedoria humana em vez de na palavra de Deus.

E. Uma Pré-visualização do Fim, 25.1-38

Neste capítulo, o leitor volta subitamente no tempo, do reino de Zedequias para o quarto ano de Jeoaquim (de cerca de 588 a.C. para 605-604 a.C.; veja Quadro A). Nesse ano, todo o Oriente Médio estava em um processo de grandes mudanças. A batalha de Carquemis havia ocorrido pouco antes (606 a.C.), e essa batalha foi um dos acontecimentos mais decisivos na história do mundo antigo. O último remanescente do exército assírio havia se juntado com as forças egípcias sob o comando do faraó Neco para lutar contra Nabucodonosor, o príncipe herdeiro e general do exército da Babilônia. Essa batalha foi vencida por Nabucodonosor; a Assíria desapareceu, e o Egito perdeu seu domínio sobre a política do Crescente Fértil. A Babilônia reinava suprema. Entre as nações menores havia uma tentativa desesperada de se reorganizar.

Depois da batalha de Carquemis, Nabucodonosor evidentemente perseguiu o exército do faraó Neco até as portas do Egito. Enquanto estava naquela região, parece ter tomado a cidade de Jerusalém,¹⁵ ou pelo menos tomou reféns, e obrigou Jeoaquim a mudar sua lealdade ao Egito para a sujeição à Babilônia (2 Rs 24.1; Dn 1.1). Judá era agora um vassalo da Babilônia (cf. Isaías 39.5-7), o que prevaleceu até o final do domínio babilônico no Oriente Médio (539 a.C.).

Jeremias tinha uma percepção aguda dos acontecimentos internacionais. Ele tinha recebido a comissão de ser um profeta para as nações (1.10) e estava plenamente consciente do que estava acontecendo na região do Crescente Fértil. Não era difícil estar a par das notícias daquela época, porque a estrada internacional do Egito para a Babilônia passava pelo litoral da Palestina. Hopper cita

A. B. Davidson, que diz o seguinte: “Semelhantemente a um raio, Carquemis iluminou (Jeremias) acerca dos propósitos de Deus com o seu povo até o fim”.¹⁶ A batalha de Carquemis com seus resultados clareou muitas coisas para Jeremias. O plano de Deus em usar os caldeus como instrumento da sua ira tornou-se evidente. O destino de Judá era discernível à luz desses acontecimentos. Esses eventos influenciaram as atividades proféticas de Jeremias para o resto da sua vida.

Após um breve resumo da sua carreira profética, Jeremias apresenta uma prévia do fim de Judá, a ruína do império babilônico, e o julgamento final de todas as nações.

1. *Recordação* (25.1-7)

Nenhuma visualização do futuro realmente é adequada sem uma reflexão acerca do passado. Diante desse ponto crucial na história, Jeremias dirigiu-se a **todo o povo de Judá (1)**. Ele lembrou o povo que havia servido como porta-voz de Deus por vinte e três anos: **Desde o ano treze de Josias** (veja Quadro A) [...] **veio a mim a palavra do Senhor, e vo-la anunciei (3)**. Por séculos Deus tinha “madrugado” (“dia após dia”, NVI), enviando a eles **seus servos, os profetas (4)**. Jeremias então repete a mensagem central de todos os profetas, incluindo o tema do seu próprio ministério: **Converti-vos, agora, cada um do seu mau caminho (5) [...] e não andeis após deuses alheios (6)**. Ele também lembra o povo qual tinha sido a resposta deles: “Vocês não deram ouvidos a mim [...] e provocaram a minha ira” (*Basic Bible*).

Encontrando-se aqui no meio da sua carreira, Jeremias ressalta *a)* ouvir, *b)* converter-se e *c)* habitar. Embora tenham ouvido, eles não prestaram muita atenção, porque não deixaram de adorar **deuses falsos (6)**. Conseqüentemente, não poderão mais habitar na sua própria **terra (5)**. O pecado da adoração de ídolos tinha sido sua ruína. Eles não se contentaram em viver pela fé; eles insistiam em viver por vista — por aquilo que era humanamente razoável. Assim, diz o profeta, em vez de adorar o Deus vivo vocês adoraram **a obra de vossas próprias mãos (7)**. O pecado e a desobediência os

desmascarou.

2. *Resolução* (25.8-14)

Da sua recordação do passado, Jeremias agora se volta para uma reflexão acerca do futuro. A chave para esse futuro se encontra naquilo que aconteceu no passado: **Visto que não escutastes as minhas palavras** (8). Os planos de Deus para o futuro estavam condicionados às respostas deles no passado. O Senhor agora comunica a Jeremias o que tinha resolvido fazer em relação a Judá e à Babilônia.

a) Na sua sabedoria eterna, Deus tinha decretado que a nação de Judá precisava chegar a um fim. Ele indica como isso iria acontecer: **Eis que [...] tomarei a todas as gerações do Norte [...] a Nabucodonosor, rei da Babilônia [...] e os trarei sobre esta terra** (9). **Meu servo** significa somente que Deus estava usando Nabucodonosor como instrumento para castigar Judá. Passaram-se mais dezoito anos de vida nacional, mas a decisão de Deus era definitiva: **E farei perecer, entre eles, a voz de folguedo [...] de alegria [...] do esposo [...] da esposa [...] E toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto** (uma ruína desolada; 10-11). **O som das mós, e a luz do candeeiro** eram sinais conhecidos de vida entre eles.

b) Deus também havia determinado o número de anos do exílio de Judá: **E toda esta terra [...] e estas nações servirão ao rei da Babilônia setenta anos** (11). Esse número provavelmente é arredondado, mas o período de servidão de Judá na Babilônia chegou muito próximo disso. A batalha de Carquemis ocorreu em 606 a.C., e deu à Babilônia o controle de toda a região do Oriente Médio, desde o Egito até a boca do rio Eufrates (2 Rs 24.7). Isso incluía Judá, e há indícios de que os cativos judeus foram levados para a Babilônia em 606-605 (veja nota de rodapé do v. 16 na KJV). A Babilônia caiu diante dos medos e persas em 539 a.C., e o primeiro grupo de judeus retornou para Jerusalém em 539 a.C. Desde a primeira deportação dos cativos para Babilônia em 606/605 até o primeiro retorno dos judeus a Jerusalém em 536, temos um período aproximado de

setenta anos. Alguns estudiosos preferem fazer a contagem desde a queda de Jerusalém em 586 a.C. até a dedicação do segundo Templo em 516 a.C. Isso também abrange um período de **setenta anos**.

c) Deus, no entanto, deixou claro que a Babilônia não ficaria impune: **visitarei o rei da Babilônia [.. .] E trarei sobre esta terra todas as palavras que disse contra ela**

(12-13). Embora a Babilônia seja o instrumento de Deus para castigar os judeus, a grande nação terá de responder a Deus pelos seus próprios pecados. **Muitas nações e grandes reis** “os farão escravos” (14; Berkeley). Jeremias percebe que Deus não só controla o destino dos judeus, mas também do grande império babilônico.

3. *Retribuição* (25.15-29)

Jeremias continua vendo os eventos futuros. Ele enxerga além do castigo de Judá e vê o dia em que **todas as nações** (15) serão julgadas. Deus ordena Jeremias a tomar o **copo de vinho do seu furor** e dar **a beber dele a todas as nações**. Ele então descreve o que vai ocorrer: Começando em **Jerusalém** (18), nação após nação é obrigada a beber do vinho da ira de Deus, e, por último, **Sesaque** (26; Babilônia). Todos eles se tornarão “uma desolação e um objeto de pavor, zombaria e maldição” (18; NVI). A **mistura de gente** (20, 24) é uma referência à miscigenação de nações estrangeiras.

Todas as nações a quem os oráculos são dirigidos nos capítulos 46—51 são mencionadas aqui (veja mapas 1,2 e 3), exceto Damasco. Diversas nações que não aparecem em 46—51 foram, no entanto, acrescentadas. **Arábia** (24) mencionada aqui é a mesma que **Quedar** em 49.28-33. **Elão** (25) e **Média** são mencionados juntos aqui, ao passo que somente o Elão é mencionado em 49.34-39. “Além disso, [há] Uz (intimamente conectado com Edom); Tiro e Sidom; Dedã e Temã (tribos do norte da Arábia); Buz e todos os que cortaram as pontas do seu cabelo; Zinri [é] (desconhecido)”.¹⁷ **Todos os reinos da terra**

(26) beberão, e ao beberem se embriagarão e vomitarão, cairão e não mais se levantarão

(27) . A justiça retributiva de Deus começará sua obra poderosa. **Se não quiserem tomar** (28), o profeta é instruído a dizer: “Vocês vão bebê-lo!” (NVI). **Porque, eis que, na cidade que se chama pelo meu nome, começo a castigar; e ficareis vós totalmente impunes?** A resposta é: **Não, não ficareis impunes** (29).

4. *Retribuição Reforçada* (25.30-38)

O profeta muda de prosa para poesia nessa seção (cf. ARA ou NVI). As figuras de linguagem mudam. As cenas de julgamento retratadas acima são prolongadas e aprofundadas para prover uma pré-visualização do fim dos tempos e do juízo final. O Senhor é retratado como um **leão**, surgindo da sua “toca” (38; NVI), rugindo com grande ferocidade. Ele também **bramirá [...] com grito de alegria, como dos que pisam as uvas** (30; cf. Is 63.1-3). Toda passagem é uma cena de julgamento. **O Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo com toda a carne** (31, um julgamento universal), e os ímpios serão castigados com grande destruição. Haverá uma **grande tormenta** (32, tempestade) na qual **nação** após **nação** será envolvida. Naquele dia, **os mortos do Senhor serão desde uma extremidade da terra até à outra**, e o número dos mortos será tão grande que **não serão pranteados, nem recolhidos, nem sepultados** (33).

Os versículos finais dessa seção são dirigidos aos **pastores** (governantes) e aos **principais** (“chefes”, NVI) **do rebanho** (34). **Uivai, pastores, e clamai, e revolvei-vos na cinza. Não haverá fuga para os pastores, nem salvamento. [...] Porque o Senhor destruiu o pasto deles** (35-36) — i.e., sua fonte de ajuda foi cortada. **E vós, então, caireis como um jarro precioso** (34) significa ser morto como cordeiros cevados. Eles não têm lugar para se esconder. O dia final chegou, e quem será capaz de suportá-lo? Deus tem o controle do mundo em suas mãos; todas as nações, tribos e povos deverão ser julgados por Ele.

O tema desse capítulo é: “O Julgamento do Homem efetuado por Deus”. 1) O julgamento começa na casa de Deus, versículo 29. 2) O julgamento é necessário por causa da maldade do homem, versículos

5-7,10,12,14. 3) Não haverá lugar para se esconder da ira de Deus, versículos 33,35. 4) Todas as nações e povos serão envolvidos no julgamento desse grande dia, versículos 32-33.

F. Oposição às Predições de Destruição, 26.1—29.32

Estes capítulos formam uma coleção de incidentes e oráculos originários de diferentes períodos da vida de Jeremias. Eles são reunidos aqui debaixo de um tema porque revelam as reações de diversos indivíduos e grupos à pregação do profeta. Ele insistia em que Judá e as nações vizinhas deveriam submeter-se, pelo menos por um período, ao governo do rei da Babilônia. O rei e o povo de Judá naturalmente se ressentem desse tipo de profecia, mas os inimigos mais severos de Jeremias eram os líderes religiosos da nação. Os profetas profissionais e os sacerdotes se opõem a ele com grande veemência. Jeremias, por sua vez, guardou as críticas mais violentas para esses homens que eram os maiores responsáveis em desviar a nação do caminho certo. Do ponto de vista humano, Jeremias estava em desvantagem, porque os falsos profetas eram homens astutos e capazes. Mas essa seção prova mais uma vez que um homem e Deus formam a maioria. ⁶

Judá também estava passando por um período difícil de ajustamento, ainda prateando a morte de Josias. Jeoacaz (Salum), seu sucessor, tinha sido destronado pelos vitoriosos egípcios. Jeoaquim, colocado no governo pelo faraó Neco, era inexperiente, inescrupuloso e repleto de idéias pomposas. A situação religiosa tinha piorado desde a morte de Josias. Jeremias viu que a nação se encontrava diante de uma encruzilhada, e sabia que a única esperança consistia na volta a Deus. Também estava claro para ele que se uma mudança de atitude no coração do povo e um mover para a verdadeira religião tivessem que ocorrer, isso deveria ser feito logo. Sob a compulsão de Deus, e desconsiderando o perigo que ele enfrentava, Jeremias faz um último apelo desesperado à nação e ao seu jovem rei para lançar-se nos braços misericordiosos de Deus. O profeta se levanta e “aparece como um estadista com intrépida coragem e percepção política”.¹⁹

Deus ordena que Jeremias se coloque no **átrio** do Templo e fale **todas**

as palavras que te mandei [...] não esqueças (omitas) **nem uma palavra** (2). Parece que o povo estava celebrando uma festa nacional na qual apareciam pessoas de **todas as cidades de Judá**. Esse era o momento propício para se proclamar uma mensagem importante que afetaria todo o país. Ele deve anunciar ao povo que Deus está disposto a perdoar. **Bem pode ser que ouçam e se convertam**, que **eu me arrependa do mal que intento fazer-lhes por causa da maldade das suas ações** (3). **Então, farei que esta casa seja como Siló** (6; destruída pelos filisteus e nunca mais reconstruída, cf. 1 Sm 4). A expressão **madrugando** (5) significa “os quais tenho enviado a vocês cedo e tarde” (Smith-Goodspeed).

Muitos estudiosos acreditam que esse é o mesmo sermão e a mesma ocasião descritos no capítulo 7 (cf. comentários em 7.1-14). Lá o sermão é proclamado com mais detalhes, mas aqui temos uma noção mais clara da reação do povo ao sermão. Este autor concorda com esse ponto de vista. O aspecto indesejável do sermão é a predição de Jeremias da destruição do Templo e da cidade de Jerusalém. A inviolabilidade do Templo e da cidade de Jerusalém era o dogma religioso mais popular da época.²⁰ Os profetas profissionais e os sacerdotes tinham se agarrado a esse dogma para proclamar ao povo que estavam seguros, visto que Deus jamais deixaria que seu lugar de habitação fosse destruído. Com um único golpe, Jeremias destruiu o dogma mais estimado deles. Consequentemente, os sacerdotes e profetas não podiam permitir que o sermão de Jeremias ficasse incontestado.

2. A Prisão e Soltura de Jeremias (26.7-19)

O sermão de Jeremias trouxe uma reação imediata dos líderes religiosos da nação. Eles ficaram indignados. Alegando que Jeremias era culpado de profetizar falsamente em nome do Senhor, condenaram-no na mesma hora: **Certamente, morrerás** (8). O povo que estava na cidade para a festa foi levado de roldão pelos seus líderes religiosos, e Jeremias estava em perigo de ser apedrejado e morto. Sua “culpa” residia no fato de o seu sermão discordar daquilo que os profetas profissionais estavam anunciando ao povo.

A notícia da ação da turba no pátio do Templo espalhou-se rapidamente. Os **príncipes**, i.e., os oficiais da corte do rei que tinham a incumbência de manter a paz, se apressaram em ocupar os assentos do tribunal, que ficava na entrada da **Porta Nova** (portão leste) da **Casa do Senhor** (10). Claramente, esse era o lugar onde os problemas religiosos que afetavam o povo eram discutidos.

Os líderes religiosos não perderam tempo em acusar Jeremias diante dos **príncipes** e do **povo**, afirmando: **Este homem é réu de morte** (11). No entanto, os príncipes pareciam homens imparciais e não se precipitaram na sua sentença. Apesar da pressão dos líderes religiosos, eles deram ao profeta a oportunidade de se defender.

Jeremias defendeu sua posição de uma maneira admirável. Ele foi direto e resoluto, e falou com poder. **O Senhor me enviou a profetizar** (12). **Agora, pois, melhorai os vossos caminhos [...] e arrepender-se-á o Senhor** (13). **Quanto a mim, eis que estou nas vossas mãos** (14). O profeta estava preparado para qualquer consequência.

Então, disseram os príncipes e todo o povo (16) — perceba de que lado o povo se colocou agora — **Este homem é réu de morte**. Imediatamente, **alguns dentre os**

anciãos da terra (17; provavelmente das cidades menores de Judá, presentes na festa) tomaram a palavra e lembraram os príncipes e o **povo** das palavras do profeta **Miquéias**. Cem anos antes **Miquéias [...] profetizou que Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões de pedras** (18; cf. Mq 3.12). **Mataram-no, porventura, Ezequias [...] e todo o Judá?** (19). A resposta era: Não. A essa altura, a maré havia mudado; os falsos profetas e os sacerdotes perderam a oportunidade de destruir Jeremias, e ele foi inocentado. Os seguintes aspectos foram fundamentais nessa decisão: sua maneira segura de falar, a autenticidade das suas palavras e a ajuda de amigos de influência. **Aicão, filho de Safã**, de uma das melhores famílias da terra (2 Rs 22.12; 25.22; Jr 39.14), tornou-se amigo político de grande valor (24).

3. *A Prisão e a Execução de Urias (26.20-24)*

Este incidente não tem conexão com o julgamento e a absolvição de Jeremias. Ele é introduzido, nesse ponto, para mostrar o grave perigo que Jeremias havia enfrentado, e quão facilmente sua vida poderia ter sido apagada. O incidente mostra a profunda hostilidade do rei e dos líderes religiosos da nação contra os verdadeiros profetas de Deus. **Urias** tinha profetizado contra Judá e Jerusalém **conforme todas as palavras de Jeremias (20)**. Ele foi brutalmente morto e seu cadáver foi lançado no lugar público de sepultamento **(23)**. Esse relato também revela que amigos influentes em lugares estratégicos podem ser de grande valor para a causa de Deus. Mas, acima de tudo, esse fato revela que Deus estava cumprindo sua palavra na vida de Jeremias de acordo com 1.1719, e que sua absolvição não foi mero acaso.

4. *O Jugo da Babilônia Continua (27.1—28.17)*

As predições de Jeremias de que a Babilônia governaria as nações do Oriente Médio durante setenta anos despertou a ira dos governantes políticos e religiosos de Judá. Todos admitiam que a Babilônia governaria (593 a.C.), mas havia uma forte expectativa de que esse cenário mudaria em breve. Os líderes religiosos estavam irados com Jeremias porque suas próprias predições estavam sendo contestadas; os líderes políticos, por causa das suas aspirações nacionalistas, estavam correndo o risco de ver essas aspirações sendo refutadas por esse tipo de pregação. Os profetas profissionais eram os mais abertamente antagônicos nessa época. Apesar da sua hostilidade maligna, Jeremias manteve firme a sua posição de que seus pronunciamentos eram de Deus, e que a Babilônia seria a nação que governaria sobre Judá e as outras nações.

a) *Reis estrangeiros (27.1-11)*. Quase todos os estudiosos das Escrituras entendem que Jeoaquim (cf. KJV) em 27.1 é erro de um copista, e foi provavelmente copiado de 26.1. Os versículos 3,12, e 20 deixam claro que se trata do rei **Zedequias** (veja Quadro A).

No princípio do reinado (1) deveria ser entendido como: “Nos anos

iniciais do reinado de Zedequias”; porque **28.1** indica que aqueles acontecimentos ocorreram no mesmo ano, e que esse ano foi o quarto ano de Zedequias.

O versículo 3 relata a chegada de cinco enviados a Jerusalém de cinco nações vizinhas de Judá, para se reunirem com Zedequias. Podemos deduzir da mensagem de Jeremias para os reis **de Edom, de Moabe, dos filhos de Amom, de Tiro, e de Sidom** (veja mapa 2) que eles estavam buscando o apoio de Zedequias para uma revolta contra Nabucodonosor, rei da Babilônia. Enquanto os mensageiros estavam conferenciando com **Zedequias** e seus príncipes, o Senhor deu a Jeremias uma mensagem para os reis dessas nações.

O profeta foi instruído a dramatizar sua mensagem pelo uso de **prisões e jugos** (2; “cordas e madeira”, NVT). Pelo que tudo indica, Jeremias fez sete pares de jugos, um para cada um dos reis, incluindo Zedequias, e o que ele mesmo estava usando. Parece que ele andou pelas ruas de Jerusalém por vários dias com esse jugo sobre o pescoço, proclamando a mensagem que Deus lhe tinha dado. Os enviados dos cinco reis foram ordenados a transmitir a mensagem de Deus aos **seus senhores** (4).

O conteúdo da mensagem de Jeremias aos reis pode ser resumido em sete pontos. 1) **Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel** (4) é o Criador **da terra, do homem** e dos **animais** (5). Ele controla os destinos de todas as nações e dá a soberania sobre elas a quem quer. 2) Naquele momento histórico, Ele tinha dado o controle daquelas terras **nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia** (6) e não caberia recurso a essa decisão. Sobre **meu servo**, veja o comentário em 25.9. 3) Qualquer um que profetizar outra coisa, quer seja por sonhos, adivinhação, magia ou feitiçaria, está mentindo e não visa os melhores interesses do seu povo (9-10). 4) Aqueles que se recusarem a aceitar o **jugo do rei da Babilônia** (8) serão severamente castigados e removidos da sua **terra**, para perecer no cativeiro (10). 5) Aqueles que aceitam o **jugo** poderão permanecer **na sua terra** (11); suas vidas e casas serão salvas. 6) No tempo de Deus, a Babilônia terá de responder a Deus pelos seus próprios pecados. Naquele dia **muitas nações e grandes reis se servirão**

dele (Nabucodonosor; v. 7, cf. comentário em 25.12-14). 7) A grande lição a ser aprendida é: apesar da conspiração de reis e nações, a palavra de Deus por meio de Jeremias permanece firme. O jugo da Babilônia permanece!

b) *Zedequias, o rei de Judá (27.12-15). E falei com Zedequias (12)* indica que Jeremias fez um esforço pessoal para deixar claro ao seu rei que a mensagem de Deus também valia para ele. O profeta estava ciente de que **Zedequias** era “um rei fraco e vacilante, que estava disposto a ouvir a opinião dos revoltosos”.²¹ Ele também sabia que o rei estava sob pressão por parte dos profetas profissionais para se unir aos rebeldes; eles estavam proclamando de forma ruidosa: **Não servireis ao rei da Babilônia (14)**.

Jeremias precisava fazer alguma coisa para despertar a atenção do rei, e ele fez uma pergunta assustadora: **Por que morrerías? (13)**. Zedequias estava diante de um dilema. Os reis e os falsos profetas representavam as reações naturais da natureza humana à parte de Deus. Jeremias apresentou o lado espiritual da vida — a sabedoria de Deus. O rei precisa fazer uma escolha. Nesse caso, submissão a Nabucodonosor era, na verdade, submissão a Deus, porque Ele tinha decretado que o jugo da Babilônia haveria de permanecer sobre Judá. Era uma questão de ver o que acontecia por trás das cortinas e reconhecer a mão de Deus moldando os acontecimentos dos homens. Era uma escolha entre fé e visão.

c) *Os sacerdotes e o povo (27.16-22)*. Jeremias volta sua atenção **aos sacerdotes e a todo este povo (16)**. Os **profetas** profissionais haviam profetizado que **os utensílios** que foram tirados do Templo (597 a.C.) e levados para a **Babilônia** voltariam **cedo** para Jerusalém. Mas Jeremias advertiu os sacerdotes: **eles vos profetizam mentiras**. Ele os instou a reajustar seu modo de pensar. Portanto, eles deveriam submeter-se **ao rei da Babilônia** para continuar vivendo (17).

Para reforçar sua mensagem, Jeremias desafia os falsos profetas a participar de um teste: **Se são profetas [...] se há palavras do Senhor com eles, que orem ao Senhor para que os utensílios que**

ficaram na Casa do Senhor, e na casa do rei [...] não sejam levados para a Babilônia (18). Não há incerteza por parte de Jeremias. Seu desafio soa alto e claro enquanto emite a dura crítica: **Porque assim diz o Senhor [...]: A Babilônia serão levados** (19,22). Ele não nega que os utensílios da casa do Senhor vão, no tempo oportuno, voltar a Jerusalém, mas afirma que isso ocorrerá no tempo do Senhor (22). A história provou que Jeremias estava certo e os sacerdotes estavam errados. Para uma descrição dos itens no versículo 19, veja comentário de 1 Reis 7.15-50. Acerca dos acontecimentos do versículo 20, veja 2 Reis 24.8-16.

A nota predominante em todos esses episódios era que Jerusalém estava condenada e o fim da nação estava próximo.

d) *Os falsos profetas* (28.1-17). Neste capítulo, Hananias representa todo o grupo de profetas profissionais. O incidente foi incluído aqui para realçar o erro desses homens, e para mostrar que o que eles faziam estava prejudicando a nação. Eles podem ter sido sinceros, mas estavam tremendamente errados.

No mesmo ano (1), i.e., no ano em que os acontecimentos do capítulo 27 ocorreram. **No princípio do reinado de Zedequias** significa “nos anos iniciais do seu reinado”, porque ele diz que foi **no ano quarto**. Os eventos nos capítulos 27 e 28 provavelmente ocorreram no mesmo tempo. Na verdade, o capítulo 28 pode ter precedido 27.16-22.

Jeremias parece ter profetizado nas ruas de Jerusalém durante vários anos, dramatizando sua mensagem ao levar um jugo sobre o pescoço. Ele foi subitamente confrontado **na Casa do Senhor** por um dos profetas profissionais. **Hananias [...] de Gibeão** (veja Gibeá, mapa 2), com um grande *show* de fervor religioso, contradisse a pregação de Jeremias diante de um grande ajuntamento **dos sacerdotes** e do **povo**. Ele clamou: **Assim fala o Senhor dos Exércitos [...] Eu quebrei o jugo do rei da Babilônia. Depois de passados dois anos completos, eu tornarei a trazer [...] os utensílios da Casa do Senhor que deste lugar tomou Nabucodonosor [...] levando-os para a Babilônia. Também a Jeconias [Joaquim; veja Quadro A] [...] e a todos os do cativeiro de Judá** (2-4).

A resposta de Jeremias foi um fervoroso **Amém (6)**. Ele ardentemente desejava que a mensagem anunciada por Hananias pudesse ser verdade, porque Jeremias amava sua nação e seu povo. **Mas ouve (7)**, disse Jeremias, essas palavras não estão de acordo com os profetas que profetizaram **antes de mim e antes de ti (8)**. No passado, o verdadeiro profeta de Deus não profetizava coisas tranqüilas, sem ressaltar a responsabilidade do povo. Hananias e seus amigos estavam falhando nesse aspecto. O verdadeiro profeta falava da conduta ética e de verdades eternas. Ele sabia que Deus lidava com as pessoas numa base moral, não com o que parecia meramente agradável aos olhos humanos. E, visto que o coração do homem era “desesperadamente perverso” (cf. 17.9), os profetas da antigüidade falavam de **guerra, e mal, e peste (8)**. A palavra do verdadeiro profeta deve apresentar uma combinação de predição negativa e positiva, porque somente então a palavra do Senhor é apresentada de maneira equilibrada. Conseqüentemente, um homem que falava somente coisas lisonjeiras era suspeito até que suas palavras provassem ser verdadeiras.

Sem aviso, **Hananias** arrancou **o jugo do pescoço do profeta Jeremias e o**

quebrou (10). Ele repetiu ainda com mais veemência sua profecia anterior, declarando que **o jugo [...] da Babilônia** seria quebrado do **pescoço de todas as nações** num prazo de **dois anos (11)**. Com isso, Jeremias se foi, **tomando o seu caminho**. Seu silêncio era mais eloqüente do que qualquer coisa que pudesse ter dito. Ele poderia ter argumentado, mas com o ânimo da multidão e o estado agitado de Hananias, suas palavras se tornariam inúteis.

A última palavra, no entanto, não tinha sido pronunciada. Certo tempo depois, Deus deu uma mensagem a **Jeremias** para esse falso profeta: “Você quebrou jugos de madeira, mas em seu lugar você fará jugos de ferro” (13, lit.). O versículo 14 explica: **Porque assim diz o Senhor [...]: Jugo de ferro pus sobre o pescoço de todas estas nações, para servirem a Nabucodonosor, [...] e servi-lo-ão**. A última frase ressalta como Hananias estava errado e como é definitiva a decisão de Deus.

O Senhor também tinha uma palavra pessoal para Hananias: não te enviou o Senhor, mas tu fizeste que este povo confiasse em mentiras (15). Este ano, morrerás (16). E morreu Hananias [...] no sétimo mês (17). Kuist comenta: ‘ “Dois anos [...] dois meses...” Fim cruel!’.²²

O pecado de Hananias foi que ele “com um coração despreocupado fez, em nome de Javé, promessas inconsistentes com a condição moral do povo, [que] portanto, não podiam ser cumpridas”.²³ Hananias era um fanático. Ele esperava resultados sem colocar os devidos alicerces para alcançar esses resultados. “Com grande segurança ele estabelece um limite de dois anos na sua profecia: fanáticos sempre estão com pressa”.²⁴

5. *Cartas ao Povo no Exílio (29.1-32)*

Duas cartas são mencionadas neste capítulo. A primeira diz respeito ao bem-estar geral do povo no exílio, e contém uma advertência contra os falsos profetas. A segunda é dirigida à comunidade inteira, mas lida com um falso profeta em particular.

Jeremias não era apenas perturbado por falsos profetas em Judá, mas o mesmo tipo de pessoas estava criando dificuldades entre os exilados na Babilônia. Esses exilados eram, sem dúvida, um grupo de pessoas infelizes, com muita saudade da sua pátria. Eles eram, conseqüentemente, uma presa fácil para pseudoprofetas que estavam predizendo um fim rápido para o cativeiro e um retorno breve para a sua terra natal. Notícias das suas atividades chegaram até Jerusalém, e Jeremias sentiu-se constrangido a opor-se a eles, da mesma maneira que se opusera a Hananias, e outros da sua estirpe, em Judá.

Este capítulo tem uma conexão muito próxima com os capítulos 24—28, e o capítulo 24, de maneira especial, deveria ser lido junto com o capítulo 29.

a) *Uma carta geral (29.1-23). 1) Pano de fundo (29.1-3). Jeremias*

enviou uma carta aos exilados por intermédio de dois oficiais de confiança que estavam sendo enviados à Babilônia por Zedequias. Um era **Elasa, filho de Safã** (3) e irmão de Aicão, que já havia demonstrado ser um grande amigo de Jeremias (26.24). O segundo era **Gemarias, filho de Hilquias** (3; Hilquias provavelmente era o sumo sacerdote quando o livro da Lei foi encontrado no Templo — 2 Rs 22.4,8,14). O registro histórico dos acontecimentos do versículo 2 é encontrado em 2 Reis 24.8-16.

2) *Instrução básica* (29.4-19). O conteúdo dessa carta pode ser resumido sob seis tópicos, *a)* Os exilados foram instruídos a preparar-se para uma longa permanência no cativeiro. Foi-lhes dito: **Edificai [...] plantai [...] comei [...]. Tomai mulheres [...] gerai filhos e filhas [...] multiplicai-vos ali e não vos diminuais** (5-6). *b)* Eles deveriam procurar **a paz** e orar pelo bem-estar da sua cidade adotada (essa é a primeira admoestação para orar pelos inimigos no AT), porque prosperariam junto com a terra (7). *c)* Eles não deveriam se deixar enganar pelos **profetas e adivinhos** (“Não dêem ouvidos aos seus sonhos”, v. 8, Berkeley) — **não os envie, diz o Senhor** (8-9). *d)* Eles precisam entender que Deus os visitará na **Babilônia [...]** **passados setenta anos**, e que cumprirá a sua **palavra** com eles (10-14). *e)* Eles precisam reconhecer que Deus tem um plano e propósito com eles, mas que Ele está mais interessado nos seus avanços morais do que com suas aspirações políticas. **O fim que esperais (11)** pode ser melhor entendido como “um futuro e uma esperança” (Berkeley). Deus está interessado no bem-estar deles, a adoração a Ele não está condicionada a um tempo ou construção (Templo) específica — **Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração** (13). *f)* Eles eram mais prósperos do que seus irmãos em Jerusalém, a quem invejavam. Aos olhos de Deus, o povo em Jerusalém tinha se tornado **figos podres, que não se podem comer** (17; cf. 24.1-10). Conseqüentemente, a monarquia davídica, a cidade de Jerusalém, o Templo e o povo serão dispersos. Eles se tomarão **uma maldição [...] um assobio** (18), **porquanto não deram ouvidos às minhas palavras** (19). Por **madrugando** entenda-se “cedo e tarde” (Smith-Goodspeed).

Os versículos 4-11 podem ser definidos sob o seguinte título: “A Palavra de Deus para seu Povo em um Mundo Perverso”. 1) Tomem o devido cuidado quanto às suas necessidades físicas, versículo 5. 2) Planejem a próxima geração de pessoas tementes a Deus, versículo 6.3) Sejam os melhores cidadãos possíveis no lugar onde moram, versículo

7. 4) Não sejam facilmente agitados por rumores e rebeliões, versículos 8-9. 5) Vocês continuam debaixo da providência de Deus e Ele tem planos para suas vidas, versículos 10-11 (A. F. Harper).

3) *Advertência contra os profetas mentirosos* (29.20-23). Jeremias revela a falsidade e o destino dos dois profetas mais populares entre os cativos na Babilônia: **Acabe** e **Zedequias** (20). Por meio de uma linguagem direta ele os culpa de profetizar **falsamente** em **nome** do Senhor (21), e de cometerem **adultério com as mulheres dos seus companheiros** (23). O destino deles será tão terrível que, doravante, serão usados para pronunciar uma maldição: **O Senhor te faça como a Zedequias e como a Acabe, os quais o rei da Babilônia assou no fogo!** (22).

b) *Carta referente a Semaías* (29.24-32). Esta carta parece ter sido consequência de uma carta anterior. As palavras de Jeremias a respeito de um exílio prolongado despertaram a oposição de um profeta na Babilônia: **Semaías, o neelamita** (24).^{2B} Em sua raiva, **Semaías** escreveu uma carta ameaçadora para **Sofonias** (e a outros também), um sacerdote em Jerusalém cujo dever era manter a ordem na casa do Senhor (25-26). Ele exigiu que **Sofonias** aprisionasse e castigasse um **homem obsesso [...] que profetiza**, conhecido por **Jeremias, o anatotita** (27), por escrever uma carta aos exilados, dizendo que o **cativeiro** há de **durar** muito (28).

Sofonias claramente era um crente íntegro, como **Jeremias**, porque leu a **carta** de Semaías para o **profeta** (29). Jeremias respondeu duramente, por meio de uma outra carta a todos os cativos na Babilônia, com relação a esse falso profeta. **Assim diz o Senhor [...] Eu não o enviei, e vos fez confiar em mentiras. Portanto [...] ele não terá ninguém que habite entre este povo** (31-32), i.e.:

“Ele não terá descendentes entre vocês que vivam para ver as coisas boas que estou prestes a fazer pelo meu povo” (Moffatt).

Fica claro com base nos capítulos 21—29 que a profecia de Jeremias acerca do fim de Judá o colocou em oposição aberta às autoridades nacionais, especialmente aos líderes religiosos. Alguém que anuncia notícias ruins nunca é popular, e essa era uma das maiores cruces de Jeremias. No entanto, por causa da oposição e do intenso sofrimento, Jeremias tornou-se um guerreiro valente para Deus, cujos feitos nunca serão esquecidos.

Seção VI

[1](#)

Uma Mensagem à Casa Real (21.11—22.9)

Jeremias dirige-se a toda a **casa de Davi** (12) concernente aos deveres e obrigações de todos os bons reis. Ele insiste em que o julgamento deve ser realizado **pela manhã**, i.e., diariamente, e não de vez em quando ou de acordo com o capricho de um oficial. O rei também é responsabilizado pelos atos dos seus oficiais. Os fracos e necessitados devem ser libertos **da mão do opressor** pelo rei. Deus adverte a casa real que seu **furor** virá sobre seus ocupantes se não governarem com imparcialidade e justiça.

Os versículos **13-14** são obscuros. **Moradora** está no feminino e pode, por conseguinte, referir-se a Jerusalém. No entanto, a linguagem é figurada, e, visto que se encontra aqui no meio de um texto que trata dos reis de Judá, ela provavelmente se refere à família real. Moffatt acredita que Jeremias se dirige a Jerusalém:

[2](#)

O Oráculo contra Jeoaquim (22.13-23)

As denúncias mais severas de Jeremias são reservadas para **Jeoquim (18)**. Ele foi o mais insensível e ímpio de todos os reis que reinaram durante o ministério de Jeremias. O rei estava

completamente indiferente à miséria dos seus súditos. Em um tempo de grande necessidade, ele esbanjou dinheiro na construção de um palácio de cedro, que edificou meramente para satisfazer seu orgulho. Para alcançar seu objetivo, forçou seu próprio povo a trabalhar sem **salário (13)** “e fez com que os inocentes fossem condenados em julgamento para que pudesse se apropriar dos seus bens; [...] ele também matou os profetas que censuraram sua injustiça **(26.23)** e usou todo tipo de violência ilegal”.³

3

Oráculos contra Joaquim (22.24-30)

4

Há dois breves oráculos aqui concernentes a Joaquim (**Jeconias** ou Conias, variantes hebraicas de Joaquim; 24 e 28). O primeiro foi dado antes de ele ser levado para o cativeiro; o outro, depois da ocorrência desse triste evento.

Aos dezoito anos de idade **Jeconias** (Joaquim, veja Quadro A) sucedeu seu pai, Jeoaquim, no trono de Judá. Evidentemente, ele era tão ímpio quanto seu pai, porque no primeiro oráculo Deus está muito descontente com ele: **Ainda que Jeconias [...] fosse o selo do anel da minha mão direita, eu dali te arrancaria** (24). Jeremias então prediz o cativeiro do rei e a sua morte numa terra estrangeira (25-27). Joaquim reinou três meses em 597 a.C. e rendeu-se a Nabucodonosor, que estava sitiando a cidade. Ele, sua mãe Neústa, suas esposas, e 10.000 pessoas do seu povo foram levados para a Babilônia como cativos.

5

No segundo oráculo, o povo de Jerusalém parece questionar porque Joaquim teve um destino tão severo: **Por que razão foram arremessados fora [...] para uma ter-**

6

O Sermão no Pátio do Templo (26.1-6)

No início desse capítulo, o leitor se encontra no primeiro ano **do reinado de Jeoaquim** (1; veja Quadro A); os acontecimentos do capítulo 25 ocorreram no quarto ano. Nessa época (608 a.C.), todo o Oriente Médio estava em pé de guerra. O império da Assíria estava se esfacelando; o Egito estava tentando impor sua voz na política da Ásia; a Babilônia, determinada em desferir um golpe mortal à Assíria, estava se lançando ao ataque definitivo. Os exércitos de todas as nações estavam se preparando para a batalha final que logo ocorreria em Carquemis, em 606 a.C.¹⁸ Naquele momento havia muita instabilidade, e ninguém sabia qual seria o resultado final.

0 LIVRO DA CONSOLAÇÃO

Jeremias 30.1—33.26

Estes quatro capítulos são a única parte que retrata a esperança de forma constante em todo o livro. Os capítulos 32 e 33 são datados de forma precisa no décimo ano de Zedequias, enquanto o profeta estava preso no “pátio da guarda”. Os capítulos 30 e 31 não podem ser datados tão precisamente. Os estudiosos têm atribuído esses capítulos a períodos históricos que vão desde o tempo de Josias até o governo de Gedalias. Embora o tempo da composição não possa ser determinado com precisão, é provável que tenham sido escritos na mesma época dos outros dois, no décimo ano de Zedequias.¹ O tom, a disposição de ânimo, o ponto de vista e o assunto têm muito em comum.

O período em que Jeremias foi preso no “pátio da guarda” foi um período escuro na vida do profeta e da nação. Jerusalém estava debaixo do cerco inimigo por um ano. Fome, peste e miséria estavam por toda parte na cidade. Mas essa hora pesarosa deu origem a uma das passagens mais bonitas de toda a Bíblia. Os capítulos 30 e 31 podem ser comparados a “um Hino na Noite”. Além disso, esses capítulos parecem preencher a comissão de Jeremias — “para edificares e para plantares” (1.10).

Morgan nos lembra:

Cerca de sete anos haviam passado desde o conflito com os falsos profetas. Os acontecimentos continuaram ocorrendo silenciosamente, cada hora fornecendo novas evidências da autoridade divina do ensino de Jeremias. Hananias tinha predito que dentro de dois anos o poder da Babilônia seria quebrado; os utensílios da casa de Javé seriam devolvidos ao Templo e Jeconias, junto com os cativos de Judá, retornariam à cidade. A predição provou ser falsa. As coisas iam de mal a pior na vida da nação, e agora o inimigo estava diante da porta.²

As predições de Jeremias relacionadas à situação nacional e internacional se confirmaram ao longo de um período de quarenta anos. Portanto, não havia motivo para questionar as novas profecias acerca do futuro da nação. Isso não quer dizer que Jeremias via o futuro nitidamente. Ele via as coisas como os outros profetas as viam, “por espelho em enigma” (1 Co 13.12). Em muitas ocasiões, o perto e o longe estão entrelaçados de maneira estranha, aspecto característico da profecia hebraica. Ao longo dos anos Jeremias havia recebido vislumbres de acontecimentos que deveriam acontecer “além do juízo”, por isso, essa passagem não é singular. A história subsequente em alguns casos, e escritores bíblicos subsequentes em outros, têm confirmado a autenticidade das suas percepções.

A. O Prefácio, 30.1-3

Jeremias recebe a ordem de escrever **num livro** (2) da consolação **as palavras** que Deus lhe tinha anunciado em relação ao futuro do seu povo da aliança. Esses três primeiros versículos servem para identificar e introduzir o leitor nas palavras marcantes que seguem.³

Porque eis que dias vêm (3) aponta para um tempo futuro seguro e incontestável, mas indefinido. Isso dá a toda essa seção uma perspectiva escatológica. Também encontramos aqui uma clara predição de um retomo **do cativoiro**. Tanto **Israel** quanto **Judá** voltarão a possuir a **terra** que Deus tinha dado **a seus pais**; o reino visualizado é um reino unido.

B. Da Tragédia ao Triunfo, 30.4—31.1

O real conteúdo do “livro da consolação” começa com o versículo 4. Na seqüência, o texto fala de dor e dificuldade, “mas o [tema] supremo é o tema da alegria”.² E por meio do vale da tragédia e da tristeza indescritível “que o povo de Deus será levado ao triunfo”.^{3 1}

2. *O Jugo de Jacó é Quebrado* (30.8-11)

Um feixe de luz atravessa a escuridão desse dia tenebroso — **eu**

quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço (8). O dia da escravidão de Jacó às nações estrangeiras terminará, e Israel servirá ao Senhor [...] como também a Davi, seu rei, que lhes levantarei (9). Isso não significa que Davi será levantado da morte, mas que um Ramo Justo da casa de Davi — o Messias — sentará no trono, e a Era Dourada começará.

A derrota da Babilônia marcará o início da defesa do povo por Deus,^{2 3 4 5} e servirá como um antegozo do que Ele fará por eles até o tempo do Fim. **Eis que te livrarei das terras de longe, e a tua descendência, da terra do seu cativeiro (10),** é mais uma garantia de que Deus nunca esquecerá do seu povo. Portanto, o verdadeiro Israel de Deus, **meu servo Jacó,** não tem o que temer, porque Israel certamente **tornará** a habitar e **descansará** e **ficará em sossego** em sua própria casa. A nação precisa lembrar, no entanto, que o castigo divino que veio sobre ela **com medida** era “designado para corrigir Israel, e, dessa forma, trazer o povo de Deus para seu fim pré-estabelecido”.⁶ Israel tem muitos motivos para se alegrar, porque, embora seja Deus que castigue, é esse mesmo Deus que vai salvar (11). Os versículos 10-11 aparecem novamente em 46.27-28.

3. *As Feridas de Sião São Saradas (30.12-22)*

Para o momento, no entanto, Jeremias se volta para a situação presente de Judá. A chaga de Sião é dolorosa (“incurável”, NVI), e nenhuma ajuda humana está disponível. A nação não tem ninguém que **defenda a sua causa. Todos** os seus **amantes se esqueceram** dela (13-14). Deus era Aquele que estava afligindo Sião, e ela realmente merecia esse sofrimento por causa da **multidão de seus pecados.**

Há uma mudança brusca de pensamento no versículo 16. Deus tem castigado a Israel, mas Ele agora defenderá o povo ao castigar seus inimigos: **Todos os que te devoram serão devorados.** Ele é imparcial ao tratar de todas as nações, incluindo Israel. Visto que Deus o afligiu, Ele é o Único que pode ajudá-lo agora. A cura será

realizada quando o castigo tiver cumprido o seu propósito.

Apesar do escárnio dos seus inimigos — é Sião, “aquela por quem ninguém se importa” (17, NVI) —, o dia certamente virá quando a saúde de Sião será restaurada. Jerusalém “será reconstruída sobre as suas ruínas, e o palácio no seu devido lugar” (18, NVI). Todas as “coisas que acompanham a salvação” (Hb 6.9; i.e, saúde espiritual) serão evidentes no meio do povo: cânticos, ações de graça, **voz de júbilo**, crescimento populacional, honra e segurança (19-20). Nenhum governo estrangeiro imporá sua vontade a eles. Pelo contrário, **seu príncipe [...] e o seu governador** (21, governante), que estarão intimamente ligados ao Senhor, serão da sua própria raça. Para culminar tudo isso, o antigo relacionamento de aliança será restaurado: **E ser-me-eis por povo, e eu vos serei por Deus** (22).

C. A Restauração Assegurada, 31.2-40

Neste capítulo, o cântico triunfal de Israel sobe a lugares ainda mais elevados. Os versículos 2-22 tratam, em grande parte, do Reino do Norte; os versículos 23-26 tratam principalmente do Reino do Sul; e os versículos 27-40 dos dois reinos. O Senhor procura assegurar ao seu povo que a restauração dele é certa. Essa restauração é assegurada pelo 1) amor eterno de Deus, 2) pelo voltar para casa — cheio de alegria, 3) pelo conforto a Raquel, 4) pela restauração de Judá, 5) pelo restabelecimento de um reino unido e 6) pela instituição de uma nova aliança.

1. *O Amor Eterno de Deus* (31.2-6)

O amor de Deus, manifestando-se em **graça** (favor divino), tinha auxiliado os israelitas quando chegaram do Egito, e tinha dado a eles descanso em Canaã. Essa mesma **graça** continua operando agora em favor daqueles que vivem no **deserto (2)** do exílio. Assim, o amor de Deus permaneceu imutável em relação ao seu povo ao longo dos séculos. **Com amor eterno te ameí (3).**

Abenignidade (“fidelidade”, RSV) de Deus tem operado a favor de

Israel de milhares de maneiras diferentes. Ele os tem atraído por meio de angústia e bondade, dispersando e reunindo-os. Isso ensina que o amor eterno de Deus “envolve tanto tragédias quanto triunfo, e [...] toda dor e sofrimento estão, de alguma forma, dentro do campo de ação desse amor”.⁹

O fato de que Deus ainda ama Israel pode ser visto como sinal de que há esperança para a restauração além do julgamento: **Ainda te edificarei** (4). Essa restauração inclui plantio e colheita, descanso e segurança, riso e festa (4-5). A adoração pura (6) também será um ingrediente dessa cena idílica. **Levantai-vos, e subamos a Sião, ao Senhor, nosso Deus.**

Esses versículos revelam que Jeremias não era um indivíduo deprimido ou mal-humorado, mas alguém que poderia ter desfrutado o lado mais ensolarado da vida se as circunstâncias tivessem sido diferentes.

2. Um Retorno alegre para Casa (31.7-14)

Jeremias pede para o povo exultar (gritar) de alegria e proclamar (7) as notícias da volta gloriosa para casa dos cativos de Israel: **Eis que os trarei da terra no Norte e [...] das extremidades** (8), i.e.: “dos confins da terra” (NVI). O tempo pode interferir, mas a palavra do Senhor é como se já tivesse acontecido. Quais são os ingredientes dessa proclamação alegre? a) A ternura de Deus é revelada pela forma de Ele os conduzir para casa. Ele reúne **os cegos, os aleijados, as mulheres grávidas e as de parto** (8). Ele gentilmente os conduz por **ribeiros de água** (9) e por um caminho plano **em que não tropeçarão**, b) Vemos que esse Deus tem o coração de um pai pela sua atitude em relação a **Efraim**, seu **primogênito**.¹⁰ c) O cuidado de Deus é descortinado pela proclamação às **nações e ilhas** (inimigos de Israel) de que, embora Deus tenha espalhado a **Israel** (10), Ele não se esqueceu de congregá-los novamente, d) A força restauradora de Deus é revelada pelo fato de redimir **Jacó** (11) de mãos poderosas demais para ele. e) Abundância de Deus é vista em todas as coisas maravilhosas que Ele faz por eles; eles **exultarão** novamente **na altura de Sião** (12); as duas nações se

unirão (Is 60.5) e florescerão como **um jardim regado**, f) Os recursos de Deus se manifestam ao supri-los abundantemente com **trigo, mosto e azeite**, g) O conforto de Deus é revelado na felicidade que eles possuirão. **Seu pranto** se tornará em **alegria** (13). Eles **nunca mais andarão tristes** (12). O **regozijo** será a regra do novo dia.

3. *Conforto para Raquel* (31.15-22)

Estas palavras são dirigidas a **Raquel** (15), a avó de Efraim e Manassés. Efraim era a principal tribo do Reino do Norte; por conseguinte, Israel é, às vezes, chamado de Efraim, e Raquel é às vezes denominada como ancestral materna das tribos do norte. Ela é descrita aqui como alguém que está muito aflita com a partida dos filhos para o exílio. **Ramá** (altura) era um ponto alto na fronteira entre os reinos do Norte e do Sul. Essa **voz** que chorava podia ser ouvida a uma grande distância. Também se dizia que **Ramá** foi o lugar de encontro dos exilados na deportação para a Babilônia nos dias de Jeremias (veja comentário em 40.1-6). A tradição diz que Raquel morreu perto de Ramá (1 Sm 10.2), embora o local do túmulo de Raquel fique próximo de Belém.

Deus fala a Raquel e ordena que reprima **a voz de choro** (16). Seus filhos certamente voltarão ao seu próprio país, e **há esperanças, no derradeiro fim** (17; futuro). Os versículos 18-19 contêm um relato do arrependimento de Efraim, que parece honesto e sincero. Embora **Efraim** (20) tenha sido um filho errante e necessitasse ser castigado, o coração amoroso de Deus espera ansiosamente pelo seu retorno. Agora, visto que se arrependeu, Deus certamente terá misericórdia dele. Golpear a **coxa** (19) era um gesto de luto. **Por isso, se comove [...] o meu coração** (entranhas; v. 20) significa: “Minhas emoções estão afetadas”.

Os versículos 21 e 22 são de difícil interpretação. Jeremias está falando de **Efraim [...] um filho precioso** (20) e subitamente se dirige à **virgem de Israel** (21). Embora os termos tenham sido usados anteriormente, essa é uma mudança abrupta. No versículo 21, ressalta-se a certeza do retorno do cativo. A **virgem de Israel** é estimulada a anunciar uma festa antecipada para erguer **marcos** e

sinais na estrada a fim de orientar os exilados que estão voltando para casa. Na última parte do versículo 22 lemos que Deus **criou uma coisa nova na terra: uma mulher cercará um varão**, talvez no sentido de apegar-se ao seu amado, como Israel se apegará ao Senhor naquele dia (Berkeley, nota de rodapé). A maioria dos estudiosos conclui que estamos diante de um provérbio aqui, cujo significado se perdeu.

4. *A Restauração de Judá (31.23-26)*

O povo de Deus recebe a promessa de livramento e salvação na restauração. **A terra de Judá (23)** e suas **idades** serão novamente habitadas. O peso da declaração, no entanto, está no sentido de a religião pura ser mais uma vez praticada na terra: O Senhor **te abençoe, ó morada de justiça, ó monte de santidade!** Isto é compreensível pelo fato de a religião corrupta ter sido a causa principal do seu cativeiro. Condições idílicas prevalecerão quando **Judá (24)** retornar para a sua terra natal. Lemos acerca de paz e harmonia, em que “tanto os lavradores como os que conduzem os rebanhos” (NVI) viverão alegremente juntos. **A alma cansada (25)** encontrará descanso, e corações entristecidos encontrarão conforto abundante. Prevalecerão condições completamente novas, lembrando-nos da época dourada de Isaías.

O versículo 26 constitui uma quebra súbita no pensamento que estava sendo elaborado. O texto não deixa bem claro quem, na verdade, está falando. Ele não pode estar se referindo a Deus nem aos exilados, assim, a pessoa mais provável é o próprio profeta. O versículo sugere que as profecias que acabaram de ser pronunciadas chegaram a ele por meio de um sonho. Visto serem cheias de esperança e agradáveis (ao contrário das proclamações costumeiras de Jeremias), é compreensível que pareçam doces para ele.

5. *O Restabelecimento do Reino Unificado (31.27-30)*

Três coisas parecem se destacar nesses versículos. 1) Deus abençoará Israel e Judá na sua volta com prosperidade (tanto com **homens** quanto com **animais, 27**), e eles novamente serão um povo. O reino

dividido foi uma grande tristeza para os profetas; agora essa ruptura será curada. 2) Haverá uma reversão na política de Deus em relação ao bem-estar da terra. Por causa do pecado de Israel, Deus precisava castigar seu povo — **para arrancar, e para derribar** (28); mas, visto que o castigo cumpriu seu trabalho de cura dos corações (cura da idolatria), a obra de Deus agora é **edificar e plantar**.

3) Haverá um novo tipo de moralidade. A responsabilidade individual será a marca do novo período. Antes a unidade básica de responsabilidade fora a nação. O povo de Jerusalém e os exilados que já estavam na Babilônia estavam se queixando de que era injusto sofrer pelos pecados dos seus pais. Conseqüentemente, o provérbio: **Os pais comeram uvas verdes, mas foram os dentes dos filhos que se embotaram** (29) não terá mais sua validade. **Cada um morrerá pela sua iniquidade** (30). Essa nova ênfase na moralidade constituirá um avanço marcante na fé do povo de Israel, pavimentando o caminho para a idéia de Jeremias de uma nova aliança (novo concerto), e servindo também como preparação para a era do evangelho.

6. *A Instituição de uma Nova Aliança* (31.31-34)

A concepção de Jeremias de uma nova aliança nasceu da sua experiência de muitos anos no ofício profético. Nas reformas de Josias ele tinha visto seu povo derramar toda sua esperança em formas exteriores de religião, mas sem a melhora correspondente no aspecto ético da vida. A religião nacionalizada não proveu motivos adequados para o indivíduo sentir sua responsabilidade pessoal. Assim, a antiga religião falhou no aspecto da responsabilidade individual”.¹¹

Evidentemente foi durante as reformas de Josias que Jeremias tornou-se convicto de que a única esperança para a nação era uma revolução interna e individual: “Lavrai para vós o campo de lavoura [...] tirai os prepúcios do vosso coração” (4.3-4). Com o passar dos anos, o profeta parece ter ficado cada vez mais convicto de que a religião devia ser individualizada.¹² Sua própria experiência nasceu do fato de que a religião individual era possível. Ele conhecia a Deus e tinha comunhão com Ele; esse relacionamento era imediato e interior.

O que era possível para ele deveria ser possível para cada indivíduo da nação.¹³

Seria insensato dizer que Jeremias via qualquer coisa com perfeita clareza. No entanto, ele era capaz de ver o esboço das coisas futuras, e foi isso que ele passou para o povo hebreu. Quais então são os traços distintos de uma nova aliança de acordo com a descrição de Jeremias?

- 1) A nova aliança será escatológica em caráter, porque está no coração do propósito redentor de Deus. Ela não é uma inferência íntima divina. Da maneira que a religião mosaica fazia parte do plano redentor, assim a nova aliança surgirá na plenitude dos tempos.
- 2) O aspecto seguinte será a introdução de uma nova metodologia. Antes Deus tinha trabalhado através da nação como uma unidade, mas a nação estava prestes a desaparecer. Para poder cumprir os propósitos de Deus, um novo método precisa ser encontrado. A partir de agora, ele trabalhará por intermédio do indivíduo. A nova metodologia envolverá três coisas: *a*) Um tipo diferente de motivação: **porei a minha lei [...] no seu coração** (33). *b*) Um conhecimento imediato de Deus: **todos me conhecerão** (34). *c*) O perdão individual pelo pecado: **perdoarei a sua maldade**. Deus agora podia lidar com a mola principal da ação humana. Então, ao trabalhar através do indivíduo, a religião podia tornar-se universal.
- 3) Haverá uma nova dimensão espiritual. A religião não será mais meramente exterior; a intimidade será o aspecto predominante no futuro. Antigamente as leis de Deus haviam sido escritas em tábuas de pedra; agora elas serão escritas no coração. Em vez de tratar sintomas exteriores, Deus estará lidando com os princípios interiores. Sob a nova aliança, as pessoas responderão de acordo com a motivação interior, em vez de agirem sob formas exteriores de compulsão.
- 4) Haverá um novo relacionamento. Sob a nova aliança, o relacionamento do homem com Deus será íntimo e pessoal: **todos me conhecerão** (34). Sob a antiga aliança, o relacionamento do homem com Deus era formal; debaixo da nova aliança, ele será espiritual. Quando a lei é escrita no coração, a religião tem uma qualidade

dinâmica que proporciona infinitas possibilidades.

5) Haverá um novo nível de moralidade. Judá tinha sofrido por causa de um coração “enganoso” e “desesperadamente corrupto” (17.9, ARA). Essa era a grande necessidade para uma transformação moral — um coração transformado. Sob a nova aliança, isso será uma possibilidade gloriosa. A verdadeira religião terá, doravante, aspirações fundamentadas no conhecimento pessoal de Deus, e operará a partir de leis espirituais escritas no coração. O resultado disso será que novos princípios morais governarão a sociedade.

A restauração de Israel alcança seu clímax com a instituição da nova aliança. Esses talvez sejam os quatro versículos mais importantes do livro de Jeremias, visto que dizem muito sobre o que aconteceu no campo da religião desde os seus dias. Paulo usou a idéia de Jeremias, fazendo uma clara distinção entre a antiga e a nova aliança (2 Co 3.6,1416). O autor da epístola aos Hebreus inicia e termina sua exposição do ministério de Jesus ao citar Jeremias 31.31-34.¹⁴ Jesus instituiu a Ceia do Senhor ao dizer: “Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento [aliança], que é derramado por muitos” (Mt 26.28; Mc 14.24). A religião individual encontra uma de suas origens em Jeremias. Ele foi o principal elo entre a antiga ordem em Israel e a nova.¹⁵

7. A Perpetuidade da Nação (31.35-37)

Neste texto, Deus faz uma promessa ao povo referente ao futuro da nação. Garante-se a Israel uma existência tão longa quanto a duração do **sol** e da **lua** (35). As **ordenanças** significam “decretos permanentes” da natureza (RSV). Até então Deus manteve a

sua palavra ao seu povo. A sobrevivência de Israel como uma entidade distinta é um dos milagres da história.¹⁶ “Isso só pode ser explicado através de razões sobrenaturais”.¹⁷

8. A Reconstrução de Jerusalém (31.38-40)

Deus então confirma sua palavra à nação ao dizer que Jerusalém será reconstruída. A declaração: “Estão chegando os dias” (38, NVI), coloca a passagem em uma perspectiva escatológica, e podemos encontrar aqui uma combinação do que é próximo e do que é distante. Amenção de uma **linha de medir [...] Garebe [...] Goa [...] ribeiro de Cedrom** (39-40) poderia referir-se ao tempo do retorno sob a liderança de Esdras e Neemias. Por outro lado, o desaparecimento de todos os lugares impuros e a santificação dos lugares que haviam sido usados para o sepultamento dos mortos e o monturo de lixo pode estar se referindo à Jerusalém espiritual da era messiânica.¹⁸ Embora a cidade terrena tenha sido capturada e recapturada muitas vezes desde o dia de Jeremias, ela nunca foi derribada, **eternamente**. Ela continua existindo. Esse, por exemplo, não é o caso de Nínive e Babilônia.

D. A Restauração Dramatizada, 32.1-44

Neste capítulo, o tom predominante continua sendo otimista. Deus levou Jeremias a retratar por meio de uma ação dramática a profecia do restabelecimento da nação. Para melhor entender o que está acontecendo aqui, também deveríamos ler os capítulos 37 e 38.

1. *O Prelúdio* (32.1-8)

A palavra, **da parte do** Senhor, veio **a Jeremias** no **ano décimo de Zedequias**

(1), em torno de 597 a.C. O local é o **pátio da guarda** (2), que fazia parte do complexo do palácio na cidade de Jerusalém.¹⁹ Jeremias estava **encerrado** (preso) por causa da sua predição de que Jerusalém seria tomada por Nabucodonosor: **Zedequias [...] o tinha encerrado, dizendo: Por que profetizas tu?** (3). O rei e seus príncipes estavam muito descontentes com o profeta, porque ele parecia um traidor da sua própria nação. Ele havia profetizado que o rei de Judá se tomaria cativo e, conseqüentemente, “falará pessoalmente [com o rei da Babilônia] e o verá face a face” (4; Moffatt; cf. 21.9; 38.2). As predições de Jeremias estavam na iminência de se cumprirem naquele exato momento. Os babilônios estavam do lado de

fora dos muros, e a cidade estava correndo o risco de ser tomada a qualquer momento.

Um dia Jeremias ouviu **a palavra do** Senhor (6) no sentido de **Hananel** estar vindo para vê-lo acerca de um campo em **Anatote**, que era seu por **direito de resgate** (7). Algum tempo depois, quando Hananel veio à prisão e pediu para Jeremias comprar sua herdade, o profeta registra: **Então, entendí que isto era a palavra do** Senhor (8).

2. *Ato I: Fé em Ação* (32.9-15)

Compreei, pois, a herdade de Hananel [...] e pesei-lhe o dinheiro (9). Cada passo legal foi dado com precisão. Visto que os hebreus não usavam dinheiro em moeda, pesava-se a **prata**. Fazia-se um contrato escrito com as devidas testemunhas (10,12). Escreviam-se dois autos — **conforme a lei e os estatutos**; um era **selado**, e o outro ficava **aberto** (11). **Baruque** (13) foi instruído a tomar os **autos** e colocá-los **num vaso de barro**, para que pudessem ficar conservados **muitos dias** (14). Esse fato nos dá os detalhes de uma transação de bens imóveis na Judá pré-exílica, a única ocorrência desse tipo no Antigo Testamento.²⁰

Toda transação era um ato de fé por parte de Jeremias. O profeta estava dolorosamente consciente de que o campo que havia comprado em Anatote, alguns quilômetros ao norte de Jerusalém, estava nas mãos dos babilônios. Embora soubesse disso, ele pagou “o preço devido”²¹ pela terra, e foi cuidadoso para que todas as exigências legais fossem cumpridas. Diante de um grande grupo de testemunhas ele dramatizou sua fé na palavra de Deus de que ainda **se comprarão casas, e campos, e vinhas nesta terra** (15). A parte da esperança de restauração, esse ato seria sem sentido. Fica evidente com base na passagem seguinte que Jeremias não sabia como isso poderia acontecer, mas a fé enfrenta as impossibilidades e grita: “Será feito!”.

3. *Ato II: Fé Colocada à Prova* (32.16-25)

Depois que a transferência da propriedade foi concluída, Jeremias foi orar. O que ele tinha encenado parecia tão incrível, humanamente falando, que sentiu a necessidade de falar com Deus acerca dessas coisas. Nessa oração de comunhão, ele discorre primeiro acerca da grandeza de Deus como Criador (17), em seguida, acerca da sua **benignidade**, sabedoria e poder (18-19), e finalmente, ele revê os atos redentores de Deus a favor do seu povo da aliança (20-22). **E te criaste um nome** (20) seria: “alcançaste o renome que hoje tens” (NVI). Ele lastima a infidelidade de Israel, e reconhece o motivo da presente situação da nação: **pelo que ordenaste lhes sucedesse todo este mal** (23). **Vaiados** (24) faziam parte dos cercos erguidos ao redor da cidade. A mente de Jeremias viaja pela história de Israel, pela pregação de outros profetas, por seus longos anos de experiência, e ele clama: **o que disseste se cumpriu** (24). Ele parece estar dizendo: “Eu sei de tudo isso, mas minha mente finita não consegue compreender como Israel será restaurado. Parece uma coisa tão impossível”, mas **tu me disseste [...] Compra para ti o campo [...] embora a cidade esteja já dada nas mãos dos caldeus** (25).

G. Campbell Morgan bem disse: “A obediência por fé não significa que não haverá indagação, ou pergunta, ou sentido de dificuldade. [...] Se não houver risco, não há necessidade de fé”.²² A Bíblia em lugar algum indica que a fé é algo simples, ou que a fé genuína não pode fazer perguntas. O contrário está mais próximo da verdade. Deus nunca ficou descontente com dúvidas honestas e sinceras e Ele também não falha em ajudar seus filhos perplexos.

4. *Ato III: A Fidelidade de Deus* (32.26-44)

A resposta de Deus à perplexidade de Jeremias é quádrupla. 1) Ao transformar a declaração de Jeremias no versículo 17 em uma pergunta muito profunda: **Acaso, seria qualquer coisa maravilhosa demais para mim?** (27), declara que Ele, “não os caldeus (Nabucodonosor), é o Senhor da história”.²³ 2) Ele reitera a certeza do juízo; portanto, as perspectivas da cidade são, na verdade, obscuras (28-36). 3) O caminho da redenção passará pela tragédia,

mas a redenção é certa. Deus não falhará em congregá-los **de todas as terras** (37) para voltarem a possuir sua própria terra. “Além do mais, haverá uma regeneração do coração e da alma, e o povo não se afastará do seu Deus”.²⁴ 4) O ato de fé que Jeremias executa é confirmado como autêntico: **comprar-se-ão campos nesta terra (43). E subscreverão os autos, e os selarão, e farão que os atestem testemunhas** (44).

E. Mais Garantias de Restauração, 33.1-26

Os oráculos do capítulo 33 dão prosseguimento ao tema de juízo e restauração. A aparição do Rei Messiânico e o quadro de condições ideais em um reino unificado levam o Livro da Consolação (caps. 31-33) a um clímax glorioso.

1. *O Convite Divino* (33.1-3)

Deus fala a Jeremias pela segunda vez no pátio da guarda, e compartilha com ele seus planos secretos. O versículo 2 é de difícil interpretação pelo fato de parecer estar faltando uma parte. ARSV segue a Septuaginta: “Assim diz o Senhor que fez a terra” (cf. também a NVI). Isso torna o versículo inteligível, e talvez seja a melhor solução. Deus então ressalta seu papel como o Criador, e por meio disso, sua soberania sobre homens e nações.

O pano de fundo do seu convite gracioso no versículo 3 é a condição desesperadora de Jerusalém: fome, pestilência, a própria luta do profeta com a morte (38.7-13) e a queda iminente da cidade.²⁵ **Clama a mim, e [...] anunciar-te-ei coisas grandes e firmes** (insondáveis; 3). O convite aqui é para Jeremias, mas ele representa todos os servos de Deus. O versículo ressalta a oração como uma das maiores atividades através da qual Deus revela a verdade espiritual ao homem. Também mostra “que para ocorrer a revelação divina (que Ele está disposto e desejoso a revelar) é necessária a cooperação humana”.²⁶

2. *A Jerusalém Aflita é Curada* (33.4-13)

Os versículos 4-5 conduzem o leitor à queda iminente de Jerusalém. Podemos perceber um sentimento de desespero que prevalece entre o povo enquanto a cidade se prepara para sua resistência final.

Trabucos (4) são “rampas de cerco” (NVI). **Casas** construídas junto aos muros são derrubadas e o espaço e o material são usados na defesa da cidade. O coração do profeta está se quebrando porque o fim já pode ser percebido. A palavra de Deus continua a mesma: **Escondi o rosto desta cidade** (5). Não haverá perdão.

Embora a decisão de Deus de destruir a cidade não possa ser revogada, Ele não deixa o profeta sem esperança. A aflita Jerusalém será curada. O versículo 6 contém o alvo de Deus na restauração: saúde moral e bem-estar material. “Curarei o meu povo e lhe darei muita prosperidade e segurança” (6, NVI). **Como no princípio** (7); i.e., como em uma época anterior e mais feliz. O versículo 13 indica que todas as regiões de Judá compartilharão da restauração. O restante da passagem indica que o método de restauração de Deus envolve três coisas:²⁷ a) Na situação particular de Jerusalém, a destruição é a passagem para a restauração. A morte é a passagem para a vida. Não haverá um restabelecimento superficial da situação; todo mal deve ser afastado. No processo redentor de Deus o “antigo Israel” deve morrer para que o “novo Israel” (a Igreja) possa surgir.

b) A purificação moral é a porta de entrada para a integridade espiritual (saúde). **...os purificarei de toda a sua maldade** (8). Se a integridade espiritual deve existir novamente em Israel, será necessária uma limpeza moral radical. O hebraico para *limpeza* (*taher*) é uma palavra forte e significa “purificar” ou “tomar limpo”. O alvo de Deus para o homem é a saúde espiritual. Onde há integridade espiritual, haverá **a voz de gozo, e a voz de alegria [...] a voz dos que dizem: Louvai ao** Senhor (11). Mas a limpeza moral vem primeiro. Deve haver uma “purificação da fonte da vida, para que a vida possa se tomar cheia de gozo e alegria”.²⁸

c) A saúde espiritual é a porta de entrada para o bem-estar material. Essa será sempre também a ordem de Deus. No entanto, os homens muitas vezes tentam inverter essa ordem. Eles colocam a ênfase

principal na prosperidade material e oram para que isso traga bênçãos espirituais. Os homens pecadores sempre inverteram a ordem certa. Primeiro deve haver integridade espiritual; então se ouvirá **a voz dos que trazem louvor à Casa do Senhor — a voz de noivo [...] de esposa** (11). **Neste lugar que está deserto [...] haverá uma morada de pastores** (12) A Jerusalém aflita será curada, mas nos termos de Deus e por meio de princípios eternos.

3. *Reis Davídicos e Sacerdotes Levíticos* (33.14-26)

A linguagem imponente dessa última seção é delineada para levar o Livro da Consolação (caps. 3-33) a um clímax esplêndido.

a) As palavras iniciais: **Eis que vêm dias** (14) imediatamente colocam todo texto numa perspectiva escatológica, e apontam para a vinda de uma nova ordem que encontrará seu cumprimento em um futuro certo mas indefinido, b) As palavras são dirigidas tanto à **casa de Israel** quanto à **casa de Judá** e apontam para a expectativa de um reino unificado quando a nova ordem chegar, c) No tempo oportuno, Deus levantará um verdadeiro descendente de Davi, **um Renovo** (“Broto” ou “Rebento”) **de justiça** (15). Estas palavras são quase idênticas às palavras de 23.5-6. No entanto, notamos uma diferença, porque aqui o nome messiânico **O Senhor é Nossa Justiça** (16) é aplicado à cidade de **Jerusalém**. Num primeiro momento, isso parece um tanto estranho, mas se analisarmos com mais cuidado, isso, na verdade, é esperado. *A cidade santa adotou o caráter do seu Rei.*²⁹ d) Na nova ordem, a casa de Davi nunca sentirá a falta de um homem para governar o reino (17), e o sacerdote levítico nunca sentirá a falta de um homem para exercer as obrigações religiosas apropriadas (18). Os dois pilares da administração de Deus³⁰ no mundo sempre foram o governo e o sacerdócio, o estado e a Igreja, e) Para que seu povo tenha uma esperança segura, Deus se compromete a cumprir a sua promessa, de que enquanto seu **concerto do dia, e [...] da noite** (20) durar, sua palavra a Israel não vai falhar. As **ordenanças** (25) são o curso regular da natureza, f) Para aqueles que tinham dúvidas em relação ao futuro da nação, Deus tinha uma resposta. Ele assegurou-lhes que a promessa feita às casas

de Davi e de Levi (20-21) é válida para toda a **descendência de Jacó** (26). Assim, a compaixão tanto por Israel quanto por Judá é duplamente assegurada.

Essas profecias nunca se cumpriram em um sentido nacionalista restrito. Talvez essa nunca fosse a intenção, porque a nova ordem nunca poderia ser como a antiga, da mesma forma que uma borboleta não é igual ao casulo do qual ela sai. Mas em um sentido espiritual mais amplo, essa profecia se cumpriu: “Jesus Cristo é ‘a raiz e descendência de Davi’”.³¹

Seção VII

1

O Tempo da Dificuldade de Jacó (30.4-7)

A salvação do povo de Deus é apresentada de maneira clara, mas será precedida por um tempo de grande dificuldade. **Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante (7); [...] uma voz (som) de tremor, de temor, mas não de**

paz (5). Que tipo de dia será esse, em que os homens estarão passando por uma dor tão intensa que colocarão suas **mãos sobre os lombos, como uma mulher que está dando à luz, com os rostos pálidos**⁴ e atormentados de horror (6)? As palavras parecem apontar para um tempo que vai além da destruição presente de Jerusalém, para um dia em um futuro distante. Essas palavras são semelhantes às palavras anunciadas por outros profetas pré-exílicos concernentes ao “dia do Senhor” (Is 2.12-21; J12.11; Am 5.18-20), e parecem, na verdade, referir-se a esse dia. Se isso é verdade, então todas as nações serão envolvidas. A passagem termina chamando esse momento histórico de **tempo de angústia para Jacó (7)**, mas proclamando que ele **será salvo dela.**

2

Os Propósitos de Deus Implacavelmente Executados (30.23—31.1)

[3](#)

Nesta passagem, o poder (energia, talvez Espírito) de Deus é semelhante à **tormen**

[4](#)

ta (23; tempestade implacável), que cumpre **os desígnios do seu coração** (24). Ele não

[5](#)

diminuirá o seu ímpeto até que 1) o mal tenha sido completamente castigado e 2) **todas as gerações de Israel** (31.1) reconheçam seu senhorio. **O** termo **no fim dos dias** (30.24)

[6](#)

soa como se o tempo estivesse distante, mas, fosse certo.

CONSELHOS AOS REIS

Jeremias 34.1—36.32

Nesta seção encontramos um conjunto de incidentes e palavras da vida de Jeremias que estão relacionados em grande parte com os reis de Judá, e em segundo plano com o povo. Em uma ou duas situações, Jeremias se dirige ao povo, mas mesmo nesses casos ele espera que a mensagem chegue ao ouvido do rei. O material vem de períodos diferentes da vida do profeta e não está organizado em ordem cronológica.

A. Conselhos referentes à Babilônia, 34.1-7

A data dessa passagem pode ser determinada pelo versículo 7. Laquis e Azeca¹ continuam resistindo ao exército babilônico. Poderíamos concluir que o cerco a Jerusalém estava somente nos seus estágios iniciais, e as coisas ainda não eram críticas. O resto do capítulo dá a entender que Zedequias e seus príncipes estavam esperando a ajuda dos egípcios. Pode ser que a ligação de Zedequias com os egípcios tenha impellido Jeremias a dar sérios conselhos a Zedequias.

Desde o quarto ano de Jeoaquim (cap. 25), Jeremias não oscilou em sua posição referente ao futuro do Oriente Médio. Ele tinha sido coerente e constante em seu conselho a Jeoaquim, a Joaquim e, agora, a Zedequias, segundo o qual Nabucodonosor tinha sido escolhido por Deus para ser o senhor daquela área por muitos anos. Jeremias insistiu em que qualquer tentativa de rebelião contra o rei da Babilônia seria inútil; portanto, por que não servir a Ele e viver (27.12)? Ao recomendar obediência ao rei da Babilônia, Jeremias não se considerava infiel à sua nação ou ao seu rei. Ele estava convicto de que, pelo fato de Deus ter decidido a questão, o melhor para Judá seria viver de acordo com a ordem de Deus.

A advertência de Jeremias a Zedequias aqui é semelhante às advertências dadas a ele em 21.1-10; 32.3-5; 37.8-10,17; 38.17-23. **Todos os reinos da terra** (1) eram os países sujeitos à Babilônia.

Todas as suas cidades seriam as cidades de Judá. Nessa passagem, Jeremias entra em detalhes quanto ao destino de Zedequias — **Não morrerás à espada** (4), mas em **paz** (5). Jeremias acrescenta que **queimarão** incenso a ele assim como o povo queimava incenso em honra aos seus **pais** e **prantear-te-ão** (6). Os hebreus não cremavam seus mortos, mas queimavam incenso e contratavam pranteadoras profissionais. De acordo com 52.8-11, Zedequias foi levado para a Babilônia e morreu lá como um prisioneiro real (cf. 39.7; 2 Rs 25.5-6; Ez 12.13). Se, na sua morte, o rei da Babilônia permitiu que Zedequias fosse sepultado naquele país de acordo com os costumes dos judeus, com a queima de incenso e com pranto, então pode-se dizer que a profecia foi cumprida.¹ Mas muitos estudiosos entendem que a passagem deve ser interpretada “como uma promessa condicional que não foi cumprida porque o rei não seguiu suas condições”,² i.e., de se submeter ao rei da Babilônia.

B. Conselhos acerca dos Escravos, 34.8-22

Num momento muito escuro, durante o cerco da cidade de Jerusalém, Zedequias fez um pacto com o povo para libertar seus escravos hebreus. Evidentemente, um dos motivos era alcançar o favor de Deus. Servir-se **deles** (9; cf. v. 10) significava escravizá-los. De acordo com a lei de Moisés (Êx 21.2; Dt 15.2), um escravo era liberto no início do sétimo ano de escravidão, mas em Judá essa questão claramente não recebeu a devida atenção por muitos anos.³ Os versículos 15 e 19 indicam que uma aliança solene havia sido realizada no Templo entre o povo e seus escravos. É possível sentir uma onda de piedade varrer a cidade. **Todo o povo, incluindo príncipes [...], passou por meio das porções do bezerro**⁴ (10,19), i.e., juraram libertar seus escravos. Esse era um passo primoroso em direção a Deus, e Jeremias o aprovava de todo coração.

Logo depois que isso foi feito, o exército babilônico subitamente levantou o cerco contra Jerusalém e foi embora. Quando os versículos são lidos junto com 37.1-10 fica claro que um exército egípcio havia chegado do sul. Nabucodonosor imediatamente deslocou suas tropas para enfrentar os recém-chegados. Jerusalém, por um tempo,

esteve livre e houve grande júbilo na cidade. Visto que os campos do lado de fora da cidade podiam ser trabalhados novamente, os líderes em Jerusalém rapidamente deixaram de reconhecer suas promessas. Os escravos que haviam sido libertos foram escravizados novamente e colocados para trabalhar.

Em termos muito claros, Jeremias denunciou o rei e o povo. Ele disse: “Recentemente vocês se arrependeram [...] Mas, agora, voltaram atrás e profanaram o meu nome” (15-16, NVI). Visto que não deram ouvidos a Deus para apregoarem **a liberdade, cada um ao seu irmão**, Ele declara: **eis que eu vos apregoo a liberdade [...] para a espada, para a pestilência e para a fome** (17). Além disso, Deus disse: **eu darei ordem [...] e os (babilônios) farei tornar a esta cidade [...], e pelejarão [...] a tomarão, e a queimarão (22).**

Um estudo das ações de Zedequias e do povo revela a pobreza moral de Judá nessa hora triste. 1) Os líderes da nação tinham quebrado uma aliança que fizeram voluntariamente e a ratificaram na casa de Deus. 2) Eles, conseqüentemente, profanaram o caráter de Deus, em cujo nome o juramento havia sido feito. 3) Eles eram indecisos e inconstantes na sua devoção a Deus. 4) Eles rapidamente se dobraram diante da lei da conveniência. 5) Seu arrependimento foi superficial,^{[1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#)} porque *a)* foi motivado pelo medo das consequências, *b)* foi uma mudança de conduta sem uma verdadeira mudança de coração, *c)* seus resultados foram superficiais e temporários.

C. O Exemplo dos Recabitas, 35.1-19

Jeremias não hesitou em usar vários métodos para apresentar a verdade de Deus aos homens. Nesse caso, ele usou uma tribo inteira, cuja devoção peculiar aos ideais da família lhe permitiu apresentar uma verdade para o povo de Judá.

O incidente não é datado. O que sabemos é que ocorreu durante o reinado de Jeoaquim (veja Quadro A). Uma data logo após a batalha de Carquemis se encaixaria muito bem aqui, visto que Nabucodonosor estava na região naquela época, e os **siros (11)** poderiam estar ativos naquele período da história. No entanto, uma data mais para o fim do

reinado de Jeoaquim (cerca de 598 a.C.) deveria ser descartada, porque o rei da Babilônia capturou a cidade de Jerusalém em 597 a.C.

Os recabitas eram nômades, provavelmente descendentes de Recabe (1 Cr 2.55). Como tribo do deserto eles adoravam o Senhor e habitaram junto com os israelitas durante o êxodo (Jz 1.16). Acredita-se que **Jonadabe, filho de Recabe** (6) é o pai espiritual da tribo, visto que suas idéias os tornaram ilustres. Foi ele quem os consolidou em um grupo unido de moradores do deserto que descartaram a vida agrícola de Canaã. Jonadabe é mencionado em 2 Reis 10.15-28 como um partidário de Jeú, rei de Israel.

1. Jeremias Oferece Vinho aos Recabitas (35.1-5)

Deus instruiu Jeremias para ir à **casa** (acampamento) **dos recabitas** e levá-los à **Casa do** Senhor e oferecer-lhes **vinho** para **beber** (2). O profeta procurou o líder da tribo e, em dado momento, persuadiu todo grupo a acompanhá-lo ao Templo. Os homens citados nos versículos 3-4 não são mencionados em outro texto da Bíblia, exceto **Maaséias**, identificado como um sacerdote em 29.25. Jeremias descreve o local da **câmara** para onde os levou (4), para que o leitor saiba que esse acontecimento ocorreu abertamente, diante dos oficiais do Templo, e diante dos olhos do povo de Jerusalém. Essas câmaras eram “edificadas ao redor dos pátios do templo, servindo em parte como depósitos e em parte como residência para os sacerdotes” (Berkeley, nota de rodapé). Compare com 1 Crônicas 9.27; Ezequiel 40.17; Neemias 10.37-39. Dentro da sala, Jeremias colocou vasilhas **cheias de vinho**, com **taças**, diante dos **recabitas**, e disse-lhes: **Bebei vinho** (5).

me tudo quanto nos mandou Jonadabe, nosso pai (10). Eles disseram a Jeremias que estavam em Jerusalém somente temporariamente com medo **do exército dos caldeus e [...] dos siros** (11). Quando passasse o período de emergência, eles voltariam ao deserto novamente.

3. Uma Lição Prática para Judá (35.12-17)

A presença de um grupo como esse na área do Templo certamente geraria surpresa e chamaria a atenção das pessoas em Jerusalém, e Jeremias aproveitou a oportunidade para anunciar a mensagem de Deus ao povo. Por meio de uma narrativa ele chamou a atenção para a fidelidade e obediência dessa família à ordem do seu antepassado. Jeremias procurou falar à consciência de Judá em relação à condição espiritual patética do povo, ressaltando sua infidelidade às exigências de Deus. Os recabitas não deixaram de obedecer à ordem do seu pai embora já estivesse morto havia dois séculos, mas, apesar do fato de Deus ter constantemente enviado **profetas (15)** para lembrar seu povo, Judá o havia esquecido. Com sons fortes Jeremias convoca o povo ao arrependimento: **Convertei-vos (15). Madrugando (14; cf. v. 15)** é uma figura de estilo que significa de maneira séria ou repetida.

A mensagem de Deus, no entanto, se defronta com ouvidos surdos: **este povo não me obedeceu, assim [...] trarei sobre Judá [...] todo o mal que falei contra eles (16-17).**

4. A Promessa aos Recabitas (35.18-19)

As perspectivas para Judá eram severas, mas para os recabitas eram favoráveis: **Nunca faltará varão a Jonadabe, filho de Recabe, que assista perante a minha face todos os dias (19).** Deus prometeu recompensar essa tribo do deserto, não por causa dos seus caminhos peculiares ou práticas devotas, mas porque sua fidelidade em relação aos preceitos do seu pai era uma censura à infidelidade e falsidade em qualquer situação. A fidelidade deles ficará gravada para sempre nos anais da literatura bíblica como um exemplo vivo de uma devoção completa que Deus procura no homem. Conta-se que mesmo nos nossos dias existem povos beduínos do Oriente Médio que vivem de acordo com os preceitos de **Jonadabe**.⁷

D. Conselhos Preservados em um Livro, 36.1-19

Esta é uma das seções mais preciosas do livro de Jeremias. 1) Essa passagem lança luz sobre a origem do livro. O processo de escrever e compilar as diversas profecias começou aqui. Afinal, muitos oráculos,

diversos acontecimentos da sua vida e informações históricas foram compilados para formar o livro como o temos hoje. 2) Ela provê detalhes importantes acerca da compilação de um livro bíblico. Estão envolvidos no processo: um livro em forma de rolo, um objeto para escrever (pena), tinta, a escolha de um escriba e a ação de ditar. Nenhum outro livro do AT nos apresenta uma descrição tão detalhada na sua formação. 3) Os acontecimentos relacionados aqui marcam uma mudança importante na carreira de Jeremias. Até esse momento, ele era conhecido somente em um dos pequenos países do Oriente Médio, mas com o registro por escrito das suas mensagens ele estava destinado a influenciar o mundo. A partir desse ponto ele pertence a todas as gerações.

1. *As Palavras de Deus Registradas* (36.1-8)

O incidente ocorreu **no quarto ano** (1) do rei **Jeoquim** (605 a.C.). Deus instruiu o profeta a escrever em um **livro** todas as profecias que lhe tinha dado **desde os dias de Josias** (i.e., desde o dia em que foi chamado), **até hoje** (2). O propósito de Deus está no versículo 3: **Ouvirão, talvez [...] os da casa de Judá todo o mal que eu intento fazer-lhes [...] e cada qual se converta do seu mau caminho, e eu perdoe a sua maldade.** É impressionante observar os inúmeros métodos diferentes que Deus usa, conforme o livro de Jeremias, para fazer seu povo converter-se da sua maldade e tornar a servi-lo. Precisamos dizer com Isaías: “Que mais se poderia fazer?” (Is 5.4). Somente um amor eterno podia ser tão engenhoso e persistente.

Jeremias ouviu o pedido de Deus e garantiu os serviços de **Baruque, filho de Nerias** (4) para ser seu escriba. **Baruque** (que aparece pela primeira vez em 32.12) parece ter pertencido a uma das famílias nobres de Judá. Seu irmão, Seraías, estava a serviço de Zedequias (5.59). Josefo conta que Baruque “era excepcionalmente bem dotado em sua língua nativa”.⁸ **E escreveu Baruque da boca de Jeremias todas as palavras do** Senhor (4). O tempo usado para ditar e escrever deve ter sido de dias, senão semanas. O **rolo de um livro** era um rolo de pergaminho, enrolado por conveniência para poder ser guardado e lido.

Chegou o dia em que Jeremias disse a Baruque: **Eu estou encerrado (preso) e não posso entrar na Casa do Senhor (5): Entre, pois, tu e lê (6)**. Não sabemos o motivo de Jeremias não poder ir ao Templo. Alguns estudiosos têm conjecturado a possibilidade de doença, estando, portanto, impuro naquele momento, ou proibido pelas autoridades do Templo por causa dos acontecimentos prévios, como, por exemplo, o Sermão do Templo. Todos concordam em que ele não estava na prisão nessa época. **Baruque fez como Jeremias [...] lhe havia ordenado (8)**.

2. *Baruque Lê a Palavra de Deus no Templo (36.9-10)*

A palavra de Deus por meio de Jeremias foi escrita “no quarto ano de Jeoaquim” (**1; 605 a.C.**), mas um tempo apropriado para a leitura só veio depois de alguns meses. Finalmente, no **mês nono** (ou dezembro) do **ano quinto de Jeoaquim** foi anunciado um **jejum** (9) para todo o reino de Judá, talvez para lamentar o ataque a Jerusalém por Nabucodonosor, no ano anterior. Pessoas de todas as cidades de Judá estavam em Jerusalém para esse jejum solene. Jeremias certamente esperava que, ao esquadrihar suas consciências com uma mensagem penetrante de Deus, essa cerimônia religiosa poderia ser transformada em um avivamento da religião genuína (7). Baruque leu a mensagem para as multidões de um lugar estratégico na área do Templo — **na câmara de Gemarias [...] à entrada da Porta Nova (10)**. A leitura provocou uma reação imediata.

3. *Baruque Lê para os Príncipes (36.11-19)*

Miquéias, filho de Gemarias (11), ouviu a leitura no átrio do Templo. Profundamente perturbado, ele **desceu à casa do rei, à câmara do escriba (12)** para relatar o que havia ouvido. Seu pai e os outros **príncipes** estavam lá reunidos. Após ouvirem o relato de Miquéias, **os príncipes mandaram buscar Baruque (14)** e o rolo, e pediram para que fosse lido para eles. **E leu Baruque aos ouvidos deles (15)**. Era a vez de os príncipes ficarem perturbados: “entreolharam-se com medo” (16, NVI). Eles disseram a Baruque que essa questão precisava ser relatada **ao rei**. Para esclarecer o assunto, eles perguntaram a Baruque sobre sua parte nessa questão (17). Ele

respondeu: **Com a sua boca, ditava-me todas estas palavras, e eu as escrevia, no livro, com tinta** (18). Convencidos de que essa questão exigia a atenção do rei, mas receosos quanto à sua reação, **os príncipes** disseram a Baruque: **Vai e esconde-te, tu e Jeremias** (19).

E. O Livro é Destruído, 36.20-26

Deixando o rolo de pergaminho na **câmara de Elisama, o escriba** (20), os príncipes foram falar diretamente com o **rei**. Jeoaquim estava na sua **casa de inverno** (22), provavelmente uma parte do palácio que captava os raios do sol do inverno. Era o **nono mês** (dezembro), e o **fogo** estava queimando num **braseiro**. Ao ouvir o relatório dos príncipes, ele exigiu ver o rolo (21). O rolo foi trazido e lido para ele com seus oficiais ao lado dele. Uma ira profunda tomou conta do rei ao ouvir os conselhos dados a ele no rolo. **Tendo Jeudi** (23) **lido três ou quatro folhas** (colunas), Jeoaquim, em amargo desprezo, **cortou** o rolo com seu **canivete** e **lançou-o ao fogo**. Ele continuou a fazê-lo até que todo **rolo se consumiu no fogo**.

O rei queimou o rolo apesar do protesto de diversos príncipes (25). De forma arrogante, Jeoaquim foi completamente indiferente e destemido com o que havia feito, e o mesmo ocorreu com muitos dos seus servos (24). Sua atitude e ações estavam muito distantes da atitude de seu pai, Josias, quando este ouviu a leitura do livro da lei em uma situação semelhante (2 Rs 22.10-14). Desconsiderando o conselho de Deus e dos príncipes, Jeoaquim imediatamente mandou prender **Baruque e Jeremias** (26). Mas Deus estava protegendo seus servos. O profeta e seu escriba não puderam ser encontrados, porque **o Senhor tinha-os escondido** (26). Não há dúvida de que Jeoaquim teria matado Jeremias como havia feito com Urias (26.20-24), se tivesse tido a oportunidade de colocar as mãos nele.

Os estudiosos têm especulado quais poderiam ter sido as palavras desse rolo. Ele provavelmente não continha todas as palavras de Jeremias, visto que foi lido três vezes em um dia. É quase certo que o rolo era feito de papiro, visto que “qualquer material para escrever feito de peles de animais teria sido difícil de cortar com um canivete,

e teria provocado um mau cheiro intolerável ao ser queimado”.⁹

F. O Livro Reescrito, 36.27-32

Algum tempo depois, em seu esconderijo, Jeremias foi instruído pelo Senhor a preparar um outro rolo, e escrever **nele todas as palavras que estavam no primeiro** rolo (27-28). O profeta fez como lhe fora ordenado e ditou novamente as **palavras do livro que Jeoaquim [...] tinha queimado; e ainda se acrescentaram a elas muitas palavras semelhantes** (32). Esse segundo rolo provavelmente continha o material da primeira parte do ministério de Jeremias. Visto que ainda restavam de dezessete a vinte anos de atividade para o profeta, muita coisa seria acrescentada ao livro.¹⁰

O rolo reescrito continha palavras duras para **Jeoquim** (29). Deus o repreendeu por queimar o primeiro rolo, que continha conselhos sábios para o rei. **Tu queimaste este rolo dizendo: Por que escreveste nele?** (29). Deus então declarou que Jeoaquim nunca teria um filho que **se assente** (30) **sobre o trono de Davi** (Joaquim, seu filho, reinou por três meses, mas o termo hebraico para “assentar” sugere um certo grau de permanência).¹¹ Jeremias predisse uma morte violenta e desonrosa para o rei (veja comentário em 22.18).

1

Os Recabitas Recusam-se a Beber (35.6-11)

2

Os recabitas não só recusam-se a beber, mas resolutamente apresentam suas razões

3

para uma total abstinência. Eles disseram a Jeremias que **Jonadabe**, dois séculos an

4

tes, tinha lhes ordenado para não beberem **vinho** (6), edificar **casas** (9), semear sementes (7), ou plantar vinhas, mas, em vez disso, deveriam habitar em tendas e viver como

[5](#)

nômades. Eles completaram sua resposta dizendo: **Assim, ouvimos e fizemos confor-**

A QUEDA DE JERUSALÉM

Jeremias 37.1—40.6

Estes capítulos tratam dos últimos acontecimentos que ocorreram pouco antes da queda de Jerusalém. Durante todo esse tempo, a vida de Jeremias esteve constantemente correndo risco de morte. Ele sofreu muitas injúrias. Além disso, havia uma angústia espiritual em ver sua amada cidade prestes a sucumbir. Zedequias foi um monarca indeciso que sofreu a pressão de uma consciência perturbada por um lado e de um grupo de príncipes novatos, irados e maus conselheiros por outro. As cenas finais mostram os babilônios intensificando o cerco e se preparando para a matança, com a cidade cambaleando e caindo diante do ataque violento. O tempo todo fica evidente que se o amor pudesse ter salvado uma cidade, essa cidade não precisava ter morrido.

A. A Falha Fatal nas Defesas da Cidade, 37.1-2

Estes versículos¹ introduzem **Zedequias** como se o leitor ainda não tivesse tido contato com ele anteriormente. Isso é um pouco estranho, visto que ele é citado diversas vezes em nossa história antes desse acontecimento. Embora a organização do hebraico pareça um pouco estranha, a ênfase principal no versículo 1 está no fato de que **Zedequias** foi constituído **rei** de Judá por Nabucodonosor. Isso significa que ele foi subjugado ao rei da Babilônia. De acordo com Jeremias, a segurança da nação dependia da fidelidade de Zedequias a esse juramento (27.11-15). Os versículos seguintes revelam as conseqüências trágicas do seu fracasso em manter a sua palavra. O versículo 2 culpa o rei bem como o povo: **nem ele [...] nem o povo [...] deram ouvidos às palavras do** Senhor. Esse rei vulnerável e irresoluto não havia mantido sua promessa para com os homens nem obedecido à palavra do Senhor.

B. Esperanças sem Fundamento, 37.3-10

O cerco havia sido suspenso. O **exército** do faraó Hofra (**5**; cf. 44.30)

tinha atravessado as fronteiras da Palestina e estava marchando em direção a Jerusalém. Os babilônios haviam redirecionado suas forças para enfrentar essa nova ameaça. Com a retirada do inimigo, o povo mais uma vez podia passar pelas portas da cidade. A esperança havia sido renovada em Jerusalém. Com a ajuda dos egípcios, talvez fosse possível derrotar os caldeus!

O rei apreensivo buscou confirmação para suas esperanças. Ele enviou uma delegação para Jeremias, dizendo: **Roga, agora, por nós ao Senhor, nosso Deus** (3). Jeremias sentiu que o pedido de Zedequias por oração era, na verdade, uma “investigação”; ele queria saber qual seria o desfecho. Jeremias profetizou: **O exército de Faraó [...] voltará para sua terra no Egito (7). E voltarão os caldeus (8), e queimarão a fogo esta cidade (10).** Além disso, afirma Jeremias, mesmo que **todo o exército dos caldeus** fosse ferido, e só lhe restassem **homens traspassados** (“feridos”, NVI) eles se levantariam e queimariam a cidade. O profeta faz uso de uma hipérbole para ressaltar esse ponto.

O rei e o povo haviam baseado suas esperanças na ação do homem e não no Deus vivo. O profeta clama: **Não enganeis a vossa alma (9).** A única base verdadeira para a esperança é o conhecimento do caráter de Deus, e uma disposição de andar de acordo com esse conhecimento. Os homens de Judá não possuíam esse conhecimento. “A mim me não conhecem, diz o Senhor” (9.3). “O meu povo não conhece o juízo [exigências] do Senhor” (8.7).

C. Jeremias Preso e Encarcerado, 37.11-15

Durante o período em que o cerco foi suspenso, Jeremias decidiu visitar sua casa em Anatote, alguns quilômetros ao norte de Jerusalém, para cuidar de negócios pessoais. Moffatt traduz a última parte do versículo 12 da seguinte forma: “a fim de tomar posse de uma propriedade que tinha no meio do seu povo”. Muitos estudiosos conjecturam que sua viagem tinha alguma relação com a compra da herdade (**32.6-12**). Jeremias, no entanto, não conseguiu ir até Anatote; ele foi preso **à porta de Benjamim** (portão do norte) pela sentinela e acusado de desertar (fugir) **para os caldeus (13)**. A acusação tinha alguma plausibilidade, pelo fato de Jeremias ter

abertamente aconselhado a deserção como um modo de salvar a vida **(21.810)**. O profeta negou energicamente que estava desertando. Apesar disso, esse incidente deu **aos príncipes (14)** a oportunidade que estavam esperando **(38.1-6)**. Os oficiais mais antigos de Jeoaquim haviam sido amistosos com Jeremias **(36.11-19)**, mas esses conselheiros haviam sido deportados em **597 a.C.** Os homens jovens que os substituíram odiavam Jeremias, e tinham muitas vezes influenciado Zedequias a não prestar atenção aos conselhos do profeta. Agora, em grande furor, eles espancaram Jeremias **e o puseram na prisão, na casa de Jônatas (15)**. Essa construção havia sido transformada em um **cárcere** e era imunda.

D. Uma Conferência Secreta, 37.16-21

Jeremias **ficou no calabouço** (lit. “casa da cova”) por **muitos dias** (16), onde, de acordo com o versículo 20, sua saúde estava correndo grande risco. O **calabouço e [...] suas celas** com frequência é traduzido como: “as celas do calabouço”. Durante sua permanência na prisão, o exército egípcio havia retomado à sua terra, e os babilônios renovaram o cerco de Jerusalém de forma ainda mais cruel. As predições de Jeremias mostraram ser verdadeiras.

Com a cidade cercada, **Zedequias** estava em grande aflição. Jeremias foi levado **em segredo** (17) aos aposentos do rei, e **Zedequias** o indagou ansiosamente: **Há alguma palavra do Senhor?** O profeta respondeu: **Há. [...] Na mão do rei da Babilônia serás entregue.**

Aproveitando a oportunidade desse momento, o profeta argumentou com o rei acerca do tratamento que estava recebendo das mãos dos príncipes. Ele lembrou ao rei que suas predições haviam se tornado realidade, ao passo que os profetas do rei haviam profetizado somente mentiras. Suas palavras sugerem a seguinte pergunta: Quem realmente merece estar na prisão? Jeremias terminou seu argumento com um pedido sincero de não ser enviado de volta para a **casa de Jônatas, o escriba, para que não venha a morrer ali (20)**.

Desapontado com a mensagem de Jeremias, mas condenado pela sua própria consciência, Zedequias ordenou que o profeta fosse colocado

no átrio da guarda (21). Ele também especificou que recebesse a ração diária de pão enquanto fosse possível. Embora continuasse como prisioneiro, as condições de vida do profeta melhoraram muito.

E. O Episódio da Cisterna, 38.1-13

Os príncipes evidentemente estavam muito insatisfeitos com a transferência de Jeremias para o átrio (pátio) da guarda, mas não podiam fazer nada naquele momento; por isso, aguardavam um momento oportuno. Tudo indica que planejaram a morte do profeta. O estágio final do cerco tinha chegado. Era uma questão de dias. Em uma situação como essa, os nervos estão à flor da pele, e um bode expiatório precisava ser encontrado. Jeremias podia muito bem ser o escolhido.

Como prisioneiro no pátio da guarda, o profeta evidentemente podia conversar com os soldados, e mesmo com o povo da cidade (32.9,12). Alguns príncipes ouviram Jeremias anunciar a palavra do Senhor ao povo: **Aquele que ficar nesta cidade morrerá [...] mas quem for para os caldeus viverá** (2) [...] **Esta cidade [...] será entregue nas mãos do exército do rei da Babilônia** (3). A expressão: **sua alma lhe será por despojo** (2) quer dizer que essa pessoa escapará com vida. Indignados, os príncipes acusaram Jeremias de traição. Eles exigiram do rei: **Morra este homem, visto que ele, assim, enfraquece as mãos dos homens de guerra** (4).

Jeremias tinha proferido palavras semelhantes inúmeras vezes (21.9; 34.2,22; 37.8), mas pressionado além da medida pelos seus oficiais, o rei exclama desesperado: **Eis que ele está na vossa mão, porque o rei nada pode contra vós** (5). Nenhum relato revela tão claramente a impotência e instabilidade de Zedequias.

Do ponto de vista militar os príncipes estavam certos na sua acusação. “O erro que os príncipes cometeram se deveu ao fato de não conseguirem enxergar que Jeremias falava com uma autoridade que estava acima dele”.²

Os príncipes prenderam **Jeremias** e o **lançaram** (6) em um

calabouço (talvez uma cisterna, porque havia muitas delas na Palestina), descendo-o com cordas. **Não havia água** na cisterna, mas muito lodo, e **Jeremias** atolou-se **na lama**. Os príncipes tinham a firme convicção de que essa era a última vez que estavam vendo esse incômodo profeta.

Mas os príncipes não contavam com a interferência de um dos eunucos do rei, **Ebede-Meleque, o etíope** (7). Esse homem parece ter acreditado na integridade de Jeremias. Ao ouvir o que os príncipes haviam feito ao profeta, apressou-se em falar com o **rei** e pediu permissão para salvá-lo, para que não morresse **de fome** (9) e abandono. Pelo menos em uma ocasião, Zedequias agiu com firmeza. Ele ordenou que Ebede-Meleque tomasse **trinta homens**³ e tirasse Jeremias da cisterna, **antes que morra** (10).

Ebede-Meleque provou ser um líder eficiente na operação de resgate. Ele aproximou-se do rei, que estava **assentado à Porta de Benjamim** (7), ao norte da cidade, julgando as causas do povo. Levando os homens consigo, ele apenas parou para pegar “alguns trapos e roupas velhas” (11, NVI). Na abertura da cisterna, ele desceu esses trapos por meio de cordas. Ele instruiu o profeta a colocar esses trapos debaixo dos seus braços “para servirem de almofada para as cordas” (12, NVI), por causa da força que seria feita para tirar Jeremias de dentro do lodo no qual estava afundado. Alguns minutos mais tarde o profeta estava a salvo e “livre” **no átrio da guarda** (13). Ele permaneceu ali até a queda da cidade (28).

F. Uma Entrevista Final, 38.14-28

Logo depois do resgate de Jeremias da cisterna, **Zedequias** procurou falar com ele mais uma vez. O profeta foi levado até a **terceira entrada** do Templo (local exato desconhecido) para encontrar-se com o rei. Essa acabou sendo sua última entrevista com o monarca infeliz. O rei parecia fora de si e desesperado, esperando ouvir alguma palavra positiva da parte do Senhor, ao pedir a Jeremias: **não me encubras nada** (14). Ao mesmo tempo, ele não estava disposto a fazer aquilo que salvaria sua vida e a do seu povo.

Jeremias inquiriu o rei severamente: “Se eu lhe der uma resposta, você não me matará? Mesmo que eu o aconselhasse, você não me escutaria” (15, NVI). Zedequias então **jurou** não fazer mal a Jeremias, e que não permitiria que os príncipes lhe fizessem mal. **Esta alma** (16) significa “essa nossa vida” (Smith-Goodspeed). Convencido pelo juramento do rei de que ele estava sendo sincero, Jeremias aconselhou-o a entregar-se **aos príncipes do rei da Babilônia** (17). Ele assegurou a Zedequias que, se ele o fizesse, não salvaria apenas a sua vida, da sua família, mas também salvaria a cidade de Jerusalém: **esta cidade não será queimada**. Jeremias declarou, por outro lado, que se Zedequias não se entregasse, a **cidade** seria queimada e ele não escaparia **das mãos dos caldeus** (18).

A angústia mental do **rei** ficou evidente ao confessar a Jeremias: **Receio-me dos judeus que se passaram para os caldeus; que me entreguem nas suas mãos e escarneçam de mim** (19). O medo de Zedequias não era de todo infundado, porque isso ocorria com frequência naquela época. Mas Jeremias assegurou-lhe que isso não ocorreria em seu caso (20).

Fica claro com base nesse incidente que os termos de Deus para nossa salvação sempre são difíceis para a carne e o sangue. 1) Eles atacam nosso orgulho. 2) Eles subjagam nossa obstinação. 3) Eles requerem uma fé real.⁴

Jeremias continuou a advertir Zedequias sobre o preço da recusa em se render. Parece que ele viu através de uma visão ou um sonho, **as mulheres da casa do rei** marcharem como cativas entoando um cântico de lamento:

Aqueles teus amigos de confiança te enganaram e prevaleceram sobre ti. Teus pés estão atolados na lama; teus amigos te abandonaram (22, NVI).

Por que essa referência à **lama**? Será que a roupa de Jeremias continuava encardida pelo lodo da cisterna? Talvez. O profeta termina sua advertência, dizendo ao rei: **E esta cidade ele queimará** (23);

i.e., a culpa pela destruição da cidade recairá sobre Zedequias. Mesmo assim, o rei não conseguiu encontrar forças para seguir o conselho do profeta.

Zedequias então cobra uma promessa de Jeremias: **Ninguém saiba estas palavras** (24). Ele instruiu Jeremias acerca do que dizer se **os príncipes** lhe perguntassem a respeito do seu encontro (25-26). Suas precauções, nesse caso, eram muito justificadas, porque **todos os príncipes** (27) se reuniram ao redor de Jeremias quando voltou do encontro com o rei, cobrindo-o de perguntas. Ele calma e cuidadosamente respondeu a cada um deles como havia prometido ao rei. Será que ele estava procurando proteger-se a si mesmo ou ao rei? Quanta verdade ele foi obrigado a revelar? É difícil dizer. Certamente, não foi para salvar sua vida que ele foi evasivo nas perguntas desses ímpios, e respondeu apenas o que era apropriado para o momento, visto que não tinha medo de morrer. Sua resposta parece ter satisfeito os príncipes, e eles não o incomodaram mais, “pois ninguém tinha ouvido a conversa com o rei” (27, NVI). Sem mais aborrecimento, permitiram-lhe que permanecesse no **átrio da guarda até o dia em que foi tomada Jerusalém** (28).

G. A Queda da Cidade, 39.1-10

Relatos similares da queda de Jerusalém são encontrados no capítulo **52**; **2 Reis 25**; **2 Crônicas 36.11-12**, e deveriam ser lidos em conjunto com esse relato (cf. comentários desses textos). Descobertas arqueológicas recentes indicam com certa precisão que as palavras **Rabe-Saris** e **Rabe-Mague (3)**, antigamente tidas como nomes de indivíduos, são títulos babilônicos de oficiais graduados, e que **Sangar** pode ser uma forma alterada de outro título.⁶

A cidade de Jerusalém tinha caído! O que Jeremias tinha predito finalmente havia chegado. Depois de dezoito meses de cerco **se fez a brecha na cidade** (2), i.e., “o muro da cidade foi rompido” (NVI). **E entraram todos os príncipes do rei da Babilônia, e pararam na Porta do Meio** (3), i.e., assumiram a administração da cidade. O lugar da **Porta do Meio** é desconhecido, mas era talvez uma porta no muro que separava a parte superior da parte inferior da cidade.

Vendo que a situação era desesperadora, **Zedequias** fugiu **da cidade** de noite pela **porta dentre os dois muros** (4; i.e., onde o muro exterior e o interior se encontravam). Essa porta evidentemente dava acesso ao vale de Cedrom, em direção ao rio Jordão. No entanto, a tentativa desesperada de obter a liberdade foi um fracasso. Os babilônios o **alcançaram** nas **campinas de Jerico** (veja mapa 2) e o levaram ao centro de operações de **Nabucodonosor** em **Ribla**⁶, na Síria. Um castigo cruel (5) estava aguardando o rei rebelde pelas mãos de Nabucodonosor. Seus **filhos** (6) foram executados **à sua vista**, e seus **nobres**, que ele tanto temia, foram mortos. Por último, seus próprios olhos foram arrancados e ele foi atado (7) com **cadeias de bronze**. Algum tempo depois, ele foi levado para a **Babilônia**, onde definhou na prisão até a morte.

Pelo que tudo indica, **os príncipes** da Babilônia, mencionados no versículo 3, estiveram ocupados com “operações de limpeza” durante diversas semanas. De acordo com 52.12, **Nebuzaradã** (9), o comandante-chefe ou marechal de campo do rei da Babilônia, só chegou a Jerusalém um mês após a queda da cidade. Quando chegou, incendiou a cidade. **A casa do rei** (8) foi queimada, e “a casa do povo” (lit.) — que pode significar o Templo — e **os muros de Jerusalém** foram derrubados. O povo que já havia desertado para o lado dos babilônios, e aqueles que foram capturados na queda da cidade, foram preparados para ser deportados para a **Babilônia**. **Os pobres de entre o povo** (10), **que não tinham nada**, Nebuzaradã deixou em **Judá**, e lhes deu as vinhas e os campos devastados.

H. Jeremias é Liberto, 39.11-14

Este é um dos dois relatos que registram como Jeremias foi liberto. O outro está em **40.1-6** e parece contradizer este relato em alguns detalhes. No entanto, no meio da destruição da cidade e da confusão das centenas de cativos que estavam sendo deportados, pode ter havido dois episódios na soltura de Jeremias. Veja comentários em **40.1-6**.

Nesta passagem, **Nebuzaradã** é instruído por **Nabucodonosor** para pôr seus olhos em Jeremias, não lhe fazer nenhum mal e proceder de

acordo com o que ele disser. Parece que Nebuzaradã e os príncipes mencionados no versículo 3 participaram da libertação de Jeremias do pátio da guarda. Não está claro, porém, como Nabucodonosor teve conhecimento acerca de Jeremias e suas atividades. Kuist tem conjecturado⁷ que, sob o conselho de Jeremias, Gedalias e sua família tinham ido para a Babilônia no início do cerco (foi Aicão, o pai de Gedalias, que tinha protegido Jeremias depois de este ter pregado o Sermão do Templo, **26.24**), e que foi este que informou Nabucodonosor acerca da atitude de Jeremias em relação à Babilônia. Qualquer que seja a resposta, Jeremias foi retirado do pátio da guarda e entregue aos cuidados de **Gedalias (14)**, que o levou para a **sua casa** em Jerusalém, onde permaneceu por certo período.

I. As Recompensas da Fé, 39.15-18

Esta passagem acerca do eunuco etíope se encaixaria melhor cronologicamente após 38.13. Mas aqui a passagem apresenta um final favorável a um capítulo sombrio.

Enquanto ainda estava **encerrado no átrio da guarda (15)**, Jeremias recebeu uma mensagem para **Ebede-Meleque (16)**. Quando, no decurso do seu trabalho, o eunuco deveria aparecer, Jeremias foi instruído a ir ao encontro dele com a seguinte mensagem de esperança do Senhor: *a)* Deus não tinha amenizado em nada o seu propósito de castigar Jerusalém, *b)* O castigo da cidade ocorreria diante dos olhos do eunuco. *c)* A vida de

Ebede-Meleque estaria em perigo, mas, **a ti [...] eu livrarei [...] diz o Senhor (17)**. **A tua alma terá por despojo (18)** significa que a vida dele lhe seria dada como preço de guerra, *d)* É prometido livramento **dos homens perante cuja face tu temes (17)**. Esses talvez fossem os príncipes que o odiavam por socorrer Jeremias, ou talvez os invasores babilônicos.

A passagem ressalta as recompensas da fé, e contrasta fortemente com a história de Zedequias. Ebede-Meleque acreditava em algo e agiu decisivamente de acordo com essa fé, mesmo correndo grande perigo; Zedequias também acreditava que um certo curso estava certo,

mas não teve a fé ou a coragem para agir com a mesma determinação. Um homem ganhou vida e honra eternas; o outro recebeu morte e desgraça eternas.

J. Jeremias Faz sua Escolha, 40.1-6

Este outro relato acerca do livramento de Jeremias difere em alguns detalhes do relato de 39.11-14. A principal dificuldade pode ser reduzida a uma única pergunta: Por que Jeremias deveria ser encontrado **atado com cadeias** em **Ramá** (1) quando ele fora (aparentemente) liberto do pátio da guarda já havia algum tempo?

No capítulo 39, Jeremias foi liberto da prisão e confiado aos cuidados de Gedalias. Esse homem o levou à sua casa em Jerusalém, onde o profeta permaneceu por algum tempo. Mas uma decisão final no caso de Jeremias pelas autoridades babilônicas ainda não havia ocorrido. As obrigações administrativas de Gedalias em relação ao rei da Babilônia (talvez ele já tivesse sido nomeado secretamente governador de Judá) teria requerido dele ir a Mispa para cumpri-las ali. Jeremias permaneceu na casa de Gedalias em Jerusalém, porque “ele ficou entre o povo” (39.14). Finalmente, quando os muros de Jerusalém foram derrubados, e tudo que era valioso tinha sido removido das casas e prédios, e a cidade estava pronta para ser queimada, os cativos de Jerusalém foram removidos para **Ramá** (o ponto de partida para a deportação à Babilônia). Visto que nenhuma decisão final tinha sido tomada em relação a Jeremias, o oficial que cuidava do povo de Jerusalém não tinha outra alternativa senão levá-lo junto com o restante dos cativos para Ramá.

Quando **Nebuzaradã** o encontrou entre os cativos em **Ramá**, rapidamente o soltou das suas **cadeias**. Quando o grande capitão ouviu as predições de Jeremias em relação à cidade de Jerusalém, usou as palavras do profeta (2-3) para desculpar-se pelo que havia feito à cidade amada de Jeremias. Nebuzaradã então disse a Jeremias: **Agora, pois, eis que te soltei, hoje, das cadeias [...] Se te apraz vir comigo para a Babilônia, vem, [...] mas, se te não apraz vir [...] toda a terra está diante de ti** (4). Mas, como

ele ainda não tinha voltado (5), i.e., enquanto ainda estava no processo de decidir se iria para a Babilônia ou não, Nebuzaradã sugeriu que, pelo fato de **Gedalias** ser agora governador de **Judá**, talvez ele desejasse ir para lá. Quando Jeremias escolheu permanecer com **Gedalias** (6), foi-lhe dado suprimento de comida e um presente e o deixaram ir. Assim Jeremias habitou **no meio do povo** em **Mispa**, com o governador **Gedalias**. **Mispa** ficava a cerca de sete quilômetros a noroeste de Jerusalém.

NO RASTRO DA RUÍNA

Jeremias 40.7—44.30

Esta seção traça os destinos de Jeremias e dos judeus que permaneceram em Judá, desde a partida dos cativos para a Babilônia até o anúncio da última profecia dele na terra do Egito. Todos desejariam que se pudesse dizer que Jeremias viveu o restante dos seus anos em paz em Mispa, e morreu já bem idoso. Mas, infelizmente, esse não foi o destino do profeta. Sua vida provou ser repleta de turbulência e tristeza até o fim.

Em Judá, o período após a queda de Jerusalém foi cheio de tumulto e anarquia. Os pequenos grupos de guerrilheiros judeus, que haviam fugido para as montanhas durante a invasão babilônica, agora davam vazão ao seu próprio veneno. Gedalias era o único homem que poderia ter trazido uma certa ordem diante do caos, mas ele foi cruelmente morto pouco tempo depois. A partir daí, as coisas pioraram cada vez mais, até que o desiludido e frustrado resto de Judá (remanescente de Judá)¹ procurou refúgio na terra do Egito. Isso ocorreu sob os protestos de Jeremias. Mesmo no Egito, as condições estavam ficando piores para os fugitivos judeus. Diante de tudo isso, Jeremias não perdeu a postura uma única vez. Ele foi profeta até o fim.

A. O Governo de Gedalias, 40.7—41.3

Depois da queda de Jerusalém, a Palestina tornou-se uma província do império babilônico. Nabucodonosor nomeou Gedalias, membro de uma família judaica nobre, como governador de Judá. Aicão, o pai de Gedalias, havia sido uma figura importante no reinado de Josias e de Jeoaquim, e um bom amigo de Jeremias (26.24; 2 Rs 22.12,14); seu avô, Safã, parece ter sido o secretário (escrivão) de Josias (2 Rs 22.3,10). Gedalias parece ter sido um seguidor devoto do Senhor, e compartilhava da fé e perspectiva de Jeremias

quanto à situação nacional e internacional. É possível que ele tenha

sido convencido por Jeremias de que Jerusalém seria destruída e que ele deveria render-se aos babilônios com a esperança de que com o colapso que estava por vir, ele pudesse prestar um bom serviço a seu povo. Qualquer que tenha sido a situação, sabe-se que ele foi de grande ajuda na libertação de Jeremias, e prestou um serviço valioso ao remanescente de Judá após a queda da cidade. Não é possível determinar quanto tempo Gedalias governou. Alguns estudiosos acreditam que foi um período de cerca de cinco anos porque o versículo 30 do capítulo 52 fala de uma deportação final dos judeus para a Babilônia em 582-581 a.C., como castigo pelo assassinato de Gedalias.¹ Mas, de acordo com 41.1 e 2 Reis 25.25, parece que Gedalias reinou apenas alguns meses.

1. *Tentativa de Reorganização Empreendida por Gedalias (40.7-12)*

A chegada dos **príncipes dos exércitos** (7; comandantes de guerrilhas) em **Mispa** (8; cf 40.6, comentário) significou o reconhecimento deles da jurisdição de Gedalias sobre Judá sob a autoridade babilônica. Não havia, no entanto, uma aceitação unânime dessa autoridade. A lista de nomes incluía **Ismael, Jônatas, Seraías e Jezanias**. Esses homens representavam setores muito divergentes da Palestina e constituíam uma força com que Gedalias teria de lidar na tentativa de reorganizar a nação destruída. Nessa reunião, Gedalias procurou aquietar seus medos e pedir a ajuda deles na reconstrução do país. Ele os aconselhou: **ficai na terra e servi ao rei da Babilônia, e bem vos irá**

(9) . Ele prometeu fielmente atender os interesses deles e representá-los de maneira justa diante dos babilônios. Ele os encorajou a habitar **nas cidades** que haviam tomado

(10) e recolher alimento das árvores e vinhas para o inverno seguinte.

Além dos comandantes de guerrilhas e seus bandos, muitos fugitivos que tinham escapado, atravessando o Jordão com a aproximação dos babilônios, retornaram quando ouviram que **Gedalias** era o governador de Judá. Muitos deles tinham se refugiado em **Edom** e

Moabe e entre os filhos de Amom (11). Eles agora voltaram para Judá e também **recolheram vinho e frutas do verão com muita abundância** (12). Todos pareciam felizes sob a liderança do novo governador.

Jeremias não é mencionado nesses versículos, mas, sem dúvida, estava habitando calmamente no meio do povo em Mispa, recuperando-se dos efeitos da prisão.

acreditar que Ismael estivesse planejando causar-lhe algum mal. Joanã, no entanto, não desistiu e foi se encontrar com Gedalias em segredo e pediu permissão para matar o perverso Ismael sem que alguém o soubesse. Ele insistiu: **Por que razão te tiraria ele a vida, e todo o Judá [...] seria disperso, e pereceria o resto de Judá?** (15). Estas palavras revelam a avaliação de Joanã da importância de Gedalias para a comunidade judaica e o que aconteceria se ele fosse eliminado. Gedalias, um homem de caráter nobre, não permitiu que Joanã fosse adiante com seu intento, e também recusou-se a acreditar que sua vida estava em perigo.

3. O Assassinato de Gedalias (41.1-3)

Gedalias evidentemente sabia que sua eficiência como governador de Judá dependia de ele estar disponível o tempo todo para os comandantes de guerrilhas, cuja ajuda e influência eram tão importantes na unificação do país. Mas foi num momento em que **Ismael e dez** dos seus **homens** (1) estavam desfrutando da bondade de **Gedalias** que eles subitamente se voltaram contra seu anfitrião e o **feriram à espada** (2). O **sétimo mês** deve ter sido outubro. Ismael também matou **todos os judeus** (3) que estavam com Gedalias, bem como os soldados caldeus que estavam presentes.

A ação foi tão covarde que era quase impossível acreditar que ela, de fato, tivesse acontecido. Ninguém no Oriente Médio seria suspeito de cometer um assassinato ao aceitar o convite de comer à mesa de outro homem. O “código de hospitalidade” exigia que o anfitrião protegesse seus convidados, e que os convidados retribuíssem em boa fé. Gedalias, portanto, não suspeitava de coisa alguma, e, na verdade,

estava indefeso”.³ Nos tempos pós-exílicos, os judeus observavam o terceiro dia do sétimo mês como um dia de jejum em memória à morte de Gedalias.⁴

B. As Atrocidades de Ismael, 41.4-18

1. O Massacre dos Setenta Peregrinos (41.4-9)

A morte de **Gedalias** foi executada de forma tão furtiva que ninguém fora da cidade de Mispa ficou sabendo que um crime havia sido cometido. **No dia seguinte** (4), Ismael atacou outra vez. Dessa vez suas vítimas foram oitenta peregrinos, os quais traziam **ofertas** (5), e estavam passando por Mispa, a caminho de Jerusalém. A **barba rapada**, as **vestes rasgadas** e o **corpo retalhado** eram sinais típicos de pranto ou luto. Os peregrinos estavam evidentemente pranteando a recente destruição do Templo. **Ismael** saiu-lhes ao **encontro** (6) simulando estar de luto, **chorando** em voz alta. Em nome de Gedalias ele os persuadiu a saírem da estrada e se deslocarem para Mispa. Quando estavam dentro da cidade de Mispa, ele matou friamente setenta deles. **Dez homens** escaparam com vida prometendo mostrar-lhe onde estavam escondidos suprimentos de **trigo, cevada, azeite e mel** (8). Os **cadáveres** (9) dos setenta peregrinos mortos foram jogados em uma grande cisterna que o rei **Asa** havia cavado trezentos anos antes como parte de um sistema de defesa para Mispa contra **Baasa, rei de Israel** (1 Rs 15.22).

Não há um motivo inteligível que possa explicar esse crime bárbaro. A primeira vista, parece que Ismael era astutamente demente.

2. A Captura de Mispa (41.10)

Ismael continuou a executar suas ações perversas ao levar **cativo o povo que estava em Mispa** (10). Eles evidentemente estavam agrupados como gado, incluindo **as filhas do rei**⁶ (não necessariamente as filhas de Zedequias, mas princesas da casa real), e foram para a terra de Amom. Certamente o rei dos **filhos de Amom**, o mentor de Ismael, devia estar satisfeito com os resultados desse ataque. Os efeitos desse crime na vida política e econômica de Judá

foram desastrosos por muitos anos.

3. *A Derrota de Ismael* (41.11-18)

Quando as ações covardes de Ismael tornaram-se públicas, **Joanã, filho de Careá**

(11), e os outros comandantes de guerrilhas reuniram seus guerreiros e se prepararam para vingar a morte de Gedalias e para retomar o povo de Mispa. Eles encontraram Ismael **ao pé das muitas águas em Gibeão** (12).⁶ Quando os cativos **de Mispa** viram o grupo de resgate, voltaram e se uniram a **Joanã** e seu exército (14). No entanto, no meio da confusão que se gerou, **Ismael** e **oito** dos seus **homens** escaparam para a terra dos **filhos de Amom** (15).

Embora tivessem sido bem-sucedidos em resgatar o povo de Mispa, Joanã e os outros comandantes estavam perdidos quanto ao que fazer em seguida. Os babilônios poderiam voltar para vingar a morte de Gedalias, e certamente não teriam o cuidado de punir apenas os responsáveis. Por essa razão, com medo dos caldeus, o grupo foi para o sul. Eles finalmente acamparam em **Gerute-Quimã** (alojamento ou estalagem de Quimã; v. 17), perto de **Belém**, com a intenção de entrar no **Egito**.

C. A Fuga para o Egito, 42.1—43.7

Enquanto o povo estava acampado perto de Belém, Jeremias retorna à narrativa. O profeta não foi mencionado desde que foi a Mispa para morar no meio do povo (40.6). Provavelmente, ele e Baruque estavam morando em Mispa durante os incidentes relatados em 40.7—41.18. Os dois deveriam estar entre os cativos levados por Ismael. Resgatados junto com os outros cativos por Joanã e seu exército, eles continuaram com o grupo na sua jornada. A única outra alternativa é que eles não estavam em Mispa durante o ataque de Ismael e se uniram ao grupo mais tarde por conta própria. ² am qualquer coisa que o Senhor dissesse. (Será que estavam se lembrando de como os habitantes de Jerusalém tinham rejeitado a mensagem de Deus por meio de Jeremias, e como as predições do profeta se tomaram

realidade?). Jeremias respondeu: **Eu vos ouvi; eis que orarei ao Senhor [...] conforme as vossas palavras** (4), i.e., com base na promessa deles. Novamente eles prometeram seguir o Senhor, a ponto de pedir que Ele fosse **testemunha da verdade e fidelidade** (5): **Seja ela boa ou seja má, à voz do Senhor, [...] obedeceremos** (6).

2. A Resposta de Jeremias (42.7-22)

Passaram-se dez dias antes que Deus revelasse a sua vontade. Jeremias recusou-se a falar até que estivesse certo de que a mensagem era de Deus. É possível que os líderes e o povo tenham ficado impacientes com a demora da resposta, e muito aborrecidos com o profeta. A pressa é uma característica da descrença.

Quando a mensagem estava clara na mente do profeta, Jeremias chamou todo o acampamento para ouvir a palavra de Deus. É interessante notar que Deus buscou deixar bem claro a sua vontade a esse pequeno grupo da mesma forma que o fez à nação de Judá e à cidade de Jerusalém. Sua resposta à consulta desse grupo pode ser resumida da seguinte forma:

a) Era da vontade de Deus que esse povo permanecesse em Judá: **Se de boa mente ficardes nesta terra, então, vos edificarei e não vos derribarei** (10). Isso, é claro, requereria fé no Senhor. A permanência em Judá era contrária à razão humana, porque a única coisa sensata e lógica seria colocar-se debaixo da proteção do faraó.

b) A atitude de Deus em relação a eles era de boa vontade: **estou arrependido do mal que vos tenho feito**. “Para o leitor moderno isso sugere que Yahweh lamenta o que fez, e se for colocado outra vez na mesma situação, agirá diferente [...] (mas esse certamente não foi o caso) [...] Não é a confissão de um erro ou remorso pelo mal que infligiu. Mas agora que seu julgamento justo foi cumprido, sua atitude em relação ao seu povo mudou, e, no que diz respeito ao futuro, Ele está disposto a edificar aqueles que por causa da sua justiça teve de castigar”.⁸ Deus lida com os homens com base em padrões morais, e não com base em padrões legalistas; assim, Ele é capaz de mudar sua atitude quando certas condições são cumpridas (cf. comentário em

18.7-12). Bright expressa essa parte do versículo de maneira apropriada: “Porque considero o sofrimento que impus sobre vocês suficiente”.⁹

c) Seus medos em relação ao rei da Babilônia eram infundados: **Não temais o rei da Babilônia [...] porque eu sou convosco para vos salvar e para vos fazer livrar das suas mãos** (11). Muitas preocupações que parecem esmagadoras nunca se tornam realidade.

d) O que precisava ser evitado era esse coração perverso e descrente: **Mas se vós disserdes: Não ficaremos nesta terra [...] antes, iremos à terra do Egito** (13-14). Jeremias antevê qual será a resposta deles e desfaz todos os seus objetivos. Ele continua: **Se vós disserdes** (13): No Egito **não veremos guerra, nem ouviremos som de trom-beta, nem teremos fome de pão** (14), então **a espada que vós temeis ali vos alcançará na terra do Egito** (16). **Se vós, absolutamente, puserdes o vosso rosto** (15), i.e., se vocês estiverem determinados. Esse pequeno grupo de judeus foi confrontado com o antigo dilema “fé versus incredulidade”. Esse mesmo dilema continua confrontando judeus e cristãos hoje.

e) É um erro milenar acreditar que Deus mudou seu caráter, ou que a lei moral foi abolida. **Minha ira [...] se derramará [...] sobre vós, quando entrardes no Egito**

(18). “Vocês serão objeto de maldição e de pavor, de desprezo e de afronta” (18; NVI).

f) Eles estavam correndo o risco de tornar Deus um mentiroso. Eles pediram para Jeremias orar ao Senhor e juraram solenemente fazer tudo o que Ele dissesse. No entanto, quando a palavra veio com grande clareza, eles recusaram-se a aceitar a palavra de Deus (20-21).

g) Sua escolha determinaria o resultado. Se eles escolhessem permanecer em Judá, haveria ajuda e esperança para o futuro; se insistissem em ir para o Egito, morreriam **à espada, à fome e da peste** (22). Jeremias já sabia intuitivamente qual seria a decisão deles.

3. *Jeremias é Desprezado pelo Povo* (43.1-3)

O povo ouviu a proclamação do profeta sem interrompê-lo, mas quando terminou de falar, “a luz da reunião havia se apagado”. Era evidente que tanto os líderes quanto o povo estavam determinados em desobedecer a Deus. Foram os líderes que confrontaram Jeremias: **então** falaram **todos os homens soberbos** (arrogantes; v. 2) — e suas palavras pareciam sair de uma boca venenosa — “Você está mentindo! O Senhor não lhe mandou dizer que não fôssemos residir no Egito” (NVI). A decisão deles havia sido tomada; a incredulidade havia se transformado em apostasia.

A busca deles por um bode expiatório foi ridícula, mas, mesmo assim, eles tentaram: **Baruque, filho de Nérias, é que te incita contra nós, para nos entregar nas mãos dos caldeus** (3). Quando homens insignificantes decidem alguma coisa, todas as pérolas da sabedoria são incapazes de mudar essa decisão. Não há qualquer indicação de que Jeremias tenha tentado persuadi-los.

Baruque continuava com Jeremias. Todas as dificuldades que os dois haviam passado não tinha deteriorado o relacionamento entre eles. Pelo que tudo indica, Baruque sobreviveu à destruição de Jerusalém bem como às abomináveis conspirações de Ismael. Essa seção do livro é clara porque o leitor está estudando o relato de uma testemunha ocular.¹⁰

4. *Entrando no Egito* (43.4-7)

Uma vez tomada a decisão de não obedecer à voz de Deus, Joana e o povo fizeram preparativos para entrar no Egito. Todos os **homens, e mulheres, e meninos** (“crianças”, NVI), e as **filhas do rei** (6) estavam prontos para a longa viagem ao sul. **Jeremias e Baruque** fazem parte da lista daqueles que foram para o Egito. **E** inconcebível que

No Rastro da Ruína

Jeremias tenha ido voluntariamente, viste ser contrario à sua

concepção acerca da vontade de Deus. Sem dúvida, os irados líderes forçaram Jeremias e Baruque a ir com eles, para que participassem do destino do grupo, se o que Jeremias havia predito de fato acontecesse.

Eles terminaram sua fuga em **Tafnes (7)**, uma cidade fortificada dentro da fronteira egípcia. Essa cidade, hoje conhecida como Dafne, está localizada na região nordeste do delta do rio Nilo, na estrada que vai do Egito até a Palestina (veja mapa 3).

D. Jeremias no Egito, 43.8—44.33

Os poderes proféticos de Jeremias não o abandonaram no Egito. Em seus dois discursos finais registrados nessa seção, ele apresenta a mesma intensidade e a mesma integridade que haviam caracterizado sua pregação ao longo dos seus quarenta anos de ministério.

1. A Vinda de Nabucodonosor é Predita (43.8-13)

O primeiro discurso de Jeremias no Egito foi pronunciado logo após a chegada dos judeus a **Tafnes (8)**. Aqui, como em tantas outras ocasiões, Jeremias dramatizou sua mensagem. Ele tomou algumas **pedras grandes (9)** e as enterrou “no barro do pavimento” (NYI) diante **da casa de Faraó em Tafnes**. Esse não era seu palácio real, que ficava em outra cidade, mas a residência oficial do faraó quando visitava Tafnes. Não sabemos quando e como isso foi feito. Alguns estudiosos acreditam que foi realizado durante a noite, mas, ao menos, os líderes da colônia judaica estavam presentes e receberam a mensagem. Depois de enterrar as pedras no pavimento, Jeremias predisse que Nabucodonosor viria ao Egito e colocaria **o seu trono sobre estas pedras (10)**. Acerca de **meu servo**, veja comentário em 25.9. Além disso, Jeremias continuou, o rei da Babilônia **ferirá a terra do Egito (11)** e queimará (12) os templos e levará as imagens **dos deuses** consigo.¹¹ Naquele dia, a pestilência, o cativoiro e a espada viriam sobre aqueles indivíduos para os quais foram designados. Tudo isso Nabucodonosor realizaria sem maiores dificuldades, do mesmo modo que um **pastor** veste o seu manto.

A mensagem para a colônia em Tafnes era óbvia, a) A coisa que eles

mais temiam os alcançaria. Eles tinham fugido para o Egito a fim de escapar das retaliações de Nabucodonosor, mas esse soberano viria até o Egito e os castigaria ali. b) Ao fugir para o Egito eles buscaram a ajuda de homens, em vez de procurar a ajuda de Deus. c) A dependência de qualquer poder terreno é completamente inútil, d) A verdadeira segurança só pode ser encontrada na obediência e no serviço a Deus.

Um texto antigo recuperado dos arquivos de Nabucodonosor descreve a punição que infligiu ao Egito no trigésimo sétimo ano do seu reinado, em torno de 568 a.C.¹² Embora não tenha conquistado todo o território, assolou a maior parte dele, e, dessa forma, impediu o Egito de interferir nas questões da Ásia por muitos anos. Josefo, no entanto, descreve uma invasão do Egito por Nabucodonosor cinco anos após a queda de Jerusalém, na qual foi morto o rei do Egito. Naquela ocasião Nabucodonosor levou os judeus que moravam no Egito para a Babilônia.¹³ É possível que Nabucodonosor tenha invadido o Egito em duas oportunidades.

2. Profeta até o fim (44.1-30)

Este é o discurso final de Jeremias. No último vislumbre que o leitor tem do velho profeta, ele está proclamando a palavra de Deus. Ele foi profeta até o fim.

a) *Os judeus no Egito são denunciados (44.1-14).* O último sermão registrado de Jeremias foi dirigido a **todos os judeus [...] do Egito** (1). O relatório menciona as várias comunidades (veja mapa 3) onde os judeus estavam habitando — **Migdol** (lugar desconhecido, mas evidentemente no nordeste do Egito, não longe de **Tafties**), **Nofe** (Mênfis) e **na terra de Patros** (Alto Egito). É impossível determinar a data dessa ocorrência, mas, pelo que tudo indica, ela se deu diversos anos após o seu discurso anterior. A ocasião pode ter sido uma festa religiosa na qual uma “grande multidão” (15) de judeus estava queimando incenso à Rainha dos Céus (a deusa da fertilidade, conhecida como a “Grande Mãe”; veja comentário em 7.16-20). O versículo 15 aponta para a possibilidade da festa ter acontecido em “Patros” (Alto Egito), mas, não é possível precisar com certeza. Parece

que a alma justa de Jeremias foi atormentada profundamente pelo que seus olhos viam em relação à completa corrupção do seu povo.

Como de costume, Jeremias iniciou seu discurso referindo-se à história. Ele lembrou os judeus da recente destruição de **Jerusalém** e das **idades de Judá** (2). Ele insistiu em que o motivo dessas cidades estarem vazias e desoladas era que o povo servia a **outros deuses** (3), a mesma coisa que os judeus estavam fazendo no Egito.

Madrugando (4), i.e., “persistentemente”, Deus havia enviado **profetas**, dizendo: **Ora, não façais esta coisa abominável que aborreço**. Mas **eles não deram ouvidos** e não se **converteram da sua maldade** (5). Esse foi o motivo de essas cidades terem se tornado **em deserto e em assolação** (6).

Jeremias faz sua aplicação: **Por que fazeis vós tão grande mal contra a vossa alma?** (7). **Esquecesteis** tão rapidamente as **maldades de vossos pais, [...] dos reis de Judá, e [...] das suas mulheres, e as vossas maldades, e [...] das vossas mulheres [...] nas ruas de Jerusalém?** (9). Amenação do profeta das **mulheres dos reis** e das

esposas dos homens presentes era como golpear os ouvintes com um chicote. O ressentimento se espalhou entre as mulheres de Judá porque haviam sido agressivas na adoração da Rainha dos Céus.

Ignorando a reação dos ouvintes, Jeremias proclamou a sentença de Deus contra os judeus no Egito: **Eis que eu ponho o rosto contra vós, para mal** (11). **O resto** (remanescente) **de Judá** que habitava no Egito **morrerá**, mas sua memória continuará viva como **um espanto, e uma maldição, e um opróbrio** (12). Da mesma forma que **Jerusalém** havia sido castigada **com a espada, com a fome e com a peste** (13), assim Deus vai castigar os judeus que adoram outros deuses no Egito. Ninguém escapará, e ninguém tornará à **terra de Judá** “exceto uns poucos fugitivos” (14, NVI).

b) *A resposta dos judeus* (44.15-19). As palavras de Jeremias tocaram num nervo sensível. As mulheres estavam incomodadas, e os homens irados precisavam defender suas mulheres bem como a si

mesmos. De forma desafiadora responderam ao profeta idoso: **Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do Senhor, não te obedeceremos a ti** (16). Com palavras pungentes defenderam suas práticas idólatras. Admitiram que fizeram promessas à **Rainha dos Céus** (17), da mesma forma que seus **pais**, seus **reis** e seus **príncipes** haviam feito antes deles. Além disso, naqueles dias antigos, as coisas estavam indo bem com a nação. Mas, visto que deixaram de **queimar incenso** (18) à deusa, tinham **falta de tudo**, e um desastre após o outro os tinha infligido. As mulheres acrescentaram uma palavra em sua defesa: “Quando queimávamos incenso à Rainha dos Céus e derramávamos ofertas de bebidas para ela, será que era sem o consentimento de nossos maridos que fazíamos bolos na forma da imagem dela?” (19, NVI).

Os judeus do Egito estavam se referindo ao reinado de Manassés e aos primeiros anos de Josias. Muita idolatria havia sido praticada naquela época e nada inquietador havia ocorrido. Mas a reforma durante o reinado de Josias principiou uma adversidade após a outra para a nação. As dificuldades não terminaram até que Jerusalém fosse destruída. Eles alegaram que foi somente quando buscaram servir ao Senhor *exclusivamente*, e negligenciado os outros deuses, que lhes sobrevieram miséria e dificuldades. Jeremias estava interpretando a história de uma maneira e eles de outra.

c) *A palavra final de Jeremias* (44.20-30). Jeremias faz questão de incluir as mulheres (20, 24-25) em sua resposta final ao povo. Embora com a saúde e o coração abalados, o último discurso é muito semelhante ao primeiro. O último soar da sua trombeta não deixa dúvidas. Ele insiste em que o povo tem interpretado erroneamente o caráter de Deus; eles inverteram a ordem das coisas. Pelo fato de Deus não os ter castigado imediatamente nos dias de Manassés por causa das suas práticas idólatras, isso não significava que Ele não estava percebendo ou se importando com a situação (21). Mas apenas significava que em sua longanimidade Ele suportou até o ponto em que **não podia por mais tempo sofrer a maldade das suas ações** (22). A verdade é simplesmente a seguinte: **pecastes contra o Senhor**, [...] por este motivo **vos sucedeu este mal** (23).

Um toque de ironia agora toma conta da voz do profeta; visto que eles fizeram essas promessas muito importantes, indubitavelmente devem cumpri-las! **Falastes por vossa boca, senão também o fizeste por vossas mãos** (25); i.e.: “Vocês [...] empenharam sua palavra e a cumpriram por meio das suas ações” (Smith-Goodspeed; cf. 1 Rs 8.15, 24). Então o profeta se toma extremamente sério. Eles também precisam saber que ao cumprir aquelas promessas estão, automaticamente, fazendo sua escolha quanto ao deus que querem servir! E visto que escolheram a Rainha dos Céus, o Deus vivo cuidará para que **nunca mais** pronunciem o seu **nome** (26). Eles são culpados de apostasia. Doravante, Ele “vigiará” sobre eles **para mal e não para bem** (27). Todos os judeus que tinham fugido para o Egito serão destruídos. No entanto, um **resto** (remanescente) escapará; mas todos ficarão sabendo qual **palavra** subsistiu, a do Senhor ou a deles (28).

Para que não haja dúvida, Deus confirmará sua palavra de maneira singular. O homem em quem o remanescente de Judá havia confiado e de quem esperavam ajuda — aquele que eles buscaram em vez de Deus — **o Faraó Hofra** (30), cairá **nas mãos de seus inimigos** da mesma forma que **Zedequias** de Jerusalém caiu nas mãos do **rei da Babilônia**. Hofra foi entregue nas mãos do povo do Egito por Amasias e foi estrangulado e morto.¹⁴

Alguns estudiosos vêem um problema no versículo 26 porque uma grande colônia judaica existia no Egito cerca de duzentos anos mais tarde. Mas a passagem aqui foi dirigida ao **resto de Judá**, e não tem nada a ver com os judeus que podem ter migrado para o Egito anos mais tarde.¹⁵

[1](#)

A Vida de Gedalias é Ameaçada (40.13-16)

Entre os comandantes de guerrilha que estiveram diante de Gedalias, em Mispa, encontrava-se **Ismael, filho de Netanias** (14). De acordo com **41.1**, Ismael era de uma família real. Ele aparece aqui como um indivíduo vingativo que guardava rancor por ver Gedalias como

governador. Pode ser que ele tenha achado que, por ser de descendência real, ele deveria ser o governador, ou talvez entendesse que Gedalias fosse um traidor de Judá ao colaborar com os babilônios. Ele claramente parece ter sido um homem de pouca capacidade intelectual, sob a influência de **Baalis, rei dos filhos de Amom**. Pelo que tudo indica, **Baalis** estava usando o mal-humorado **Ismael** como instrumento para alcançar seus próprios objetivos. Ele pode ter desejado conquistar todo o território de Judá ou parte dele. De todo modo, os dois fizeram planos para matar Gedalias.

Joanã, filho de Careá (13), um outro comandante, estava ciente da conspiração de Ismael e Baalis, e informou Gedalias da trama contra sua vida. Gedalias recusou-se a

[2](#)

O Conselho de Jeremias (42.1-6)

Tanto os líderes quanto o povo estavam inseguros em relação ao curso que deveriam tomar. Eles teriam preferido permanecer em Judá, mas temiam a represália dos babilônios por causa da morte de Gedalias, e estavam cansados das matanças e derramamento de sangue (cf. 14). Parece que a coisa mais segura a fazer era fugir para o Egito. Dificilmente Nabucodonosor os perseguiria até lá. À razão humana, essa parecia a melhor saída. No entanto, debaixo da superfície, parece que algo lhes dizia que deveriam permanecer em Judá.

Os líderes do grupo, **Joanã, Jezanias**,⁷ e os outros comandantes, acompanhados de **todo o povo (1)**, se aproximaram de Jeremias e suplicaram para que orasse **ao Senhor (2)** em favor deles. Eles prometeram ao profeta com uma humildade exagerada que fari-

A MENSAGEM DE DEUS A BARUQUE

Jeremias 45.1-5

Do ponto de vista cronológico, este excerto da vida de Baruque, o escriba de Jeremias, se encaixaria muito melhor após 36.8. No entanto, se efetivamente foi colocado aqui, este breve trecho parece estar interrompendo uma ordem cuidadosamente arranjada do texto como o encontramos hoje. Mesmo assim, esta última posição é a preferida. Alguns estudiosos insistem em afirmar que o capítulo 45 foi escrito muito tempo depois desse incidente ter ocorrido. Embora isso seja possível, “a linguagem precisa” do versículo 1 milita contra esse ponto de vista.¹

Na abertura do capítulo, o leitor é subitamente deslocado para o **ano quarto de Jeoaquim**, e para a escrita das profecias de Jeremias por **Baruque, filho de Nérias** (1). Quando Baruque terminou de escrever as palavras de Jeremias, estava muito aflito. A inferência é que havia uma certa relação entre suas próprias dificuldades e o que tinha escrito. Sua aflição se tornou muito grande e muito real. No meio da sua dor, o Senhor deu uma mensagem para ele por intermédio de Jeremias. Deus lembrou Baruque das suas palavras de angústia: **Ai de mim agora, porque me acrescentou o Senhor tristeza à minha dor! Estou cansado do meu gemido e não acho descanso** (3).

Não conhecemos os motivos da intensa tristeza de Baruque. Pode ser que por intermédio das profecias de Jeremias ele tenha tido uma percepção clara da condição espiritual corrupta da nação, e esse quadro terrível tenha trazido tristeza à sua alma. Então, quando percebeu que seu próprio futuro, planejado com tanta esperança, seria assolado, junto com a cidade, o Templo e todas as coisas familiares que ele conhecia, sua tristeza tornou-se insuportável.

No meio da tristeza de Baruque, Deus apresenta sua própria tristeza. **Eis que o que edifiquei eu derribo e o que plantei eu arranco,**

e isso em toda esta terra (4). “Foi um tempo de sofrimento para o próprio Deus, porque precisou destruir sua própria

criação”.² O Senhor parece admoestar Baruque ao dizer: **E procuras tu grandezas? Não as busques** (5). Em outras palavras, Deus estava dizendo: Você está preocupado com seus próprios problemas insignificantes! **Eis que trarei mal sobre toda a carne**. Assim Deus informou o escriba de que seu propósito precisa ser cumprido independentemente de quem seja afetado. No entanto, o Senhor consola Baruque ao lhe prometer que sua **alma** será por **despojo** para ele, i.e., como uma recompensa de guerra.

Todas as indicações apontam para o fato de que a partir dessa experiência Baruque percebeu a verdade em relação a si mesmo e a Deus. Aconteceu algo que teve um profundo significado espiritual para o escriba. Depois disso, Baruque continuará a apresentar fraquezas humanas, mas o curso de sua vida estará para sempre se movendo em uma nova direção.

Ao analisarmos esses versículos, observamos diversas coisas que são dignas de nota: 1) O texto resume o tema central da própria mensagem de Jeremias — purificação, seguida de uma nova vida em um patamar superior — *arrancar, derribar, destruir, edificar, plantar* (1.10). O antigo padrão de vida precisa ser desfeito, o velho molde deve ser quebrado; então a vida tomará nova forma sobre uma base diferente. 2) Baruque é um indivíduo verdadeiramente humano, com fraquezas e dificuldades como qualquer outro. 3) A forma de Deus executar seus planos e propósitos angustia sua mente finita. 4) Ele experimentou um “processo de quebrantamento”, que o levou através do vale de desespero pessoal até uma entrega de si mesmo. 5) A auto-renúncia levou a uma reorganização de vida em torno de um novo centro, com novas perspectivas. 6) A passagem fala de uma obediência contínua à palavra falada de Deus. 7) Outras referências a Baruque no livro indicam que ele aceitou o desafio de Deus. “Quaisquer que fossem os seus sentimentos, e independentemente dos seus interesses, ele permaneceu com Jeremias até o fim”.³

ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS

Jeremias 46.1—61.64

De acordo com 1.5, Jeremias foi ordenado profeta para as nações. Sua primeira obrigação foi com “o povo da aliança”, mas o sentido de obrigação do profeta para com as outras nações é evidente no livro. Essa era normalmente uma das características de um profeta hebreu e especialmente daqueles que influenciaram os destinos da casa de Jacó (cf. Am 1.3—2.3; Is 13—23; Ez 25—32; etc.).

Na Septuaginta, os nove oráculos dessa seção são inseridos após 25.13, que, em certo sentido, se encaixam melhor do que a ocorrência deles aqui. No entanto, se forem inseridos lá, interrompem a sequência de pensamento. Conseqüentemente, sua posição atual deve ser preferida (cf. comentários no capítulo 25). Também é possível que esses oráculos tenham formado, em certa época, uma coleção separada de escritos de Jeremias.

Jeremias acreditava que era o Senhor que havia criado o mundo e o homem. Era o Senhor que controlava os destinos das nações e guiava os acontecimentos da terra. Conseqüentemente, Javé era o Senhor de todas as nações.

A. Prefácio, 46.1

O versículo 1 serve como título para todos os oráculos nesta seção. Ele também identifica o material como **Palavra do Senhor** para as nações gentias daquela época, e Jeremias é identificado como agente de Deus no seu livramento. A reivindicação da autoridade divina desse material é a mesma das outras porções do livro.¹

B. Oráculo contra o Egito, 46.2-28

1. O Egito e Deus em Carquemis (46.2-12)

O versículo 2 informa ao leitor que esse oráculo é a respeito da derrota

do faraó Neco na batalha de Carquemis, diante de Nabucodonosor, e fixa a data no **ano quarto de Jeoaquim [...] rei de Judá**, em torno de 605 a.C. Com profundo conhecimento da política internacional, Jeremias evidentemente estava ciente da importância dessa batalha na história do Oriente Médio. Ela acabou se tornando um dos conflitos mais decisivos nos tempos antigos. Jeremias, é claro, estava preocupado com sua importância em relação aos propósitos e planos de Deus, e via essa batalha como **o dia do Senhor** (10). Aqui, dois dos maiores poderes mundiais batalhavam pelo domínio mundial, mas foi Deus que fez a diferença quanto ao seu resultado.

O oráculo está em forma poética e é formado de duas estrofes: a primeira, formada pelos versículos 3-6 e a segunda, pelos versículos 7-12. Na primeira estrofe, podemos ver a cena da véspera da batalha e perceber o sentimento de expectativa e excitação que existia no acampamento egípcio. **Preparai o escudo e o pavês e chegai-vos para a peleja** (3). **Selai os cavalos [...] vesti-vos de couraças** (4; armadura). Quase conseguimos sentir a investida dos homens e cavalos quando os dois exércitos se encontram. Então a cena muda, e observamos o horror, o pânico e o desânimo que toma conta dos egípcios. **Os seus heróis estão abatidos** (5), e não há ninguém para ajudar. Há terror por toda parte. Eles nem ao menos olham para trás, tão grande é o desejo de fugir. Mas eles não foram rápidos o suficiente; eles **tropeçaram e caíram** (6) na **banda do Norte**, junto ao **rio Eufrates**.

O mesmo acontecimento é retratado na segunda estrofe, mas de um ângulo diferente. O exército egípcio, sob o faraó Neco, é comparado à inundação do Nilo (8), bramindo, se movendo, saltitando, cobrindo toda a terra ao se aproximar de Carquemis. Finalmente, o inimigo é avistado. Há um grito de guerra: **Avançai, ó cavalos, e estrondeai, ó carros** (9). Os soldados mercenários do Egito são vistos avançando para a batalha; **etíopes, e os de Pute, e os lídios**¹ brandem suas armas de guerra. Mas, a consternação volta a reinar nas fileiras dos egípcios. Dessa vez, no entanto, é Deus quem dirige os acontecimentos. E seu **dia**, e Ele se vinga dos **seus adversários** (10). **O Senhor [...] dos Exércitos tem um sacrifício [...] junto ao**

rio Eufrates e os egípcios são as vítimas desse sacrifício. E um dia triste para o faraó Neco. O **clamor** da retirada dessa nação orgulhosa enche **a terra** (12) e sua **vergonha** fica evidente para todas as **nações**. Mesmo que ela suba a **Gileade** (11) para tomar o **bálsamo** curador (8.22), sua ferida é incurável. A poderosa nação do Egito caiu. Ela perdeu na tentativa de dominar as nações do mundo. Mas Deus, não Nabucodonosor, é a verdadeira causa da sua queda.

des diante dos seus inimigos. É possível que Nabucodonosor já tivesse surgido (605/604 a.C.) na planície dos filisteus, ameaçando “as portas do Egito”.

O versículo 15 pode ser melhor entendido de acordo com a tradução da ASV: “Por que os teus valentes⁴ estão derrubados [lit., prostrados]? Eles não estão em pé, porque Javé os lançou ao chão”. Se o singular “valente” é usado, a referência podia ser ao faraó Neco; e o versículo 7 apoia esse ponto de vista. Deus abateu o faraó, e a possibilidade de o Egito conquistar as nações é uma coisa do passado. Mesmo o próprio povo do faraó o chama de “Grande barulho — que perdeu sua oportunidade”.⁵ O versículo 16 é obscuro, mas provavelmente contém palavras dos soldados mercenários do faraó, que, derrotados pelo inimigo, dizem uns aos outros: **Voltemos ao nosso povo**.

Jeremias agora prediz a vinda certa de um conquistador, que se levantará acima do rei do Egito como os montes **Tabor** e **Carmelo** (18) se elevam acima das colinas da Palestina. O versículo 26 deixa claro que ele está se referindo a Nabucodonosor. Sua vinda é tão certa que os habitantes do Egito são instruídos a preparar-se para o exílio, porque sua capital, **Nofe** (Mênfis), **será tornada em desolação** (19).

A condição do Egito é ressaltada por intermédio de várias figuras. Ela é comparada com uma **bezerra mui formosa (20)**, que se alimenta de um pasto viçoso e que subitamente se encontra aflita, fugindo da picada de um tavão (uma espécie de mosca que persegue o gado). Esse termo hebraico aqui foi traduzido por **destruição** (do **Norte**). Uma outra figura descreve os soldados **mercenários** como **bezerros cevados**, destreinados e desajeitados, que não estão preparados para

uma guerra de verdade, e por isso fogem do seu inimigo (21). Os versículos 22 e 23 são obscuros, mas parecem dizer que os exércitos fugitivos do Egito são como serpentes que silvam e se afastam rastejando diante dos **cortadores de lenha**. Eles somente conseguem emitir um silvo de oposição enquanto voltam para as suas tocas.

Por outro lado, as hostes da Babilônia demolirão as cidades do Egito como um exército de lenhadores limpando um **bosque** (23). Na verdade, o inimigo do **Norte** (24) virá como um exército de gafanhotos (23), numeroso demais para ser contado. Mesmo o Alto Egito, com sua famosa capital **Nô** (25; Tebas) será entregue nas mãos de Nabucodonosor (26), junto com o faraó e todos que confiavam na sabedoria desse infeliz monarca.

3. *A Salvação de Israel* (46.27-28)

Estes versículos estão relacionados aos oráculos acima contra o Egito. O profeta não podia pensar na derrota do Egito sem refletir acerca da salvação de **Israel** (27). Embora fale de castigo, este será de acordo com o seu merecimento (28), justo e imparcial. A salvação de Israel é tão segura que o profeta fala dela como se já tivesse acontecido. Esses versículos também são encontrados em 30.10-11, em que se encaixam melhor no contexto do que aqui. Veja os comentários.

C. Oráculos Contra os Filisteus, 47.1-7

Deus advertiu os filisteus por meio de Jeremias de que um flagelo terrível do **Norte** (2) estava caindo sobre eles. De acordo com o versículo 1, o oráculo foi dado a Jeremias **antes que Faraó ferisse a Gaza**. O nome desse faraó é desconhecido, e a ocasião par-

ticular quando **Gaza** foi capturada não é clara. Os estudiosos têm especulado,⁶ mas não chegaram a um consenso. O flagelo do Norte provavelmente referia-se à vinda de Nabucodonosor e dos exércitos babilônicos após a batalha de Carquemis. A Crônica Babilônica⁷ revela que Nabucodonosor foi para o sul, perseguindo os egípcios fugitivos em 605-604 a.C. e tomava as cidades dos filisteus ao longo da

estrada (veja mapa 2). A cidade de **Asquelom** (5) é citada especificamente. Ela foi tomada e destruída.

A visão de Jeremias inclui diversas figuras de estilo: *a)* **Aguas** (2) **se levantam do Norte**, subindo cada vez mais até se tornar uma **torrente transbordante**, cobrindo toda a **terra**. Os **homens clamarão** e **todos os moradores da terra se lamentarão** por causa da desgraça que lhes sobreveio; *b)* Essa **torrente transbordante** pode ser entendida como um enorme exército. Haverá o **ruído estrepitoso** dos cascos dos **cavalos**, o **barulho dos carros** e o **estrondo das suas rodas** (3); *c)* Cansados de lutar contra essa situação opressora, **os pais** não terão forças para salvar seus próprios **filhos**; *d)* A destruição será tão grande que mesmo Tiro e Sidom (4) serão afetadas. Isso parece um tanto estranho, visto que Tiro e Sidom são cidades fenícias (veja mapa 2), mas, pelo que tudo indica, os dois povos eram aliados nesse período da história; *e)* A magnitude da angústia é revelada pela menção da **calvície** em **Gaza** (5) e as “incisões no próprio corpo” (NVI) em **Asquelom**. Ambos eram sinais de um lamento profundo; *f)* Um clamor por misericórdia é dirigido à espada do Senhor (6) pelo povo filisteu: **Ah! Espada do Senhor! Até quando deixarás de repousar? Volta para a tua bainha**. Os homens muitas vezes pedem para Deus colocar sua espada na bainha para que possam continuar andando nos seus maus caminhos sem serem controlados; *g)* O profeta responde à pergunta deles com uma outra pergunta: “Mas como poderá ela descansar quando o Senhor lhe deu ordens?” (7, NVI). A resposta é que a espada não pode ser embainhada até que sua obra seja feita, porque a **espada do Senhor** é a justiça de Deus. O pecado não pode ficar impune. A justiça precisa ser feita. A equidade precisa ser estabelecida. Todas as nações, não só Israel, devem aprender a obedecer à lei moral de Deus. Não são só os egípcios que precisam beber do cálice da ira de Deus, mas os filisteus também sentem a taça pressionada contra seus lábios (25.15-20). **Caftor** (4) é mencionado em Amós 9.7 como a terra natal dos filisteus. Esse local provavelmente se refere à ilha de Creta (Ez 25.15-16).

D. Oráculo Contra Moabe, 48.1-47

Entre os oráculos encontrados nos capítulos 46—49, essa profecia é singular em relação à sua extensão, seu grande número de nomes de lugares e suas semelhanças com outras passagens das Escrituras.⁸ Por causa das suas semelhanças com os textos de Isaías,⁹ alguns estudiosos têm insistido em que essa profecia não pertence a Jeremias.¹⁰ Não podemos negar que ela encontra paralelos em outros textos bíblicos. No entanto, parece que nesse caso, Jeremias reuniu em um compêndio novo todas as afirmações referentes a Moabe feitas por profetas anteriores desde os tempos de Balaão. Ele reafirma essas predições à sua maneira, acrescentando suas próprias idéias. Isso não deveria soar estranho, visto que ele estava bem familiarizado com a história hebraica e conhecia bem as afirmações dos seus predecessores no ofício profético. É provável que as profecias de Isaías em relação a Moabe tenham estado bem vivas na sua mente naquele momento e que tenham influenciado o seu pensamento. Ele as usou porque refletiam sua própria compreensão do que iria acontecer à nação moabita.

1. *As Conseqüências da Confiança Inapropriada (48.1-10)*

A profecia começa com uma descrição da destruição que o Deus de Israel causará a Moabe (veja mapa 2). A terra será invadida por um inimigo não mencionado que o Senhor irá enviar. As cidades serão destruídas. **Nebo** (não a montanha), **Quiriataim**, **Misgabe** (1) e seus habitantes fugirão apavorados, **com choro contínuo** (5) enquanto caminham. A **subida de Luíte** e a **descida de Horonaim** podem representar estradas ascendentes e descendentes dessas cidades. O versículo 6 tem sido traduzido como uma advertência: “Fujam! Corram para salvar suas vidas! Tornem-se como um asno selvagem no deserto!” (RSVj. Até mesmo o deus **Quemos** (7) será levado ao **cativeiro** junto com os **sacerdotes** que o serviram. **Nenhuma** [cidade] **escapará, e perecerá o vale, e destruir-se-á a campina** (8). A destruição será tão completa que se Moabe procurasse escapar, necessitaria das **asas** de uma ave (9). Tudo isso acontecerá **por causa da tua confiança nas tuas obras e nos teus tesouros** (7), em vez de confiar no Senhor. Além disso, a maldade de Moabe é tão grande que uma maldição é anunciada sobre qualquer

invasor que não realizar com afincos a obra de destruição do Senhor, ou que **preserva a sua espada do sangue (10)**.

2. *A Desgraça da Vida Indisciplinada (48.11-17)*

Moabe era famosa pelas suas vinhas, e o profeta parece ter um odre de vinho em mente enquanto profetiza. A sina do povo de Moabe tinha sido menos severa do que de outros povos: **não foi mudado de vasilha para vasilha (11)**. A terra, às vezes, tinha sido invadida e obrigada a pagar tributos, mas suas cidades não foram destruídas e seu povo não **foi para o cativeiro**. Assim, Moabe havia se acomodado e vivia uma vida disciplinada. O profeta o comparou com alguém que “tem repousado nas fezes (resíduos) do seu vinho” (ARA). Um vinho inferior, quando fica parado tempo demais, tende a apresentar o **sabor** e o **cheiro** de resíduos e adquire um sabor amargo. Esse era o caso de Moabe. Indolência e falta de privação trouxeram uma grande deterioração para a estrutura moral da nação.

O profeta percebe que essa vida fácil será interrompida. O dia de julgamento de Moabe está chegando: “Portanto, certamente vêm os dias”, declara o Senhor, “quando enviarei decantadores que a decantarão; esvaziarão as suas jarras e as despedaçarão” (12, NVI). Moabe vai ruir quando uma verdadeira situação crítica surgir. Quando essa hora chegar, Moabe **terá vergonha de Quem os seus deuses, da mesma forma como se envergonhou a casa de Israel de Betei (13; i.e., o bezerro de ouro em Betei)**. Ambos eram meros ídolos feitos por mãos humanas, e não podiam ajudar seu povo. Israel já havia ido para o cativeiro e Moabe logo experimentaria o mesmo destino. Os moabitas tinham falado acerca de si mesmos: **Somos valentes e homens fortes para guerra (14)**, mas, a vida disciplinada trouxe suas consequências, e **Moabe está destruída (15); seus jovens escolhidos descenderam à matança**. Seus amigos são encorajados a lamentar por ela, porque o cetro — o **cajado** da sua soberania — **se quebrou (17)**.

3. *O Desastre Chega (48.18-28)*

O destruidor de Moabe (18) fez sua obra implacável. Os habitantes

da nação são derrubados do seu lugar de **glória** e estão assentados na ignomínia e vergonha. As maiores fortalezas de Moabe são destruídas, e quando os habitantes fugitivos são perguntados pelo povo de **Aroer (19)** o que está acontecendo, eles gritam: **Moabe está envergonhado, porque foi quebrantado (20)**. O povo é chamado para lamentar, uivar e gritar, porque cidade após cidade foi tomada até que não sobrou nenhuma.¹² Conseqüentemen-te, **o poder** (“chifre” no hb. — simbolizava poder) está **cortado** e **seu braço** (símbolo de autoridade) está **quebrantado (25)**.¹³ Tudo isso aconteceu porque Moabe **se engrandeceu** contra **o Senhor (26)**. A atitude arrogante de Moabe em relação a Israel voltou-se contra ele. Aquele que ria da situação de Israel tornou-se **objeto de escárnio (27)**. Seus habitantes são persuadidos a fugir como uma **pomba** enlutada **que se aninha** nas rochas e cavernas nas montanhas **(28)**, porque uma enorme catástrofe tomou conta da nação!

4. *Um Lamento pela Orgulhosa Nação de Moabe que Caiu (48.29-39)*

O orgulho de Moabe foi sua característica mais detestável. Usando a profecia de Isaías (Is 16.6-14) como base das suas observações, Jeremias junta palavra a palavra para descrever a arrogância e o **orgulho (29)** dessa nação. O espírito hipersensível, com acessos de **indignação (30)** e as **mentiras**, são sempre características de um coração arrogante. A NVI interpreta o versículo 30 da seguinte forma:

“Conheço bem a sua arrogância”, declara o Senhor.

“A sua tagarelice sem fundamento e as suas ações que nada alcançam”.

No versículo **31**, o profeta expressa o que aparenta um lamento pessoal por essa nação. Parece um tanto estranho Jeremias lamentar a queda de um inimigo de Israel, mas é como Raschi diz: “Os profetas de Israel diferem dos profetas pagãos como Balaão, porque encarnam a aflição que anunciam às nações”.¹⁴ Portanto, não é ilógico supor que os versículos **31-32** se refiram a Jeremias. De alguma forma, o coração afável do homem de Anatote chora pelos homens de Moabe. Ele continua descrevendo as condições lamentáveis que ocorrerão

naquele país: as vinhas que eram famosas pela sua qualidade estão completamente destruídas; os pomares estão inteiramente estragados; pode-se ouvir choro e clamor por todo o país; o **júbilo** cessou (**33**). A desolação é tão grande que não serão mais oferecidos sacrifícios nos santuários, nem se queimará **incenso** aos **deuses** (**35**). Aliás, os deuses foram levados cativos e não há sacerdotes para oferecer sacrifícios (**7**). Toda a terra está em estado de luto; percebe-se a calvície por toda parte; as barbas foram diminuídas (**37**), e as pessoas se cortaram, para mostrar a intensidade do seu luto. Ouvem-se lamentos dos **telhados** (**38**), bem como das **ruas**. As pessoas lamentam por Moabe clamando: “Como ela foi destruída! Como lamentam! Como Moabe dá as costas, envergonhada!” (**39**, NVI).

5. *Não há Escape do Juízo (48.40-47)*

Na visão do profeta, o conquistador de **Moabe** assemelha-se a uma **águia** (40) quanto à sua rapidez e envergadura das asas. Afigura da **águia** é uma descrição favorita de um líder vitorioso. Ela quase certamente se refere a Nabucodonosor, que, de acordo com Josefo, destruiu Moabe, Amom e os povos vizinhos em **582-581**.¹⁶ Sua força é implacável. Queriote é tomada (ou: **São tomadas as cidades**) e **ocupadas as fortalezas** (41). Os corações dos guerreiros mais valentes de Moabe ficarão aterrorizados **como o coração da mulher em suas dores** de parto. Todo o país **será destruído** (42) e chegará o tempo em que Moabe deixará de existir. Isso ocorrerá porque Moabe foi arrogante e orgulhoso demais para servir o Deus de Israel, e **se engrandeceu contra o Senhor**.

Não haverá escape do temível conquistador. Aquele que foge por causa do terror **cairá na cova** (44), e aquele **que sair da cova ficará preso no laço**. Não haverá lugar para se esconder. A primeira parte do versículo 45 pode ser traduzida da seguinte forma:

Na sombra de Hesbom os fugitivos se encontram sem forças (RSV).

Hesbom, embora uma cidade forte, não pode oferecer proteção para os esgotados fugitivos, porque um **fogo sairá de Hesbom** (45) como nos dias de **Seom**, rei dos amorreus (Nm **21.28-30**), e devorará

aqueles que buscarem refúgio ali. **O canto de Moabe** é melhor traduzido como “a testa de Moabe” (Smith-Goodspeed). O profeta parece estar dizendo que todas as predições antigas em relação a Moabe, mesmo a profecia de Balaão, se cumprirão na destruição vindoura.¹⁶ Os **filhos** e as **filhas** do povo que adoravam o ídolo **Quemos (46)**, em vez de ao Deus vivo, irão para o exílio. No entanto, depois que as labaredas da disciplina fizerem a sua obra, há uma certa esperança de um dia de restauração para **Moabe (47)**.

E. Oráculo Contra Amom, 49.1-6

Este oráculo denunciatório contra **os filhos de Amom** (veja mapa 2) pode ser considerado de três pontos de vista: 1) as coisas das quais os amonitas são culpados, 2) o castigo que sobrevirá sobre eles da parte de Deus, 3) as explanações referentes ao texto.

Os amonitas eram culpados porque *a*) haviam sido fraudulentos e traiçoeiros em seus procedimentos e *b*) confiavam em coisas materiais em vez de confiar no Senhor. Quanto à sua traição, eles haviam ocupado o território dos hebreus por força e não por direito. Deus os questiona: **Acaso, não tem filhos Israel, nem tem herdeiros?**

(1). Então por que tomou a terra de Gade quando essa tribo precisou ir para o exílio (em 734 a.C. para a Assíria)? Essa sempre fora a inclinação de Amom. Outros incidentes apoiam esse aspecto.¹⁷ Em relação à confiança nas coisas erradas, os amonitas se vangloriavam dos seus vales férteis e ribeiros, das suas cidades fortificadas, e da abundância de frutas e grãos, dizendo: “Quem pode me atacar?”.¹⁸ Os amonitas se iludiram ao pensar que estavam seguros, quando não há segurança a não ser no Deus de Israel.

O castigo que Jeremias predisse contra Amom inclui os seguintes aspectos: *a*) a perda do território tirado de Israel, que será restaurado às tribos de Jacó (2); *b*) um inimigo não identificado invadirá essa terra, e **Rahá**, a capital, e todos **os lugares da sua jurisdição** {ou as suas filhas} **serão queimados**; *c*) uma completa confusão reinará na terra, quando o povo, tingido com **panos de saco** dá **voltas pelos vaiados** (3), lamentando de maneira descontrolada; *d*) Milcom (veja o

próximo parágrafo, ou “Moloque”, cf. NVI), o deus dos amonitas, será levado ao exílio, junto com **seus sacerdotes e príncipes** (3) — o pobre ídolo é mais impotente do que o povo; e) não haverá ajuda para os fugitivos amonitas, por que o povo aterrorizado será levado para o cativeiro com tanta pressa que não haverá ninguém para cuidar do **desgarrado** (5). Mesmo assim, num tempo futuro, a sorte de **Amom** será restaurada (6).

Diversas coisas podem ser observadas em relação a esse texto. A cidade de **Hesbom** é mencionada (3), embora pertença a Moabe. No entanto, ela ficava na fronteira entre as duas nações, e a terra dos amonitas pode ter sido invadida primeiro. Além disso, os dois povos eram parentes, descendentes de Ló (Gn 19.37-38). A menção de **Ai** é de difícil interpretação, porque nenhuma cidade com esse nome é conhecida ao leste do rio Jordão. A RSV seguiu a Septuaginta, a Siríaca e a Vulgata ao traduzir a palavra **Malcã** (1, 3) como “Milcom”, o principal deus dos amonitas. Embora haja dificuldades, essa parece a melhor saída.¹⁹ **Rabá** (3) hoje é a moderna cidade de Amã, capital da Jordânia.

F. Oráculo Contra Edom, 49.7-22

Neste oráculo contra Edom (veja mapa 2), Jeremias segue o mesmo padrão do oráculo contra Moabe (48.1-47). Usando suas próprias idéias e percepções como esboço, ele reúne alguns pensamentos dos profetas mais antigos acerca desse povo. Jeremias se baseia de uma forma especial nas palavras de Obadias²⁰ em certos pontos da sua profecia (há uma grande semelhante entre os w. 9-10 e Obadias 5-6). Jeremias, certamente estava familiarizado com os escritos dos seus predecessores, então não seria incomum se uma certa influência do pensamento deles se infiltrasse nos seus escritos.

Edom era o inimigo tradicional de Israel. Embora intimamente ligados por laços sanguíneos, formou-se uma rivalidade entre esses dois povos desde os dias de Esaú e Jacó. Um das linguagens mais amargas do Antigo Testamento envolve os sentimentos dos descendentes desses dois homens. ²

2. *A Ocasão da Destruição de Edom* (49.14-16)

Jeremias agora confirma a visão de Obadias em relação a Edom, ao usar a linguagem desse profeta quase literalmente (Ob 1-4). No entanto, Jeremias introduz algumas mudanças que são compatíveis com a situação que ele está vivenciando. A destruição de Edom é ocasionada pela ação de Deus. Deus toma a iniciativa e envia mensageiros entre as **nações** (14) para convocá-los para **a guerra** contra Edom. Eles são convidados para a batalha porque Deus decretou que **Edom** será a menor entre as nações (17). O motivo da decisão de Deus é a própria nação de Edom: a **tua terribilidade** (i.e., o terror que você incute) **te enganou** (16). Edom tinha sido enganado pela reputação de que era invencível. Já orgulhoso, sua vaidade agora não conhecia limites. Visto que sua cidade foi edificada nas **alturas dos outeiros**, e era facilmente defendida, Edom estava seguro de que nenhuma invasão teria sucesso contra ele. Deus agora trespasa seu espírito arrogante e altivo ao declarar: **ainda que eleves o teu ninho como a águia, de lá te derribarei**. Assim, o orgulho de Edom e sua confiança excessiva foram a causa da sua queda.

3. *A Queda de Edom* (49.17-22)

Não há promessa de restauração para Edom como encontramos nos oráculos contra Moabe e Amom. A execução do julgamento de Deus contra Edom será tão radical que o povo que passar por lá **assobiará** de espanto por causa da devastação (17). A destruição de Edom lembrará a destruição de **Sodoma e Gomorra** porque se tornará um deserto onde **ninguém** poderá morar (18).

O invasor que Deus enviará contra Edom é comparado a um **leão** (19) que vem **da enchente** (mata) **do Jordão** para lançar-se sobre o rebanho de ovelhas (50.44). Ele atacará os edomitas e os colocará em fuga. Nenhum **pastor** (governante) poderá resisti-lo, porque Deus formulou planos para derrubar Edom do seu lugar elevado com um estrondo terrível. O som da sua **queda** (21) chacoalhará **a terra**, e o lamento que se levantar em Edom será ouvido **até ao mar Vermelho**. O conquistador de Edom também é comparado a uma

águia, cuja força das asas e a rapidez no vôo a alturas inacessíveis Edom não poderá resistir. Quando esse conquistador estender **as asas** contra **Bozra**, os guerreiros de Edom se abaterão e desfalecerão como uma **mulher que está em suas dores** de parto (22).

A última parte do versículo 20 pode ser traduzida da seguinte maneira: “Mesmo os menores do rebanho serão arrastados, e o seu aprisco ficará abalado com o seu destino” (Smith-Goodspeed).

G. Oráculo Contra Damasco, 49.23-27

A referência a **Damasco** (23) provavelmente significa o reino de Arã (Síria), da qual **Damasco** era a capital, e **Hamate** e **Arpade** duas das suas principais cidades (veja mapas 1 e 2). Embora **Damasco** (Síria) não tenha sido mencionada no capítulo 25, é impensável que, num julgamento em que todas as nações são obrigadas a beber o copo da ira de Deus, a Síria estivesse de fora. A Síria, antes da queda em 732 a.C., em inúmeras ocasiões tinha sido um espinho para o Reino do Norte (1 Rs 15.18-21; 20.1-21; 22.3; 2 Rs 5.2; etc.), e trouxe muita dificuldade a Judá em pelo menos uma ocasião (2 Rs 16.5-6; Is 7.1-16).

O oráculo descreve a consternação que ocorre em **Hamate** (180 km ao norte de Damasco) e **Arpade** (150 km ao norte de **Hamate**) quando as **novas** da queda de Damasco chegam aos seus ouvidos: “Estão desencorajadas, perturbadas como o mar agitado” (23, NVI).²⁴

Damasco, a famosa e bela cidade, abastada e ricamente provida das coisas boas da vida, tornou-se **enfraquecida** (24). Paralisada pelo medo, e tomada de angústia, ela está indefesa diante dos inimigos. O versículo 25 é uma exclamação de tristeza: “Como está abandonada a cidade famosa, a cidade da Minha alegria!” (Berkeley). Seus guerreiros caíram e **seus jovens** (26) morreram nas **ruas** da cidade (50.30). O invasor cruel é desconhecido, mas isso não tem importância, porque foi Deus quem trouxe sua destruição. Assim, Damasco bebe do copo da ira de Deus. **Ben-Hadade** (27) foi o nome de diversos reis de Damasco (1 Rs 15.18-20; 2 Rs 13.24).

H. Oráculo Contra Quedar e Hazor, 49.28-33

Pelo que tudo indica, esses dois povos representam tribos árabes que residiam no deserto ao leste da Palestina. **Quedar** e **Hazor** não são mencionados no capítulo **25**, mas provavelmente são tipificados lá pelos nomes “Dedã, Temá, Buz e todos os que rapam a cabeça” (**25.23**, NVI; *ou*: “e a todos os que cortam os cabelos nas têmporas”, ARA). Neste oráculo, Deus convoca Nabucodonosor (**28**) a ferir o “povo do oriente” (NVI).

Quedar (Gn **25.13**) parece ter sido uma tribo nômade da família de Ismael, notável pelo seu manejo do arco (Is **21.16-17**). Essa tribo é mencionada por Jeremias (**2.10**) e também por Ezequiel (**27.21**). Nabucodonosor é impelido a tomar suas **tendas, seus gados, suas cortinas e seus camelos** como despojo (**29**).

Várias Hazor são mencionadas no AT, mas os **reinos de Hazor**, mencionados aqui, parecem representar um povo seminômade que residia no deserto, semelhantemente ao povo de **Quedar**. Anação é rica (**31**; “tranqüila e confiante”, NVI), possui uma **multidão de gados** (**32**), e suas vilas **não têm portas nem ferrolhos**. Eles habitavam em repouso, e os homens cortavam **os cantos do seu cabelo** (veja comentários em **9.26**). A Nabucodonosor é prometido um grande **despojo** se atacá-los. Os **moradores** (**30**) são instados pelo profeta a fugir apressadamente e esconder-se em um lugar seguro, longe do flagelo babilônico. **Hazor** se tornará um lugar desabitado — uma **morada de dragões** (chacais), **em assolação para sempre** (**33**). ³

O que provocou Jeremias a proferir esse oráculo contra Elão? Não se tem conhecimento do contato entre judeus e elamitas nessa época. É possível que os exilados judeus, quando chegaram à Babilônia, tenham ouvido falar que o **Elão** estava causando problemas consideráveis a Nabucodonosor, e tenham esperado que a Babilônia fosse vencida pelos elamitas. Quando essa informação alcançou Jeremias no **princípio do reinado de Zedequias** (**34**), ele escreveu o oráculo para dissipar essa falsa esperança.

As principais idéias do oráculo são: *a*) O Senhor fará **vir o mal** (**37**) sobre os elamitas: **Porei o meu trono em Elão** (**38**), i.e., Deus vai

judá-los. *b)* A destruição virá sobre esse povo **dos quatro ângulos do céu** (36), mas os detalhes não são conhecidos. *c)* Os elamitas não serão páreo para o inimigo, e fugirão em terror diante do inimigo, *d)* Sua grande habilidade como arqueiros, motivo pelo qual eram famosos (Is 22.6), não os livrará agora: **Eis que eu quebrarei o arco de Elão** (35), **diz o Senhor**. *e)* Enquanto estão fugindo do inimigo, **a espada** os consumirá (37). *f)* Eles serão espalhados pelos quatro **ventos** dos céus entre todas as nações, *g)* Mas, **no último dos dias** (39) a nação será restaurada.

J. Oráculo Contra a Babilônia, 50.1—51.64

À luz de 25.12, 26, seria apropriado que as profecias de Jeremias contra nações estrangeiras concluíssem com um oráculo contra a Babilônia. Também não é nenhuma surpresa observar que é o oráculo mais longo e repleto de emoções. Visto que a Babilônia exercia uma influência tão grande na vida e destino de Judá, esse oráculo naturalmente exige mais do que uma atenção habitual.

Os dados nestes capítulos são reunidos de um modo singular. O oráculo é composto de uma série de poemas. Entre alguns dos poemas há algumas seções de prosa. Isso torna mais difícil arranjar o material em uma ordem lógica.²⁹ O tema predominante é a destruição iminente da Babilônia e a restauração de Israel. Não há progressão no tema, mas uma recorrência da mesma situação repetidas vezes.

A autoria de Jeremias desse oráculo tem sido contestada. Não se pode negar que há uma diferença evidente entre oráculo e as seções anteriores de Jeremias quanto ao tempo, ponto de vista e atitude. Mas, não há nenhum motivo convincente de essas palavras não poderem ter vindo da pena do profeta. Edward J. Young propõe uma solução ao problema ao sugerir que Jeremias escreveu um primeiro esboço (ou o núcleo original) do oráculo no quarto ano de Zedequias. Ele então enviou uma cópia à Babilônia por Seraías, conforme está registrado em 51.59-61. Mais tarde, no entanto, no Egito, após a destruição do Templo e a nação ter ido para o exílio, Jeremias expandiu esse núcleo original da forma como o conhecemos hoje.³⁰ [4](#)

0 versículo 1 serve como título para os dois capítulos. Ele declara que o que segue é a **palavra que falou o Senhor contra a Babilônia**, dada por meio de **Jeremias, o profeta**.

B — (50.2-3). Tomada é a Babilônia (2). Estas notícias devem ser anunciadas às **nações**. Erguer **um estandarte** seria o mesmo que colocar um anúncio ou hastear um emblema de vitória. Na visão do profeta, a ação é vista como se já tivesse sido realizada. Um inimigo **do Norte** (3) se apossou da cidade. Os deuses da Caldéia (**Bel** [senhor] chegou a ser identificado com **Merodaque** [Marduque], o principal deus da Babilônia) são destruídos. A religião babilônica está em completa confusão.

1 — (50.4-10). Naqueles dias [...] Israel [...] e [...] Judá [...] virão e buscarão ao Senhor (4). O povo de Deus se arrependerá e receberá uma chance de escapar do exílio. Eles devem voltar seu **rosto** para **Sião**, e em humildade de coração desejar uma restauração do **concerto** (5). **Ovelhas perdidas foram o meu povo (6). Seus pastores (líderes) as fizeram errar.** As nações **as devoraram** de maneira gananciosa, dizendo: “Não somos culpados, pois elas pecaram contra o Senhor” (7, NVI). Israel deve fugir **do meio da Babilônia** (8), porque o Senhor está trazendo uma **congregação de nações** (9) contra a Babilônia, e ela será espoliada, e toda a **Caldéia** (10) será saqueada. Ser **como os carneiros diante do rebanho** (8) significa mostrar o caminho ou sair primeiro. A NVI esclarece o versículo 9: “Suas flechas serão como guerreiros bem treinados, que não voltam de mãos vazias”.

B — (50.11-16). Caíram seus fundamentos, estão derribados os seus muros

(15). Embora a Babilônia tenha sido a primeira entre as nações, ela agora **será a última** (12). Ela se alegrava (11) com a queda de Judá, mas as pessoas se espantarão (13) com a sua destruição. Deus convoca as nações para se posicionarem contra ela, **porque pecou contra o Senhor** (14). Quando a Babilônia estiver devastada, os exilados de todas as nações fugirão **cada um para a sua terra** (16).

I — (50.17-20). “Trarei Israel de volta a sua própria pastagem” (19, NVI). Embora tenham sido dispersos como ovelhas (17), devorados pelo **rei da Assíria**, e roídos como um osso pelo **rei da Babilônia**, apesar disso, **a maldade de Israel e Judá** (20) será perdoada e eles serão trazidos de volta ao seu país nativo. Os reis serão castigados, mas o povo de Deus **fartar-se-á** (19) na abundância de pastagem.

B — (50.21-27). **Laços te armei [...] ó Babilônia** (24). **Merataim** (21, rebelião dupla) e **Pecode** (castigo) são sinônimos³¹ da Babilônia. As palavras sugerem o crime do qual ela é culpada e o julgamento que está vindo sobre ela. **O martelo de toda a terra está quebrado** (23), porque a grande **Babilônia** foi **apanhada** (24) na armadilha do Senhor. O **tesouro** (25; “arsenal”, NVI) de Deus está aberto e **os instrumentos** (“as armas”, NVI) **da sua indignação** foram dispostos, porque o tempo do castigo da Babilônia chegou!

I — (50.28). Há uma **voz** em **Sião**. Aqueles que escaparam da Babilônia anunciam em Jerusalém que a profanação do **templo** foi vingada. Deus não esqueceu seu povo.

B — (50.29-32). **Pagai-lhe conforme a sua obra** (29). Porque a Babilônia **se houve arrogantemente contra o Senhor**, os guerreiros das nações são chamados para acampar ao **redor** da cidade para **que ninguém escape dela. Tropeará o soberbo e cairá** (32), e **ninguém haverá que o levante. O dia da retribuição da Babilônia** chegou (31).

I — (50.33-34). **O seu Redentor é forte** (34). Embora os inimigos de Israel e Judá os tenham oprimido (33) grandemente e **não os quiseram soltar**, o Senhor **dos Exércitos** os livrará com braço forte. Ele lhes dará **descanso**, mas inquietará os seus inimigos.

B — (50.35-38). **A espada virá sobre os caldeus** (35). A espada do Senhor está sobre o povo da **Babilônia**: sobre **os seus príncipes [...] seus sábios [...] os mentirosos** (36; adivinhos); e **ficarão insensatos** (tolos). **A espada virá sobre os seus cavalos, e [...] carros** (37). **Povo misto** provavelmente se refere às tropas estrangeiras. Seus guerreiros valentes **serão como mulheres**. Os

tesouros da Babilônia serão tomados, e uma **seca** (38) assolará o país, porque as pessoas “enlouquecem por causa de seus ídolos” (NVI). A Babilônia se tornará a moradia de **feras do deserto** (39). **Ninguém habitará ali** (40). A Babilônia se tornará devastada como **Sodoma e Gomorra. Do Norte** (41) virá **um povo** e muitos **reis poderosos** virão “dos cantos mais remotos da terra” (Berkeley). O som da sua vinda é como o bramir do **mar** (42), e a **angústia se apoderou do rei da Babilônia** (43). Seu conquistador virá sobre a terra como um **leão** que salta no meio do rebanho—**um [...] leão** que vem da **enchente** (da mata) **do Jordão** (44). A **terra** estremecerá com o **estrondo da tomada da Babilônia** (46). O **pastor** (44) provavelmente se refira a um líder de uma nação. Acerca da última parte do versículo 45 veja os comentários em 49.20.

B — (51.1-14). O destruidor da Babilônia (**51.1-5**) será como **um vento** (**1**) que peneira a palha do grão e como **flecheiro** cujas setas trespassam a **couraça** (**3**, armadura) mais forte. A Caldéia será peneirada por causa do seu pecado contra o **Santo de Israel**, mas **Israel e Judá** (**5**) **não foram abandonados pelo seu Deus. O copo de ouro** caiu (7-8). A **Babilônia** foi tomada. **Fugi [...] livre cada um a sua alma; não vos destruais a vós na [...] maldade** dela (6). Não há cura para a **Babilônia** (v. 8); o **bálsamo** não a ajudará. A **justiça** (**10**, vindicação) de Israel é refletida na destruição da Babilônia. **O tu que habitas sobre muitas águas** (**13**; a Babilônia no meio dos seus rios). **Chegou o teu fim.** O Senhor despertou os **reis da Média** (**11**), porque Ele tem planos **contra a Babilônia**.

I — (51.15-24). O Senhor é o **Criador de todas as coisas** (**19**). Os homens são tolos, e as imagens gravadas são mentira, porque é o Deus de Israel que criou a **terra**, [...] **ordenou o mundo [...]** e **estendeu os céus** (**15**). Ele é o Deus vivente que orienta os destinos das nações. Deus encoraja seu povo ao dizer: “Retribuirei à Babilônia [...] diante dos olhos de vocês” (24, NVI). Embora Deus tenha usado a Babilônia como seu agente, **meu martelo e minhas armas de guerra** (20-23), Ele retribuirá à Babilônia pela **maldade** que fez a **Sião** (24).

B — (51.25-33). Parece estranho Deus chamar a Babilônia de **monte destruidor** (25). A Babilônia foi construída em uma planície. A referência pode ser às montanhas artificiais de Nabucodonosor, às cascatas d'água e aos jardins suspensos que ele edificou na Babilônia. Também é possível que esteja se referindo à posição exaltada sobre as nações. Em todo caso, Deus disse: **Farei de ti um monte de incêndio** (25). A ordem de Deus é: “Preparem as nações para combater contra ela” (27; NVI). A figura no final do versículo 27 é a seguinte: “Lancem os cavalos ao ataque como um enxame de gafanhotos” (NVI). No estágio da pupa, as asas do gafanhoto estão inclusas em projeções em forma de chifre (Berkeley). Vários povos são chamados para organizar-se contra a Babilônia:

Ararate, Mini (povos antigos que habitavam na Armênia), **Asquenaz** (desconhecido, mas provavelmente um povo vizinho) e **os reis da Média** (28). Os medos foram especialmente escolhidos e aparentemente são os líderes dos exércitos inimigos. Quando se inicia a investida, são enviados mensageiros **ao rei da Babilônia** (31) para relatar-lhe que seus guerreiros pararam de lutar, a cidade está em chamas (32) e os **vaus** (locais de escape do rio) **estão ocupados**. O dia da vingança de Deus chegou!

I — (51.34-37). Aqui se pode ouvir o povo de Deus se lamentando por causa da aflição e tristeza que sofreram nas mãos do rei da Babilônia. **A violência** (35) e o derramamento de sangue exigiam vingança. Deus disse: **Eis que pleitearei a tua causa e te vingarei** (36) ao tornar a **Babilônia** (37) em **montões** de ruínas.

B — (51.38-44). **Como foi tomada Sesaque** (Babilônia), **e apanhada de surpresa a glória de toda a terra!** (41). Deus vai preparar um banquete para os babilônios onde eles vão rugir **como [...] leões** (38) e ficarão excitados na sua orgia. Eles se embriagarão e **dormirão** para nunca mais acordar (festa de Belsazar?). A primeira parte do versículo 39 pode ser lida da seguinte maneira: “Enquanto estiverem excitados, prepararei um banquete para eles” (NVI). Os entorpecidos soldados serão abatidos como animais, e a soberania da nação será destruída (39-40). Assim, as **cidades** (43) da Babilônia se tornarão **em assolação** e **Bel** (44), seu deus, será castigado.

I — (51.45-51). Saí do meio dela, ó povo meu (45). Livre cada um a sua alma. O dia do julgamento da Babilônia chegou (47). Quando os traspassados de Israel (49) são vingados, mesmo os céus e a terra [...] jubilarão (48). Nessa hora de destruição, “pensem em Jerusalém” (50, NVI). Aqueles que escaparem da Babilônia nunca deverão esquecer a **vergonha** que Sião sofreu por causa da profanação da **Casa do Senhor (51)**.

B — (51.52-58). O Senhor destrói Babilônia (55). Os decretos de Deus se cumpriram. Os saqueadores chegaram. **Ainda que a Babilônia subisse aos céus (53)**, nada poderia livrar essa cidade condenada. A NVI traduz o versículo 55 da seguinte maneira:

O Senhor destruirá a Babilônia; ele silenciará o seu grande ruído.

Ondas de inimigos avançarão como grandes águas; o rugir de suas vozes ressoará.

Deus embriagou seus governantes e líderes (57) para que não sejam capazes de defender a cidade. Eles serão mortos em sua embriaguez e **dormirão um sono perpétuo** (o sono dos mortos). Os grandes muros da Babilônia serão derrubados e toda a sua glória desaparecerá.

Assim termina o trabalho das nações; termina em fumaça, e os pagãos exaurem seus esforços (58, Moffatt).

2. As palavras de Jeremias a Seraías (51.59-64)

De acordo com essa passagem, **Zedequias, rei de Judá (59)**, fez uma visita oficial à Babilônia **no ano quarto do seu reinado**, em torno de 594 a.C. Não há menção feita a essa visita em outro texto das Escrituras. Lemos o motivo da viagem, mas muitos estudiosos têm conjecturado que Zedequias foi à Babilônia para esclarecer a suspeita de uma insurreição (27.2-11). O **príncipe pacífico** do rei (lit., príncipe do lugar de descanso) era **Seraías, filho de Nerias**, evidentemente o irmão de Baruque, secretário de Jeremias (59).

Ao ficar sabendo da viagem, Jeremias aproveitou a oportunidade para pedir que Seraías cumprisse uma missão especial. Jeremias tinha escrito em um rolo um oráculo profético anunciando **todo o mal que havia de vir sobre a Babilônia** (60). Ao chegar à **Babilônia** (61), **Seraías** deveria ler **todas as palavras** da profecia. A mensagem era provavelmente para os exilados judeus ou para os seus líderes e não deveria ser lida publicamente. Depois de orar (62) e ler o livro, Seraías deveria atá-lo **a uma pedra** e lançá-lo **no meio do Eufrates** (63). Isso simbolizaria o destino que aguardava a Babilônia. Enquanto o rolo de pergaminho afundava nas águas do rio, Seraías deveria dizer: **Assim será afundada a Babilônia e não se levantará, por causa do mal que eu hei de trazer sobre ela** (64).

Esse foi um ato de fé da parte de Jeremias. Ele proclamava aos líderes dos exilados judeus que seu odiado opressor não ficaria impune. Assim, por meia dessa ação simbólica, o juízo de Deus contra a Babilônia foi “colocado em movimento”.³² No tempo de Deus, os seus propósitos morais em relação à Babilônia e aos exilados seriam alcançados.

Seção XII

1

As Conseqüências de Carquemis (46.13-26)

2

O Anúncio da Destruição de Edom (49.7-13)

De maneira clara mas sutil Deus anunciou a destruição de Edom ao admoestar esta nação a respeito da vangloriosa **sabedoria** (7) de **Temã**, um distrito no norte de Edom (cf. Jó 2.11; Am 1.12). Ele deixa claro que a sabedoria humana mais elevada é inútil diante do juízo de Deus. Ele então revela a destruição que está se aproximando de Edom ao rogar aos seus vizinhos, os **moradores de Dedã**,²¹ para fugirem (8) para “algum abrigo impenetrável, para não serem subjugados pelo sopro do juízo que assolará Edom”.²² Deus esclarece suas intenções

pela eficácia dos seus juízos. Ele despirá **Esaú** (10); e visto que Edom será incapaz de esconder-se, ele será despojado dos seus tesouros. Os homens da nação perecerão na batalha, e o Senhor, a quem os edomitas odiavam tão intensamente, será o Único a guardar com vida os **órfãos** e as **viúvas** (11).²³ Dessa forma, Edom deve **beber o copo** (12) do vinho da ira de Deus (25.15-26). Se os próprios filhos de Deus, a quem ele normalmente poupava, precisam **beber** desse vinho, certamente Edom não poderá ficar **impune**. Isso incluirá a destruição de **Bozra** (veja mapa 2), a capital de Edom, e as outras **cidades** de Edom que estão destinadas a se tornarem **em assolações perpétuas** (13).

[3](#)

Oráculo contra Elão, 49.34-39

Elão estava localizado nas colinas a leste da Babilônia e ao norte do Golfo Pérsico. Sua capital era Susã (veja mapa 1), e o país tem uma longa história, desde os tempos mais primevos.²⁵ Em conflito freqüente com a Assíria, esse país foi conquistado por Assurbanipal em torno de 640 a.C.,²⁶ mas tinha, evidentemente, recuperado sua independência após a queda do império assírio. Há indicações de que o **Elão** causou sérios problemas ao império babilônico, e Nabucodonosor teve de subjugar a nação em torno de 596-595 a.C.²⁷ Os detalhes da história elamita são obscuros, mas há ampla evidência de que ela continuou como entidade política por muitos anos.²⁸

[4](#)

A Destruição da Babilônia e a Restauração de Israel (50.1—51.58)

Como foi observado acima, o material destes dois capítulos não está organizado em uma maneira lógica. O aspecto mais perceptível é uma alteração entre a Babilônia e Israel, indicada abaixo pelas letras *B* e *I*. Após a maioria das mensagens de destruição para a Babilônia há uma palavra de encorajamento para os exilados de Israel.

APÊNDICE HISTÓRICO

Jeremias 52.1-34

Este capítulo é basicamente uma reprodução de 2 Reis 24.8—25.30, embora apresente algumas variações significativas. Visto que somente as diferenças em relação ao relato no livro de Reis serão estudadas nos parágrafos seguintes, o leitor deveria consultar os comentários em 2 Reis para uma exposição geral do material.

A. Ascensão e Revolta de Zedequias, 52.1-3 (2 Rs 24.18-20)

B. O Cerco a Jerusalém, 52.4-5 (2 Rs 25.1-2)

C. A Fome durante o Cerco, 52.6 (2 Rs 25.3)

D. A Queda de Jerusalém, 52.7 (2 Rs 25.4-5)

E. A Captura e o Destino de Zedequias, 52.8-11 (2 Rs 25.6-7)

Os versículos 10-11 são ligeiramente expandidos em relação ao relato em 2 Reis, e informação adicional é dada aqui concernente ao destino de **Zedequias**.

F. A Demolição de Jerusalém, 52.12-16 (2 Rs 25.8-12)

O versículo 12 traz **décimo dia** ao passo que 2 Reis 25.8 traz “sétimo dia”. O versículo 15 traz **os mais pobres do povo**, mas, provavelmente, deveria ser omitido como erro de um copista, visto que contradiz o versículo 16.

G. Os Vasos do Templo São Levados, 52.17-23 (2 Rs 25.13-17)

Os versículos 17-23 são ligeiramente encurtados em 2 Reis.

H. O Destino dos Regentes, 52.24-27 (2 Rs 25.18-21)

O versículo 25 traz **sete homens**, enquanto 2 Reis 25.19 traz “cinco homens”. O capítulo aqui omite completamente 2 Reis 25.22-26 porque é supérfluo. Essas informações já tinham sido apresentadas em Jeremias 39.11—43.7.

I. Três Deportações de Cativos, 52.28-30

Estes versículos que tratam da deportação dos cativos judeus para a Babilônia estão inteiramente ausentes em 2 Reis. Os dados estatísticos apresentados aqui não são encontrados em nenhuma outra parte das Escrituras e acrescentam algo aos diversos relatos da captura de Jerusalém. O escritor evidentemente tinha acesso a uma fonte estatística adicional. Ele fala de uma deportação no **sétimo ano** do reinado de Nabucodonosor, uma outra no **décimo oitavo** ano e uma terceira no **vigésimo terceiro** do reinado de Nabucodonosor. Esses dados não estão em harmonia com outros relatos de deportações e levantam dúvidas em relação ao número de deportações que de fato ocorreram.¹

A primeira deportação mencionada aqui ocorreu no **sétimo ano** do reinado de Nabucodonosor, e 3 023 pessoas foram levadas para a Babilônia. Essa deportação é descrita em 2 Reis 24.12-14, mas que ocorre lá no oitavo ano de Nabucodonosor e inclui 10 000 deportados. A discrepância é geralmente resolvida ao se entender que um número menor representa somente os homens preparados para a guerra. A diferença nos anos é explicada por dois métodos de contagem do início do reinado de um determinado rei. Um método usa o “sistema que não inclui o ano da ascensão ao trono”, e que começa a contar o ano no qual o rei ascende ao trono; o outro é o “sistema que inclui o ano da ascensão” que inicia com um “ano de ascensão” antes do “primeiro ano” em que um rei começa a governar. Isso poderia resolver o problema acima.

A segunda deportação ocorreu no **décimo oitavo** ano de Nabucodonosor (“décimo nono ano” no versículo 12) e corresponde ao tempo de destruição de Jerusalém em 587 a.C. No entanto, 832 (29) parece um número insignificante para a guarnição em Jerusalém no ano de 587 a.C., mesmo que estejam incluídos somente os homens com

idade para guerrear.

A terceira deportação não é mencionada em nenhum outro texto das Escrituras. É interessante notar, no entanto, que Josefo menciona que Nabucodonosor, no vigésimo terceiro ano do seu reinado, deportou judeus do Egito, e a sugestão é que ao fazê-lo ele vingou o assassinato de Gedalias.

J. Favor Mostrado a Joaquim, 52.31-34 (2 Rs 25.27-30)

A seção final deste capítulo corresponde de forma quase idêntica ao texto de 2 Reis. Ela contém uma nota de esperança ao relatar como Joaquim, o aprisionado rei de Judá, ganhou o favor da corte da Babilônia. No trigésimo sétimo ano do seu **cativoiro** (ele havia sido levado para a Babilônia quando tinha dezoito anos), **Evil-Merodaque (561559 a.C.)**, filho e sucessor de Nabucodonosor, **levantou a cabeça (31)** de Joaquim, i.e., restaurou-o à posição real. Ele foi tirado da **prisão**, recebeu comida e vestes apropriadas, e foi condecorado com “um assento de honra mais elevado” **(32)** do que de outros **reis** cativos na **Babilônia**. Ele foi tratado **benignamente** e lhe deram uma pensão para o resto de sua vida (34). Para alcançar esse sucesso, ele obviamente aprendeu a se ajustar ao ambiente hostil, a ponto de ganhar o respeito dos seus inimigos. Como sugere Hopper: “Ele emerge finalmente com um caráter inesperado”.²

Os estudiosos têm debatido em detalhes a respeito do motivo de esse apêndice histórico estar anexado às profecias de Jeremias. Parece um pouco estranho, visto que o nome do profeta não é mencionado uma única vez nesse apêndice, e a maior parte do material pode ser encontrada no livro de Reis. Por outro lado, não podemos dizer que ele é inapropriado. Geralmente se reconhece que esse material foi colocado aqui para mostrar que as profecias de Jeremias referentes a Jerusalém foram, de fato, cumpridas. Dessa forma, a história pode justificar os longos anos de sofrimento suportados pelo profeta mais difamado e menos entendido do Antigo Testamento. Além disso, a prosperidade de Joaquim despertava uma expectativa de um dia melhor “após o julgamento”, uma expectativa que Jeremias proclamou

inúmeras vezes nos momentos mais auspiciosos de sua vida.

Notas

INTRODUÇÃO

¹ Charles Edward Jefferson, *Cardinal Ideas of Jeremiah* (Nova York: The Macmillan Company,

1928), pp. 194, 197.

² John Paterson, “Jeremiah”, *Peake's Commentary on the Bible* (Nova York: Thomas Nelson and

Sons, 1962), p. 539.

³ *Ibid.*, p. 537.

⁴ C. A. Robinson, *Ancient History* (Nova York: The Macmillan Company, 1951), p. 103.

⁵ John Bright, “Jeremiah”, *The Anchor Bible* (Nova York: Doubleday and Comapny, Inc., 1965), p.

xxxix.

⁶ *Op. cit.*, p. 538.

⁷ *Ibid.*

⁸ Veja 2 Reis 24.1; também Daniel 1.1

⁹ Parece que o exército babilônico conquistou as cidades menores de Judá antes de sitiá-las.

Laquis, uma cidade fortificada, que ficava próxima aos montes a sudeste de Jerusalém, servia para manter as linhas de comunicação abertas com o Egito. Laquis precisava ser destruída antes que

Jerusalém pudesse ser tomada. A linguagem dessas Cartas é semelhante à linguagem do Livro de Jeremias. Elas são inscrições hebraicas antigas, em pedaços de cerâmica, e muitas delas tratam dos problemas de um oficial militar em um posto avançado perto de Laquis. Essas cartas revelam as frustrações desse oficial daqueles dias angustiantes pouco antes da fortaleza de Laquis cair. Veja uma tradução dessas cartas em *Lachish Letters*, ed. Harry Torczyner (Londres: Oxford University Press, 1938); também “A Supplement to Jeremiah: The Lachish Ostraca”, de W. F. Albright, em *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, n^o 61 (fevereiro, 1936), pp. 15-16; “A Re-examination of the Lachish Letters”, *ibid.*, n^o 73 (fevereiro, 1939), p. 16.

¹⁰ “Jeremiah”, *Laymans Bible Commentary* (Londres: SCM Press, Ltd., 1961), pp. 12ss.

¹¹ *Ibid.*, p. 13.

¹² Kuist, *op. cit.*, p. 14.

SEÇÃO I

¹ Veja George Adam Smith, *Jeremiah*, (Nova York: George H. Doran Co., 1922), p. 66.

² J. P. Hyatt, *Prophetic Religion* (Nova York: Abingdon Press, 1947), pp. 31ss.

SEÇÃO II

¹ Hyatt, *op. cit.*, pp. 311ss.

² A palavra hebraica para criança (*na'ar*) é usada no AT para referir-se a um infante (Ex 2.6; Is

7.16; 8.4; etc.), a um menino pequeno (Gn 21.21; 22.5; 37.2; 43.8), ou a um jovem com idade para casar (Gn 34.19; 2 Sm 18.5, 12, etc.). Nós,

portanto, não podemos determinar a idade exata de Jeremias. É bem possível, que ele tivesse pelo menos dezessete anos. Ele pode ter sido mais velho.

³ Stanley R. Hopper, “Jeremiah”. *The Interpreters Bible*.

⁴ Cf. a visão de John Wesley, que acreditava que a perfeição cristã era um estado de *completa*

devoção a Deus.

⁵ Hyatt, *op. cit.*, p. 48. Veja também *Hebrew-English Lexicon* de Brown, Driver & Briggs (Oxford:

Clarendon Press, 1955), p. 611.

⁶ Kyle M. Yates, *Preaching from the Prophets* (Nashville: Broadman Press, 1942), p. 2.

⁷ C. A. McConnell costumava dizer: “Deus muda seus planos para adaptar-se às escolhas incons

taantes do homem, mas os propósitos de Deus nunca mudam; eles são eternos”.

⁸IB., V (Expos.), p. 805.

⁹ J. P. Hyatt, “The Book of Jeremiah” (Exeg.), *The Interpreter’s Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*

(Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951), V, p. 798ss.

¹⁰ Na nota de rodapé da KJV lemos o sentido literal do hebraico: “do Norte”.

¹¹ Kuist, *op. cit.*, p. 29.

SEÇÃO III

¹ IB., V (Expos.), p. 813.

² **Os que tratavam da lei** parece indicar que já havia escribas em Israel, ou mestres que expli-

cassem a Lei (Torá).

³ Referência aos **profetas** significaria membros da associação profética ou da escola dos profetas.

Esses profetas profissionais estiveram presentes em Israel desde o tempo de Samuel.

⁴ Os termos **Quitim** e **Quedar** são, na verdade, expressões que indicavam as extremidades do

oeste e do leste. **Quitim** é Chipre e as ilhas circunvizinhas, enquanto que **Quedar** é o nome da tribo dos árabes a leste de Judá. Esses são povos gentios que serviam a falsos deuses.

⁵ Mênfis era a capital do baixo Egito, e Tafnes era o lugar de um dos palácios favoritos do rei do

Egito (veja mapa 3).

⁶ 2 Reis 22—23.

⁷ C. J. Bali. “The Prophecies of Jeremiah”, *The Espositor’s Bible* (Nova York: George H. Doran

Co.), pp. 114ss.

⁸ Kuist, *op. cit.*, p. 31.

⁹ Há várias conjecturas entre os estudiosos em relação à arca da aliança. Alguns acreditam que

ela desapareceu durante o reinado ímpio de Manassés, e se esse foi o caso, ela desapareceu durante a composição desse livro. Outros acham

que a arca foi destruída com o Templo em 586 a.C., mas ela não aparece na lista dos tesouros tomados por Nabucodonosor no capítulo 52. Na verdade, ninguém sabe exatamente o que aconteceu. Jeremias, no entanto, está dizendo que a ordem antiga, da qual ela era símbolo, será substituída por uma nova ordem, e o mero símbolo não será desejado nem se sentirá falta dele.

¹⁰ A S. Peake, “Jeremiah”, *The New Century Bible* (Edimburgo: T. C. e E. C. Jack, 1910), p. 114.

¹¹ Hyatt, *Prophetic Religion*, p. 167.

¹² IB., V (Exeg.), p. 831.

¹³ *Op. cit.*, p. 115.

¹⁴ IB, V (Expos.), p. 832.

¹⁵ John Skinner, *Prophecy and Religion* (Cambridge: University Press, 1951), p. 151.

¹⁶ John Calvin, “The Book of the Prophet Jeremiah”, *Calvin’s Commentary*, traduzido por John

Owen (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950), p. 205. John Skinner diz: “Circuncisão [...] era [...] um ato de dedicação significando a remoção da impureza inerente ao estado da natureza, por meio da qual o indivíduo se tomava membro da comunidade religiosa” (*op. cit.*, pp. 151-152).

¹⁷ *Op. cit.*, p. 246.

¹⁸ Veja o sermão de John Wesley: “A Circuncisão do Coração”, *Wesley’s Works* (Kansas City: Beacon

Hill Press, 1958), V. 203.

¹⁹ Veja Kuist, *op. cit.*, p. 31.

²⁰ *Ibid.*

²¹ Aprofecia de Jonas referente a Nínive é um exemplo disso. Veja *Goodly Fellowship of the Prophets*

de Paterson (Nova York: Charles Schribner and Sons, 1948), p. 6.

²² Veja Adam Clarke, *A Commentary and Critical Notes*, IV (Nova York: The Methodist Book

Concern, sem data), p. 264.

²³ IB, V (Expos.), p. 840.

²⁴ Peake, *op. cit.*, p. 130.

²⁵ Veja IB, V (Exeg.), p. 856.

²⁶ O profeta Amós era nativo de Tecoá (Am 1.1).

²⁷ Acerca das diferentes interpretações veja IB, V, p. 859.

²⁸ O uso da palavra **congregação** é um tanto estranho; o hebraico é obscuro, mas parece referir-

se a Israel como um todo. Veja Peake, *op. cit.*, p. 142.

²⁹ **Sabá** é uma tribo de comerciantes conhecida no sudoeste da Arábia, e **cana aromática** prova

velmente não se refere à cana-de-açúcar, mas ao cálam, uma erva usada na fabricação de incenso.

³⁰ Cf. 1 Samuel 15.22.

³¹ Veja Calvin, *op. cit.*, p. 391; IB, V, p. 875; Peake, *op. cit.*, p. 152; Clarke, *op. cit.*, p. 274.

³² C. W. Eduard Naegelsbach, “The Book of the Prophet Jeremiah”,

A Commentary on the Holy

Scriptures, ed. Peter Lange; traduzido por Philip Schaff (Nova York: Charles Schribner's Sons, 1915), p. 97.

³³ Também veja 2.10-11; 5.22-23; 18.13-17.

³⁴ Kuist, *op. cit.*, p. 39.

³⁶ Peake, *op. cit.*, p. 165.

³⁶ IB, V, (Expos.), p. 892.

³⁷ Kuist, *op. cit.*, p. 40.

³⁸ Veja ASV, RSV e C. F. Keil e F. Delitzsch, "Jeremiah", *Commentaries on the Old Testament*

(Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956, reedição), p. 192; IB, V, p. 896; NBC, p. 616; e J. F. Graybill, "Jeremiah", *The Wycliffe Bible Commentary* (Chicago: Moody Press, 1962), p. 666.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ Kuist, *op. cit.*, p. 41.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² **Társis** na Espanha ou Sicília ficava no extremo oeste do mundo conhecido, notória pela sua

prata; **Ufaz** é desconhecida, embora alguns acreditem ser ela a terra de Ofír, conhecida pelo seu ouro.

⁴³ Kuist, *ibid.*, p. 42.

⁴⁴ Clarke, *op. cit.*, p. 284.

⁴⁵ Kuist, *op. cit.*, p. 42.

SEÇÃO IV

¹ Kuist, *op. cit.*, p. 47.

² Esse é um ponto a favor da unidade de Isaías, visto que se a última parte de Isaías foi escrito por

um “segundo Isaías” no período do retorno do exílio, Jeremias não poderia ter conhecimento desse fato.

³ Clarke, *op. cit.*, p. 291; Lange, *op. cit.*, p. 143; veja tb E. Stanley Jones, *Christian Maturity* (Nova

York: Abingdon Press, 1947), p. 173.

⁴ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 253.

⁵ Lange, *op. cit.*, p. 150.

⁶ Cf. Ezequiel 2.8—3.3; Apocalipse 10.9-10.

⁷ Peake, *op. cit.*, p. 213.

⁸ Para maiores explicações acerca dos diversos ritos para os mortos, veja Keil e Delitzsch, *op. cit.*,

pp. 267ss, ou Lange, *op. cit.*, pp. 158ss.

⁹ cf. 3.17; 7.24; 9.14; 11.8; 13.10; 18.12; 23.17.

¹⁰ Kuist, *op. cit.*, p. 55.

¹¹ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 346.

¹² Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 281.

¹³ Alguns estudiosos acreditam que Jeremias está se referindo a Zedequias ao colocar sua confian

ça no Egito. Veja IB, V (Exeg.), p. 950.

¹⁴ A mesma forma hebraica usada para a palavra “Jacó”.

¹⁵ Kuist, *op. cit.*, p. 57. ^{ie}*Ibid.*

¹⁷ Essa frase também pode ser traduzida da seguinte forma: “aqueles que me [Jeremias] açoitam

[maltratam]”.

¹⁸ Somente aqui lemos acerca da **porta dos filhos do povo**. Apesar das muitas conjectu

ras, qualquer identificação exata dessa porta permanece incerta. Essa decisão não é importante visto que Jeremias foi instruído, mais adiante, a ir a todas as portas de Jerusalém.

¹⁹ A oficina do oleiro provavelmente estava localizada no vale de Ben Hinom, ao sul de Jerusalém.

Era de supor que incluísse, além da oficina, um “local para armazenar e amassar o barro, uma estufa para os vasos e um depósito de lixo” (IB, V [Exeg.], p. 961).

²⁰ Veja G. A. Smith, *op. cit.*, pp. 186ss.; John Skinner, *Prophecy and Religion* (Cambridge: University

Press, 1957), pp. 162ss.

²¹ Smith, *op. cit.*, p. 189; cf. Mateus 25.46; Lucas 19.41-44.

²² *Studies in the Prophecy of Jeremiah* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1931), pp. 107ss.

²³ Smith, *op. cit.*, pp. 186ss.

²⁴ L. Elliot Binns, “The Book of the Prophet Jeremiah”, *Westminster Commentaries* (Londres:

Methuen and Co., Ltda, 1919), p. 147.

²⁵ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 296.

²⁶ Binns, *op. cit.*, p. 149.

²⁷ Esse vale, ao sul de Jerusalém, tinha sido transformado em um lugar de adoração a falsos

deuses pelo perverso Manassés (2 Cr 33.6). Os filhos eram sacrificados lá a esses deuses falsos. Quando Josias instituiu sua reforma, esse lugar foi transformado em um monturo para a cidade (2 Rs 23.10) e seu nome foi mudado para Tbfete. Em outras passagens das Escrituras esse lugar está conectado ao inferno, o monturo do universo.

²⁸ Para distingui-la da porta da cidade com esse nome — essa era provavelmente a porta norte do

pátio interior do Templo.

²⁹IB, V (Exeg.), p. 973.

³⁰ *Op. cit.*, p. 155. Outros estudiosos buscam resolver o problema ao inserir os versículos 14-18 após o versículo 10. Dessa forma, os versículos 11-13 viriam após o versículo 18.

³¹A Bíblia não ensina que a vida com Deus é uma jornada serena. Pelo contrário, ela ensina que os homens de Deus em todas as épocas tiveram, de tempo em tempo, as mais impetuosas tentações, frustrações, lutas interiores, períodos de profundos questionamentos e batalhas de fé. Eles tiveram de ficar diante das portas da sua alma com espada desembainhada e lutar contra as forças demoníacas que procuravam destruí-los. Mesmo o Mestre teve seus momentos de luta

ardente (Mt 26.37-44; Mc 15.34; Lc 4.1-13).

³² IB, V (Exeg.), p. 976.

SEÇÃO V

¹⁰ Pasur citado aqui não é o mesmo Pasur mencionado no capítulo 20. Esse é filho de Malquias, o outro “filho de Imer”.

² Kuist, *op. cit.*, p. 67.

³*Ibid.*

⁴ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 340.

⁵ Os estudiosos têm procurado descobrir o que aconteceu na morte de Jeoaquim. Alguns acredi

tam que ele morreu em uma revolta no palácio, e seu corpo foi desonrado. Outros acreditam que, ao morrer durante o cerco, ele foi enterrado às pressas, e os caldeus, sabendo disso (8.1ss), desenterraram e desonraram seu corpo. Outros acham que ele foi capturado pelos caldeus em uma incursão fora dos muros da cidade (597 a.C.) e acorrentado, mas morreu em decorrência de uma doença ou do abandono no acampamento do inimigo. Nos eventos que seguiram a captura da cidade, seu corpo foi desonrado, não recebendo um enterro decente. Cf. Lange, *op. cit.*, p. 202; Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 341.

⁶ “Não está claro a quem as palavras de 22.20-23 são dirigidas, mas elas ratificam o mesmo

princípio defendido por Jeremias” (Kust, *op. cit.*, p. 70).

¹¹B, V (Exeg.), p. 985.

⁸ *Ibid.*, p. 987.

⁹ Binns, *op. cit.*, p. 173.

¹⁰ A palavra maldição (hb., ‘*alah*) pode ser traduzido por “juramento”, mas no contexto “maldição” se encaixa melhor.

¹¹ Kuist, *op. cit.*, p. 73.

¹² Peake, *op. cit.*, p. 269.

¹³ Kuist, *op. cit.*, *ad loc.*

¹⁴ Peake, *op. cit.*, p. 271.

¹⁶ Precisamos admitir que existem dificuldades cronológicas concernentes à aparição de

Nabucodonosor em Jerusalém em 606-605 a.C. Vários argumentos são apresentados. Para uma apresentação dos diferentes pontos de vista, consulte as seguintes obras: E. J. Young, *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1949); G. L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964), pp. 369ss; J. E. H. Thomson, “The Book of Daniel”, *Pulpit Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1950), XIII, p. i e seguintes; R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (Nova York: Harper and Brothers, 1948), p. 765.

¹⁶IB, V (Expos.), p. 999.

¹⁷ Kuist, *op. cit.*, p. 79.

¹⁸ Paterson, *op. cit.*, pp. 538, 545.

¹⁹ Kuist, *op. cit.*, p. 80.

²⁰ Paterson, *op. cit.*, p. 545.

²¹ IB, V, (Exeg.), p. 1012.

²² *Op. cit.*, p. 70.

²³ Binns cita Cheyne, *op. cit.*, p. 210.

²⁴ Paterson, *op. cit.*, p. 554.

²⁵ **Neelamita** significa “morador de Neelão”, mas não temos notícia desse lugar no AT. Sua

etimologia sugere “sonhar”, o que deu origem a uma nota marginal: “sonhador” (ISBE).

SEÇÃO VI

¹ Keil and Delitzsch, *op. cit.*, II, 2; IB, V (Expos.), p. 1043; G. C. Morgan, *op. cit.*, p. 160.

² *Op. cit.*, p. 160.

³ Alguns estudiosos acreditam que o **livro** mencionado aqui encerra apenas os capítulos 30—31,

enquanto que outros incluem os capítulos 32—33. Esse escritor concorda com a segunda posição. A palavra hebraica para **livro** (*sepher*) pode ser usada tanto para uma carta curta ou um livro volumoso como é o caso do livro de Gênesis, ou Isaías.

⁴ Morgan, *op. cit.*, p. 162.

⁵*Ibid.*

⁶ T. K. Cheyne, “The Book of Jeremiah” (Expos.), *The Pulpit Commentary*, XI (Grand Rapids: Wm.

B. Eerdmans, [reedição], 1950), p. 600.

⁷ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, II, p. 6.

⁸ Kuist, *op. cit.*, p. 89.

⁹ Morgan, *op. cit.*, p. 170.

¹⁰ No Oriente Médio até o dia de hoje, o primogênito tem um lugar especial no coração do pai.

1 Crônicas 5.1 diz que, visto que Rúben profanou a cama do pai, o direito de primogenitura foi dado aos filhos de José. Isso explica a referência a Efraim, filho de José, no versículo 9 acima.

¹¹ Fred M. Wood, *Fire in My Bones* (Nashville: Broadman Press, 1959), p. 152.

¹² Paterson, *op. cit.*, p. 556.

¹³ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, II, p. 39.

¹⁴ Kuist, *op. cit.*, p. 97.

¹⁵ James Fleming, *Personalities of the Old Testament* (Nova York: Chas. Scribner's Sons, 1946),

p. 329.

¹⁶ Binns, *op. cit.*, p. 240; também James, *op. cit.*, p. 1.

¹⁷ J. F. Graybill, *op. cit.*, p. 679.

¹⁸ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, II, p. 46.

¹⁹ O pátio da guarda, ou “pátio da prisão” (v. 2) fazia parte do palácio do rei. Parece ter sido um

pátio aberto ao redor do qual ficavam as barracas dos guarda-costas do rei. Esse pátio era “usado para prisioneiros políticos que não precisavam de um confinamento rigoroso” (IB, V,

[Exeg.], p. 1043. Evidentemente as pessoas podiam ver o que se passava no pátio (w. 10,12). Veja Binns, *op. cit.*, p. 245.

²⁰ IB, V (Exeg.), p. 1045; John Bright, *op. cit.*, p. 239.

²¹ Paterson, *op. cit.*, p. 556.

²² *Op. cit.*, pp. 193ss.

²³ Paterson, *op. cit.*, p. 628.

²⁴ F. Cawley, "Jeremiah", *The New Bible Commentary*, ed. Francis Davidson, *et al.* (Grand Rapids.

Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956), p. 628.

²⁶ Kuist, *op. cit.*, p. 102.

²⁶ Binns, *op. cit.*, p. 253.

²⁷ Cf. a exegese de G. C. Morgan, *op. cit.*, pp. 200ss.

²⁸ Ibid., p.204.

²⁹ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, II, p. 72; Morgan, *op. cit.*, p. 201.

³⁰ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, II, p. 73; Paterson, *op. cit.*, p. 557.

³¹ Cawley, NBC, P. 628.

SEÇÃO VII

¹ Laquis (veja mapa 2) era uma cidade fortificada a cerca de trinta e cinco quilômetros de Jeru

salém, que controlava a estrada que ia da planície costeira (Sefelá) a Jerusalém. Antes que a capital pudesse ser forçada a se render, essa fortaleza teria de ser tomada. Em escavações realizadas nessa área foram descobertas as *Cartas de Laquis* escritas durante o período que estamos considerando. Veja na Introdução a discussão da importância das *Cartas de Laquis* para compreender melhor a vida e época de Jeremias. Azeca ficava entre Laquis e Jerusalém.

² Cf. Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 81.

³ IB, V (Exeg.), p. 1054; também veja Peake, *op. cit.*, II, p. 137; Graybill, *op. cit.*, p. 680.

⁴ Binns observa: “O número de escravos deve ter sido muito grande visto que as freqüentes inva

sões tinham destruído os pequenos proprietários de terra, que eram oprimidos pela ganância dos grandes proprietários e na sua pobreza reduzidos à escravidão” (*op. cit.*, p. 260).

⁵ Nos tempos antigos, uma aliança entre duas partes era confirmada pela morte de um animal,

preferencialmente um bezerro, cortando-o em duas metades. As duas partes passavam entre esses pedaços, concordando “que se uma das duas partes quebrasse a aliança ocorreria com ela a mesma coisa que havia acontecido com o animal cortado em duas metades” (*Unger’s Bible Dictionary*, p. 224).

⁶ Acerca de “arrependimento superficial” veja Jeremias 34.8-11, *Pulpit Commentary*, XI, p. 87.

⁷ Merrill F. Unger, *Unger's Bible Dictionary* (Chicago: Moody Press, 1957), p. 913; IB, V, (Exeg.), p.

1062; Paterson, *op. cit.*, p. 557.

^s*Antiquities of the Jews* X. 9.1.

⁹ IB, V (Exeg.), p. 1064.

¹⁰ Kuist, *op. cit.*, p. 110.

¹¹ Unger's *Bible Dictionary*, p. 561.

SEÇÃO VIII

¹ Alguns estudiosos vêem os versículos 1-2 como um dispositivo de tradução do editor (talvez

Baruque) para comunicar ao leitor que ele está passando do reinado de Jeoaquim (cap. 3) para o reinado de Zedequias. A mudança é tão abrupta que o editor achou melhor que o leitor fosse avisado.

² Cawley, NBC, p. 630.

³ Muitas traduções modernas trazem “três homens”.

⁴ *Pulpit Commentary*, XI, (II), p. 138.

⁵ **Rabe-Saris** geralmente tem sido traduzido por “eunuco chefe” e **Rabe-Mague** por “Mago chefe

ou adivinhador”. Essas traduções não são satisfatórias, mas provavelmente se referem a um militar graduado ou oficial diplomático. (Veja J. B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts* [Princeton: Princeton University Press, 1950], pp. 307-308; também, IB, V (Exeg.), pp. 1078ss; Bright, *op. cit.*, p. 243).

⁶ **Ribla, na terra de Hamate** (veja mapa 1) era um ponto militar

muito estratégico no mundo

antigo. Ela ficava na encruzilhada da Ásia ocidental. De lá a estrada principal ia para o sul em direção a Damasco, Jerusalém e até as entradas do Egito; para o leste, o Eufrates e a Babilônia; para o sudoeste, Tiro e Sidom; para o norte, as planícies centrais da Ásia Menor. O faraó Neco montou seu quartel-general lá antes da batalha de Carquemis.

⁷ *Op. cit.*, p. 116.

SEÇÃO IX

¹ Essa frase aparece sete vezes nessa seção: 40.11; 42.15,19; 43.5; 44.12,14, 28; “resto de Judá”, 40.15.

² IB, V, (Exeg.), p. 1084.

³ Bright, *op. cit.*, p. 254.

⁴ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 132.

⁵ Os caldeus evidentemente deixaram alguns membros da casa real na Palestina; Peake, *op. cit.*, p. 189.

⁶ Os arqueólogos descobriram vestígios de um excelente sistema de águas nessa região. Esse local hoje se chama Ej Jib.

⁷ “**Jezanias** aqui é conhecido como o filho de Hosaías; em 40.8 ele é conhecido como o filho de um maacatita; em 43.2 Azarias é conhecido como o filho de Hosaías. Ou

havia dois Jezanias e dois Hosaías, ou houve um erro no texto” (*Lange’s Commentary*, p. 342).

⁸ Peake, *op. cit.*, p. 193.

⁹ *Op. cit.*, p. 251.

¹⁰ Kuist, *op. cit.*, p. 120.

¹¹ **Estátuas de Bete-Semes** (v. 13) provavelmente eram “os obeliscos de Beth-shemesh” — Casa

do Sol — um famoso templo dedicado ao sol, com uma fileira de obeliscos diante dele (Berk., nota de rodapé).

¹² Pritchard, *op. cit.*, p. 308; IB, V (Exeg.), 1095; Kuist, *op. cit.*, p. 121.

¹³ *Antiquities* X. 9.7.

¹⁴ Veja Clarke, *op. cit.*, IV, p. 367; Peake, *op. cit.*, p. 208; Binns, *op. cit.*, p. 314.

¹⁵ Veja Keil e Delitzsch, *op. cit.*, pp. 168ss.

SEÇAOX

¹ Kuist, *op. cit.*, p. 123.

² *Pulpit Commentary*, XI, p. 201.

³ Bright, *op. cit.*, p. 186.

SEÇAO XI

¹ Kuist, *op. cit.*, p. 125.

² Lúbios e **lídios** eram pessoas da antiga Pute e Lude. Pute é

provavelmente “Punt”, um

povo que ficava na costa leste da África, perto do Egito. Lude era provavelmente um povo líbio a oeste do Egito (Ludim ou Lubim). Veja Peake, *op. cit.*, II, p. 217; Bright, *op. cit.*, p. 306.

³ Cawley, NBC, p. 634.

⁴ No hebraico, todas as palavras estão no singular exceto “os fortes” (ASV; homens valentes, KJV).

A LXX e a Vulgata além de outras versões colocam esse termo no singular.

⁶ Essa é a paráfrase de John Bright (*op. cit.*, p. 303). A ASV traduz esse texto da seguinte maneira: “Eles clamam ali: o faraó, rei do Egito, é apenas um barulho; deixou passar o tempo oportuno”.

⁶ Veja uma descrição mais completa em Deil e Delitzsch, *op. cit.*, pp. 197ss.

⁷ D.J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings* (London: British Museum, 1956).

⁸ IB, V (Exeg.), p. 1112.

⁹ Os versículos 29-34 são paralelos de alguns versículos de Isaías 15 —16; os versículos 43-44 são

paralelos de Isaías 24,17-18; 45-46 são paralelos de Números 21.28-29 e 24.17. Cf. os comentários do CBB dessas passagens.

¹⁰ Veja opiniões mais detalhadas em Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 129; IB, V (Exeg.), p. 1112; Cawley,

NBC, p. 635.

¹¹ Os moabitas ainda eram culpados por depositarem sua confiança

no lugar errado.

¹² Em 1868, arqueólogos encontraram a Pedra Moabita de Dibom. Essa descoberta acrescentou

muito à nossa compreensão desse período da história do AT. Mesa, rei de Moabe, registra suas vitórias sobre Israel nessa pedra. Os nomes das seguintes cidades mencionados nesse capítulo são encontrados na Pedra Moabita: Nebo, Dibom, Horonaim, Aroer, Quiriataim, Jaza, Queriote, Bozra, Bete-Meom e Bete-Diblataim.

¹³ Kuist, *op. cit.*, p. 130.

¹⁴ Veja Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 226.

¹⁵ *Antiquities* X. 9.7.

¹⁶ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, p. 233.

¹⁷ A natureza dupla dos amonitas é revelada no seguinte: “Nos tempos de Jeremias eles (a) apare

cem como aliados da Babilônia (2 Rs 24.2); (6) aliam-se contra a Babilônia (Jr 27.3); (c) oferecem refúgio para os fugitivos judeus (Jr 40.14); (d) tramam matar Gedalias (Jr 40.14)”, Binns, *op. cit.*, p. 343.

¹⁸ Bright, *op. cit.*, p. 335.

¹⁹ Veja Peake, *op. cit.*, pp. 239ss; Keil e Delitzsch, *op. cit.*, pp. 237ss.

²⁰ E claro que isto levanta a questão da data de Obadias. Alguns estudiosos acreditam que Obadias

não foi escrito antes de 585 a.C. Se isso é verdade, então tanto Jeremias quanto Obadias citam um oráculo que é mais antigo do que eles.

²¹ Dedã era uma cidade árabe próxima da fronteira de Edom. Os

negociantes de Dedã costuma

vam negociar com os comerciantes de Temã e Bozra.

²² Peake, *op. cit.*, p. 244.

²³ Keil e Delitzsch, *op. cit.*, II, p. 244.

²⁴ Esse versículo tem apresentado dificuldades para os tradutores. O texto literal: “no mar há

angústia” não faz muito sentido. A RSV (a NVI apresenta uma tradução semelhante) traduz melhor o significado desse texto.

²⁵ J. W. Swain, *The Ancient World* (Nova York: Harper and Borthers, 1950), I, pp. 187ss. ^m*Ibid*, p. 178.

²⁷ Bright, *op. cit.*, p. 328; também veja Ezequiel 32.24.

²⁸ Os elamitas evidentemente foram forçados a se estabelecer em Samaria, de acordo com Esdras

4.9, e os judeus do Elão estavam presentes em Pentecostes (At 2.9).

²⁹ Bright, *op. cit.*, p. 359.

³⁰ E. J. Young, *op. cit.*, p. 228; também NBC, pp. 636-637.

³¹ Há um jogo de palavras das raízes hebraicas *mrh* e *pqd*. *Mar marrati* era um distrito que ficava

ao sul da Babilônia. O *Puqudu* era um povo da Babilônia oriental. *Mrh* significa “rebelar” e *pqd* significa “castigar”.

³² Bright, *op. cit.*, p. 212.

SEÇÃO XII

¹ Este comentarista acredita que podem ter havido diversas deportações além daquelas que os estudiosos normalmente postulam. Ele acha que as deportações relacionadas nos versículos 28-30 estão incluídas aqui porque não tinham sido registradas em outra parte das Escrituras.

²IB, V (Expos.), p. 1142.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Ball, C. J. “The Prophecies of Jeremiah”. *The Espositor’s Bible*. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: George H. Doran, s.d.

Binns, L. Elliot. “The Book of the Prophet Jeremiah”, *Westminster Commentaries*, Londres: Methuen and Co., Ltd., 1919.

Calvin, John. “The Book of the Prophet Jeremiah”. *Calvin’s Commentaries*. Trad. John Owen. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reed.).

Cawley, F. “Jeremiah”. *The New Bible Commentary*. Ed. Francis Davidson, *et al.* Grand Rapids. Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.

Cheyne, T. K. “The Book of Jeremiah” (Exposition). *The Pulpit Commentary*. Ed. H. D. M. Spence e Joseph Exell. Nova Edição. Chicago: Wilcox e Follet, s.d.

Clarke, Adam. *The Holy Bible with a Commentary and Criticai Notes*, Vol. IV. Nova York: The Methodist Book Concem, s.d.

Graybill, J. F. “Jeremiah”. *The Wycliffe Bible Commentary*. Ed. Charles Pfeiffer e E. F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

Hopper, Stanley R. “The Book of Jeremiah” (Exposition). *The Interpreteris Bible*. Ed. George A. Buttrick, *et al.*, Vol. V. Nova York:

Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

Hyatt, J. P. "The Book of Jeremiah" (Exegese). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, *et al.*, Vol. V. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

Keil, C. F., e Delitzsch, F. "Jeremiah". *Biblical Commentaries on the Old Testament*. Trad. D. Patrick. Grand Rapids. Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956 (reed.).

Kuist, H. T. "Jeremiah". *Layman's Bible Commentaries*. Londres: SCM Press, Ltd., 1961. Morgan, G. Campbell. *Studies in the Prophecy of Jeremiah*. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1931.

Naegelsbach, C. W. Eduard. "The Book of the Prophet Jeremiah". A *Commentary on the Holy Scriptures*. Ed. John Peter Lange. Trad. Philip Schaff. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1915.

Paterson, John. "Jeremiah". *Peake's Commentary on the Bible*. H. H. Rowley, ed. Antigo Testamento. Nova York: Thomas Nelson and Sons, 1962.

Peake, A. S. "Jeremiah". *The New Century Bible*. Edimburgo: T. C. and E. C. Jack, 1910.

Smith, George Adam. *Jeremiah*. Nova York: George H. Doran and Company, 1922.

II. OUTROS LIVROS

Archer, Gleason L. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago: Moody Press, 1964.

Brown, F., Driver, S. R., Briggs, C. A. (eds.). *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1907; reed., 1953, 1957.

Hyatt, J. P. *Prophetic Religion*. Nova York: Abingdon Press, 1947.

James, Fleming. *Personalities of the Old Testament*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1946. Jefferson, Charles Edward. *Cardinal Ideas of Jeremiah*. Nova York: The Macmillan Company, 1928. Jones, E. Stanley. *Christian Maturity*. Nova York: Abingdon Press, 1947.

Josephus, Flavius. *Antiquities of the Jews*. "The Works of Flavius Josephus". 2 volumes. Filadélfia: J. B. Lippincott Co., 1895.

Paterson, John. *Goodly Fellowship of the Prophets*. Nova York: Charles Scribner and Sons, 1948.

Pfeiffer, R. H. *Introduction to the Old Testament*. Nova York: Harper and Brothers, 1948.

Pritchard, J. B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1950.

Robinson, A. A. *Ancient History*. Nova York: The Macmillan Company, 1951.

Skinner, John. *Prophecy and Religion*. Cambridge: University Press, 1951.

Swain, J. W. *The Ancient World*. Nova York: Harper and Brothers, 1950.

Thompson, J. H. "The Book of Daniel". *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Excell, vol. 13. Grand Rapids. Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reed.).

Torczyner, Harry, (ed.). *Lachish Letters*. Londres: Oxford University Press, 1938.

Unger, Merrill F. *Unger's Bible Dictionary*. Chicago: Moody Press, 1957. Wesley, John. *Wesley's Works*. Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1958 (reed.).

Wiseman, D. J. *Chronicles of the Chaldean Kings*. Londres: British Museum, 1956.

Wood, Fred M. *Fire in My Bones*. Nashville: Broadman Press. 1959.

Yates, Kyle M. *Preaching from the Prophets*. Nashville: Broadman Press, 1942.

Young, E. J. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.

III. ARTIGOS

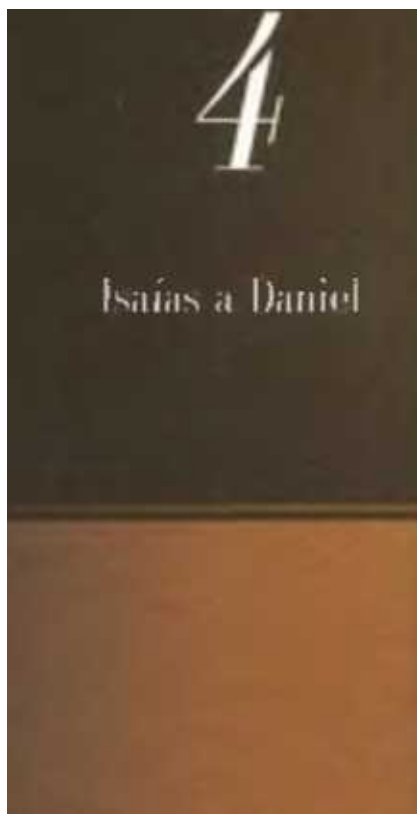
Albright, W. F. "A Supplement to J eremiah: The Lachish Ostraca". *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, N^o 61 (fev. 1936), pp. 15-16.

_. "A Re-examination of the Lachish Letters". *Bulletin of the American Schools of Oriental*

Research, N^o 73 (fev. 1939), p. 16.



O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.



Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética. O que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0688-X

Tradução E. Price C. Paul Cray J. Kimioli (Editor) Roy E. Swim



9

788526

306882